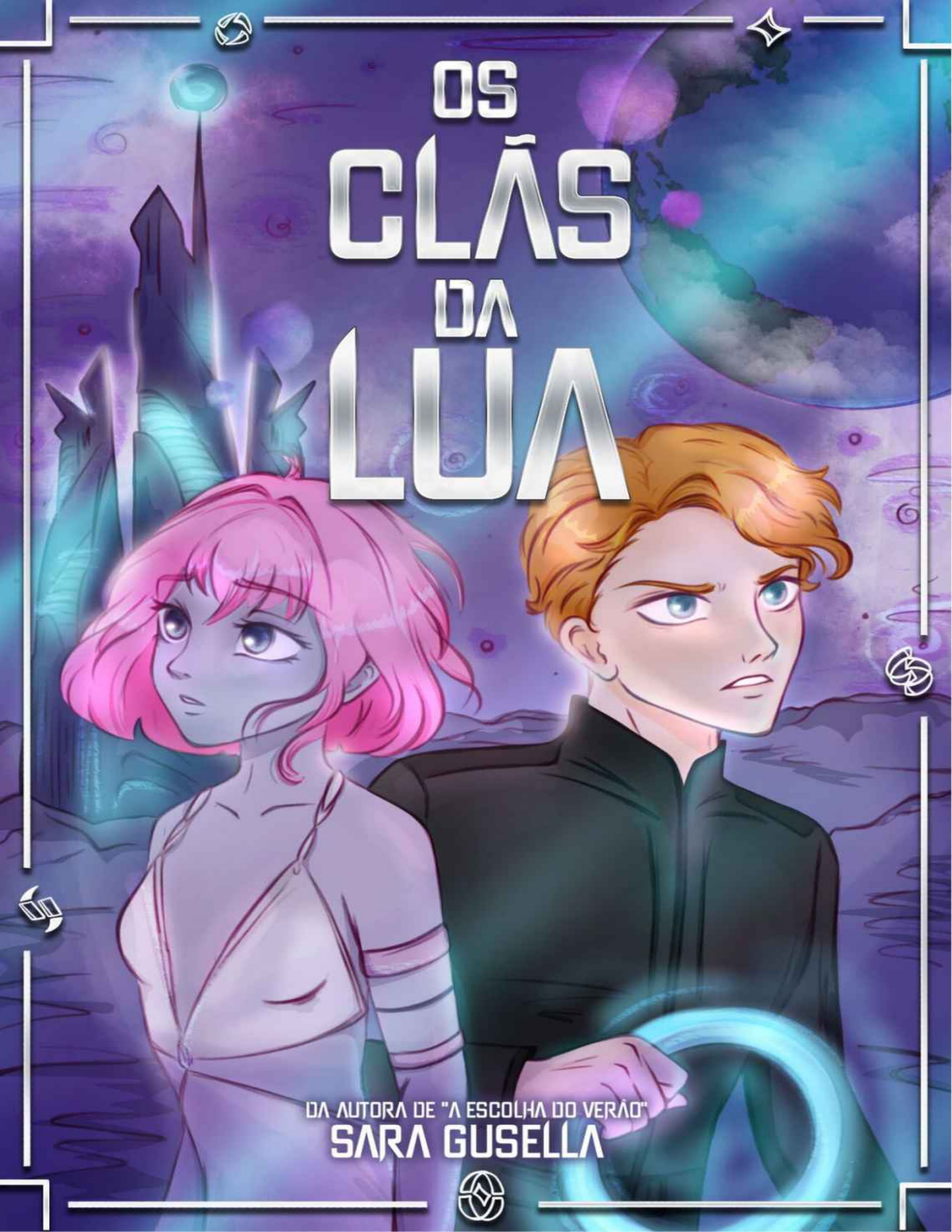

OS
CLÃS
DA
LUA
DA AUTORA DE "A ESCOLHA DO VERÃO"
SARA GUSELLA

Contents

A Princesa Lunar
Vestida de Branco
O Imperador Esquecido
Os clãs da lua
Os clãs da Terra
O primeiro sinal
A canção adormecida
O complexo de Tycho
Nubium
Donnie’s
“humana, humana, humana”
A verdade, afinal
O Corredor Oculto
A fuga
O clã da Ásia
Kimchi
Todas as Nossas Transgressões
A Praga da Gravidade
A princesa cruel
O Conselho da Terra
O instinto humano de sobrevivência
A Frota Estelar
As minas de Lutons
Consolo virá das estrelas
A noite incomum
A última escolhida da Gravidade
Conhecer sem compreender
Os primeiros passos de um relacionamento
A força oculta
Sangue na lua
A Imperatriz Lunar

O ataque de Cal-uya
“Veja a Terra por Mim”
Superfície e subterrâneo
O Museu da Humanidade
A cápsula holográfica
A Princesa e o Capitão
As memórias da Oráculo
O teste
O parceiro ideal
Os oráculos da Gravidade
O oráculo
A ciborgue
A Transmissão
As plantas de Bosei
O hacker
Invasão à Grimaldi
A nave-mãe
Vida longa à princesa
O plano dos primeiros humanos
O lado escuro da lua
Acredite na promessa
Dois planetas orbitando o mesmo Sol
A proposta arriscada
A Imperatriz
Aprendendo a ouvir
O acordo de Paz
A Marca da Gravidade
Cumpra a Missão, viva a promessa.
Um passo arriscado
A Missão de M4
Que a Gravidade os guie
A ponte de imersão
O mal que se espalhava
A Vingança da Imperatriz
A praga da humanidade
O fim do medo
Vida longa ao Imperador

O Cristal de Bhaskar
O pronunciamento
A Um Passo da Terra
A Inserção
cumprindo a missão
Vivendo a promessa
Agradecimentos
SOBRE A AUTORA

“Irei em vossa ajuda, cumprirei a minha promessa e vos trarei para casa.”

Jeremias 29:10

*Para aquele que cumpre **todas** as suas promessas.*

Copyright © 2022 Sara Gusella
Todos os direitos reservados

Capa: Cristina Bomfim
Revisão: Ioná Nunes e Thaís Ferreira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. É

proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer forma ou quaisquer meios eletrônicos, mecânicos e processo xerográfico, sem autorização por escrito dos editores.A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Há 400 anos o planeta Terra entrou em colapso, e a humanidade perdeu o seu lar. Mandados para o exílio pela própria natureza, que se virou contra eles, a humanidade foi forçada a deixar seu planeta e buscar abrigo no satélite mais próximo, a Lua.

A avançada tecnologia humana os tornou capazes de viver na árida superfície do satélite e ali estabelecessem sociedades. Com o avanço, descobriram um povo que já habitava ali: os lunares. Reclusos nas grandes e intermináveis cavernas lunares, esse povo tinha uma anatomia muito similar à dos humanos, tendo como única diferença sua pele pálida e cinza.

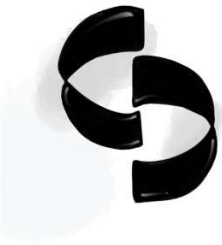
Com a ajuda dos humanos e sua tecnologia, eles emergiram para a superfície e ali as duas raças viveram em paz. Até que um grupo lunar, localizado na cratera de Kepler, preocupado com o grande crescimento e avanço dos humanos, rompeu a amizade entre os povos, atacando as cidades

humanas e implementando o Império Lunar. Eles roubaram as tecnologias e tomaram posse de todo o conhecimento humano, subjugando a raça a viver nas mesmas cavernas lunares nas quais um dia os encontraram.

A humanidade se tornou então escrava em um mundo estrangeiro, aguardando pela promessa de que um dia retornariam para casa.

O Império Lunar, invicto por mais de 200 anos, era sustentado por quatro casas. Juntas elas eram…

OS CLÃS DA LUA



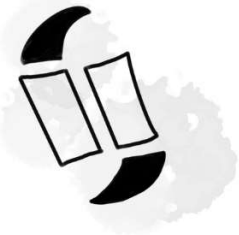
CLÃ DE KEPLER

Clã militar, responsável
pelo exército lunar



CLÃ GRIMALDI

Clã da tecnologia
e ciência



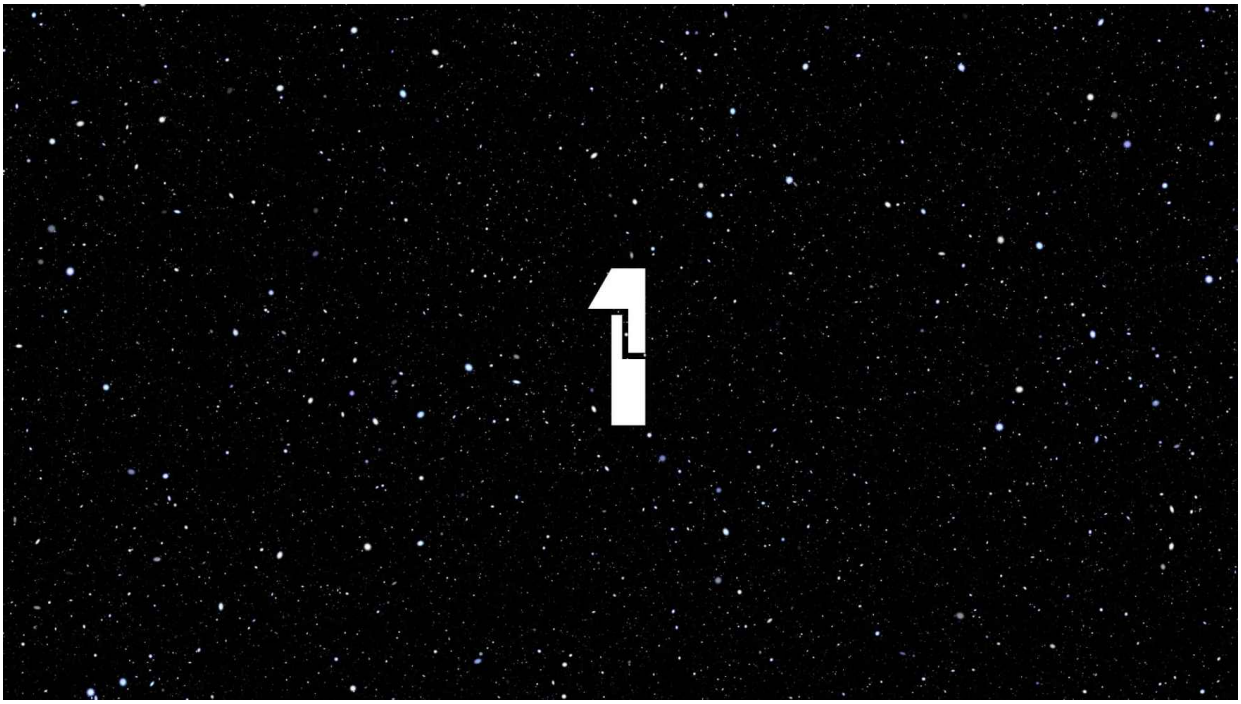
CLÃ DE TYCHO

Clã da infraestrutura
e do comércio



CLÃ COPERNICUS

Clã da política
e do conhecimento



A Princesa Lunar

Um pequeno robô-nuvem, de modelo M4, percorria de forma agitada um dos largos e luxuosos banheiros do palácio real. Ele tinha um armazenamento infindável de informações e servia à sua alteza, a princesa Tal-uya, mantendo-a em segurança, registrando suas memórias e atualizando toda sua agenda. A quantidade de informações guardadas e eventos em curso, desenvolveu no pequeno robô de uma roda só, uma personalidade um tanto quanto… ansiosa.

— *Três minutos para o fim da imersão* – sua voz mecânica soou pela sala.

— *Eu estou ciente, M4.* – uma voz robótica feminina respondeu.

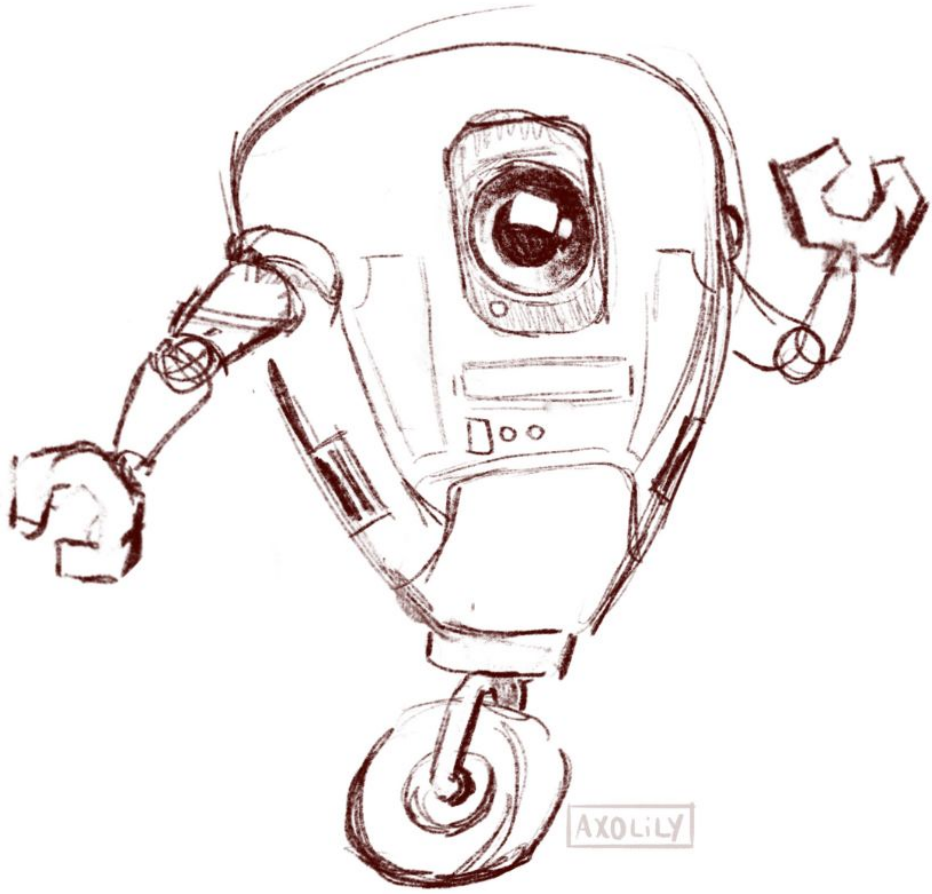
Essa voz, porém, não tinha corpo, era uma inteligência artificial que estava conectada a quase todos os dispositivos do palácio. Nesse momento, suas ondas sonoras eram vistas em um painel retangular, suspenso acima de uma larga banheira, preenchida por um líquido cinza que a cobria até a borda.

Os três minutos passaram, e finalmente uma movimentação começou a ser vista no tanque. O líquido cinza foi agitado, bolhas subiram à superfície e pequenas ondas foram produzidas. De dentro, emergiu um corpo humanoide, puxado por mãos mecânicas presas ao teto. Uma mulher coberta por um líquido prateado foi levantada pelos cabos, parando suspensa no ar. Seus olhos estavam fechados, cobertos por uma faixa translúcida e seu semblante era de alguém que já havia feito aquilo inúmeras vezes. O líquido escorreu pelo seu corpo, que já tinha uma tonalidade acinzentada. Um compartimento no teto se abriu, e dele saiu um cabo, que passou por cima do corpo da mulher, secando-a.

O tanque abaixo dela se fechou com placas de metal, e no instante seguinte, as mãos mecânicas a soltaram, e o corpo da princesa caiu em pé, graciosamente sob o local. Tal-uya tirou a máscara, que estava também conectada ao seu nariz com um pequeno tubo de ar, e abriu os olhos. Usava um biquíni prateado em seu corpo magro e seu cabelo de tonalidade verde caía até o ombro. Seus fios ainda estavam cobertos pelo líquido.

— Banho de mióxio finalizado – a inteligência artificial falou.

— *Estamos há tre-três horas do baile* – o pequeno e agitado robô correu até ela, que agora descia do topo da banheira até o chão.



— Eu sei, M4. – ela encostou o indicador no topo do robô. — Não precisa me lembrar disso a cada dez minutos. Até parece que é você que vai escolher um esposo!

— *Gostaria de repassar a lista dos pretendentes?*

— Não. – Tal-uya se virou prestes a entrar no chuveiro. — Neste momento gostaria apenas do seu silêncio.

— *Certo, minha senhora.*

O robô se calou e parou no chão, recolhendo sua única roda para dentro.

A princesa tomou um banho rápido, apenas para retirar os resíduos de mióxio restantes, e lavar o cabelo, que agora com a mistura de cinza e verde desbotado lhe parecia a coisa mais deprimente que já havia visto. Que bom que pintaria logo.

Ela saiu do banho se enrolando em seu roupão e deixou o banheiro pela porta arredondada da frente. Entrou em seu quarto enquanto ouvia o pequeno robô sendo ativado atrás de si. Tal-uya tinha um plano, e ele era simples: não pensaria no baile até que o evento chegasse. Era uma noite que poderia definir todo o resto de sua vida? Talvez. Ela estava sendo usada como peça política em um jogo de clãs que lutavam por poder? Certamente. Mas, afinal, era uma princesa, sua vida se resumia a isso. Não era como se fosse uma surpresa. Existia o lado bom disso tudo, é claro. As roupas e a atenção, especificamente, eram algo em que Tal-uya era boa e esse seria o seu foco naquela noite.

— *Cinco e meia, minha senhora. As cabeleireiras humanas estão à porta.* — M4 avisou.

— *Permissão para deixar as servas humanas entrarem?* – voz da inteligência artificial acompanhou e, diferente do robô, parecia haver um certo desprezo em sua voz.

— É claro. – Tal-uya respondeu.

Para ela, não importava o que falavam dos humanos no palácio, suas cabeleireiras eram as maiores artistas que conhecia. Trabalhava com elas há anos, e só o anúncio de suas presenças já era o suficiente para alegrá-la.

A porta deslizou para o lado, e por ela entraram duas figuras acompanhadas por um droide carregador. Ruth e Abe, duas senhoras já nos seus sessenta anos, ambas de cabelos grisalhos, entraram usando aventais coloridos e, como sempre, exibindo semblantes alegres. Eram engraçadas, Tal achava, sorriam por nada.

— Alteza – as duas prestaram reverência.

— Minhas artistas. – Tal se aproximou e pegou em suas mãos. — Meu cabelo precisa *desesperadamente* de vocês.

— Mas é claro. – Ruth falou apertando um botão e fazendo o droide carregador, um aparelho quadrado e largo, abrir um compartimento, dele saiu uma cadeira. — O que a senhorita tem em mente?

— Eu ainda não sei… – Tal se aproximou e se jogou na cadeira. — Mas precisa ser único, um cabelo que eu nunca tive antes. Hoje é uma noite muito importante, entende? – se virou para as mulheres. — E o que eu usar,

a forma como eu aparecer, se tornará tendência pelo amanhecer. Talvez beneficiará até o negócio de vocês! – sorriu — Então… vamos pensar juntas, está bem?

— O que acha de uma franja? – Abe falou, abrindo as gavetas do droide e revelando tintas e tesouras.

— Talvez… – Tal-uya semicerrou os olhos, tentando imaginar.

— Que cor você tem em mente? – Ruth perguntou, começando a molhar o cabelo da jovem na pequena bacia que também havia saído do droide.

— Eu não sei… Não aguento mais o verde, nunca gostei na verdade. Minha irmã insiste que ele é importante por ser a cor natural da maioria dos lunares e ser a bandeira de nosso império, mas… Essa é a minha noite, o meu baile. E o verde nunca foi a minha cor. – deu de ombros.

— E qual é a sua cor majestade? – Ruth indagou com um sorriso.

— Eu posso não ter muito controle sobre a minha vida, mas da minha aparência cuido eu e o prazer de surpreender… isso ninguém vai tirar de mim… – sua mente girava como engrenagens.

— Não esperaria menos.

— Rosa. A cor desta noite será rosa.



Vestida de Branco

Estava combinado, o cabelo de Tal seria cortado um pouco mais curto, acima do ombro. Também teria uma franja rente a sobrancelha, e todos os fios tingidos de rosa. Isto era mais do que o suficiente para surpreender algumas pessoas, calar outras e estar nos jornais na manhã seguinte. Já que ela preferia não esperar muito dessa noite, essa seria a sua única expectativa.

O robô carregador era simples, a cadeira em que estava sentada, desconfortável, porém, por algum motivo, ela se sentia mais em casa naqueles curtos momentos em que as humanas cuidavam de seu cabelo do que em muitos de seus afazeres reais.

Os seus fios já haviam sido tingidos e agora Ruth os lavava novamente. As cabeleireiras, apesar de terem idades similares, tinham cabelos extremamente opostos. Ruth possuía longas madeixas que desciam até a cintura, presas em uma trança; enquanto Abe tinha metade do cabelo raspado, e a outra metade jogada para o lado, não mais longa do que a altura

da orelha. O cabelo de ambas, porém, era grisalho. Não havia um sinal qualquer de tintura ou alteração.

— O cabelo dos humanos é estranho, a cor muda com o tempo, não é?

— Nossos cabelos envelhecem conosco. Eles nos lembram daquilo que tão facilmente podemos esquecer.

— Que é…?

— Que somos humanos e não lunares. Que essa ainda é a nossa essência, a nossa verdade.

— Por isso não pintam…

— Exato, é uma das coisas que não negociamos, pelo menos não em nosso clã.

— É meio irônico, cabeleireiras que não podem pintar o cabelo. – Tal sorriu, pensativa.

— Não temos problema com isso, especialmente quando temos a senhorita e o seu cabelo para criarmos e testarmos o quanto quisermos. – Ruth falou entre risinhos, de forma doce, deixando claro o tom do comentário.

A princesa não conseguiu se sentir ofendida nem insultada, era a verdade e, de certa forma, era até um privilégio tê-las por perto.

— Que infortúnio, o de vocês. – Ela sorriu e fechou os olhos novamente enquanto seu cabelo era secado pelas próprias válvulas de calor do robô-carregador.



Tal estava sozinha em seus aposentos, as mulheres já haviam partido e a roupa da noite já estava escolhida. Ela podia ouvir pela sacada o burburinho dos convidados chegando, e M4 rodopiava a sua volta, parecendo genuinamente animado com o evento. *Se ele ao menos soubesse*. Se ele ao menos soubesse que, de todas as festas luxuosas que Tal-uya já havia frequentado, aquela era secretamente a que ela mais temia. *Ser robô certamente era mais fácil do que ser mulher.* Pelo menos naquela noite.

Ela encarou o reflexo confiante à sua frente, o espelho que ocupava toda a parede do cômodo não falhava em mostrar cada detalhe. O cabelo e a cor encaixaram perfeitamente às suas feições, como se tivessem sido feitos para ela. Usava um vestido branco, que contrastava com sua pele prateada e circulava seu corpo, com diferentes fendas, deixando muito de sua pele à mostra nas costelas e pernas.

—Está magnífica, Tal. – Uma voz a chamou.

Uma figura esbelta, de pele cinza como a dela, trajando um justo e longo vestido vermelho e com longos cabelos esverdeados que desciam além da cintura, estava parada à porta. Era sua irmã mais velha, a herdeira ao trono, princesa Cal-uya.

— Obrigada, Cal. – Tal-uya se virou, fazendo uma pose. — Gostou do cabelo? – Balançou os fios com as mãos.

— Eu já esperava algo do tipo, admito. – A irmã revirou os olhos. — Fico feliz que manteve a tradição do vestido branco. Mamãe ficaria orgulhosa.

Cal-uya usava um vestido escarlate nas cores do clã do marido: Copernicus. Era ordenado de acordo com a tradição que Tal-uya, em seu baile dos clãs, trajasse branco, representando sua neutralidade em relação às diferentes casas que governavam seu planeta, não pertencendo a nenhuma delas até aquele momento. Seu clã seria escolhido naquela noite, por meio da escolha de um marido.

— Está nervosa? Seja sincera comigo… – Cal se aproximou da irmã, com um olhar terno e uma preocupação que, por mais que parecesse ser genuína, não a convencia. — Tem estado calada nos últimos dias, calada até demais para você.

Tal-uya afastou o olhar, não sabia como ser sincera com a irmã, passou anos demais tentando simplesmente agradá-la.

— O que quer que eu diga? – Ela coçou a palma das mãos. — Eu… eu estou nervosa, é claro. É um sistema que não me dá muita escolha… e nada nunca me foi tão precioso quanto isso.

— É claro que tem escolha, é por isso que é *você* que está usando branco, e não os homens. Eles, objetos em uma vitrine, e você, aquela que irá escolher qual levar para casa.

— E então se resume a isso mesmo… apenas um movimento político.

— Tudo é político, Tal, caso ainda não tenha percebido. Por que nossa escolha por um marido não seria?

— Porque com tantas demandas a serem cumpridas… não sobra espaço para o amor. Sobra?

O rosto de Cal suavizou, ela caminhou até a irmã e pegou suas mãos.

— O amor vem com o tempo, eu te garanto. Mas essa noite é importante, Tal. Essa escolha é um ato de amor ao nosso império, ao nosso povo. Os vermes humanos não param de crescer e se reproduzir, tentando a todo custo tomar a nossa terra. O fortalecimento dos clãs garante que o Império Lunar, o império de *nosso* pai, permaneça invicto e forte, como sempre foi. O clã que você escolher esta noite, fará isso.

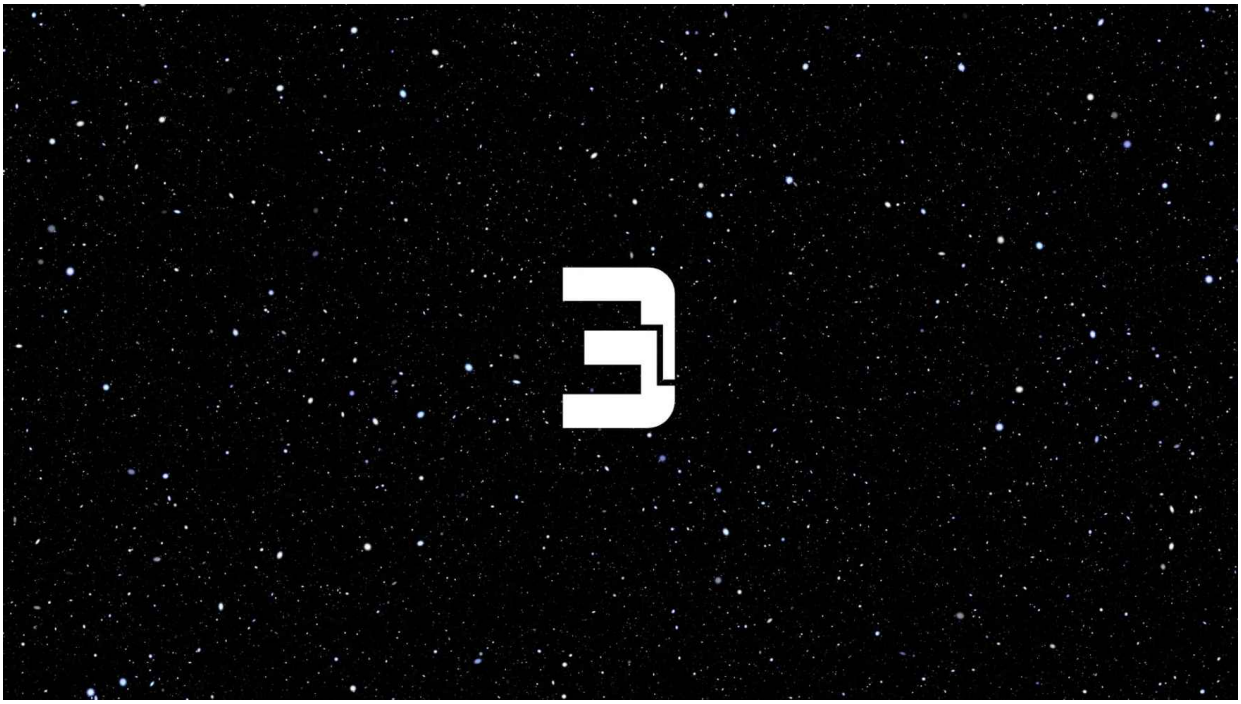
Tal-uya abaixou o olhar e fitou sua mão entrelaçada à da irmã. Seus diferentes tons de pele cinza contrastando, os dedos mais finos e mais longos de Cal cobrindo os dela. Ela amava seu império, devia sua lealdade a ele e

por mais que tivesse dificuldade em ver os humanos como “vermes” ou inimigos, também não concordava com os rumores de tentativas de expansão e tomada de controle. A lua pertencia aos lunares e, como princesa, faria sua parte para garantir que continuasse sendo assim.

— Tudo bem. – ela suspirou. — Farei o que for necessário pelo meu império. Talvez seja até surpreendida no processo.

— Falou como a princesa que é. – a irmã sorriu, satisfeita. — Está pronta?

Tal soltou as mãos dela e voltou a encarar seu reflexo no espelho. Vestido, cabelo e feições: todas impecáveis. Seus lábios traçaram um singelo, porém confiante sorriso. Era a princesa Tal-uya e aquela seria sua noite.



O Imperador Esquecido

—Antes de irmos… tem algo que precisa fazer. – Cal-uya falou quando ambas saíram dos aposentos da princesa mais jovem. Havia um certo receio em sua voz.

— O que é?

— Papai quer vê-la. Ele insistiu veementemente nisso. – Falou entredentes. — Mas se não quiser podemos facilmente…

— Não. – Tal a cortou. — Eu quero vê-lo. Quero muito, por favor.

— Certo. – Cal-uya bufou, como se tivesse perdido uma batalha. — Vamos então, eu te acompanharei até a porta.

— Não… não precisa…

— Eu faço questão. – Cal sorriu de forma fria e determinada, mostrando que não valia a pena discutir.

— Eu só não gosto da ideia de você sozinha com ele… – Se explicou enquanto elas caminhavam até o fim do corredor, em direção ao luxuoso elevador translúcido que estava situado ao fim.

— Papai não é uma pessoa ruim… – Tal falou no elevador, enquanto elas viam os andares do palácio passarem pelo lado de fora do vidro. — Ele só está doente.

— Ele não está mais em condição de governar, isso, sim. Mas seu orgulho o impede de admitir isso.

— Ele luta por sua vida como um lobo do deserto… – a princesa deu um sorriso triste. — É Almiral Knox de quem estamos falando, ele não vai desistir tão fácil e… deveríamos nos alegrar por isso, não? – seu olhar de dúvida encontrou o da irmã.

— Bom, c-claro… É que… me entristece vê-lo nesse estado. Ele está tão diferente… a verdade é que mal consigo olhá-lo porque… mal o reconheço.

— Eu sei. –Tal colocou sua mão no ombro da irmã. — Dói em mim também. E você tem feito um ótimo trabalho cuidando de tudo por ele. Tenho certeza de que quando se recuperar, ele irá reconhecer isso.

— Eu espero… – Cal sussurrou e naquele momento não pareceu nada mais do que uma garota indefesa.

— Um pai doente é melhor do que pai nenhum, é o que eu tenho tentado pensar. – Tal-uya deu um sorriso triste, falando mais para si mesma.

O elevador parou no último andar, a mais alta das três grandes torres do palácio lunar. O vidro se abriu, revelando um largo corredor azul sem janelas, com apenas uma porta ao seu fim, guardada por dois guardas com a insígnia imperial.

As irmãs caminharam em silêncio até eles, que prestaram continência a elas, e nenhuma palavra precisou ser dita. A alta e grossa porta atrás deles foi aberta e Tal-uya entrou sozinha, deixando a princesa regente para trás, a esperando.

Tal até entendia sua irmã. Toda aquela proteção e exclusão já era bizarra o bastante. Entrar naquele cômodo, que parecia mais uma ala hospitalar do que um aposento real, lhe dava arrepios. Contudo, ainda era o seu pai ali, independentemente do que a doença havia feito com ele.

O quarto tinha um tom quase fantasmagórico. Era iluminado apenas por filetes de luzes neon que percorriam o teto, e havia cabos por todos os lugares. Tal tropeçou em dois deles no momento em que entrou. Ela levantou o olhar e então, finalmente o viu. Em uma maca que levitava do chão, estava uma figura que um dia havia sido um lunar, um pai e um imperador. O homem de pele prateada tinha o corpo todo inchado, dos dedos dos pés à

cabeça, semelhante a um balão prestes a sair flutuando. Nas dobras de seu corpo, pareciam crescer fungos e bolhas. Tal acreditou que isso se deu pela falta de mobilidade por tanto tempo. Seus olhos mal podiam ser abertos devido ao inchaço, mas isso não impediu que eles se enchessem de lágrimas ao ver a filha mais nova.

—Tal-uya… – sussurrou, com a voz falha.

— Papai…

A garganta de Tal ardeu pela dificuldade em segurar o choro. Enfrentando cada cabo que estava no caminho, ela se aproximou da cama. Notou que estavam ligados em diferentes partes do corpo do imperador e todos saíam de um grande cubo prateado, maior que a própria garota, encostado ao lado na parede. Era a inteligência artificial que o mantinha vivo, impedindo que a doença consumisse todo seu corpo. Não havia botões em volta, e nada que explicasse para Tal como aquilo funcionava, havia apenas um visor negro circular, que parecia observar a tudo que acontecia.

Segurando a cauda do vestido branco com uma mão, após caminhar com dificuldade, ela finalmente alcançou o pai. Ou o corpo do que um dia havia sido ele.

— Minha filha… – sua voz rasgada falou. — Está tão linda…

— Obrigada, papai. Fico feliz por ter me chamado. – Ela conteve o ímpeto de tocá-lo, sabia que não podia, devido a doença.

— Hoje é o seu baile dos clãs, não é mesmo?

— É sim, meu senhor…

— E co-como está se sentindo?

— Um pouco nervosa. Facilitaria tudo ter você… lá comigo.

O homem fez sons que ela não pôde reconhecer, mas achou que ele ia começar a chorar.

— Mas, mas está tudo bem. – ela moveu as mãos, lutando mais uma vez para não encostar nele. — Eu estarei lá por você, meu pai. Honrarei o seu império com a minha escolha. Vou garantir que tudo esteja bem até que você volte a governar. – ela sorriu, um sorriso triste. Uma promessa.

— Não… – a voz dele saiu falha, porém segura.

— O quê? – ela abaixou o rosto.

— Não faça na-nada por mim, ne-nem por sua irmã.

— Como assim? – ela sorriu, confusa. — Tudo o que eu faço é por vocês. Pela nossa família. – balançou a cabeça, repetindo o credo deles.

— Nessa no-noite, não faça. Você va-vale mais do que uma conquista de…agh – Ele grunhiu de dor, um dos cabos parecia pressionar ainda mais forte em sua pele. Respirou, recuperando o controle. — Você vale mais do que uma conquista de clãs.

Tal-uya respirou aliviada, de certa forma isso era tudo que ela queria ouvir naquele dia.

— Obrigada… – Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

— É mais especial do que pensa, minha pri-princesa. Mais especial do que todos nesse palácio.

Uma lágrima desceu rolando o rosto da jovem.

— Não é isso que todo pai diz a sua filha? – ela esboçou um sorriso triste e colocou uma madeixa rosa para trás da orelha.

— Não, porque nesse caso…é verdade. Espero que um dia entenda isso.

— O que quer dizer?

— Eu… eu queria ter sido mais honesto com você…argh! – os cabos começaram a pressioná-lo com mais força, causando ainda mais dor. E Tal teve a impressão de que só paravam quando o homem se calava.

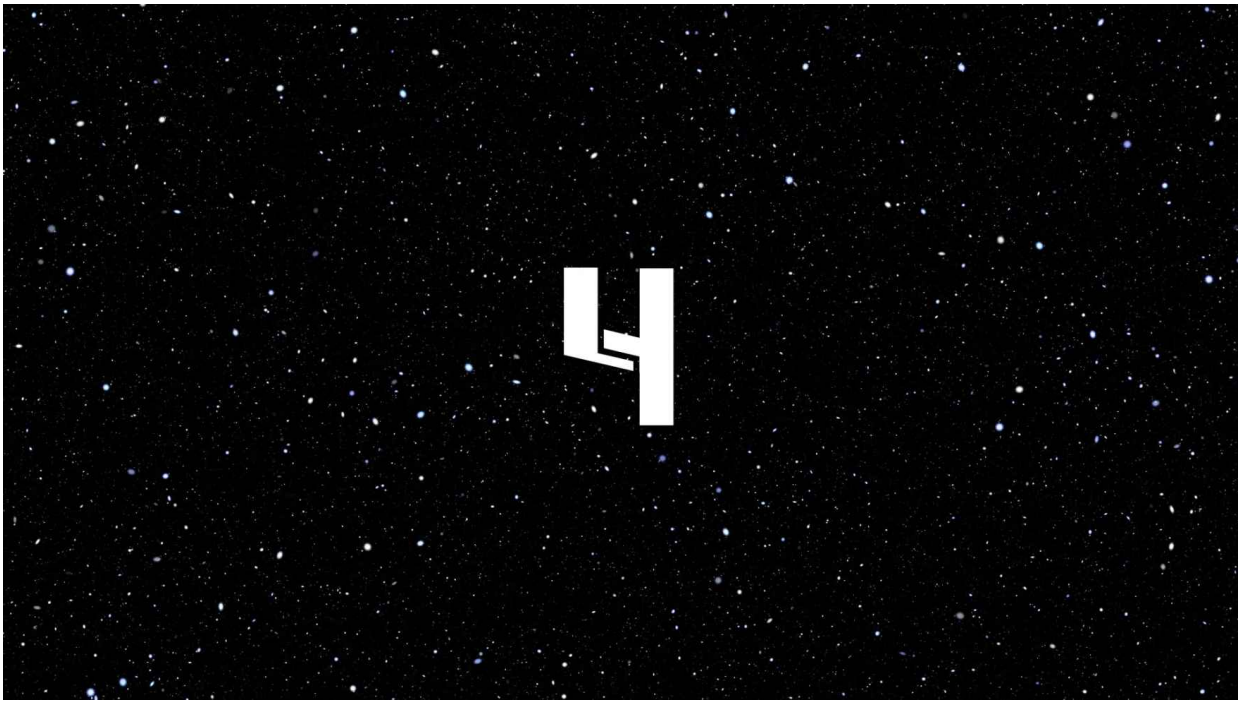
Ele virou o rosto inchado, puxando a respiração violentamente, como se lutasse contra uma força invisível.

— A gravidade. – falou como em um sussurro. — Ela é tudo que eu deixo para você. É tu-tudo que eu tenho para te dar. Se aprender a ouvi-la, talvez ela te leve para casa.

Uma dor percorreu o corpo do homem novamente, dessa vez ele não emitiu nenhum som, apenas parou de falar e fechou os olhos, encostando o corpo na cama.

À sua frente, Tal-uya não conteve mais as lágrimas. Seu pai, seu tão amado pai, havia enlouquecido completamente.

Ela observou por mais alguns segundos sua figura imóvel e então saiu dos aposentos.



Os clãs da lua

As trombetas da marcha real preencheram os ouvidos de Tal-uya à medida que ela caminhava lado a lado com a irmã pela grande ponte de metal lunar. A ponte ligava a torre leste ao grande e magnífico jardim suspenso do palácio. O chão aos seus pés reluzia de cores à medida em que ela o pisava e naves de passeio flutuavam ao redor da ponte, preenchidas com a orquestra imperial. Os músicos tocavam com toda vida que tinham, parecendo ignorar até mesmo a altura em que estavam. Toda a viva e agitada capital lunar se estendia à sua volta: os altos e luminosos prédios pontiagudos, vistos de cima como estalagmites pulsando em cor; as dunas de areia à distância, cercando a cidade e delimitando a região não habitada; e por fim, o céu sempre negro e estrelado, vestindo a noite como o último detalhe da paisagem.

A maioria dos convidados já estava no jardim, enquanto outros chegavam naquele mesmo momento em suas naves voadoras. Quatro grandes hologramas estampavam o local, um em cada extremidade. Primeiro, a grande bandeira verde do Clã de Kepler, o clã militar,

responsável pelo exército imperial, brilhava em meio aos tons roxos da paisagem. Abaixo do holograma, estavam seus representantes, todos trajando finas fardas, em diferentes tons de verde. Ao lado de Kepler, estava o clã Grimaldi, coroado com o holograma de seu brasão roxo. Eles eram o clã da tecnologia, e isso era visto em suas roupas de nanopartículas, que mudavam o tom de roxo à medida que se moviam, aleḿ da quantidade de droids que os acompanhava. À direita, brilhava alto no céu o brasão azulado de Tycho, clã da infraestrutura e comércio, seguido abaixo pelos membros: homens e mulheres com penteados esvoaçantes e roupas azuis. O último clã, com o maior holograma de todos, era o de Copernicus. A cor escarlate brilhava no céu, com os seus membros ocupando o maior espaço e trajando as mais finas roupas vermelhas. Era o clã da princesa mais velha e, por isso, o mais privilegiado.

Tal-uya caminhou por eles, os cumprimentando com olhares e sorrisos, feliz em ver as reações à sua nova aparência. As mulheres a olhavam ora com inveja, ora com admiração. Alguns homens sentiam-se admirando uma criança fantasiada, enquanto outros, um alimento em uma vitrine. Diferente do que esperava, nenhuma das reações a agradou ou fez diminuir o incômodo que crescia em seu estômago.

Ela caminhou com a irmã até o palanque de pedra alva que havia na borda do jardim, onde passaria boa parte do baile, conhecendo o representante de cada clã.

— Pelo império lunar. – A princesa regente sussurrou para a irmã mais nova antes de se afastar e se juntar ao clã do marido. Reforçando com o olhar suas expectativas para a noite.

— Pelo império lunar. – Tal repetiu para si mesma enquanto puxava o ar e fitava todas as pessoas à sua volta. — Vamos acabar logo com isso.

A música continuou a tocar, uma mistura de orquestra clássica com batidas eletrônicas. A alta sociedade lunar se divertia com a bela vista da cidade e a comida que era servida por drones.

O primeiro clã a se aproximar do palanque foi o de Kepler, o clã militar. Um grupo de quatro pessoas caminhou até Tal-uya, todos homens e mulheres de longos cabelos verdes, trançados até o quadril. No Império lunar, quanto mais honrado um soldado era, maior seria o seu cabelo.

Um homem de aparência mais velha e pele enrugada deu um passo à frente. Um jovem que parecia ter o dobro do tamanho dele, cujos músculos aparentavam mal caber na farda verde e dourada que usava, o acompanhou.

— É uma honra finalmente conhecê-la, princesa Tal-uya. – o homem mais velho falou, fazendo uma reverência.

— A honra é minha, general Aio. Muito já foi falado no palácio sobre a excelência com a qual governa seu clã e nosso exército.

— É muita graça sua, princesa. – o homem pareceu encabulado, não esperava o elogio. — Agora, por favor, deixe-me apresentar o representante escolhido por nosso clã. – sorriu orgulhoso para o homem ao seu lado.

— É claro.

— Juno, minha princesa. – sem delongas, o homem se aproximou e pegou a mão de Tal, lhe dando um beijo invasivo e molhado. — Ao seu dispor.

Tal puxou a mão em um ímpeto, deixando o homem surpreso.

— É um prazer. — disse de forma desgostosa.

— Juno, minha senhorita, – o velho continuou — é o maior e mais experiente guerreiro que temos em nosso clã. É o campeão invicto de todos os torneios keplernianos e o mais apto a me suceder no futuro, assumindo o controle do exército e do clã.

Um militar, Tal pensou. *Nada mau.*

Kepler já era um clã importante pelo o que representava, a segurança e proteção do Império. Agora, ter não só o apoio e lealdade, mas o controle do clã seria excelente para a família imperial.

— Impressivo. – foi tudo o que ela falou, todavia, sorriu para o homem, que não demorou em lhe devolver o sorriso.

— Me fale um pouco mais de você… Juno.

— É claro. – Juno aprumou o corpo, de forma confiante. — Fui iniciado no exército aos meus oito anos e aos doze já tinha vencido inúmeros guerreiros adultos em combate. Aos quinze, me formei precoce e fui enviado para liderar a minha primeira missão de contenção. Aos…

— Qual missão? – Tal perguntou, o cortando.

— Ahn, o quê?

— Qual missão de contenção?

— Ah, sim. – ele estufou o peito. — Contra um grupo de rebeldes humanos que tentava estabelecer uma comunidade nos limites da cidade.

— E como os *conteve*?

— Eu os exterminei. – respondeu com naturalidade. — Os guerreiros que se oporam, é claro. As mulheres e as crianças foram mandadas de volta para as cidades no subterrâneo.

O estômago de Tal se revirou, o clã de Kepler não parecia mais tão interessante assim. Sabia que humanos morriam diariamente, assim como lunares, porém, não sabia se gostaria da ideia de casar com alguém cujas mãos estariam constantemente manchadas de sangue.

— Claro. – sussurrou, intimamente, já desejando que aquilo acabasse.

— E o que… – ela parou, já não estava nem um pouco interessada na resposta. — E o que busca em uma possível união? Sabe que, seja com qual representante eu decidir me casar, não será um casamento apenas de pessoas, e sim de interesses para o bem do Império.

— É claro, para mim nada é mais importante do que o Império, nem minha própria vida.

Tal quis sentir orgulho da lealdade dele, mas apenas sentiu pena. Para uma instituição se tornar mais preciosa que uma vida, algo deveria estar errado.

— E – o homem continuou, agora com um tom galanteador que a assustou. – , preciso admitir que já a admirava por algum tempo. Seria, depois do meu serviço ao império, a maior honra de minha vida desposá-la. Apenas posso imaginar os belos filhos que faríamos e como me deleitaria no processo.

O restante da comida daquela manhã subiu à garganta de Tal-uya, estava definitivamente enjoada. Seu semblante se fechou e o interesse se esvaiu.

— Obrigada, cavalheiros. Conversaremos mais durante a noite, Juno. – ela encerrou o momento.

Nunca mais conversaremos, pensou consigo mesma enquanto o homem se afastava ainda a olhando de uma forma galante.

A princesa respirou fundo e fechou os olhos. Aquela noite tinha que dar certo, de alguma forma. Entretanto, a ideia de se casar com um homem que matava pessoas e cuja maior expectativa estava em “se deleitar” com ela, a fazia querer desaparecer.

— Bo-boa noite, princesa. – uma voz mansa a chamou.

Tal abriu os olhos e deu de frente com um jovem que se encontrava solitário à sua frente. O representante do clã Grimaldi, trajando a cor lilás. Ele era magro, usava óculos e tinha um cabelo verde encaracolado. Ela reparou, depois de um instante, que ele não estava sozinho, afinal, havia um pequeno drone aos seus pés. Ela sorriu instantaneamente ao vê-lo.

— Boa noite. – Levantou o olhar para o jovem. — Vejo que trouxe um amigo consigo.

— Bo-bom, é. Prefiro drones à pessoas. São menos intimidadores, entende?

Tal-uya sorriu, já havia gostado dele.

— Concordo completamente. – estendeu a mão para o rapaz. — Princesa Tal-uya Knox, é um prazer conhecer alguém que aprecie os robôs tanto quanto eu.

— Zion Oh, o prazer é meu, pri-princesa. – ele aceitou timidamente a mão dela. — E…eu tenho que apreciá-los, afinal, sou eu que os faço. – ele abriu um pequeno sorriso, orgulhoso daquele fato.

— Isso é fantástico, nunca havia conversado com um engenheiro de drones antes. Vejo que ama seu trabalho, não é, Zion?

— Muitíssimo, princesa.

— E ama seu clã?

— É a minha casa, portanto minha vida. Não me encaixaria em nenhum outro. – ele sorriu. Parecia, ao poucos, ficar mais confortável.

— E por que os líderes do seu clã não o acompanharam até aqui?

— Eu pedi para que não fizessem. Todo o baile já gera uma tensão tão grande, preferia conhecê-la de forma mais natural. O que quiser saber sobre mim, basta me perguntar.

Tal sorriu.

— Sem um ancião para tentar me convencer sobre suas qualidades? É mais corajoso do que eu pensei.

— Digamos que repassei esta noite inúmeras vezes em minha mente e essa foi a versão em que eu saí com a maior vantagem.

— É verdade? – Tal riu, ele era divertido.

— Vai descobrir que sou um homem simples, princesa. As apresentações de meus líderes iriam apenas ludibriá-la. Não tenho nada para impressioná-la, mas prometo ser uma boa companhia, fiel e leal a você em todo tempo. E depois, é claro, também ao império.

— Promete maior lealdade a mim do que ao seu império? – ela o provocou. — É uma promessa perigosa.

— Mas é claro, não seria um bom marido se não o fizesse. E se não estivesse disposto a correr alguns riscos. – ele sorriu.

— Então quer mesmo se casar comigo?

— É claro. – respondeu de forma doce, porém, confiante, como se aquilo fosse óbvio.

— E por quê? O que o fez deixar seu laboratório e vir aqui?

— Honestamente, curiosidade. Não acredito em amor à primeira vista, minha princesa. Acredito em um amor que pode ser construído, peça por peça, como um robô. E encontrei em mim um desejo por isso, por construir algo, com alguém.

— E quanto a política?

— Na verdade… ela não me importa muito. – fez uma careta, sussurrando. — Se me permite dizer.

O problema de todos os cientistas, Tal pensou. *A política não os interessa porque nada além de suas criações é digno de seu tempo e pensamento.*

— E os humanos? – ela indagou, de repente.

A questão pareceu pegá-lo de surpresa. Abaixou o olhar e coçou a cabeça.

— Enquanto estiverem contidos nas cidades antigas não apresentam nenhuma ameaça, eu acredito. Por quê? São objetos do seu interesse?

Tal piscou com a pergunta e esboçou um sorriso de leve. A verdade é que não sabia responder. Por que eles a interessavam? Bom, porque existiam, porque viviam no mesmo planeta que ela, dividiam o ar e tudo mais que aquela atmosfera poderia oferecer.

— Não, acredito que não. – respondeu com a mente distante.

— É claro que… – a voz do jovem de Grimaldi foi abafada pelos instrumentos da orquestra que cessaram todos de uma vez. Mais do que isso, um barulho de colisão ecoou pelo jardim.

A princesa se levantou do trono e olhou para cima assustada. Duas naves haviam colidido. Alguns músicos se seguravam nas bordas de sua nave, pendurados, enquanto outros os ajudavam para não caírem no que seria uma morte certa. O motivo da colisão era o que Tal-uya ainda não havia visto. Outra nave, escura como o vazio do espaço, se estendia acima do jardim, pegando todos de surpresa.

— Tal-uya. – ela ouviu a voz estridente de sua irmã gritando enquanto corria até ela.

— O que está acontecendo? – desceu do palanque e correu até a irmã, já se esquecendo do rapaz com quem estava conversando.

A cauda de seu vestido branco era balançada violentamente pelo vento que vinha da turbina da nave, que, agora, estava prestes a pousar no meio da festa.

— São os humanos. – Cal rosnou, pegando em seu braço. — São os malditos dos humanos.



Os clãs da Terra

Todos os membros presentes de Kepler se posicionaram em volta da nave, para proteger os demais de qualquer tentativa de ataque.

Uma escotilha foi aberta, e dela desceu uma escada feita de nano partículas. Dois homens emergiram da escuridão e eles pareciam ser os únicos a bordo da nave. Eram dois humanos do clã da Europa, isso estava claro pela insígnia em suas roupas e as peles claras, tão diferente da tonalidade acinzentada dos lunares. Eles vestiam roupas militares pretas, sem qualquer costura ou detalhe diferenciado além do brasão. O mais jovem desceu as escadas com um semblante confiante, seguido pelo mais velho. Qualquer um que olhasse poderia distinguir que eram pai e filho. O general Aio e Juno não tardaram em correr até eles, apontando as armas que haviam trazido consigo. No momento em que levantaram os braços, o jovem humano tirou de dentro de sua jaqueta um disco prateado que com apenas um movimento de sua mão, desabilitou as armas e todos os outros tipos de tecnologia presentes. Os droides serviçais pararam ao mesmo tempo no terraço, derrubando bandejas e trombando em convidados.

Tal observou toda a cena boquiaberta, nunca soube que os humanos poderiam ter posse de um nível tão alto de tecnologia. Sua irmã, no entanto, bufava de raiva ao seu lado por causa dos intrusos que tão rapidamente desarmaram seus guardas.

O jovem humano parecia estar se divertindo com o terror que haviam causado. Ele desceu as escadas graciosamente, tomando seu próprio tempo , apenas para irritar Cal-uya.

Seus pés tocaram o mármore do jardim suspenso, e seu pai parou ao seu lado. No momento em que estavam ambos no solo, a escada se retraiu para a nave, que alçou voo novamente, desaparecendo no céu.

— Princesas Tal-uya e Cal-uya, espero que nossa entrada não tenha lhes assustado ou parecido desrespeitosa. – o mais velho falou. Ele tinha uma barba grisalha e um cabelo branco que estava amarrado em um pequeno rabo baixo. — Sou o comandante Reuel, líder do Clã de Europa. Vim com meu filho, meu sucessor, para garantir que cumprissem o acordo feito com os líderes humanos há mais de cem anos.

— E que acordo seria esse? – Cal-uya fechou os punhos, apertando as unhas contra a pele.

Se aproximou deles de forma diplomática, o semblante fechado e os passos constantes, não demonstrando medo.

— De que pelo menos um dos clãs da Terra teria o direito de participar do baile real e disputar a mão da realeza em questão. Vocês têm negligenciado esse direito a nós por gerações e percebemos que a única forma de o efetivar seria essa infeliz entrada abrupta.

Cal-uya rangeu os dentes enquanto pensava. Todos no terraço olhavam para ela, esperando uma resposta.

— Se reativar nossos drones, poderei ao menos confirmar essa informação em nossos registros. – falou finalmente, de forma calculada.

— É claro – o filho respondeu com um sorriso cínico. — Por que não pediu antes?

Ele movimentou o disco com a mão e todos os robôs que haviam sido desativados acenderam suas luzes e voltaram a funcionar.

As armas de Aio e Juno ainda estavam inativas, contudo, isso não os impediu de se colocarem entre os humanos e a princesa.

Atônita com tudo que acontecia, Tal-uya virou o rosto e se surpreendeu ao perceber que o olhar do rapaz humano estava fixo no dela. Ele tinha olhos azuis profundos e cabelos loiros puxados para trás. Seu olhar

era intenso, tanto que Tal quase não conseguiu sustentar o dela. Porém, ao mesmo tempo, com toda sua intensidade, não demonstrava nada que ela pudesse decifrar: interesse, raiva ou vingança. Apenas a encarava, deixando-a em conflito consigo mesma. Portanto, desviou os olhos, coçou a garganta e voltou o foco para a sua irmã.

Cal-uya convocou um droid humanoide de armazenamento e ambos conferiram os documentos imperiais em uma tela que saia do próprio robô. Enquanto isso, um silêncio pairava sobre a plataforma.

Depois de alguns minutos a princesa mais velha levantou o rosto, estampado em uma fúria colérica.

— Um acordo foi feito, de fato. – ela falou entredentes. — Mas invadir nosso baile, um baile tão importante para minha irmã, a fim de garantir que ele seja cumprido, é a maneira menos digna de fazê-lo. Porém, – um sorriso maldoso surgiu em seus lábios. – não esperava nada menos de *humanos.*

O mais jovem deu um passo para frente com raiva, mas foi parado pelo pai, que segurou seu braço.

— Podemos permanecer, então? Minha princesa. – Reuel perguntou, como se não tivesse ouvido a ofensa.

Cal abriu os lábios para responder, todavia uma voz atrás a calou:

— Podem. – Tal-uya respondeu, caminhando até eles. — *Se* reativarem também nossas armas e todas as tecnologias do jardim, serão bem vindos em meu baile. Apenas se deixarem para trás qualquer *truque.*

Ela olhou para o jovem humano, que esboçou um pequeno sorriso irônico e guardou o disco de volta na jaqueta de forma exagerada, quase teatral. As armas nas mãos dos soldados de Kepler voltaram a funcionar, e as roupas de nanotecnologia dos Grimaldi voltaram a brilhar. Um semblante de satisfação ocupava todo o rosto do humano. Seja qual fosse o objetivo deles ali, parecia já ter conseguido.

— Vamos… – Tal se virou, olhando para a sua irmã e as pessoas em volta. —Vamos voltar à festa, por favor? – pediu com um sorriso.

Cal-uya demorou alguns instantes para se recompor e então saiu andando pelo jardim, convidando as pessoas a provarem a bebida e sinalizando nervosamente para que a banda voltasse a tocar.

— Bom, se queriam estragar um baile e assustar toda a alta sociedade lunar…acho que conseguiram. –Tal-uya caminhou até os humanos, de forma receosa. — Era essa a missão de vocês? – indagou com a cabeça erguida.

Assim que o baile continuou, a princesa notou que os convidados começaram a se afastar, caminhando para os pontos extremos do terraço e mantendo a maior distância possível dos humanos.

— É claro que não. – o mais velho a respondeu e fez uma reverência. — Sinto muito que tenha tido que ser assim, alteza Tal-uya.

— Reuel, certo? – ela estendeu a mão para ele, em um ato de paz.

— Sim, senhorita. – o homem a cumprimentou.

— E você seria…? – Tal finalmente olhou de novo para o jovem humano, cujo olhar já estava fixo nela.

— Elliot. – respondeu com um sorriso e se aproximou, apertando sua mão. — Mas no meu clã me chamam de El. – a palma dele era áspera e quente, um contraste à fria e macia de Tal.

— Elliot. – Ela repetiu de forma inconsciente.

— Isso mesmo – Ele respondeu, percebendo o ato falho e segurando o riso.

— E o que vieram fazer aqui então? Além de zombar de mim e minha família?

Ela fechou o rosto.

— Não viemos aqui para isso, minha princesa. Temos preocupações maiores do que sua família e suas festinhas. – Elliot falou de forma tão mansa que Tal demorou para processar a ofensa.

— E para o que vieram, então? Certamente para lutar por minha mão é que não foi. – ela cruzou os braços.

— Viemos para avisá-la, minha princesa. – Reuel respondeu, com um tom de urgência. — Pelo menos tentar.

— Sua irmã nunca ouviria e nada se sabe sobre o paradeiro de seu pai. – Tal reparou que agora ambos se aproximavam dela e falavam em um tom mais baixo. — Você talvez…escute. – El continuou. — Pelo menos é o que o meu pai acredita. – Ele olhou para o mais velho.

Tal engoliu em seco e olhou em volta, sentindo seu coração bater mais forte. Muitas pessoas ainda os encaravam, temendo pela vida da princesa e amaldiçoando os humanos. Apenas esperavam pelo próximo truque que tirariam da manga.

— Vieram para avisar o quê? – Ela perguntou.

Elliot a fitou pensativo antes de responder. Moveu a cabeça instintivamente, percebendo os olhares que o acompanhavam.

— Dançaria comigo? – perguntou de repente, estendendo a mão.

Tal-uya o olhou com uma careta, confusa com a mudança abrupta de assunto.

— Será mais seguro – Ele falou, tomando a liberdade de pegar gentilmente a mão dela e a guiar até o centro do jardim, onde alguns lunares já bêbados haviam voltado a dançar.

— Vou sorrir assim como um bobo para pensarem que não ofereço nenhuma ameaça. – ele falou entredentes enquanto a encarava com um sorriso exageradamente forçado.

— E você acha que *isso* irá os convencer?! Depois de *literalmente* invadirem a festa com uma nave gigante?

— Tempos difíceis demandam decisões difíceis, princesa. – Ele respondeu, ainda com o sorriso.

— Pare com isso. – Ela chutou a perna dele.

— Ai! Está certo. – o rapaz desfez o sorriso e massageou a boca. — Eu sou um humano, mesmo que tivesse entrado pela porta da frente ainda não confiariam em mim.

— E eu não os julgaria. – Tal imitou o sorriso forçado dele, porém, refletindo sobre o quão aquilo era verdade. Não seriam aceitos de qualquer forma.

A banda mudou a música e eles começaram a dançar com uma certa distância um do outro.

— É o seguinte, princesa, nós vamos embora. – falou em um respiro e então se calou.

— É o quê? – Tal começou a rir.

Até que ele era engraçado.

— Nós, humanos, estamos prestes a deixar o seu mundo. É apenas uma questão de tempo para isso. Queríamos avisá-la de antemão.

— É mesmo? – O sorriso de Tal-uya não conseguia diminuir, era de fato hilário, louco e *hilário*. — E para onde iriam? A Terra não é mais habitável, se lembra?

— Bom, não por muito tempo.

— O que quer dizer? – Tal sentiu uma fincada em seu peito, e um vento forte passou por eles, arrepiando os pelos de seu braço.

— Nós não estamos destinados a ficar na lua para sempre, princesa. Nunca estivemos. – Ele continuou enquanto a balançava de acordo com o ritmo da música. — Sabemos que sua irmã é impiedosa, mas esperávamos que você fosse mais acessível. Que entendesse.

— Por quê? Por que eu? Por que entenderia?

— Bom, não nos expulsou de seu baile e nesse momento está dançando comigo. – ele levantou a sobrancelha.

— Porque vocês o invadiram! E não me deixaram outra opção. – a princesa soou ofendida. — Não significa que eu seja simpatizante com… seu po-povo ou que ofereça qualquer ajuda nessa ideia paranoica.

— Ah, ajuda? Não, não queremos sua ajuda. Não precisamos.

— E o que querem então?

— A sua não interferência. Que nos deixe ir.

A música acabou e ambos pararam, bem no meio do círculo onde dançavam. Um robô-garçom passou ao lado deles.

— Aceitam uma taça de buraco negro? – a voz mecânica do robô ofereceu, ele carregava uma bandeja que estava preenchida de taças com uma bebida escura, cujas bolhas dentro se assemelhavam a estrelas brilhando.

— Não. – Tal respondeu irritada.

— Por que não? – El deu de ombros e aceitou a bebida, genuinamente curioso.

— Veio aqui para me ameaçar, então? É isso? – perguntou enquanto ele dava um primeiro gole desconfiado da bebida.

— Não, não. – ele balançou a mão. — Para avisar. Iremos voltar e se o império lunar não se opor a isso, será melhor para ele.

— Engraçado, parece exatamente uma ameaça. – Tal cruzou os braços. — Vocês não têm tecnologia, nem força e nem planeta para onde voltar. Se pensa que o Império deixará que essa tentativa absurda seja concretizada, está completamente louco.

— É claro. – El sussurrou, frustrado. — Você pensa como eles então.

— E por que não pensaria?

— Por motivo nenhum. – levantou o olhar e sorriu. — Foi um certo desprazer, princesa, ainda assim agradeço. O aviso não era uma ameaça, pelo contrário. Não temos de fato força para enfrentar o império, está correta. Mas temos a proteção de algo muito maior que o seu pequeno planeta.

— E o que seria isso, então? – Tal sorriu, zombeteira.

— A gravidade. – ele sussurrou, plenamente convicto. — Ela está nos chamando de volta.



O primeiro sinal

A princesa abriu a boca para argumentar, mas nenhum som saiu de seus lábios. *Por que ele havia falado aquilo? O que significava?* Era exatamente o que seu pai havia dito horas antes e nada poderia ser mais pavoroso.

— Co-como sabia? – indagou atônita.

El franziu a testa, confuso. Porém, antes que tivesse a chance de responder, um som estrondoso ecoou pelo céu. Era de fato uma tragédia de baile. O barulho, dessa vez, não vinha das naves da orquestra, que aliás, havia parado, ele vinha de muito mais longe.

Os convidados olhavam assustados para o céu, tentando compreender de onde a explosão vinha. Elliot virou o rosto e seu olhar se encontrou com o do pai.

— Não pode ser… – ele sussurrou. — É muito cedo…

— O que é muito cedo? – Tal perguntou, assustada.

BAM. Um segundo barulho foi ouvido no céu, e mais uma vez, ninguém estava preparado. A estrutura tremeu sob os seus pés e, em um

impulso, Tal se segurou em Elliot para não cair. No momento em que ela pesou sobre o braço dele, o copo cheio da bebida preta que segurava se virou contra ela, manchando todo o seu belo e branco vestido, antes mesmo que ela pudesse se esquivar.

— Droga. – Elliot xingou, a segurando.

A cabeça de Tal-uya zunia, e suas pernas estavam bambas. Ela levantou a cabeça, recuperando o equilíbrio, e então viu, entre o ombro largo e os cabelos loiros de Elliot, o que havia causado tamanho estrondo.

Um satélite caía a toda velocidade, cortando o céu arroxeado da superfície lunar com uma fumaça preta. Era bonito e trágico. A imagem fez com que todos na plataforma ficassem histéricos. Os convidados começaram a correr para todos os lados, tentando de toda forma sair do jardim.

Em meio a multidão, Reuel conseguiu alcançar o filho e a princesa.

— Elliot, precisamos ir. – afirmou com uma tensão na voz. — Sinto muito, Alteza. – ele se virou para Tal-uya. — Não temos qualquer envolvimento nisso, mas sei que sua irmã não hesitaria em nos culpar.

— É verdade. – seu filho concordou, preocupado.

Ele tirou de dentro de sua jaqueta o disco prateado e com um movimento convocou de volta a nave deles, cujo corpo voltou a brilhar, mostrando que estava a todo tempo acima da plataforma.

— Precisamos ir. – seu olhar se voltou para Tal-uya e ele hesitou em se mover.

Seria uma desculpa, um convite, uma explicação? Ela nunca saberia.

— Foi um prazer, princesa. Sinto muito pelo vestido. – foi tudo o que ele disse antes de desaparecer pelo jardim com o pai.

Não demorou muito para que Cal a encontrasse.

— Tal, você está bem?! – indagou horrorizada, olhando para o vestido. — O que aquele *humano* fez?! Vamos, precisamos sair daqui!

Cal agarrou o braço da irmã, que permanecia calada e confusa. Elas caminharam até uma nave acoplada à plataforma e ambas entraram sem pensar duas vezes, deixando os outros clãs sozinhos na plataforma.

Em alguns minutos, o jardim já havia sido esvaziado e ambas estavam em segurança dentro da primeira torre do palácio, assistindo da sacada o satélite cair do céu.

— O quê eles fizeram? – Cal rosnou, fitando a trágica cena.

— Que-quem? Os humanos? Acredito que não foi feito deles, nem poderiam…

— É claro que não, eles apenas invadiram seu baile e desativaram *todas* as tecnologias do jardim com um objeto do qual não temos nem conhecimento do que seja. – ela se virou para trás, e seu olhar irritado encontrou o da irmã. — Ah, e o seu vestido! – Choramingou entredentes. — Isso não podia ter acontecido, não podia! É um alívio não terem te visto neste estado.

— Calma, Cal. – Tal se aproximou dela, serena, a mente ainda borbulhando. — É apenas um vestido.

— É claro que não! – A irmã berrou. — É o vestido do *seu* baile dos clãs! Branco, puro, que agora está manchado com a cor do último clã que eu gostaria. É um péssimo presságio.

Só então que Tal-uya entendeu do que a irmã falava. Ela se afastou da sacada e olhou seu reflexo no espelho. Havia um motivo pelo qual as princesas trajavam branco no dia do baile, ainda não pertenciam a nenhum clã. E era tradição que ao fim do baile, quando a princesa escolhesse o clã no qual se ligaria através do matrimónio, que seu vestido fosse tingido pelo pretendente escolhido. Ele deveria usar a cor da casa na qual pertencia, a cor do clã no qual ela faria parte daquele momento em diante e para sempre.

E agora seu vestido, antes impecável, estava marcado, manchado com um longo traço preto, que era exatamente a cor de um dos clãs da Terra, o clã de Europa. Elliot, sem ter a intenção, havia marcado seu vestido e garantido que a tradição do baile não deixasse de ser cumprida. Ela dançou com um pretendente, afinal, ele. E seu vestido agora estava marcado com as cores do clã dele. Não poderia ter tido maior azar.

— Eu não tenho que me casar com ele agora, tenho? – perguntou horrorizada, fitando seu reflexo no espelho.

— É claro que não! – Cal gritou estridente. — Eu nunca permitiria! Tire o vestido agora, logo! Antes que alguém veja.

— Ce-certo. – Tal a encarou com os olhos arregalados e correu direto em direção ao banheiro.

Entrou no banheiro com o coração acelerado. De tudo que tinha imaginado e temido sobre o seu baile, nunca poderia ter previsto a tragédia que ele foi de fato.

Tirou o vestido correndo e entrou de vez no chuveiro. Queria tirar logo a bebida e as memórias daquela tarde do corpo. Com a cabeça encostada no vidro, começou a rir de nervoso do desastre que havia sido sua tarde. Colocou as mãos geladas no rosto cinza, tentando recuperar a

maturidade. Quem era Elliot e por que ele havia feito aquilo? Por que havia invadido seu baile e manchado seu vestido? E o mais importante: Por que pensava que ela poderia ajudá-los e *por que* falou aquela coisa estranha sobre a gravidade?

Talvez sua irmã estivesse certa, era possível que os humanos fossem de fato tudo o que havia de errado naquele planeta.



A canção adormecida

Cal-uya falava tanto, que Tal-uya parou de prestar atenção e passou apenas a assentir, porém, com os olhos fixos no corpo adormecido de M4, no chão de seu quarto. Depois de algum tempo, sua irmã finalmente foi embora e a deixou sozinha.

Aliviada, Tal deitou o corpo na cama, finalmente podendo descansar de todo o estresse daquele dia. Ela fechou os olhos, deixando seus pensamentos correrem livres em sua mente. O satélite que caiu colidiu com estruturas comerciais na cidade, os prédios foram evacuados o mais rápido possível, mas ainda assim houveram cinco mortes, três humanos e dois lunares.

Ela não sabia muito sobre os satélites até aquele momento, tinha consciência de que certas partes da superfície lunar eram inabitadas, só que nunca havia se perguntado o que tornava a sua grande cidade diferente, capaz de abrigar e multiplicar a vida, florescendo em arranha-céus, hologramas e uma população que só crescia. Aparentemente, pelo que sua

irmã deixou escapar, aquele satélite que caiu fazia parte disso, de um sistema invisível que poucos tinham conhecimento.

— M4 – ela abriu os olhos e levantou da cama de uma vez, chamando o robô.

As luzes do pequeno drone foram ativadas, ele se levantou e se locomoveu até a borda da cama.

— *Sim, minha senhora.*

— Tem alguma atualização sobre o satélite que caiu?

O robô permaneceu em silêncio por alguns instantes, e ela pôde ouvir as engrenagens se movendo enquanto ele se conectava à rede central da cidade.

— *Dois bairros foram temporariamente evacuados, alguns lunares relataram doenças respiratórias. Uma operação de Grimaldi já está em ação para substituir o equipamento.*

— Certo… – resmungou, confusa. — E sobre…os humanos? – perguntou, de repente, os olhos brilhando. — Me mostre tudo o que tem sobre a chegada deles à lua.

— *Certo.* – o robô concordou e começou a se mover para trás, se afastando da cama.

Um compartimento se abriu em seu pequeno corpo e de lá ele refletiu um largo holograma azulado, mostrando seus arquivos para a princesa.

Tal se aproximou, fitando as diferentes pastas e tocou na que estava escrito “a chegada”. A pasta se abriu, mostrando filmagens, desenhos e textos ao mesmo tempo. Ela clicou em um texto e ele ganhou foco.

“Há trezentos anos atrás os humanos chegaram à superfície lunar, fugindo de seu precário planeta, o pequeno satélite que circula a Lua. Eles chegaram em diferentes naves, em uma tecnologia rudimentar e foram recebidos de braços abertos pelos líderes que governaram nosso amado planeta antes da implementação do Império lunar.

Porém, algumas décadas depois, os humanos se rebelaram contra nosso povo, querendo tomar o controle do planeta que havia os recebido tão calorosamente. Por isso, foi necessário pôr em prática um sistema de contenção: eles foram enviados para as cavernas lunares, como punição por sua rebelião e passaram a viver à serviço do Império, como forma de pagamento por habitarem nosso planeta e compartilharem de nossa atmosfera.

Um riso incrédulo saiu da garganta de Tal. Como poderiam cobrar alguém por dividir uma atmosfera? Não era como se a lua fosse exclusiva deles. Nenhum planeta pertencia a ninguém a não ser ao espaço à sua volta. Isso não fazia sentido nenhum. *Mas ao mesmo tempo,* sua mente contestou, *os lunares estavam lá há muito eras, eram o povo natural da Lua, nada mais justo que estabelecessem algumas regras.*

Sua mente se deu por vencida, e ela continuou a leitura do texto com uma outra dúvida a rondando.

— M4, temos registros sobre as naves que trouxeram os humanos até aqui? – ela perguntou. — O documento diz que era uma tecnologia rudimentar, mas não acho que nada que seja capaz de fazer uma viagem interplanetária deve ser considerado *rudimentar*.

Como de costume, M4 demorou alguns instantes e então respondeu.

— *Todos os documentos sobre a tecnologia humana são propriedade do clã de Grimaldi e só podem ser acessados com autorização.*

— Mas eu sou a princesa! – resmungou. — Isso deveria me dar alguma…autorização.

— *Sinto muito, mas nesse caso não.*

— Você não vale pra muita coisa, sabia, M4?

O robô fez um som ininteligível, como se estivesse ficado magoado. E sua roda solitária começou a arrastá-lo para trás.

— Ei, ei, eu não estava falando sério. – Tal pulou da cama e se ajoelhou no chão.

Algum engenheiro de Grimaldi havia errado feio na hora de construir o robô, porque, com certeza, ele tinha reações humanas demais para um droide.

— Somos até parecidos, M4. Você e eu. Um robô de armazenamento que não tem respostas, e uma princesa que não tem autorização para nada.

Ele se aproximou dela novamente e parou aos seus pés.

— Às vezes, parece que sou mais um adereço do império do que uma princesa de fato. – sussurrou.



Sem respostas ou ânimo para sair do quarto, Tal-uya fechou as pesadas portas da sacada e observou enquanto a escuridão preenchia o cômodo. Estava cansada, confusa e, por mais fútil que pensasse ser, verdadeiramente frustrada por seu baile ter sido arruinado. Seu cabelo rosa não estaria nos jornais pela manhã, afinal.

Ela acomodou o corpo nos travesseiros da larga cama e adormeceu antes mesmo que pudesse perceber. Sonhou com uma memória guardada entre os corredores mais distantes do seu inconsciente. O cômodo mudou a sua volta, a luz era bem mais clara, porém, sua vista estava completamente embaçada. Ela se sentia pequena, completamente dependente e imóvel, no entanto, de alguma forma, segura. Dois vultos se estendiam acima de si, bloqueando um pouco da luz. Uma melodia vinha deles, uma mistura entre o tom grave de uma voz masculina e o doce agudo de uma voz feminina.

De início distante, o som se tornou mais alto e a letra do que parecia ser uma canção, mais clara aos seus ouvidos:

Eu vivi os meus dias contando as estrelas,
colecionando as dores que me trouxeram até esse planeta,
sou forasteiro em uma terra estrangeira,
sinto saudades de um mundo que nunca vi,
e pergunto se nossa história acabará por aqui.
Mas ninguém é órfão se tem um lar para onde voltar,
somos filhos do sol e herdeiros do mar,

em nosso sangue está cravado a promessa,
de que um dia,
juntos,
retornaremos para a Terra.

Cada linha ecoava de forma tão profunda na mente de Tal, que ela despertou completamente do seu estado de sono.

Se levantou, sentando-se de uma vez, ofegante e com a cabeça girando, tentando identificar o que era sonho e o que era real. Deixou a cama e saiu tateando pelo quarto até conseguir acender as luzes. Respirou aliviada, vendo que de fato estava em seu quarto e permanecia sozinha. Passou as mãos pelos fios cor de rosa e fechou os olhos, deixando sua mente se acalmar por alguns minutos.

— Bom dia, M4 – falou, ao passar pelo robô que estava desativado no chão.

— *Bo-bom dia.* – o robô acordou e começou a segui-la.

Tal-uya caminhou até a sacada, abriu uma das portas e andou até o lado de fora. Toda a vista da cidade lunar se estendia à sua frente, prédios e mais prédios. O céu, sempre com um tonalidade ora roxa, ora acinzentada, mostrava um sol fraco à distância e nenhuma estrela à vista.

Apertando seu robe contra o corpo, Tal caminhou até a borda, que era coberta por um parapeito de vidro e se sentou no chão, cruzando as pernas. O pequeno robô a acompanhou e parou ao seu lado.

— M4 – ela se virou para ele, de repente –, o que temos sobre… música ou poesia humana?

— *Bom* – o robô falou, depois de alguns momentos – , *Encontrei mais de trinta canções típicas humanas no registro do palácio.*

— Posso ver elas? – Tal-uya se virou, ajeitando-se de frente para o robô.

— *Claro.*

Uma tela de holograma surgiu na sua frente como na última vez, lhes mostrando diferentes documentos. Ela passou um a um, procurando uma letra que lhe fosse familiar. Seu dedo se movia freneticamente.

— E-esse! – falou de repente.

Não fora alucinação de sua mente, afinal. Havia mesmo sonhado com uma canção humana. A música no holograma era muito maior e com muitas outras estrofes, mas era definitivamente aquela.

— O que pode me falar desta canção? Existe alguma história ou tradição por trás dela?

— *Um momento.* – o holograma desapareceu, e M4 ficou em completo silêncio. — *Sim, encontrei.* – continuou com animação. — *Essa é uma canção típica cantada pelos pais humanos às crianças recém nascidas. A intenção é que antes mesmo que aprendam a falar, já a saibam de cor.*

Tal engoliu em seco. Seu corpo inteiro tremeu, e ela encostou na mureta da sacada para se acalmar.

— *Percebo que seus batimentos cardíacos se elevaram. Está tudo bem, minha senhora?* – M4 constatou.

— Ca-claro, está sim. – respirou fundo, fechando os olhos.

Não podia ser, não podia ser.

— Apenas me confirme a informação, por favor.

— *A canção 'filhos da Terra' é parte da tradição e da criação das proles humanas, em seus quatro clãs que habitam nosso planeta.*

— Certo, então. – a princesa respirou fundo. — É claro… — Soltou o ar com um riso de nervoso. — Então por que eu sonhei essa noite que alguém a cantava para mim? – soltou a pergunta, desabafando.

— *Eu não sei, minha senhora. É difícil imaginar como teria contato com algo tão particular à cultura deles.*

— Claro, claro. – suspirou, abafada.

E isso não era nem o pior de tudo. Sentada ali na sacada, tentando alinhar seus pensamentos, Tal percebeu que aquela não era a primeira vez que sonhara com aquela canção.



O complexo de Tycho

A música estava ali, adormecida na sua mente. Ela teve a impressão de que sonhava com isso frequentemente, porém, se esquecia pela manhã. Aquela manhã, todavia, havia sido diferente. A lembrança estava lá e, com ela, a ameaça de algo muito… pior.

— *Tem uma reunião com o ministro de Tycho daqui uma hora, minha princesa.* – o robô a lembrou, depois de alguns minutos passados em que ela apenas observava a cidade em silêncio.

— Te-tenho? – Ela virou a cabeça, a consciência voltando para o corpo.

— *Sim. Como a diretora de arte do novo complexo, é crucial sua presença em cada etapa da obra.*

— É claro. – Tal se levantou em um pulo. — O novo complexo comercial em Xyza, eu me esqueci completamente.

Com sua aptidão natural para arte e moda, Tal-uya demonstrou anos atrás seu interesse na infraestrutura e cultura lunar, o que fez com que sua irmã lhe conseguisse uma função em Tycho. Um cargo simbólico, para que a

lealdade da princesa não fosse atrelada àquele clã específico, mas ativo o suficiente para que preenchesse sua agenda e tornasse seus dias mais interessantes.

Determinada a cumprir sua função e tentar esquecer um pouco tanto da tragédia de seu baile quanto do sonho, ela trocou de roupa e deixou o palácio. A cápsula que pegou voava silenciosamente pelo céu da cidade, atravessando alguns hologramas no caminho. Os bairros que constituíam o clã de Tycho eram de fato os mais agitados e coloridos. Era lá onde ficavam as fábricas, as grandes lojas, os teatros e os shoppings, tudo para o entretenimento dos lunares e para conseguir tirar deles o quanto de dinheiro fosse possível.

O complexo no qual estava auxiliando seria um shopping de roupas de grife, que aceitaria como cliente apenas membros da alta sociedade e onde todas as marcas estavam comprometidas em criar coleções que remeteriam à antiga cultura lunar e às tribos originais do primórdio daquele mundo. E claro, Tal-uya seria a modelo de cada uma delas, com seu rosto estampado em cada outdoor do lado de fora da construção.

Quando o módulo pousou no chão, viu que um holograma de dois metros de si mesma dançava alegremente bem à frente, com o cabelo ainda verde e trajando um curto vestido cor de rosa com fitilhos que se balançavam quando girava. Ela não pôde evitar uma pequena careta e passou pela imagem, entrando com M4 no prédio.

Com três andares, a construção estava na reta final, com apenas alguns ajustes para terminar e então ser aberta para o público. Um grupo de trabalhadores humanos passou por ela na entrada, eram operários humanos, já que nenhum lunar trabalhava em construções. A olharam com receio, uns com fascínio, outros com raiva. e todos seguiram o seu rumo.

Ela encontrou o ministro Isylian já no primeiro andar, discutindo com um grupo de costureiras – também humanas, que organizavam a vitrine de uma grande loja. Assim que viu a princesa, com seu cabelo rosa reluzente, um vestido azul colado ao corpo e botas da mesma cor, seus olhos se iluminaram.

— Basta. – ele gritou com a humana e balançou a mão na frente do rosto dela, sinalizando para que parasse de falar. — Minha princesa! – Exclamou no instante seguinte, jogando as mãos para o alto e mudando completamente o semblante.

— Olá, ministro. – ela sorriu, caminhando até ele. — A obra está magnífica, tenho certeza de que será um sucesso.

— Assim como você, alteza, magnífica como sempre.

— Obrigada.

— Eu sinto muito sobre seu baile dos clãs… – ele esboçou um semblante triste e colocou a mão sobre o coração, os fios verdes do longo cabelo caindo-lhe pelo rosto. — A explosão de ontem pegou todos de surpresa.

— Ah, está tudo bem. – Tal-uya engoliu seco, se forçando a manter o sorriso. — Não tem importância, talvez seja até a desculpa perfeita para um segundo baile, não acha?

— Ah, com certeza, minha princesa. – ele forçou uma risada. — Até lá espero que todas as nossas coleções estejam prontas.

— E como está o andamento da produção? Vejo que o espaço já está quase pronto, mas algumas seções estão vazias… – correu os olhos pelo local e começou a caminhar até os manequins da vitrine.

— Bo-bom… – o senhor lunar coçou a garganta e caminhou até ela. — Estamos tendo alguns problemas com a mão de obra, mas nada preocupante.

— Os humanos, no caso.

— Sim.

— Quais problemas? – ela voltou o rosto para ele, intrigada.

— Não querem aceitar o pagamento, se recusam a trabalhar, *ousam* pensar que podem negociar conosco, mas não podem. Irão se submeter, de qualquer forma. – o lunar revirou os olhos.

—E por que não podemos… pagar mais, ou ao menos ouvir as reivindicações deles?

— Porque os humanos *são* inferiores aos lunares, eles trabalham para nós, não *são* nossos iguais. Não existe negociação entre nossos povos. Às vezes eles esquecem disso, mas não podemos permitir que aconteça. Manter o mínimo de salário possível é uma forma de lembrá-los de que continuam dependentes de nós.

—Isso não é… cruel? – ousou perguntar, engolindo seco.

—Cruel? – o ministro riu, jogando seu cabelo alisado para trás. — É misericordioso, eu diria. Mas não deve se preocupar com eles, minha princesa. Eles se curvarão ao Império, – seu olhar frio reforçou, encontrando o da jovem. — Assim como todos os seus antepassados fizeram.



Nubium

Tal chegou ao palácio ao anoitecer, permaneceu trabalhando no complexo por todo o dia, tentando, de forma inconsciente, se manter o mais longe possível do palácio. Sentia que conseguia pensar melhor sem ter sua irmã por perto ou qualquer pressão maior que os aposentos reais a causavam. Percebeu também, que sua curiosidade a manteve próxima dos humanos que trabalhavam na construção, tentando vez ou outra, engajar em pequenas conversas com eles, o que, claro, não agradou ao ministro. Ela até mesmo pensou em perguntá-los sobre a canção humana que até aquele momento ecoava em sua mente, contudo, se conteve no último momento.

— Onde você está? – a voz de sua irmã bradou pela pulseira-comunicador que usava, assim que entrou no seu quarto do palácio.

— Estou no palácio, acabei de chegar. O trabalho em Tycho tomou mais tempo do que imaginava. – se explicou, tirando as botas com dificuldade.

— Não é um *trabalho* propriamente dito, Tal-uya, – Cal zombou. — Pare de agir como se soubesse o que é isso.

Os pés da princesa travaram no chão, insultos gratuitos não eram exatamente o que ela mais amava na irmã.

— O que quer dizer? – cerrou os dentes, porém, tentando soar respeitosa.

— Nada. Só estou cansada. Os eventos de ontem deixaram os humanos agitados, e conter uma praga é sempre mais difícil quando ela ganha força.

Aquilo era o suficiente, Tal-uya estava cansada de ouvir lunares diminuindo os humanos durante todo aquele dia. De alguma forma, se tornara estranhamente pessoal.

— Minha irmã, se não se importar, terei de desligar. Tudo o que quero agora é tomar um banho e poder descansar.

— Ah, certo. – Cal-uya entranhou a frieza. — Amanhã nos reuniremos pela noite, para planejar o próximo baile.

— Já?!

— Mas é claro, a estabilidade do Império depende disso. – e assim, a irmã mais velha desligou, sua voz sendo silenciada na pulseira e substituída pelo silêncio do cômodo.

A princesa tomou um banho rápido e deitou em sua cama, se enrolando entre as diferentes camadas de lençóis. Apenas quando encostou a cabeça no travesseiro percebeu que não tinha tomado seu banho de mióxio pela manhã. Sorriu aliviada, encontrando uma certa rebeldia e conforto no ato. Antes que pudesse pensar mais sobre os humanos, Cal-uya ou qualquer outra responsabilidade, adormeceu.

Como esperado, a canção embalou a sua mente mais uma noite, se repetindo constantemente, misturada a flashes do que parecia ser uma festa de aniversário humana.

A cena mudou de vultos para algo concreto, quando percebeu que estava na comemoração, cercada por humanos para onde quer que olhasse, mas ninguém parecia notar sua presença. Ela caminhou entre eles, demorando alguns minutos para notar que não se moviam, estavam todos estáticos no mesmo lugar. Reparou que de seus pés saíam grandes raízes de cor verde que se emaranhavam umas nas outras, perfurando o chão. Tal-uya olhou em volta, assustada e andou sem rumo, tentando deixar o local e se afastar o mais rápido possível de todos. Nunca tinha visto algo assim antes.

Ela correu até dar de frente com um grande espelho e percebeu que, no instante seguinte, toda a festa atrás de si tinha desaparecido. Estava

sozinha, em um vazio, cercada pelo reflexo do espelho para onde quer que olhasse. E foi então, depois de alguns segundos, que se deu conta de algo terrivelmente errado sobre si mesma. Se aproximou da superfície espelhada sem acreditar e tocou o próprio rosto, vendo o reflexo à frente fazer o mesmo. Só que o seu reflexo no espelho não era lunar e sim humano, com a pele clara e amarelada, sem nenhum resquício do tom acinzentado.

Ela abriu os olhos, assustada e acordou. Respirou pesadamente até os seus batimentos se alinharem. Estava sonhando, é claro.

Se levantou depois de um tempo, acendendo as luzes do quarto e fitando sua pele acinzentada no espelho, ainda era ela, ainda era lunar. Mesmo assim, uma dúvida cresceu em seu peito, se tornando uma indagação que precisava ser respondida. Não sabia o que aquilo significava, entretanto,precisava de respostas. Uma específica, para uma única pergunta que já a atormentava há mais tempo do que gostaria de admitir.

Caminhou até o seu armário e trocou de roupa rapidamente, com uma determinação anormal tomando conta do seu corpo. Colocou um conjunto de calça e blusa cinza que realçava sua magreza. Junto delas, vestiu um longo casaco preto com linhas neon. Queria ao máximo esconder sua identidade. Seria necessário para onde ela estava indo.

— Senhorita, precisa tomar seu banho diário de mióxio lunar. – o robô interveio, seguindo-a até a porta.

— Hoje não, M4. – Tal falou e fechou a porta, deixando-o lá dentro.

Ela andou apressadamente pelos corredores do palácio, tentando não ser notada. Pegou o elevador sozinha e desceu até o térreo. Quando havia passado pelos cômodos mais cheios e agora percorria o corredor central que a levava para a saída…

— Por que está vestida assim? – uma voz soou atrás dela.

Ela parou de uma vez, atordoada. Sabia exatamente a quem a voz pertencia. Tal virou o corpo lentamente e deu de frente com sua irmã, vestindo um terno social vermelho e com as mãos paradas na cintura.

— Bom dia, Cal. – disse entredentes.

— Mau dia, você quer dizer. A cidade está um caos total. – a outra começou a falar e pegou em seu braço, caminhando e levando-a pelo corredor. — Me perdoe por ontem, a população está agitada e dois prédios lunares foram destruídos. É o maior dos meus pesadelos ganhando forma. Mas você fez certo ontem, em cumprir seu compromisso com Tycho.

Tal-uya esboçou um pequeno sorriso, ver sua irmã sendo moderadamente amorosa pela manhã não era algo com o que estava acostumada. Uma surpresa inesperada, todavia, bem-vinda.

— Você vai dar conta. Sempre dá. – a consolou, falando com sinceridade enquanto tentava sair o mais rápido possível daquela conversa.

Ela deu dois tapinhas na mão de Cal e tentou desenroscar seu braço.

— Pera aí. – a irmã a segurou. — Para onde você está indo? Não costuma nem acordar nesse horário. Está lembrando da nossa reunião pela noite, certo?

— Cla-claro! E-eu… – , tentou pensar na desculpa ideal. — Eu quero visitar minhas cabeleireiras no salão em que trabalham exatamente para estar o mais bela possível para a reunião e… o próximo baile, seja lá quando ele for. Acabou que não gostei tanto assim do corte. – fez uma careta.

— Então tudo o que pensa é no seu cabelo… – Cal-uya murmurou.

Tal se sentiu incomodada, mas preferiu não protestar. Era de fato uma boa desculpa porque geralmente aquela era a dinâmica das duas. Cal cuidava de tudo, segurando todas as pontas possíveis, enquanto Tal-uya… bom, geralmente, Tal cuidava da sua aparência. Lhe doeu admitir isso, só que era a verdade, e era exatamente por isso que sabia que a irmã não desconfiaria do que estava prestes a fazer.

— Tudo bem… – Cal-uya suspirou. — Não me importo que vá, a verdade é que também não gostei do cabelo tanto assim.

O olhar temeroso de Tal-uya se dissipou levemente em um risinho.

— E só agora me fala isso?!

— Me desculpe! – a mais velha riu, colocando a mão na boca. — Não queria te contrariar no seu dia.

— Tudo bem… – Tal abaixou o olhar, tentando não se distrair da sua verdadeira preocupação. *Que se explodisse o cabelo.* — Eu irei, então. – falou, começando a caminhar em direção à porta.

— Espere. – Cal segurou seu braço mais uma vez. — Certifique-se de que um de nossos motoristas a leve e… não demore lá, por favor. Não gosto da ideia de você passar muito tempo com aquela *gente*.

O nojo que ouviu na voz da irmã fez o estômago de Tal embrulhar.

— Não vou. – foi tudo que ela respondeu, de forma seca, antes de sair andando determinada em direção ao saguão central.

Tal caminhou apressadamente até sair do palácio. Se dirigiu até o estacionamento de pequenas naves, todas à serviço da família imperial. As

naves eram estruturas redondas, porém, achatadas e não comportavam mais de duas pessoas. Ela caminhou até elas e, se aproximando da primeira, foi recepcionada por um guarda com o uniforme de Kepler:

— Bom dia, princesa. Gostaria de ser levada a algum lugar?

— Não preciso que me acompanhem, vou apenas pegar uma das naves. – disse de forma decidida e se esquivou do homem, continuando a andar.

— Ah, tu-tudo bem. – o guarda ficou encabulado e voltou para sua posição.

Ela foi até a primeira nave, cuja porta se abriu assim que foi feita sua leitura facial. As naves estavam ao dispor da família real, portanto, sua identificação já estava na programação da máquina.

— *Princesa Tal-uya* – a voz mecânica da inteligência falou. —, *para onde gostaria de ir?*

— Para o bairro de Nubium.

A pequena nave começou a flutuar e partiu, cortando o céu lunar.

O bairro de Nubium era o mais humano que poderia ser encontrado na superfície. Ele marcava a entrada da primeira caverna lunar, onde residiam o clã da África e o da América. Muitos de seus moradores subiam à superfície para trabalhar ali, servindo os comerciantes e empresários lunares com todos os tipos de serviços. Ruth e Abe de fato trabalhavam em um salão na região, mas obviamente Tal não estava indo vê-las, nem sabia exatamente o que procurava, só sabia que tinha que ir ao lugar mais humano possível.

Em alguns minutos, a nave tocou o chão já congestionado pelo trânsito. A porta se abriu, e Tal-uya saiu de uma vez, se misturando entre as pessoas que atravessam a rua. A nave fechou e alçou voo novamente, se perdendo no céu poluído de construções. A princesa colocou o capuz do casaco preto que usava sobre a cabeça, disfarçando seu cabelo. Nubium era talvez o bairro mais populoso do império lunar, carros e pessoas dividiam as ruas, grandes hologramas falhos preenchiam as calçadas oferecendo produtos e serviços à preços exorbitantes. Os prédios não seguiam tão bem o resto da arquitetura da cidade, construções haviam sido feitas uma sobre as outras e todo o local dava a impressão que estava prestes a colapsar. Estranhamente, isso a fez se sentir mais calma.

Ela atravessou as ruas procurando por algo que nem sabia ao certo o que era. Compreendia que, de alguma forma, a resposta que queria estava

ali, *precisava estar.* Foi quando viu um grande holograma estendido sobre uma construção quadrangular percebeu que havia encontrado.

Em letras neon laranja e rosa do outdoor dizia: "*Descubra o quão lunar você é! Mestiços têm direitos à educação e sistema de saúde lunar. Garanta o futuro do seu filho!"*

No início e até mesmo naquela época, com a convivência entre as diferentes raças, crianças mestiças, fruto de relacionamentos entre humanos e lunares, eram comuns. Aquela era uma clínica clandestina de testagem de DNA, que, por um preço exorbitante, prometia uma vida melhor para crianças que eram afortunadas o suficiente para serem metade lunares. E era por isso que estava tão cheia, mesmo naquele horário da manhã.

Sem nem entender mais o que fazia, ela se viu na fila, espremida com outros humanos. Suas mãos suavam frio e ela se sentia claustrofóbica, contudo, sabia que era *aquilo*, era essa a confirmação que precisava.

Ainda mantinha a esperança de que era tudo coisa da sua cabeça e que sairia dali e voltaria para seu palácio tendo certeza de que era lunar. Pensando bem, talvez ela não precisasse daquilo. Já era uma princesa, já tinha toda a confirmação necessária. Mas quando se moveu para sair da fila, a memória do sonho da noite anterior voltou à mente. Seu rosto pálido como o de um humano. Ela parou, permanecendo onde estava. Só precisava da constatação e então, não seria mais perturbada por isso. Respirou fundo e continuou, à medida que via a fila diminuir.

Muitas pessoas não tinham de fato dinheiro o bastante e entravam ali tentando barganhar, só saíam frustradas e xingando o estabelecimento. Rapidamente ela estava de frente para o balcão, encarando uma mulher humana de olhos puxados, cabelos pretos e uma grande tatuagem no pescoço.

— Setenta ciclos. – a mulher cobrou sem delongas, sem nem olhar para ela direito.

— Ce-certo.

Nervosa, Tal posicionou seu bracelete no leitor que estava em cima do balcão, passando o dinheiro para a máquina e começando a concordar com as pessoas que saíram xingando o estabelecimento. Era bom que aquele teste valesse a pena.

— Cabine três. – A mulher entregou um pedaço pequeno de papel e apontou para a esquerda do estabelecimento, onde um vidro verde escondia o que havia do outro lado.

Ela saiu da recepção e caminhou até o local. Um robô recolheu seu bilhete e a deixou entrar.

— *Cabine três.* – ele repetiu.

Era um pequeno corredor, com sete cabines de testes de DNA automáticos. Tal-uya procurou pelos números e se sentou na pequena cadeira da cabine três. As cabines eram abertas, apenas com um vidro separando uma das outras.

Um pequeno braço mecânico foi ativado e ela foi instruída, pelo visor, a colocar sua mão no espaço que havia no braço robótico. Pequenas garras de metal seguraram sua mão, e então uma agulha perfurou seu dedo indicador, coletando seu sangue. O braço a soltou, e o sangue foi levado para análise dentro da máquina.

“Cinco minutos até que seu resultado fique pronto.” Avisava o visor.

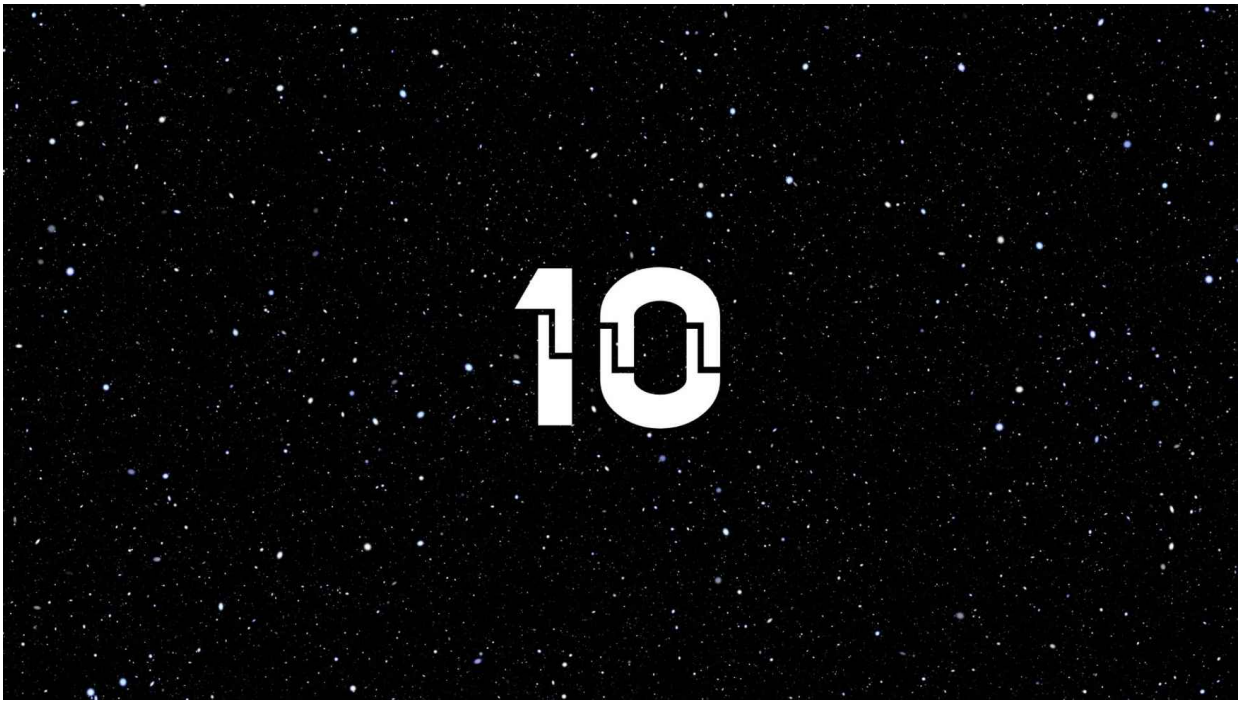
Ela coçou o pescoço, sentindo as mãos transpirando e cobriu ainda mais a cabeça com o capuz, garantindo que não fosse reconhecida.

Os minutos demoraram uma eternidade para passar, e a cada segundo, Tal-uya se convencia mais e mais que era de fato lunar. É claro que seria, ela apenas havia tido um pesadelo. Era emotiva demais, assim como o pai, por isso tomou aquela decisão precipitada. Sua irmã sempre criticava aquela tendência em sua personalidade.

O visor informou que o resultado estava pronto. A princesa sorriu e colou os fios de cabelo para trás da orelha, estava confiante. Era Tal-uya Knox e nada mais. O tempo que a máquina demorou para imprimir o resultado foi um sufrágio, e assim que o papel saiu, ela se levantou e o pegou aliviada.

Seu sorriso, porém, morreu no instante em que leu o que estava escrito:

“Sentimentos. Você é 100% humana.”



Donnie’s

—O quê?! – Tal balbuciou, sentindo o chão se desfazer sob seus pés.

A mão que segurava o papel tremia com força, e ela tentou amassá-lo, mas não conseguiu. Sabia que aquela era a verdade, mesmo que não fizesse qualquer sentido, sentia, ou melhor, temia há muito tempo.

— Cem por cento humana. – repetia para si mesma enquanto forçava suas pernas a saírem do estabelecimento.

Sua cabeça girava, e com ela, todo o mundo à sua volta. Estava longe de casa, e o sinal de seu bracelete estava instável, não tinha forças para pedir ajuda nem para caminhar até a base imperial mais próxima. Teria simplesmente caído e ficado no chão daquela rua, se uma figura forte não tivesse esbarrado com ela bem naquele momento.

— Desculpe. – uma voz familiar falou, se afastando.

Não tinha forças para olhar e ver quem era, então, não se importou, já que estava prestes a desmaiar.

— Tal-uya?! – a voz voltou, e com ela o corpo que a princesa não conseguia ver direito.

Tal levantou a cabeça e viu, de forma bem embaçada, um homem de uniforme preto e cabelos loiros puxados para trás.

— Elliot? – sussurrou, lutando o máximo que pôde para continuar presente.

— O que está fazendo aqui?! Não pode andar assim por aí. Onde estão os guardas? – sussurrou, olhando em volta.

— Eu…eu na-não sei. – suas pernas falharam, e então Elliot percebeu que havia algo de errado.

— Princesa! – ele se aproximou e a segurou pela cintura. Percebeu que seu corpo tremia e viu finalmente o semblante pálido que cobria seu rosto.

No momento em que encostou nela, notou que o papel que ela segurava tinha caído no chão. Ele se abaixou rapidamente e o pegou, as palavras no documento saltando aos seus olhos. Engoliu em seco.

— Vamos, vamos sair do meio da rua. – a chamou decidido e a guiou gentilmente para dentro do estabelecimento ao lado da clínica.

A cabeça girando de Tal conseguiu apenas capturar a imagem embaçada de um letreiro *neon* escrito *Donnie's* e, ao lado dele, um holograma de um alimento que considerou horripilante.



Eles entraram no estabelecimento, e Elliot procurou a mesa mais afastada para se sentarem. Tal caiu na cadeira como um peso morto e, depois de deixá-la, ele foi atrás de um garçom. Voltou com um copo de água e um saquinho translúcido de sal.

Tal observou dormente enquanto ele misturava o sal na água e pensou que aquilo deveria ser considerado um crime.

— Aqui, beba. – Elliot entregou o copo para ela.

— O quê? – indagou zonza. — Isso deve ser horrível, eu não vou…

— Você está passando mal. Sua pressão deve ter baixado ou algo assim e, presumo que o conteúdo da carta foi o motivo. Por favor, beba, isso sempre funciona com… com *humanos*. – ele falou de forma hesitante.

"Com humanos" ecoou na mente dela.

— Por favor, apenas beba.

Tal fechou os olhos e duas lágrimas que já deviam estar lá por um bom tempo, finalmente rolaram. Elliot se assustou ao observá-la tão triste e ajeitou-se na cadeira, sem saber o que fazer.

Abrindo os olhos marejados, a princesa pegou o copo e bebeu todo o líquido de uma vez, sem nem olhar a figura à sua frente.

O rapaz se levantou novamente e pediu algo ao garçom que ela não entendeu. Ele voltou e se sentou novamente à sua frente. Sentindo um pouco da força voltar ao corpo, Tal se encostou na cadeira e deitou a cabeça, de olhos fechados. Ela respirou fundo, recuperando o equilíbrio.

— Tome, isto é seu.

Ela abriu os olhos e viu Elliot entregando o papel que havia confirmado sua tragédia, com um olhar preocupado no rosto.

— Você leu? – pegou o documento de forma brusca.

— Não pude evitar. Quando percebi sobre o que era… já tinha lido. Me desculpe.

Tal deu de ombros, cerrando os lábios, ainda sentindo o gosto de sal neles e tentando processar aquela revelação.

— Não está surpreso? – foi tudo o que conseguiu perguntar depois de alguns segundos se silêncio.

— Não. – ele respondeu de forma serena. — Eu já sabia.

— O quê?! – Tal-uya indagou surpresa, pela primeira vez, focando seu olhar nele.

— Dois hambúrgueres com *bacon* para o casal. – um homem vestindo um avental laranja se pôs entre eles sorrindo e colocando uma

bandeja na mesa.

Diferente de quase todos os estabelecimentos na lua, ali os atendentes ainda eram humanos.

— Nós não… –Tal bufou. — Obrigada.

Apenas aceitou a bandeja, e esperou o homem sair.

— Eu não vou comer isso. – olhou com desgosto para o alimento.

— Como assim? – Elliot pareceu ofendido. — Os hambúrgueres daqui são os *melhores* e… é uma comida típica humana, garanto que vai gostar.

— Então já sabia que sou humana? – seu olhar se voltou para ele, ressentida.

— Só vou falar se você comer. – ele cruzou os braços, determinado.

Tal fez uma careta e olhou novamente para a comida: dois pedaços de uma massa estranha amarelada e coisas coloridas no centro que ela não conseguia identificar. Porém, para sua surpresa, o aroma fez a sua barriga roncar, estava de fato com fome.

Contrariada, ela pegou o alimento com as mãos e deu uma primeira mordida. Tentou esconder a reação, não queria se dar por vencida, mas seus olhos se fecharam no momento em que sentiu a explosão de sabores. Era, de fato, muito diferente da comida do palácio, mas não era, de forma alguma, ruim.

Elliot sorriu do outro lado da mesa, se divertindo com a reação dela. Mesmo com a pele cinza e o semblante cansado, a princesa era muito bonita. Lhe pareceu mais bela naquele momento, enquanto usava roupas comuns e fazia careta comendo o hamburger, do que no dia anterior, quando parecia mais uma *deusa* do que uma pessoa de verdade. Naquele momento, gostou de saber que ela era de verdade.

— Existia um certo boato entre os clãs da Terra de que você poderia ser humana. –começou a falar de bom grado, como havia prometido. — Seu comportamento era um pouco diferente dos demais lunares, assim como suas feições. Nossos espiões confirmaram que uma grande quantidade de mióxio lunar era usada apenas para seus banhos e… bom, isso aumentou nossas suspeitas.

Tal-uya piscou, atônita. Haviam tantas coisas que ela não reparava ou não questionava… Sua irmã lhe falava que todos da família real também se banhavam em mióxio, só que ela em si, nunca havia visto. A pele de sua

irmã parecia sempre brilhante e mais saudável que a dela, que se tornava opaca em poucas semanas, caso não usasse o composto químico no banho.

— Só que ninguém sabia, bom, *eu* não sabia até… até ontem. –a princesa levantou o olhar, e ele se encontrou com o de Elliot, sereno e seguro. Irritantemente confortante.

— Como assim? – ela perguntou, dando mais uma mordida no pão.

Elliot balançou a cabeça.

— Não sei explicar, apenas soube assim que te vi.

Tal permaneceu em silêncio, fitando o hamburguer que se despedaçava nas suas mãos. Era uma humana, o que faria agora?

— Eu sinto muito que tenha descoberto assim… –Elliot disse depois de um tempo, cortando o silêncio. — Tenho certeza que… – hesitou, como se lhe custasse falar aquilo. — Que sua família apenas fez o que pensou ser melhor para você, não te contando.

— Não acredita nisso. – Tal o olhou com severidade, um sorriso de amargura crescendo.

— Não, não acredito. – ele abaixou o rosto, colocando as mãos na testa.

— Cresci vendo minha irmã diminuir, humilhar e até executar humanos… Não faz sentido… ela não pode saber, me odiaria se soubesse. – refletiu.

— Eu acho muito difícil que ela não saiba, princesa… Talvez seja exatamente por isso que escondeu o fato de você. Estava determinada em te tornar lunar.

— Ainda não faz sentido. – inconscientemente, Tal imitou o gesto dele e apoiou a cabeça nas duas mãos.

— De qualquer forma, quem saberia mais sobre sua origem provavelmente seria o Imperador e não Cal-uya…

Aquilo acendeu uma fagulha da mente de Tal. *É claro!* Seu pai saberia, ele certamente saberia de tudo.

— Eu preciso vê-lo. – ela se levantou em um impulso, sussurrando.

— O-o imperador está vivo?! – ele se levantou também, perplexo.

— É uma longa história… – ela ponderou se deveria falar, quase ninguém do palácio tinha consciência do estado de seu pai além dela e a irmã. Era por isso que o mantinham recluso da torre solitária. — Mas sim, ele está. – soltou de uma vez.



11

“humana, humana, humana”

—Precisa vê-lo… – Tal-uya falou.

Elliot colocou o dinheiro na mesa e saiu em direção ao corredor.

— Tem uma nave aqui com você? –ele perguntou.

— Na-não.

— Tudo bem, eu te levo de volta ao palácio. Vamos. – Começou a caminhar.

— Espera. Por que está fazendo isso? – o rosto de Tal adquiriu um semblante de desconfiança.

— Fazendo o quê?

— Me ajudando.

— Porque é humana, é uma de nós. – ele deu de ombros.

— Mas e se eu não fosse? E se eu fosse lunar, ainda me ajudaria?

Elliot parou, refletindo.

— Se eu encontrasse alguém naquele estado na rua, fosse você ou qualquer outra pessoa, gostaria de pensar que ajudaria sim. Agora aceita a minha carona? – estendeu a mão para ela.

— Aceito – ela pegou em sua mão, e saíram rapidamente do estabelecimento.

Para o desespero de Tal, a nave de Elliot era na verdade uma aeromoto que parecia estar caindo aos pedaços. Ela estava estacionada bem na rua à frente do estabelecimento.

— Ei, não faz essa cara. – Elliot percebeu o pavor no rosto da princesa ao chegarem até o veículo. — Está melhor do que aparenta.

— Bom, é que não era isso que estava imaginando com uma *carona*.

— A gente tem que trabalhar com o que tem, princesa. – ele a chamou e se sentou na moto.

— Tal-uya. – ela sussurrou enquanto se acomodava atrás dele.

— O que foi? – ele virou o rosto, tentando encontrar o dela.

— Pode me chamar de Tal-uya.

Elliot voltou-se para frente, pegando no guidom da moto.

— Não, eu prefiro princesa. – falou com um sorriso e deu a partida na moto, vendo, entre sacolejos, o bairro de Nubium ficar para trás.

Eles percorrem toda a cidade pelos céus e, de fato, a moto funcionava melhor do que aparentava. Cada prédio e monumento lunar agora parecia estrangeiro para ela. As três pontes de vidro de Yasdrig, bairro de Tycho e as colossais torres de Kepler, ao longe, não eram tão familiares quanto haviam sido algumas horas atrás. Não era mais seu planeta, não era sua cidade. Pertencia tão pouco àquelas ruas quanto o humano na sua frente.

Depois de alguns minutos eles chegaram e Tal-uya estava do lado de fora dos portões do palácio imperial. Ela desceu da moto ofegante e zonza, não só pela viagem, mas por toda a bagagem de revelações que tinha de processar.

— Obrigada. – falou sem olhar o rapaz nos olhos. Queria confiar nele, queria entender suas intenções, mas não estava acostumada a ter pessoas a tratando daquela forma sem querer nada em troca.

— De nada. – ele assentiu com a cabeça. — Espero que encontre as respostas que precisa. – a fitou por um último instante com o mesmo olhar do dia anterior, profundo, ambíguo, distante, e então partiu, voando pela rua.

Se ver de frente aos portões do palácio fez toda a comida se revirar no estômago. Atravessando-o agora, ela se sentia como uma impostora. Quem garantiria que não seria parada pelos guardas? Açoitada, talvez? Afinal, ela era humana.

Humana, humana humana.

Aquela palavra ressoava freneticamente em sua cabeça, como um martelo batendo no metal sem cessar. Batendo até o perfurar ou, no mínimo, o deformar. Era assim que Tal-uya se sentia: deformada. As poucas lembranças que tinha da mãe antes de sua morte precoce, eram dela a evitando. Nunca pensava sobre aquilo, assim como nunca pensava sobre a mãe, contudo, aquele pensamento lhe voltou à mente e talvez agora fizesse sentido. Tudo, na verdade, parecia fazer mais sentido.

Ela subiu lentamente as escadas do palácio, desejando com todas as forças que não encontrasse a irmã no caminho.

Ao adentrar o saguão principal, correu o mais rápido que pôde até o primeiro elevador que viu e entrou nele. Foi um alívio ver os andares passando à sua volta cada vez mais rápido, deixando para trás a agitação do palácio. Deitou a cabeça no vidro, fechando os olhos por um instante. Sentiu o chacoalhar quando o elevador chegou ao andar de seus aposentos e abriu os olhos, encontrando o corredor vazio.

Suspirou aliviada e correu de novo, o mais rápido que pôde, até seu quarto.

— Ah, oi, M4 – se assustou com o robô, que correu até ela assim que a viu entrando pela porta.

— *Tantos compromissos não foram cumpridos! Não tomou seu banho de mióxio hoje, não compareceu ao café com as damas de Copernicus… Você não respondia as chamadas no seu bracelete, sua irmã, princesa Cal-uya, veio até aqui lhe procurar e…* – o robô parecia perdido e desesperado.

— Ei, ei, M4 – ela se agachou. — Está tudo bem, está tudo bem. – passou a mão em seu topo, tentando acalmá-lo. — Está tudo bem não cumprir alguns compromissos de vez em quando. Eu estou aqui agora, não estou?

— *Está sim.* – a voz robótica pareceu mais calma.

— Então tudo está sob controle. – Tal deu um sorriso falso e se levantou.

Andou em círculos pelo quarto, tentando decidir o que iria fazer a seguir. Suas mãos tremiam, e ela as massageava na tentativa de acalmar a si mesma. Se fosse confrontar sua irmã, ela certamente mentiria ou pior, talvez a aprisionaria ao descobrir a verdade.

— Não, Cal nunca faria isso. – sussurrou para si mesma.

Uma humana vivendo no palácio lunar por todos esses anos! Era inacreditável até mesmo para ela.

Sem poder fugir mais da ansiedade que se acumulava em seu coração, Tal parou em frente a porta, decidida. Precisava vê-lo. Era seu direito, e ninguém deveria tirar isso dela. Iria ver o seu pai.



A verdade, afinal

Era implicitamente proibido ver o Imperador sem a presença de Cal. Todas as vezes que havia visto seu pai fora acompanhada por sua irmã até a porta. Era uma precaução em relação ao terrível vírus que o abatia. Pelo menos era o que Cal-uya dizia. Mas sempre que o visitou, Tal nunca se sentiu ameaçada ou correndo qualquer risco. Sentia-se apenas dilacerada por ver alguém tão bom em um estado tão deplorável.

Atravessou o corredor de volta ao elevador mais confiante que antes. Pensou na mãe que não havia conhecido direito e que os olhares de desprezo eram as únicas coisas que se lembrava dela. Também pensou no pai que sempre a amou tanto, porém, que há um certo tempo foi tirado dela. Pensou na sua origem, e em como ela nunca havia tido qualquer ideia de quem era. Aquela revelação não lhe preenchia um vazio antes presente, apenas o aumentava. Aquilo escancarava o vazio que era sua alma e a confrontava com a verdade que, mesmo antes daquela tarde, antes do baile, antes de tudo, ela nunca soube quem era. E agora, sabia menos ainda.

O elevador subiu silenciosamente até o último andar da torre em que estava. Ela saiu e cumprimentou alguns guardas no caminho, agindo com a confiança de uma princesa que era, ao mínimo, digna de andar por seu palácio. Pegou o elevador horizontal, que ligava uma torre à outra, em vez da ponte, seria mais rápido e mais discreto. Alguns funcionários entraram nele também,e todos permaneceram em silêncio. Tal saiu pela porta, caminhando pelo corredor e se sentindo metade vitoriosa, mais um elevador apenas e chegaria até ele. Alcançou o elevador se sentindo extremamente sortuda por não haver ninguém em volta. Entrou rapidamente, sem deixar rastros.

As luzes *neon* da máquina piscavam a sua volta, a cada andar que subia. A terceira torre do palácio era a construção mais alta de toda a cidade lunar, extremamente solitária e infinitamente misteriosa. Tal-uya sempre se sentia diferente quando estava lá e pensava ser uma sensação além da mera ansiedade por ver o pai.

O elevador parou no último andar e as portas pararam no corredor solitário. Havia dois guardas na porta, e esse era o seu maior temor. Sem a presença de Cal, eles não a deixariam entrar. Mas ela havia chegado muito longe para desistir e nem que morresse naquele corredor, precisava ver seu pai a todo custo.

Respirou fundo, colocou o cabelo para trás das orelhas e começou a andar, fitando os guardas com confiança, como alguém que não tinha nada a temer ou esconder. O medo se transformou em fascínio à medida que percebeu, ainda descrente, que por algum motivo muito além de sua compreensão, os guardas não a viam. Passou direto por eles e nem sequer um movimento a seguiu, abriu a porta com o coração acelerado e notou que nem isso eles haviam ouvido. Algo ou alguém a havia ajudado naquele momento, isso ela tinha certeza, e faria valer a pena.

Ela adentrou a penumbra do quarto sentindo o mesmo arrepio percorrer seu corpo. Havia algo errado ali, algo muito errado, e não era seu pai.

Tal-uya passou atentamente por cima dos cabos que, ou era sua mente brincando com ela, ou pareciam se mover lentamente como serpentes. Avistou a maca de seu pai ao longe, e ele, tão doente como sempre. *Flashes* de sua antiga aparência vieram à mente, e ela piscou os olhos controlando as lágrimas. Parou finalmente ao seu lado, percebendo que ele ainda não havia notado a sua presença.

— Papai… – o chamou sussurrante, na esperança que a visse. — Pai, sou eu, Tal-uya. – falou novamente, dessa vez mais alto.

Percebeu algumas luzes da grande máquina ao lado piscarem, como se tivesse a escutado também.

Os olhos inchados da criatura acinzentada finalmente se abriram, seu rosto parecia ainda mais deformado do que na última vez que ela o vira.

— Tal… – ele disse com dificuldade. — Você está aqui, você veio me ver…

— Eu vim, papai, claro que vim. Eu estive aqui ontem também, se lembra?

— Ah… – seu olhar pareceu divagar por algum tempo. — Esteve, não é mesmo?

— Sim. Pai, olhe… – falou e dessa vez percebeu a urgência que havia em sua própria voz. — Eu vim aqui por um motivo muito importante. E preciso, por favor, que seja honesto comigo. É o mínimo que poderia fazer. E… sei que ninguém mais nesse palácio o será a não ser você.

— O quê? – o rosto do homem se virou para fitá-la melhor, estava visivelmente confuso.

— Eu sou humana, não sou? É por isso que pinto o cabelo desde nova e tenho que tomar os banhos de mióxio.

Ela percebeu os cabos que adentravam as cavidades do corpo dele se agitarem, como se estivessem causando dor.

— Pai… – insistiu mais uma vez. — Eu sei que dói falar, mas precisa me contar, por favor… – Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Precisa me dizer se é verdade.

Ele balbuciou, como se quisesse falar e ao mesmo tempo, como se algo dentro dele o contivesse.

— Por. Favor. – a filha pediu mais uma vez.

— É humana… – sua voz rouca falou depois de um tempo. Uma fincada lhe percorreu as costelas, e ele gemeu de dor. — Eu… eu te encontrei no riacho que havia atrás do palácio, além do jardim. Era uma bebê, sozinha e indefesa, protegida por uma cápsula de metal trazida pelo rio. – ele emendou em uma tosse descontrolada, que fez com que Tal desse um passo para trás e quase caísse, derrubada pelos cabos.

— P-por que nunca me contou?

— S-sua mãe e s-sua irmã… – foi tudo o que conseguiu dizer entre as tosses.

— Eu sei... – Tal completou, respirando fundo. — Elas não deixaram, não é?

A princesa virou o rosto, as lágrimas rolando. O desespero que a assolou naquele momento foi maior do que sentiu antes. Como se estivesse guardando, retendo como uma represa aquele sentimento, aquela dor, na esperança de não ser verdade.

— Pai, o que eu faço?! – balbuciou entre as lágrimas. — O que eu faço agora… uma humana. Uma humana. – falou com dor, epifania e medo.

— Tal… – a voz do homem a chamou.

Ela se surpreendeu com o ato e se aproximou da cama novamente.

— Você precisa entender algo. Pre-precisa entender que… na-não foi trazida até aqui pelo rio. A corrente estava contrária. Fo-foi ela que te trouxe pra mim. A gravidade.

— O quê? – Tal indagou baixinho, sentindo o ar lhe faltar no peito.

De novo? Por que aquela palavra continuava a voltar?

Ela percebeu que o corpo inchado do homem, que outrora havia sido um pai saudável, começou a tremer violentamente.

— Pai! –tentou se aproximar, mas ele começou a balançar os braços inchados, sinalizando para que ela fosse embora.

— Vá! Vo-você precisa deixar o palácio. A-agora!

Impotente, Tal-uya se afastou lentamente da maca, determinada a obedecer o pai. Ela virou o corpo e começou a caminhar até a porta, sentindo que a cada passo que dava os cabos pareciam se enroscar mais e mais nos seus pés. Abriu a porta com dificuldade e finalmente saiu ofegante, apenas para dar de frente com sua irmã, trajando o mesmo terno vermelho e acompanhada de dois guardas.

— Estava me perguntando onde você estaria. – a voz de Cal-uya saiu ferida.

— Ele é o meu pai. Tenho o direito de vê-lo. – Tal aprumou o corpo e deu o máximo de si para falar com confiança.

— Não sem minha autorização! Sem a minha *proteção*. Lobos da lua, não é seguro lá dentro. É impressionante como não entende! – colocou a mão na cintura, como se lidasse com uma criança pequena.

— Tudo o que tem naquele quarto é o nosso pai e, mesmo com a doença, ele é uma das coisas mais *seguras* que eu tenho.

— Ainda assim, não deveria ter vindo aqui. E nem saído com aquele *humano*! Vi as filmagens de você com ele. O que estava pensando, Tal-uya?!

Ser vista com *ele* um dia após a tragédia do seu baile. Foi isso que foi fazer, não foi? Se encontrar com aquele humano. – ela colocou as mãos no rosto, de forma dramática. — Não acredito que mentiu para mim. – sussurrou, ainda assim tendo a certeza de que era ouvida.

— Eu não sou mais criança, Cal! Você me controla como se fosse uma. Agora eu não posso ver meu pai ou sair do palácio?

— Você pode não ser, mas *age* como uma criança. Não entende o que está em jogo, não entende que tudo o que eu faço é para te proteger.

— Me proteger do quê? – Tal finalmente tomou coragem para falar. — Me proteger da minha origem? Me proteger para que eu não soubesse a verdade?

O olhar de Cal-uya se transformou de raiva para puro pavor. Ela olhou para a irmã e então para a porta atrás dela, contraindo o maxilar.

— Que tipo de loucura ele te disse? Sabe que não deve confiar em uma só palavra que sai dele.

— Papai apenas confirmou o que eu descobri… que eu sou humana. É isso, não é, Cal? É disso que você queria me proteger, não é?

Com as mãos tremendo, a princesa mais velha se aproximou da irmã, pegando gentilmente em seu rosto.

— Você é *minha* irmã. *Princesa* do Império lunar. É isso que você é. E *só* isso.

Tal balançou a cabeça em negação, frustrada e com lágrimas rebeldes rolando pela suas bochechas.

— Não, Cal, eu sou *humana*. Eu sou. – Balbuciou com a voz emotiva. — Você poderia me amar assim? Sabendo que eu sou humana?

— Não… –Cal-uya balançou a cabeça irritada e se afastou. — É aquele humano, foi ele que colocou essas mentiras na sua cabeça.

— Não, não tem nada…

— Basta, Tal-uya. – Cal a interrompeu.

— Não vou permitir que se relacione com aquela gente, e que elas te façam questionar *sua* identidade.

— Não, Cal…

— Você estava bem até agora. Até essa maldito baile acontecer.

— Eu nunca estive bem e você sabe disso… – implorou, sentindo as forças se esvaírem.

— Mas que besteira!

— Cal, por que a mamãe não gostava de mim?

A irmã mais velha foi pega em choque pela pergunta, que a fez parar no momento em que ia começar a falar. Ela fitou a irmã mais nova com um olhar vazio.

— Por que ela não gostava de mim, Cal? Me fala…

— Guardas, acompanhem a princesa Tal-uya até seus aposentos. Não permitam que ela saia de lá até o amanhecer. Isso lhe dará algum tempo para espairecer a mente e recobrar a sanidade.

— É sério isso? – Tal-uya perguntou apavorada quando os dois guardas atrás da irmã caminharam até ela.

A mais velha evitou o olhar e levantou a cabeça, esticando o queixo.

— Vai me prender agora, então?

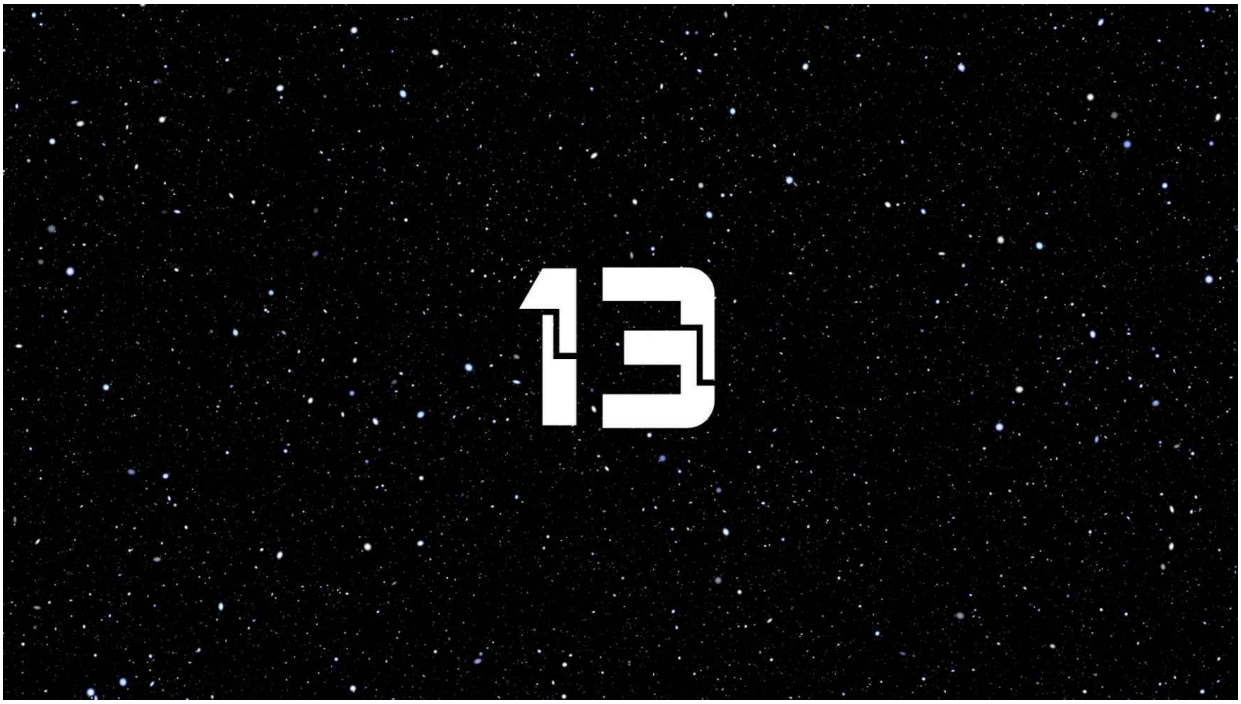
— É para o *seu* bem. Vamos conversar pela manhã. A reunião para o baile será cancelada, obviamente. – disse de forma fria, ainda evitando o contato visual.

— Você fala que eu não sou humana, mas agora está me tratando como trata a eles.

— A levem-a para o quarto. – a princesa regente falou friamente para os guardas, que, segurando os braços de Tal, começaram a arrastá-la.

— Eu posso andar! – ela se debateu, e eles se afastaram um pouco, ainda a segurando pelo braço.

Guiada pelos guardas, Tal-uya atravessou o palácio em que havia crescido, sendo escoltada como uma prisioneira, apenas por ser humana.



O Corredor Oculto

Tal-uya foi deixada em seu quarto, completamente arrasada. Assim que os guardas fecharam as portas, suas pernas falharam e ela caiu no chão, se derramando em lágrimas.

— *Minha senhora, o que aconteceu?* – M4 correu até ela, perguntando com sua voz mecânica.

Incapaz de falar, apenas abraçou o robô e continuou a chorar. Torceu para que, talvez, acabasse se derretendo junto com suas lágrimas e assim, deixasse de existir. Havia sido traída pela própria irmã, tratada como uma criminosa, uma prisioneira. Uma prisioneira de Cal-uya, era isso que era e talvez o que sempre havia sido.

Sempre soube que sua irmã tinha uma moral defeituosa, pensava ser efeito do clã ao qual pertencia, extremamente frio e extremista. Mas nunca duvidou do amor de Cal e nunca pensou que pudesse ser tratada como inimiga e como prisioneira. Até, claro, perceber que já era uma.

Para a sua infelicidade, chorou até as lágrimas secarem e o fôlego faltar, ainda assim, continuou a existir. O tempo passou, e Tal-uya sentiu que

não conseguia encontrar forças para sair dali. Encostou a cabeça na porta e começou a repassar cada momento daquele dia, cada frase que seu pai havia dito. Nenhuma, é claro, fazia sentido. Apenas uma se mostrava ainda mais clara e sensata para ela agora: *Você precisa sair do palácio.*

— Eu nunca deveria ter voltado. – sussurrou para si mesma.

Se queria saber mais sobre sua origem, com certeza nunca conseguiria sendo prisioneira de Cal-uya. Ela precisava sair dali, precisava deixar o palácio, só que se antes seria difícil, agora havia se tornado impossível. Ainda podia ouvir os dois guardas que a trouxeram até o quarto, andando do lado de fora. A porta estava trancada, ouviu o barulho da tranca sendo ativada assim que entrou. E mesmo que conseguisse sair, não fazia ideia de qual era o caminho mais rápido até às cidades subterrâneas. De fato, não conhecia caminho algum. Estava encurralada, presa e desamparada.

M4 permaneceu agitado em seus braços, visivelmente consternado pelo estado da princesa.

— *Talvez um banho te faça bem, minha senhora*. – sugeriu hesitante.

— Eu nunca mais vou me banhar em mióxio, M4. – resmungou com as mãos no rosto.

— *Não, apenas um banho mesmo. Podemos usar os sais da cratera de Kepler, ele torna a água tão fresca e pura como a de um rio. Renova o espírito, é o que dizem.*

— Rio… – Tal sussurrou, tirando as mãos do rosto.

— *O quê?* – o robô indagou, confuso.

— Rio, M4! Por acaso temos um rio que passa pelo palácio?

O robô se endireitou, animado por ter recebido uma função e girou as engrenagens à procura da informação.

— *Não mais. Tínhamos um córrego que nascia logo atrás do jardim leste e descia até o subterrâneo. Ele, porém, secou há vinte anos.*

— Tudo bem… – Tal se levantou lentamente do chão enquanto seus pensamentos se alinhavam — Se o córrego descia até o subterrâneo, talvez… – respirou fundo. — Talvez a passagem ainda esteja lá. O que você acha? – olhou para o robô em busca de apoio.

— *Eu não sei dizer.*

Tal-uya passou a mão pelos fios rosa, que agora estavam sujos e desgrenhados, pensando em qual outra opção lhe restaria.

— M4. – o chamou com a voz tensa. — Preciso que me ajude em algo…

O robô se aproximou de seus pés:

— *O que desejar, minha senhora.*

Ela se abaixou, fitando a pequena máquina.

— Preciso que me ajude a fugir do palácio.

Ele falhou em responder, visivelmente consternado.

— Sei que desobedecer às ordens de Cal deve ir contra sua programação… Mas eu preciso sair daqui, M4, preciso muito.

— *Mas por quê? O palácio, minha senhora, é o lugar mais seguro para você estar.*

— Era o que eu pensava também. Mas às vezes a segurança é só uma prisão mascarada.

O robô parecia não entender, e sua única roda ia para frente e para trás, como se estivesse pensando.

— M4 – Tal tentou novamente. —, eu descobri algo muito importante sobre mim, como… uma peça faltando, entende? Se lembra de quando eu era pequena e te joguei do segundo andar pensando que você voava? – ela riu com a lembrança que quase havia esquecido.

— *Me lembro, sim. Passei duas semanas desativado, sendo remontado na oficina. São as únicas memórias que não tenho em meu armazenamento.*

— Exato! Com a queda você perdeu algumas peças muito importantes e sem elas, não conseguia funcionar. Eu… eu sou assim, M4. Estão faltando algumas peças muito importantes para mim e… acho que não consigo continuar sem elas… – seus olhos marejaram. — preciso delas, preciso saber…

— *E é por isso que tem que deixar o palácio?*

— Sim… é exatamente por isso. Portanto, isso vai envolver destrancar a porta, criar uma distração para os guardas e, provavelmente, quebrar algumas regras. Poderia fazer isso por mim?

O robô pareceu pensativo, a roda se movendo, e o som do metal dentro dele tintilando.

— *Você me levaria com você?* – falou finalmente.

— Pra…pra onde?

— *Para aonde quer que você esteja indo.*

Tal sorriu, aquele robô era o mais próximo de um amigo que ela tinha.

— É claro, M4, eu te levo comigo. – ela sorriu e se levantou, o robô também pareceu satisfeito com a resposta. — Bom, agora temos que pensar como faremos isso. – a garota coçou as mãos que agora já começavam a suar. — Consegue destravar a porta, certo?

— *Sim.*

— Se conseguirmos nos livrar dos guardas, eu poderia pegar o elevador dos funcionários e descer até o jardim.

— *Nós.* – o robô a corrigiu, sério.

— Claro, claro. *Nós* poderíamos pegar o elevador e ir até o jardim. – ela assentiu com a cabeça. — Como? – Abaixou o olhar. — Você não tem nenhuma arma ou… *laser*, aí dentro de você, tem?

— *Não, só informações.*

— Droga…

Aflita, a princesa caminhou em círculos pelo quarto, até que parou em frente ao espelho e uma ideia finalmente surgiu em sua mente.

— Se tem informações… – se virou para trás. — Tem também acesso às plantas do palácio?

— *Acredito que sim. Por quê?*

— Porque me lembro que quando eu era pequena esse espelho não estava aqui. Houve uma renovação há uns dez anos atrás, elas sempre acontecem. – fechou os olhos, trazendo de volta imagens da sua infância. — Tinha uma… porta, sim, uma porta sem utilidade, pelo que eu me lembre, mas ela deveria levar a algum lugar. Talvez com as plantas podemos descobrir.

— *Excelente ideia, minha senhora.*

— E se existir alguma passagem podemos quebrar o espelho e atravessar para o outro cômodo. Isso vai fazer barulho o suficiente para atrair os guardas aqui para dentro…

— *Enquanto já estaremos fugindo pela passagem.*

— Isso! Vamos precisar correr, porém acho que podemos conseguir. – respirou fundo, deixando se guiar pela adrenalina e não pela razão.

— *Procurando plantas do palácio.* – o robô falou e em seguida projetou um holograma.

A projeção mostrou um palácio em miniatura enquanto o robô aproximava, via *zoom*, até chegar na ala da construção em que estavam.

— O que são essas… camadas? – a princesa perguntou, sentando ao seu lado.

— *São as diferentes renovações que o palácio sofreu, a estrutura original quase não é mais vista. Ela está por baixo dos pisos e das paredes.*

— Certo, apenas continue. – o encorajou.

O holograma chegou até o quarto de Tal-uya, mostrando toda a construção que não era vista de fora.

— M4, espere. – Ela se aproximou mais do holograma, com a luz azul refletindo em seu rosto. — Aproxime aqui, por favor. Na fundação das paredes.

O quarto se ampliou na imagem, mostrando as camadas por dentro das paredes do cômodo e revelando um largo espaço atrás da suposta porta. Era tão grande que parecia…

— Tem um corredor aqui? – encostou a mão no holograma, o fazendo tremeluzir.

— *Ele parece ter sido desativado, mas sim, era um corredor.*

Tal se levantou do chão, sentindo o coração acelerar. Ela caminhou até a parede, a parte que havia antes do espelho, do lado esquerdo.

— Ele está… aqui? – deu três batidas leves na parede branca.

— *Sim.*

— Perguntarei novamente… mesmo sabendo que não é um *droid* de guerra ou defesa, mas tem certeza de que não tem algum *laser* escondido?

O robô pareceu hesitar.

— *É contra minha programação usar qualquer função para ferir, danificar…*

— M4, é uma parede! – Tal o interrompeu.

— *Tudo bem, eu tenho.* – respondeu, cabisbaixo.

O robô se dirigiu até a frente da parede e abriu um pequeno compartimento em seu corpinho, revelando um braço mecânico. Ele o apontou para cima, e dele saiu um *laser* vermelho que começou a cortar a parede em um círculo irregular.

O material que a cobria parecia ser de uma tecnologia diferente, pois a partir do momento em que o calor do *laser* começou a tocar a superfície, no lugar de cair e quebrar, a camada começou a se dissolver, revelando um metal de cor cobre, atrás de si. Em alguns minutos, toda aquela parte da parede havia se dissolvido. O que estava ali agora era uma porta com uma arquitetura muito diferente da encontrada em um palácio. Ela não tinha detalhes e nem contornos, parecia ser feita de um material que Tal

desconhecia, e era resistente ao som e ao calor, pois a parte do *laser* que encostou nela não havia feito nem um arranhão.

A princesa se aproximou da porta, não sabia nem ao certo se havia uma ali, ou se era apenas uma parede, não haviam trancas visíveis, nem nada que ela pudesse abrir ou destravar. Ela encostou a mão no material, era uma espécie de metal e estava frio. Pequenos choques correram por sua pele, mas ela a manteve ali. Se surpreendeu quando sentiu o metal deslizar para o lado, confirmando que aquilo era, de fato, uma porta. Algo em sua mão o havia feito abrir. Ela deu um passo para trás, assustada e maravilhada ao mesmo tempo.

— *Vamos?* – M4 indagou.

— Espere! – Tal-uya se abaixou, com um pensamento lhe vindo à mente. — Preciso desativar meu bracelete. – tirou a pulseira do braço e a colocou no chão. — Consegue queimar a placa dele?

— *Sim.* – o robô se aproximou e, abrindo o braço mecânico e emetiu uma onda leve de choque que fez com que uma pequena fumaça saísse do dispositivo. — *Preciso desativar meu rastreador também*.

— Droga, é verdade… consegue fazer isso?

— *Acredito que sim.*

Tal assistiu ansiosamente o corpo de M4 se mover, enquanto as engrenagens dele faziam mais e mais barulho. Depois de alguns minutos uma pequena peça foi expulsa para fora do corpo e caiu retinindo no chão.

— Certo. – Tal-uya sussurrou, era agora ou nunca. — Vamos?

— *Vamos.*

Robôs não têm sentimentos como medo ou hesitação, o que os tornam, dependendo da situação, ou imensamente burros ou terrivelmente corajosos.

No momento em que a roda mecânica do robô passou pela porta, luzes fracas *neon* se acenderam no teto. Seja qual fosse aquela tecnologia, ainda funcionava. Tal-uya o seguiu, não sem antes dar uma última olhada para a porta e torcer para que os guardas não decidissem abri-la bem naquele momento.

M4 era guiado pela planta no seu holograma e continuou a avançar pelo corredor desconhecido sem medo. Eles chegaram até o final, onde havia uma escada longa, que era apenas constituída por barras e parecia ser nada mais do que uma escada de emergência.

— *Robôs não descem escadas.* – M4 falou, pela primeira vez, receoso.

De fato, as barras eram finas demais para que ele conseguisse se locomover.

— Venha, eu carrego você. – Tal-uya se abaixou, e antes que o robô pudesse protestar, o pegou no colo. Ou melhor, tentou.

— M4, como você pode ser tão pesado? – disse entredentes enquanto usava a pouca força que tinha para conseguir levar o droide.

Ela finalmente conseguiu levantá-lo, com a coluna já clamando por socorro e por isso, desceu o mais rápido que pôde por cada fino degrau da escada. A construção parecia prestes a romper sob os seus pés. Parou ofegante quando terminou e colocou o robô no chão de uma vez, dando descanso às suas pernas e caindo no chão ao lado dele.

— *Está tudo bem, minha senhora?*

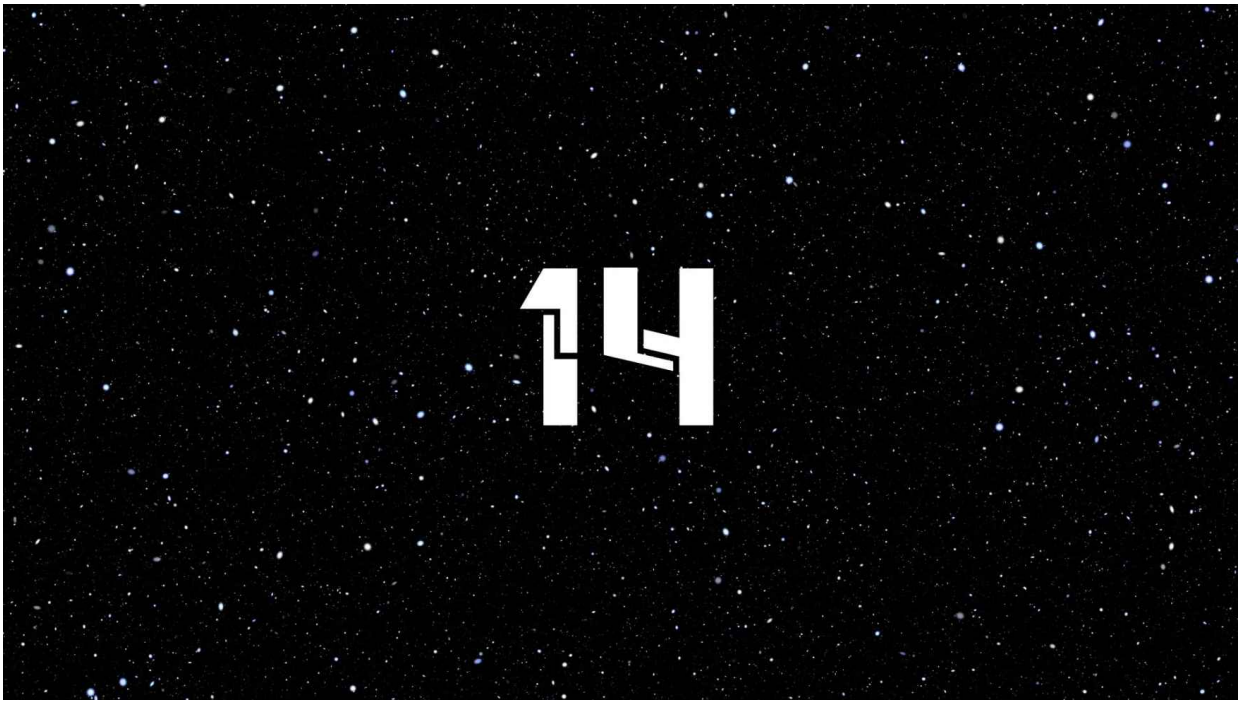
— Está sim, só preciso de alguns instantes. E de começar a fazer exercícios, talvez.

Com a confirmação, o robô saiu rolando para a frente, tentando encontrar o fim do corredor em que estavam. O barulho de suas engrenagens pararam quando ele atingiu uma parede sólida.

— *Chegamos. Estamos no térreo, ao lado do jardim.*

As boas notícias do robô foram seguidas de passos ouvidos no topo da escada em que desceram.

— Os guardas! – Tal olhou para cima e exclamou, ofegante.



A fuga

A princesa se levantou rapidamente correndo até o robô.

— Temos que sair daqui, agora.

— *A parede aqui também é sólida, parece não ter saída.*

— Droga.

Tal o alcançou e inspecionou toda a parede com o olhar. Era bem maior que a última, só que a estrutura parecia ser a mesma. Se sentindo uma tonta, ela se aproximou e colocou a sua mão no metal, assim como fez com a outra.

— Eu não sei como funcionou, mas por favor, funcione novamente… – pediu, mesmo sem saber ao certo para quem.

O mesmo choque eletrizante correu por seus dedos, e o metal deslizou, se abrindo como uma porta.

— Isso! – comemorou entredentes e com o coração batendo acelerado.

A porta revelou outra parede no lugar. O robô correu na frente, fazendo um buraco direto na estrutura, que parecia não ser das mais fortes.

Tal se agachou e passou pelo buraco, saindo de fato no jardim. Eles saíram de uma área que estava sinalizada como sendo apenas dos funcionários, porém, que havia sido desativada.

Como era noite, não haviam muitos funcionários no jardim naquele horário e, robô e princesa saíram correndo pelos diferentes corredores de flores, um ao lado do outro.

— A nascente, M4, onde ficava a nascente?

— *Por aqui.* – o robô mostrou e virou à esquerda, correndo o mais rápido que sua roda alcançava.

Tal-uya o acompanhou, até que chegaram à ponta extrema do jardim, onde plantas lunares fosforescentes maiores que a princesa haviam crescido e tomado o lugar.

— *É nessa direção.* – o robô falou e entrou no meio do mato sem hesitar. Ela o seguiu, sentindo o corpo arder pelo esforço físico.

O robô rolou, levando plantas pelo caminho, até que finalmente parou em um espaço idêntico a todos os outros.

— *Era para ser… aqui.* – M4 mostrou-se confuso.

— Espere. – Tal se abaixou e começou a tirar algumas plantas pela raiz.

Não sabia ao certo o que procurava, só não se permitiria ser pega pelos guardas. Não podia voltar para o palácio, não depois de ter tentado fugir assim. Não sabia o que Cal faria com ela.

O medo escorreu através de uma lágrima em seu rosto enquanto sua mão, que tateava a terra, afundou de repente.

— Aqui! Há alguma coisa aqui.

Ela e o robô –com seus braços mecânicos– arrancaram as plantas o mais rápido que conseguiram, revelando um pequeno túnel. Ele era completamente escuro e muito estreito, nem dava para saber se caberia o corpo de um adulto.

— Eu vou primeiro. – Tal falou decidida, sem tempo a perder.

A adrenalina crescia cada vez mais em seu corpo, com o som dos guardas se aproximando e a consciência de que aquela era a sua chance, a sua única chance. Tirou o casaco preto que ainda usava e colocou as pernas no buraco.

— *Mas, minha senhora, não sabemos se ele de fato leva a algum lugar. Is-isso não mostra em meus registros.* – disse o robô preocupado.

— Não tenho nenhuma outra escolha agora, tenho? – assim que colocou as pernas, começou a escorregar para baixo lutando contra a claustrofobia que começava a atacá-la. A partir de certo ponto, o buraco começou a abrir, alargando-se. Tal se deixou cair, desaparecendo por completo da superfície.

— *Princesa*! – o robô gritou assustado.

— Eu ainda estou aqui. – levantou o braço o mais alto que pôde e seus dedos chegaram até a superfície. — Venha. Agora!

Temeroso, o robô rolou até o buraco e, ouvindo o som dos guardas se aproximando, foi até o vazio.

— Ai! – Tal-uya gritou de dor quando o robô caiu em cima dela. Com os braços levantados, ela tentou segurá-lo, mas ambos caíram no chão.

— Nossa… – a luz do robô acendeu, e a princesa pôde ver onde estavam. — É mesmo um túnel. – falou aliviada, com lágrimas de alívio molhando a bochecha.

— *Vamos por aqui*. – O robô tomou partida e começou a ir em direção ao buraco que se estendia até o perder de vista.

— Certo.

Tal teve que abaixar o corpo para conseguir caminhar e, em determinado momento, o teto se tornou ainda mais baixo, por isso, teve que continuar o percurso agachada, engatinhando atrás do robô. Eles andaram e andaram o mais rápido que puderam, para ela, parecia que não saíam do lugar. não sabia se o som que ouvia atrás de si era da própria rocha que a cercava, ou dos guardas que estavam prestes a alcançá-los.

— Por favor, não, por favor, não. – pediu, mesmo sem saber para quem, com o coração batendo na boca.

Eles adentraram mais profundamente na escuridão do solo e por alguns instantes, Tal pensou que tudo aquilo não passava de um pesadelo. Talvez ainda estivesse presa no palácio.

Ela se surpreendeu quando o robô saiu em alta velocidade à sua frente. O túnel havia se alargado até revelar que estavam chegando em uma espécie de caverna. O teto se abria e se estendia até o alto, e o chão parecia mais asfaltado.

— M4, espere! – ela se levantou do chão, sentindo as pernas doerem e grata por poder ficar em pé novamente.

O robô parou, ouvindo sua voz, bem no momento em que um barulho de um veículo em movimento preencheu o lugar.

— M4, vem… – Tal correu em direção ao robô, mas foi impedida por um carro que surgiu à sua frente. Era uma túnel com diferentes curvas e bifurcações e o carro vinha de uma delas.

— Ahhh. – gritou assustada e seus pés travaram no chão, a paralisando.

Fechou os olhos, já sentindo o baque da batida, quando o veículo parou abruptamente a centímetros do seu corpo.

Tal-uya abriu os olhos assustada, surpresa mais uma vez por ainda estar viva. Que confusão estava sendo aquele dia. Uma figura saiu da locomoção, e ela apertou as unhas nas palmas das mãos, desejando de todo coração que não fossem os guardas.

— Princesa? – uma voz familiar ecoou na caverna.

As luzes do farol iluminaram o rosto do homem à sua frente.

— Elliot? – arquejou, sem acreditar, correndo até ele.

— O que você está fazendo? Está bem? – ele segurou os braços dela, que pareciam fracos e tremiam.

A princesa estava com o rosto todo sujo de terra e um semblante assustado estampado nele.

— Nós fugimos do palácio. – falou finalmente, puxando o fôlego.

— Nós quem? – o homem olhou em volta, sem ver mais ninguém.

— *Aqui embaixo.* – o robô falou quase ofendido.

— Eu e o meu robô. Esse é M4. M4, Elliot.

— *É um prazer.*

— Mas, por quê? Por que fez isso?! O palácio é sua casa, não deveria ter saído assim no meio da noite…

— Eu não tive escolha! Cal-uya me prendeu em meu quarto. Se eu ficasse, ela não me deixaria mais ver meu pai, nem qualquer humano, nem nada que fosse real ou que tivesse valor para mim.

Ele permaneceu em silêncio por alguns minutos, o olhar sóbrio e preocupado.

— Eu sinto muito. Pensei que apesar de tudo ela te amasse…

— Eu também… – Tal abaixou o olhar, ferida. — É por isso que eu não posso e… eu *não* vou voltar. Precisa me levar com você, Elliot. – implorou com o olhar, o desespero estampado em sua voz. — Eu sou humana, não sou? Precisa me levar até as cidades humanas. Por favor. Eu preciso saber… conhecer…

—Tu-tudo bem. – respondeu hesitante. — Venham comigo.

Ele caminhou até o carro e sinalizou para que o seguissem.

Tal mal conhecia carros, pois nada além dos veículos voadores eram usados pelos nobres lunares. O porte grande e bruto do veículo a assustou um pouco.

— Eu-eu… er… – Elliot parou e se virou para eles, antes de abrir a porta. — Estou com algumas pessoas do meu clã aqui… Apenas por segurança, acho melhor não falarmos quem você é. Tudo bem?

— C-claro. – Ela cobriu o rosto com a toca do casaco que usava.

— Ótimo. – ele pareceu mais aliviado.

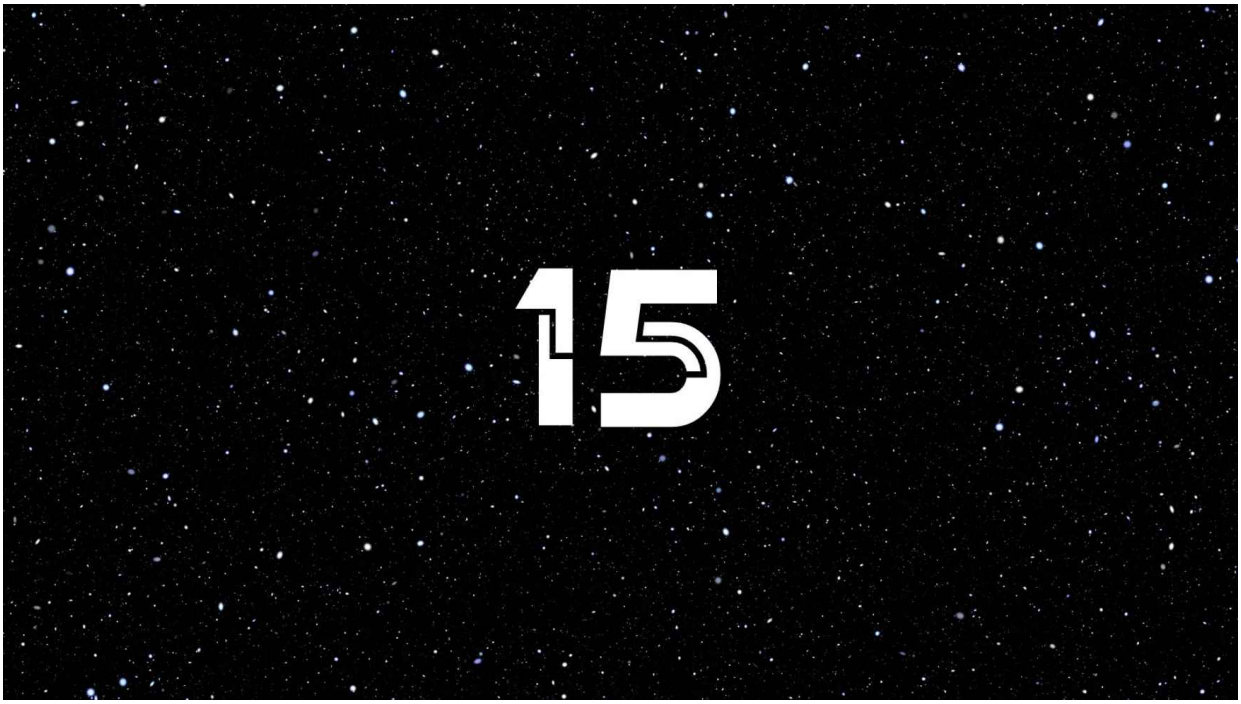
— São trabalhadores noturnos, eu vim buscá-los. Vou deixá-los em suas casas e te levo até o clã da Ásia.

— Certo, muito obrigada. – Ela sorriu, exausta. — Espera, por que Ásia?

Elliot sorriu. Um sorriso leve e um pouco menos despreocupado, quase orgulhoso.

— Você ainda não percebeu? É claramente asiática. Coreana, na verdade.

Ele abriu a porta do carro e entrou, sinalizando para que a princesa e o robô os seguisse.



O clã da Ásia

Tal-uya entrou de forma desengonçada no banco da frente, o dividindo com Elliot e M4. Para um carro tão grande, ela se sentia estranhamente apertada. *É bem melhor que o túnel*, consolou a si mesma. Percebeu a presença de pessoas atrás, mas preferiu não se virar, como Elliot sugeriu.

— Desculpa aí pela parada abrupta, *mates*. Só vamos dar uma carona a mais aqui para o clã da Ásia.

— Sem problema, El. – um homem bateu nos ombros dele, e Tal se assustou com o braço surgindo do nada.

Elliot olhou para trás, sorriu para quem quer que o homem fosse e ligou o carro de novo, começando a dirigir.

No seu pouco conhecimento sobre os clãs da Terra, Tal-uya nunca pensou que os túneis fossem tão longos. Eles entraram e saíram em diferentes estradas, até finalmente chegarem no clã da Europa. Como era noite, muitas coisas já estavam fechadas, Tal pode ver as luzes no alto dos prédios e construções que passaram como um borrão. Depois de deixarem o

grupo em um prédio enorme, uma espécie de apartamentos compartilhados, o carro partiu novamente, adentrando outros túneis.

Não demorou muito para que eles passassem por um grande centro comercial circular, que até aquela hora da noite funcionava. Era quase uma espécie de praça, dali se abriam quatro estradas diferentes e era o ponto em todos os bairros dos diferentes clãs da Terra se encontravam.

— Que lugar é esse? – Tal perguntou, extasiada com as luzes e as construções.

— O coração da humanidade, é como chamamos. – Elliot respondeu. — E aquele – apontou com a mão esquerda e voltou o olhar para a estrada. —, é o relógio dos quatrocentos anos.

Tal ainda não tinha visto a construção colossal que marcava bem o centro da praça. Tratava-se de um relógio em formato de paralelepípedo, maior que uma casa e aparentando ser de um material muito antigo. Ele iluminava todo o local, brilhando com a luz amarelada vindo de seus números. Fazia uma contagem regressiva e marcava quatorze dias.



— Esse é… – sua voz falhou.

— É um relógio que foi trazido junto com os primeiros humanos. Ele marca o fim do nosso exílio.

A princesa ainda achava a ideia completamente impossível, mas preferiu não o questionar, estava cansada e confusa o suficiente.

Passado por lá, adentraram um túnel escuro novamente e a princesa sentiu o cansaço finalmente se apoderando de seu corpo.

— Ei… – Elliot a chamou enquanto ela lutava fortemente com a própria cabeça, que sempre tombava. — Pode dormir um pouco, eu te aviso quando chegarmos.

— Não, eu… Tudo bem. – deitou a cabeça na janela e adormeceu naquele mesmo momento, sem nem pestanejar.

Elliot riu e continuou a dirigir. Para Tal, lhe pareceu que Elliot e M4 foram conversando por todo o caminho, todavia, tudo que ouviu foram apenas zunidos que ora ou outra invadiam seus sonhos sem sentido. O assento tremeu no momento em que pararam, a despertando contra sua vontade.

— Chegamos. – o rapaz sorriu hesitante e ao mesmo tempo aliviado.

Ele saiu e deu a volta no carro, caminhando até a menina para abrir a porta do carona em que estava.

—Vamos? – a chamou apoiado na porta.

A princesa engoliu em seco, só naquele momento caiu em si sobre o que havia feito. Fugiu do palácio e agora estava prestes a ser recebida no clã da Ásia, onde supostamente estaria… sua família? Ou no mínimo as respostas para as dúvidas que tinha sobre ela. Estava completamente louca, havia perdido a razão e extrapolado todos os limites.

— Vamos. – reuniu o resto de coragem e força que lhe restava e saiu do carro, pisando bamba no chão pavimentado.

O carro se fechou automaticamente, e eles caminharam juntos até a porta da construção. Foi então que Tal visualizou melhor o prédio à sua frente. Era um edifício de dois andares, a primeira base parecia ser muito antiga, erguida há muito tempo, com pedras lunares do subsolo. Já o segundo andar era completamente tecnológico, feito de metal e luzes *led* que iluminavam a rua. No topo, havia tijolos de cobre, eles formavam duas pontas nas extremidades e lanternas de *led*, estavam penduradas em toda a sua volta. Era a fusão de uma antiga construção lunar, com a tecnologia humana e a arquitetura chinesa. A base do clã de Ásia era localizada bem no centro dos bairros asiáticos e na entrada de um dos túneis que levavam para a superfície.

Dois guardas estavam parados em frente à porta vermelha que decorava a construção e trazia certa cor para a entrada. Um era mais velho e

grisalho, e o outro era jovem e tinha um longo cabelo preto preso dentro do capacete.

— Boa noite, irmãos. – Elliot subiu as escadas da entrada, os cumprimentando.

Tal ficou para trás com M4, que tinha sua própria dificuldade com escadas. Ele tentou, sem sucesso, subir sozinho, e ela então o pegou, sentindo sua coluna arder novamente enquanto o carregava lentamente pelos degraus. Se levantou dolorida, percebendo que os guardas a observavam.

— Bo-boa noite. – sorriu para eles, evitando o contato visual e foi até o lado de Elliot.

— Sei que está tarde, mas tenho aqui alguém que Mirya precisa conhecer. – o rapaz falou. — É urgente. – reforçou.

— Certo. – O guarda mais velho apertou o dispositivo de comunicação em seu ouvido e repetiu as palavras.

Tal sentiu as palmas das mãos suando e as limpou na calça que usava. Se lembrou de seu pai, preso naquela torre do palácio, de sua irmã e de como a tratou tão rispidamente horas atrás. E se Cal reconhecesse que havia se excedido e fosse até seus aposentos? Bom, não haveria mais ninguém lá para recebê-la. Não existia um caminho de volta para o palácio, e Tal só percebeu isso quando era tarde demais, e a porta vermelha se abriu.

Saiu de lá uma mulher de cabelos curtos, vestindo um macacão marrom. Seus olhos pareciam cansados e seu semblante era firme e impunha respeito. Era uma mulher qualquer, até que Tal percebeu que era assustadoramente parecida com ela. A informação atingiu a mulher ao mesmo tempo. Ela arqueou as sobrancelhas em um misto de surpresa e preocupação e fitou Elliot com um olhar tenso.

— O que é isso? – perguntou para ele, consternada.

— Eu não contei nada para ela, eu juro. Ela veio por conta própria. – Tal percebeu a inquietação na voz de Elliot, era uma mulher intimidadora.

— O-o quê? – a princesa virou o rosto para ele, se sentindo ainda mais confusa do que antes. — Contou, sim!

A mulher à sua frente arqueou as sobrancelhas, havia pegado um mentiroso.

— Na-não! – Elliot respirou fundo, se sentindo humilhado. — Eu te falei sobre as nossas suspeitas, nunca disse nada em relação à sua família. – Na última parte, virou o rosto e falou diretamente para Mirya. — Como eu

disse – ele reforçou –, ela veio por conta própria. A encontrei em um dos túneis de tráfego, o que queria que eu fizesse?! Deixado ela lá?

Tal se sentia ainda mais incomodada por ser o tópico da conversa e, ainda assim, não entender nada do que falavam.

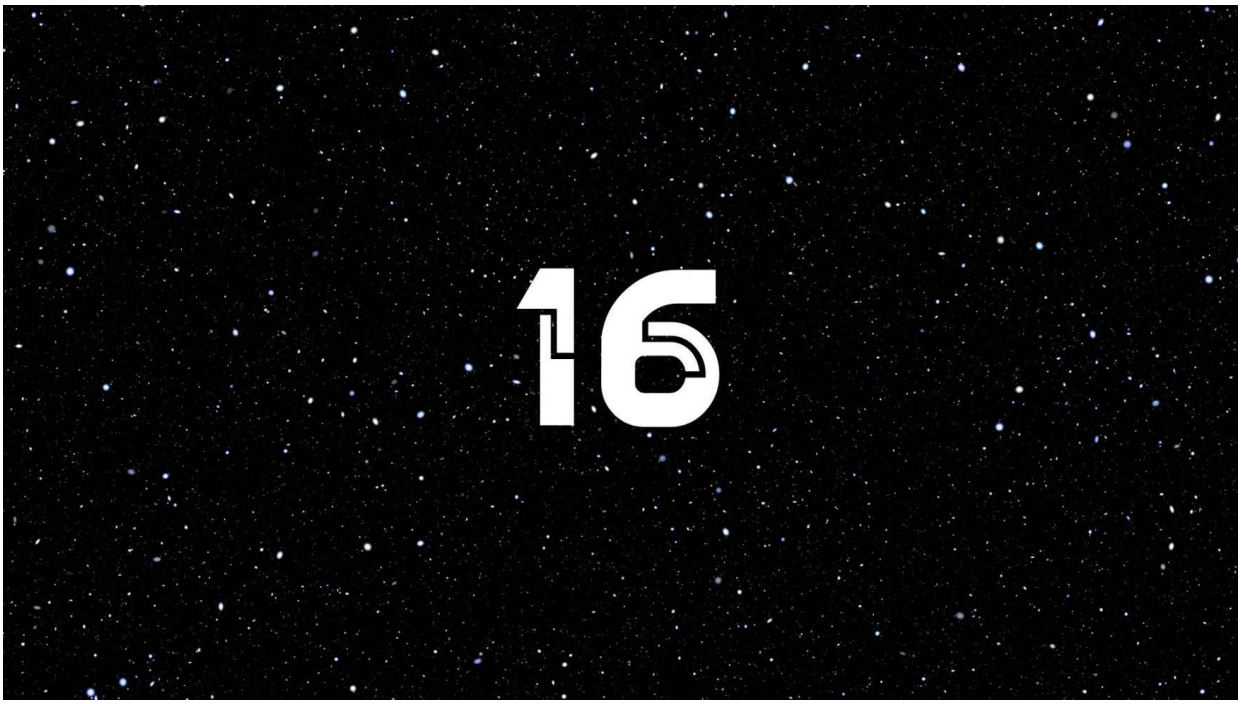
— Fez o certo, Elliot, me desculpe. – o semblante da mulher suavizou.

— Tudo bem. — assentiu.

— Kayla… – Tal-uya só percebeu que a mulher falava com ela quando a viu se aproximando. — Sonhei e planejei esse momento de várias formas, mas nunca pensei que nos conheceríamos assim.

A garota engoliu em seco. Quanto mais olhava para a mulher, mais evidente se tornava…

— Meu nome é Mirya, sou a líder do clã da Ásia e… sua irmã mais velha.



Kimchi

Tal permaneceu estática, sem conseguir falar nada. Esperava se sentir em casa com aquela revelação, só que isso apenas a fez se sentir ainda mais estrangeira ali. Tinha acabado de deixar uma irmã que amava e com a qual havia passado toda a vida, apenas para descobrir que não eram irmãs de fato. E agora tinha uma mulher completamente estranha na sua frente, que era na verdade sua irmã de sangue. Eram irmãs demais…

— D-do quê você me chamou? – foi tudo o que sua mente conseguiu raciocinar no momento.

Mirya riu.

— Kayla. Esse é o seu nome de nascença, o nome que nossos pais deram a você.

— Claro. – ela balançou a cabeça, processando a pronúncia. — Kayla… – sussurrou. — Acho que não é… totalmente estranho.

Mirya sorriu novamente.

— É claro que não. Era uma bebê quando partiu, mas seu inconsciente manteve algumas memórias.

— Por… – ela respirou fundo. — Por que eu parti? Por que fui enviada ao palácio? – perguntou finalmente o que a atormentava.

— Por que não entramos? – Mirya convidou. — É uma longa história.

— Tu-tudo bem. – Tal balançou a cabeça assentindo, tentando ser o mais forte que conseguia.

Mirya caminhou até a porta e a abriu, sinalizando para que eles entrassem.

— Você também. – ela falou para Elliot, que parecia desconfortável.

— Eu… eu tenho que ir pra casa…

— Não era uma pergunta. – Mirya o cortou com um sorriso que ainda demandava.

— Certo… – ele abaixou o olhar e fez uma careta. — Vem, M4. – Chamou o robô que ainda permanecia parado na entrada, tendo um pequeno surto existencial de máquina, por não ter conhecimento de nenhuma daquelas informações.

— Obrigada por tê-la trazido para casa. – a líder sussurrou para ele enquanto atravessavam a porta.

— Claro… – ele sorriu desconcertado.

— Venham, sentem-se aqui.

A entrada da casa era larga e bem decorada com hologramas de plantas no canto das paredes, quadros pendurados e uma mesa redonda de algo que se assemelhava à madeira no centro.

— Sente-se, querida.

Tal aceitou e se sentou na cadeira sentindo suas pernas agradecendo. Foram emoções demais em um dia para um corpo fraco como o seu.

Elliot se sentou do lado oposto da mesa e observou o olhar perdido da princesa, que inspecionava todo o cômodo. Quando percebeu que era assistida, o olhar de Tal encontrou o dele, que rapidamente desviou o seu, coçando a garganta.

— Aceitam suco? Pegamos alguns morangos da horta hoje e C3-D6 está fazendo Kimchi[1] na cozinha…

— Ah… não sei o que significa nenhuma das palavras que falou, mas aceito. – Tal respondeu envergonhada, e Mirya entrou na cozinha.

— Você vai amar morangos. – Elliot a tranquilizou do outro lado da mesa, com uma expressão animada. — Já o Kimchi… – fez uma careta.

— Para com isso, *kiddo*! – Mirya o repreendeu na porta com dois copos de suco. — Só diz isso porque vocês, ingleses, são fracos com pimenta. – sentou na cadeira e entregou os copos com o grosso suco avermelhado para cada um. — Tenho certeza que vai amar. – acalmou Tal. — Era… era um dos pratos preferidos de nossa mãe – o sorriso se desfez de seu rosto. — Ela ficaria feliz em saber que está aqui agora.

— Como ela era? – Tal perguntou hesitante e tomou um gole do suco. Era refrescante e doce.

— A nossa mãe… – um sorriso se abriu novamente, e o olhar dela se encontrou com o de Elliot.

— Era única. – Elliot respondeu.

— Sim, era excepcional, Eun era a última do seu tipo. A mãe mais amorosa e a mulher mais singular que já conheci.

— Como assim a última?

— Nossa mãe não era uma mulher qualquer, Kayla. Ela foi a última oráculo humana a existir. Quando morreu, vinte anos atrás, foi como se o coração pulsante dos clãs da Terra estivesse morrido junto.

— O que é um *oráculo*?

— São pessoas extremamente raras, mulheres, na maioria, que são agraciadas com um dom muito singular, talvez o dom mais poderoso de todo o universo. – Mirya continuou. — Elas são as únicas pessoas capazes de ouvir e se comunicar com a gravidade.

Um arrepio percorreu a espinha de Tal-uya ao ouvir aquela palavra. Novamente a gravidade.

— Como… O que é a *gravidade*?

— É o que segura o universo no lugar, os planetas, as estrelas, tudo. É uma força que está sempre em ação, ela nunca falha e nunca cessa. É o que mantém nossos pés presos ao chão, é o que garante a vida aqui, na Terra e em outros planetas. Existirmos é um ato de graça da gravidade.

— Os oráculos – Elliot continuou –, foram as mulheres escolhidas por ela, eram as únicas que conseguiam ouvi-la e foram quem guiaram nosso povo no exílio no passado.

— Estava escrito que pelo menos uma oráculo existiria em cada geração, mas desde que nossa mãe morreu, ninguém mais foi levantado… – Mirya falou, com uma tristeza no olhar.

— E apenas mulheres são escolhidas? Não existem homens oráculos? – Tal-uya questionou.

— Houve apenas um. – Elliot respondeu. — Há mais de quatrocentos anos atrás. É um evento raro, um homem ser oráculo.

— E… – a garota engoliu em seco. — Como nossa mãe morreu?

Mirya abaixou o olhar.

— Essa parte talvez seja mais dolorosa para você. Como era seu relacionamento com a falecida imperatriz?

— Não era dos melhores. – a princesa desviou o olhar.

— Que bom. Porque foi ela quem matou nossa mãe. – Mirya declarou, com o rosto tomado por raiva e mágoa.

— O quê? – Tal se engasgou com o suco e tossiu, sentindo o nariz arder.

— Existe uma profecia… – Myria retomou a fala e Tal-uya percebeu que o assunto era delicado para ela. — Depois de quatrocentos anos, os humanos estariam destinados a retornar do exílio. A profecia chegou ao conhecimento da Imperatriz, assim como a crença de que uma oráculo seria parte indispensável na transição. Por isso, ela mandou todo um batalhão de Kepler para cá, a fim de matar nossa mãe. A gravidade a avisou alguns dias antes, através de um sonho, e ela enviou eu e meu… quero dizer, nosso irmão mais velho, Kim, para as cavernas ocultas, para nos esconder. Só que você era pequena demais, e ela não conseguia se desprender de você, pelo menos era o que eu pensava na época… – um sorriso esperançoso surgiu no rosto da mulher tão marcada por suas perdas.

— Como assim?

— Quando os soldados de Kepler chegaram houve um massacre, ninguém queria deixar que levassem nossa mãe, e eles assassinaram todos os que tentaram protegê-la.

O estômago de Tal se revirou dentro dela. Saber que o clã de Kepler matava humanos era uma coisa, agora saber que eles haviam matado sua mãe era algo completamente diferente.

— *Kimchi está pronto.* – uma voz mecânica veio da cozinha, interrompendo a intensidade do momento.

Um robô humanoide extremamente avançado saiu da porta, carregando uma bandeja em seus braços. Ele tinha um corpo mecânico e um visor no lugar onde ficaria o rosto.

— Obrigada C3-D6, pode colocar aqui. – Mirya disse para ele, que se aproximou e a obedeceu.

O cheiro da comida preencheu a sala, e o estômago de Tal roncou de fome, de medo, de tudo.

— Mas o quê aconteceu – ela voltou ao assunto – com a nossa mãe?

Mirya engoliu em seco, nunca gostava de relembrar aquelas memórias. Pegou três pratos da bandeja, espalhou pela mesa e serviu uma colher grande de kimchi para cada um, acompanhado de uma colher de arroz.

— Ela morreu. – respondeu depois de um tempo. — Ela e todos que tentaram protegê-la.

— “O massacre dos vinte anos”. É como chamamos. – Elliot acrescentou, coçando a garganta.

— Pensamos que você tinha morrido também. Na verdade, tínhamos quase certeza. O seu nome foi até escrito na lápide ao lado deles…

Saber aquilo não fez Tal se sentir melhor, a fez se sentir como uma peça que não encaixava, como se pertencesse a outro lugar.

— Quando te vi nos hologramas imperiais pela primeira vez, soube que era você. Nossa tecnologia humana confirmou dias depois, através do escaneamento de sua estrutura óssea, que era de fato a minha irmã. A filha caçula de Eun Young.

— E por que… não foram atrás de mim? Por que não fizeram algo? – a voz da princesa saiu mais ferida do que imaginava.

— Porque Cal-uya sempre a manteve entre suas garras e, porque sendo criada da forma que você foi, receber uma notícia como essa no momento errado seria avassalador. Eu sempre acreditei que no tempo maduro você descobriria por si própria. É sua identidade, ninguém consegue fugir da própria verdade por muito tempo. E por isso eu esperei, por todos esses anos. Queria que, se viesse até nós, viesse então por conta própria.

— Faz sentido… – Tal abaixou a cabeça pensativa e seu olhar se encontrou com a comida. — Tá bom, eu preciso comer. – encheu o garfo de acelga e o levou direto à boca.

— Isso, isso, por favor. – Mirya a encorajou. — Você também. – olhou para Elliot.

O gosto era mesmo diferente de tudo que ela havia comido antes, porém, como tudo naquela casa, era estranhamente familiar.

— É bom, muito bom. – falou de boca cheia, para a alegria de Mirya.

— Ah, viu! – ela levantou os braços, comemorando a vitória. — É uma verdadeira *coreana*.

Tal-uya coçou a garganta.

— O que é isso?

— Coreia é a nossa nacionalidade, ou era. Bom, era o país de onde nossos ancestrais vieram, antes… antes da *maldição.* Mas isso não é assunto para agora, por favor, já enchi sua mente demais. Coma.

Tal balançou a cabeça e continuou a comer, sendo abraçada pelo sabor do prato, como se estivesse se reencontrando com uma sensação antiga. Ela se serviu de mais kimchi assim que viu seu prato vazio.

— Huh, está bom pra mim. – Elliot colocou a mão na boca e encostou os talheres no prato. — Me desculpe, Mirya, prometo que ainda vou aprender a gostar.

— E eu vou te fazer comer até esse dia, então. – Mirya falou e Tal riu.

— Combinado. – ele piscou para a mulher mais velha, com o olhar cansado.

— Pode ir para casa, meu filho, vai. Amanhã vamos ter um dia cheio com o conselho dos clãs.

— Certo. – Elliot se levantou da cadeira, percebendo que o pequeno robô, além de se manter calado, permanecia ao seus pés.

— Ei, amigo. – ele curvou o corpo. — Cuide bem da sua senhora, está bem? Garanta que ela durma bem esta noite.

— Acho que isso não vai ser muito difícil. – Tal riu do outro lado da mesa. — Eu estou tão cansada que posso dormir em qualquer lugar.

— Eu percebi no carro. – Elliot deu uma piscada e contornou a mesa, caminhando até onde ela estava.

Percebendo a cena, Mirya colocou um fio do curto cabelo para trás da orelha, assim como a irmã mais nova sempre fazia.

— Eu vou embalar um pouco de kimchi para o seu pai. – disse já entrando na cozinha.

Tal se levantou da cadeira, limpando a boca e colocando um fio de cabelo para trás da orelha, assim como a irmã fez segundos antes.

— Obrigada por ter me encontrado no túnel… por ter me ajudado mais cedo. Por tudo, eu acho.

— Não… eu-eu sinto muito. Talvez se não tivesse ido ao baile nada disso teria acontecido. Foi inconsequente da minha parte. – disse arrependido.

— Ah, o baile… – Tal riu. — Eu já tinha me esquecido disso. – colocou a mão na testa. — Não se preocupe com isso. Como Mirya disse, eu estava destinada a descobrir em algum momento. E… talvez você estivesse destinado a me ajudar.

Elliot fez uma careta, não conseguia ver suas ações como ajuda.

— Talvez, eu espero.

— Acho que só o tempo vai dizer.

— Recurso que estamos em falta, no caso. – sussurrou, pensando ainda no relógio de mais cedo.

— O quê?

— Nada não. – meneou a cabeça. — Vai ficar bem? Tem certeza que não quer que eu te leve de volta para o palácio? Tenho meus contatos.

Tal-uya riu, a proposta era até tentadora, mas irreal.

— Acho que não tem mais caminho de volta agora. – ela respondeu dolorida

— E como você está com isso? – ele percebeu.

— Processando. Acho que dormir pela primeira vez em uma cama humana talvez ajude.

— Não quero te frustrar, mas não é grande coisa não. – brincou.

— Mentira isso. – Mirya saiu da cozinha com uma sacola em mãos. — Elliot, você só está gerando as piores impressões na garota. Tome. – lhe entregou a sacola — Agora saia daqui. Fale com Reuel, que amanhã vou perguntar se ele comeu, hein?

— Pode deixar Mirya. – Elliot riu e foi até ela, lhe dando um abraço. — Boa noite.

— Boa noite, garoto. – ela segurou o rosto dele. — Obrigada mais uma vez.

— Não há de quê. – ele assentiu e caminhou até Tal.

— Boa noite, princesa. – Elliot balançou a cabeça, sem se aproximar muito.

Antes que Tal conseguisse responder, ele já havia saído pela porta.



Todas as Nossas Transgressões

Foi apenas quando se viu sozinha em um quarto pequeno do segundo andar da casa, que Tal percebeu o que havia feito. Estava em uma casa humana, localizada em um bairro humano, que era liderado por sua irmã humana. Era o mais humana que havia sido em toda a sua vida.

Ela caminhou pelo cômodo, o achando assustadoramente sufocante. Por mais que estivesse limpo e as roupas na cama parecessem ter sido dobradas com cuidado, apenas o banheiro do seu quarto no palácio já era três vezes maior do que aquele. O banheiro dali era na verdade um estreito tubo prateado, um pouco maior que ela, acoplado do lado da parede.

Tal-uya observou o lugar pelo maior tempo que conseguiu, dando voltas no quarto e viu a rua pela janela. Quando seu corpo implorou por um banho, se deu por vencida e entrou no tubo estreito. Tudo era desconfortável: o frio que sentia por sua pele, a água que não saía direito e seus cotovelos, que toda hora batiam nas extremidades do tubo. Se sentia humilhada e injustiçada. Não era aquilo que esperava quando deixou o palácio. Na verdade, não esperava nada daquilo ao sair do palácio. Não teve tempo de

considerar as opções e suas possíveis consequências, apenas agiu guiada pela adrenalina e um desejo que ainda não sabia como nomear. Precisava de respostas e, de certa forma, as havia recebido.

Se sentou exausta na cama e a ouviu ranger. O tecido do pijama, que para Tal, era de baixa qualidade, roçava em sua pele, a incomodando. M4 estava desativado no canto da porta, com sua roda recolhida para dentro. Ele não falou muito depois que chegaram, o que a fez imaginar que o *droid* estaria estranhando o lugar tanto quanto ela. Depois de quinze minutos rodando o cômodo, falando sozinha e batendo palmas, ela finalmente descobriu como desligava a luz. Se deitou encolhida na cama pequena, sem nem se importar em puxar a coberta. Estava tão cansada que poderia dormir em qualquer lugar.

Foi quando suas costas bateram em algo duro, que não era o colchão, que percebeu que havia algo ali. Levantou o corpo com dificuldade e tirou debaixo de si uma espécie de caderno. Ele era quadrado, pesado e tinha uma cor azulada. Abrindo a capa, Tal percebeu que as folhas de dentro eram telas, a cada página que virava a próxima acendia.

Ela demorou para entender o conteúdo até que as imagens em movimento foram se estabilizando e ficando mais claras. Era uma família, a sua família. Todos trajavam vestidos coloridos, até o pai, que eram presos do busto e iam até o chão. Parecia algo típico do clã, mas que ela não conseguiu identificar.

Passou as páginas mais rapidamente, sedenta por aquelas memórias, pelas lembranças que nunca tinha vivido, por aquela vida que nunca foi sua. Nas imagens-vídeo uma festa estava acontecendo, havia um grande bolo e outras pessoas em volta comemorando. Sua mãe era linda, apenas pelas fotos, ela pôde ver o efeito que a mulher causava nas pessoas , por isso, o vazio que havia deixado era tão grande. Sentiu sua falta, sentiu falta de ter uma mãe. Desejou ter esse contato pelo menos uma vez na vida.

A Imperatriz nunca quisera ser uma mãe para ela, e Tal pensava não se importar, até aquele exato momento, onde imaginou como seria comemorar um aniversário com sua família em volta. Sentiu uma grande fincada no coração e começou a chorar lágrimas doloridas, lamentando as memórias que nunca teria, que tinham sido roubadas dela. As lágrimas que caiam no vidro causaram pequenas interferências e fizeram a luz das páginas tremeluzir por alguns segundos.

Era uma bebê feliz. Pelo menos estava sorrindo em quase todas as fotos. Se perguntou se em alguma outra época de sua vida havia sido feliz depois daquela. Ela chegou na última página, se sentindo ainda mais desgastada pelas lágrimas que continuavam a rolar. Lá havia um pequeno papel que parecia ter sido colado há não muito tempo. Nele estava escrito em linguagem universal, a mesma usada por humanos e lunares:

Depois que Eun sonhou com o aviso da gravidade, faltava ainda alguns meses para o seu aniversário de um ano. Ela, porém, sabendo o que estava por vir, se recusou a perder essa memória e mobilizou todos para que você tivesse sua primeira festa. Até em seus últimos momentos, ela pensou em você.

As lágrimas que já rolavam antes, agora jorravam com mais intensidade, fazendo a garganta de Tal-uya arder e o peito doer. Se levantou ofegante e respirou fundo, ainda sem conseguir controlar o choro. Colocou as mãos no rosto e soluçou, sendo invadida pela onda de emoções e se sentindo assustadoramente sozinha e inesperadamente amada. Depois que se acalmou, colocou o álbum no chão e deitou a cabeça no travesseiro novamente. Adormeceu sentindo a profundidade e o acalento do amor de uma mãe pela primeira vez.

Naquela noite, Tal sonhou com sua mãe. No sonho, estava uma floresta. Altas árvores se estendiam à sua volta e pareciam tentar sufocá-la. Ela correu, com o coração acelerado, sem entender onde estava nem como havia parado ali. Porém, toda vez que se movia, suas pernas doíam, o chão ali parecia ser mais duro do que na lua, quase a machucava simplesmente pisar nele. Correu, assustada, até a primeira silhueta que viu à sua frente.

— É uma pessoa, finalmente. – suspirou ofegante.

Com o corpo cansado, estendeu o braço e tocou no ombro da pessoa. Porém, quando seu braço pesou no lugar, a parte que tocou se dissolveu, como se fosse feita de terra. Ela tirou o braço assustada e tropeçou para trás, viu o corpo virar na sua direção. No lugar dos olhos estavam dois pequenos lírios, e a pessoa, que um dia fora uma mulher, abriu a boca e de sua garganta cresceu uma planta.

— AHH – Tal-uya gritou horrorizada e voltou a correr, lutando contra a fadiga que a abatia.

No caminho, viu outros daquela forma e no instante que suas cabeças se viravam para mirá-la, suas pernas ganhavam um estímulo a mais para correr.

“Esse é o problema do mal.” Ela começou a ouvir vozes sussurrando à sua volta.

"Nós trouxemos essa maldição sobre nós.”

“É nossa culpa. Nossa transgressão.”

A garota se assustou quando percebeu que caminhava para o fim da floresta, adentrando um campo plano.

— Kayla, pare. – a figura da sua mãe se materializou à sua frente, tão bela quanto nas fotos, e a segurou pelos ombros.

— O quê?! – ela piscou, surpresa.

— Você é a chave, Kayla, sempre foi. Soube disso desde o dia em que nasceu.

— A chave para o quê? – perguntou ofegante.

— Para nos trazer de volta para cá.

— O quê? Esse lugar é horrível. – ela gritou, sentindo os sussurros das vozes aumentando cada vez mais na sua cabeça.

— Precisa dar meia volta e adentrar a floresta novamente. – a mulher falou de forma doce e determinada.

— Na-não! Nunca.

— Não pode fugir, Kayla, não pode fugir de nada que está destinado a vir até você. Pode até temer, mas não fugir, isso não faz parte de você.

— Mas… – ela agora tinha a impressão de que a floresta se movia até onde estavam, quase às alcançando.

— Agora volte para a floresta e deixe que elas contem suas histórias. – a mulher olhou para o grupo de pessoas meio-humanas, meio-plantas que caminhavam até elas. — Precisa saber, precisa saber o quê as levou até este estado.

Em um instante, sua mãe desapareceu, e ela estava cercada pelas árvores novamente. Uma mão feita de galhos agarrou sua perna e a derrubou no chão, ao cair na terra, sentiu um corpo humano se desfazer debaixo de si. Virou o rosto e viu outro alguém, que tinha apenas o torso, se arrastando até ela. Metade do rosto dele estava tomado por espinhos que haviam crescido na orelha e bochecha. Tal tentou se levantar, só que um tronco de árvore com rosto humano a prendeu no chão, e o homem de espinhos finalmente a alcançou.

Tal-uya acordou ofegante na cama. Se sentou de uma vez, sentindo-se trêmula e percebeu que suas mãos estavam suadas.

— Foi só um pesadelo. Só um pesadelo. – repetiu para si mesma enquanto aguardava seu coração alinhar às batidas.

O peso no peito se dissipou e ela finalmente se acalmou.

— Que ótima primeira noite como humana, hein? – sussurrou consigo mesma, frustrada.

As luzes do lado de fora da janela já estavam todas acesas e tudo indicava que já havia amanhecido. Como viviam no subterrâneo, a falta da presença do céu arroxeado e das estrelas era compensada pelas luzes de *led* que iluminavam os túneis junto com as outras construções em volta.

— *Minha senhora, que bom que despertou.* – a voz mecânica de M4 veio da porta.

— Ah, ele ainda fala! Estava tão calado ontem que até me preocupei. – brincou com ele, tentando esquecer do sonho.

— *Eu estava… processando todos os eventos. Leva um certo tempo, entende?*

Tal riu, coçando o rosto.

— Você nem imagina…

— *E como a senhora está se sentindo nessa manhã?*

— Estranha, tive um pesadelo bizarro. Ainda cansada e… com fome, com muita fome.

— *Excelente! Sua irmã pediu para eu lhe avisar que o café está pronto. Estão apenas te aguardando. Mas precisa ter pressa, ela disse.*

— Ai *lobos da lua*, eles quem?! – e se levantou de uma vez, se enrolando no lençol.

— *O senhor Elliot e marido de Mirya, Abul. Pessoas muito agradáveis, posso dizer.*

— Você… ficou conversando com eles?

— *Não preciso te lembrar que não durmo, certo?*

— Nossa, me desculpe, inteligência suprema, é verdade. – Tal resmungou arrumando a cama sem prestar muita atenção. — Droga! Nem para eu trazer algumas roupas do palácio. – parou na frente do espelho, analisando seu estado.

Reparou que naquela manhã sua pele já havia adotado uma tonalidade cinza mais clara.

— *Pode usar as que a sua irmã te deixou.* – o *droid* apontou com o bracinho mecânico para uma pequena mesa de ferro que havia ao lado do banheiro. Havia uma pilha de roupas ali.

— É que elas são tão… sem vida. – sussurrou, com uma careta. — Quer saber, isso não importa, eu não estou mais no palácio, afinal.



Tal desceu as escadas usando um macacão muito similar ao da sua irmã na noite anterior, mas esse era verde-musgo, o que a fez gostar menos ainda dele. Não tinha cores o suficiente para ela. O que salvava sua aparência era seu cabelo rosa, que estava levemente ondulado por ter dormido com ele molhado.

Ao chegar no primeiro andar com M4 ao seu lado, notou uma comoção que vinha da cozinha. Alguns instantes depois, Mirya saiu dela:

— Ah, aí está você! – levantou os braços com um sorriso nervoso no rosto. — Ela chegou… – sussurrou para alguém na cozinha.

— Ah, M4 me falou que você o pediu para me chamar… – Tal explicou, sentindo como se tivesse interrompido algo.

— Sim, claro! Só tivemos um pequeno problema de última hora com o feijão, o resto já está todo pronto. – Mirya sorriu com expectativa.

Tal acompanhou o sorriso, curiosa.

— O resto de quê?

— Do melhor café da manhã que terá em sua vida. – Elliot colocou a cabeça pra fora, o que fez o coração de Tal saltar inesperadamente.

Ele estava com o cabelo molhado e um sorriso de criança sapeca no rosto.

— O quê… o quê vocês estão fazendo? – Tal-uya desceu o último degrau e começou a se aproximar da cozinha.

— Olha – Mirya a parou no caminho. – , a ideia foi de Elliot.

— Mirya?! – Elliot pareceu ofendido.

— Foi uma ótima ideia! Só esclarecendo de quem veio.

— Qual *ideia*?! – Tal-uya indagou.

Elliot voltou a cabeça para dentro, e Tal o ouviu falando com alguém.

— Bom, você não está familiarizada com a culinária humana, certo?

— Sim. Só *humburgue* e… *kincha*?

— Kimchi. – Mirya a corrigiu com um sorriso.

— Por isso, pensamos em preparar para você o café da manhã mais humano possível.

Ela estendeu o braço, e um homem e uma criança saíram da cozinha, ambos carregando duas bandejas fartas. Tinham pele âmbar e ficou claro que eram pai e filho.

— Seja-bem vinda, tia Kayla. – o menino falou sorridente e caminhou até a mesa, colocando a bandeja e aliviando os braços.

Tal não estava preparada para aquilo, para ser chamada daquela forma. Ela era… *tia*?

Não teve outra reação senão sorrir para o garoto, um sorriso mais alegre do que esperava.

— É… é um prazer. – gaguejou, nervosa. — Conhecer ambos. – Balançou a cabeça.

— O prazer é nosso, sonhamos muitos anos com esse dia. – Abul, o pai do menino, falou com sinceridade e se sentou à mesa.

— Eu sou o Jafari. – o garotinho estendeu a mão para ela, a cumprimentando.

— É um prazer te conhecer Jafari. Eu sou a Ta… Kayla. – falou nervosa e com dificuldade. Se esqueceu que o garoto já sabia quem ela era.

— Tudo bem se quiser usar o outro nome, tenho outro nome na escola também.

— É mesmo? – Tal riu.

— Kayla, por favor, venha se sentar. – Mirya, que ainda estava em pé, a chamou, marcando uma cadeira.

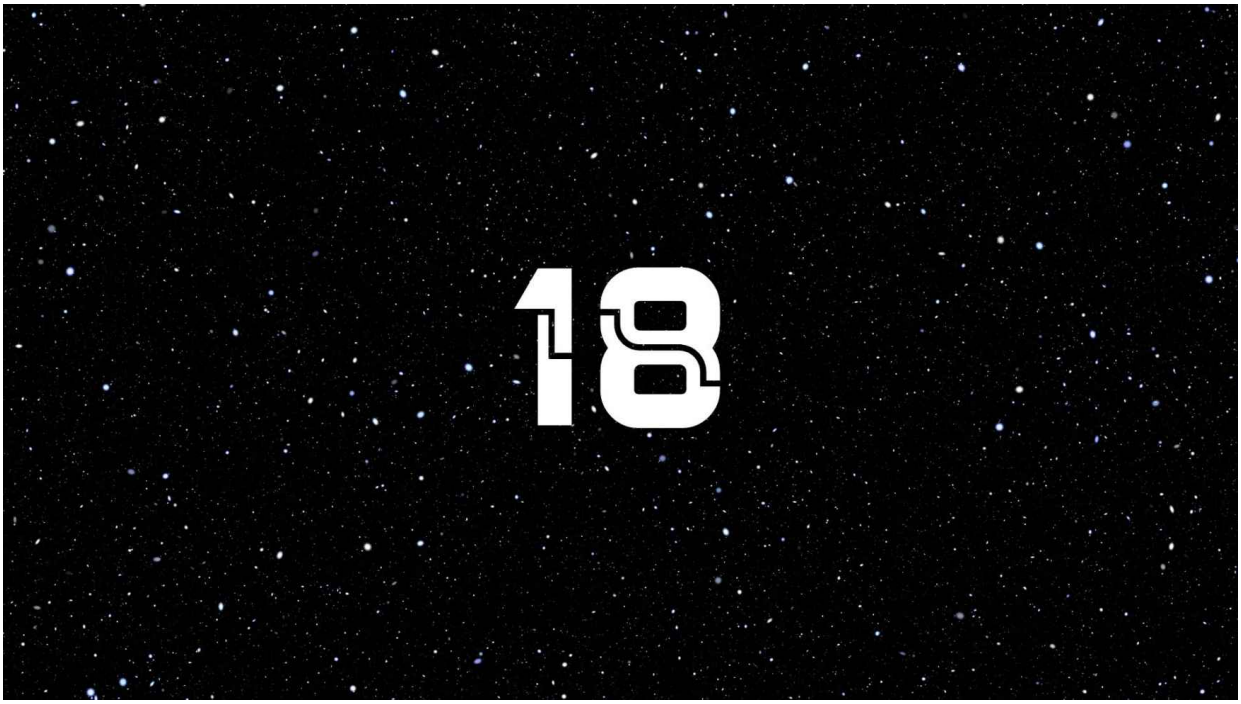
— Tudo bem… – ela se aproximou e se sentou, hesitante e ansiosa.

Mirya se sentou ao seu lado e Elliot, que chegou logo em seguida, havia se sentado do outro lado da mesa, bem de frente para a princesa.

— Então…? – ela arqueou as sobrancelhas. — O quê exatamente é tudo isso?

Elliot sorriu orgulhoso.

— O café da manhã britânico. Ou pelo menos uma réplica acessível do que ele costumava ser.



A Praga da Gravidade

Sentada à mesa, Tal observava enquanto Elliot montava uma coisa grotesca no prato para ela. A mistura dos diferentes alimentos não parecia combinar de forma nenhuma, mas tentou ter um pouco de fé. As outras comidas humanas que havia provado até então tinham a surpreendido.

— E então? – ele perguntou assim que ela deu a primeira mordida no pedaço de torrada coberto por feijão doce, bacon e ovos sintéticos.

As únicas coisas de verdade ali eram o pão e os feijões. Através de redomas eles conseguiam cultivar sementes como trigo e feijão. Todo o resto era sintético, uma gosma sem gosto, feita de soja, que era pintada e adicionada sabor sintético para se parecer com os alimentos do passado.

Tal mastigou o primeiro pedaço com uma careta estampada no rosto.

— Eu não sei, não… – sussurrou, colocando o pão de volta ao prato.

— Sério? – Elliot fez uma careta, tentando manter a esperança.

Todos na mesa a observavam, e ela se sentia em uma encruzilhada.

— Acho que eu vou comer essa parte aqui de cima… – pegou o *bacon* com o garfo e deu mais uma mordida.

Elliot suavizou o rosto e se virou para Mirya:

— Você estava certa. – riu.

— Eu sempre estou, querido. – deu um tapinha na bochecha dele. — Agora coma também. Vamos ter um dia cheio.

Tal olhou para ela, em um sinal para que falasse mais.

— Bom… – Mirya começou. — Sua chegada é algo muito importante para nós, convocamos uma reunião entre os líderes de todos os clãs. Estamos vivendo um tempo… determinante como povo e pensamos que talvez… – ela parou, respirando convicta. — Não tenha sido à toa. Certamente não foi.

— O quê?

— Tudo. Sua chegada, você ter descoberto sua origem agora, nem antes, nem depois, *agora*. Nunca houve tempo mais oportuno para te ter em nosso meio, Kayla.

— Acha que significa algo? – perguntou temerosa, engolindo o *bacon* com dificuldade. Se lembrou do pesadelo da madrugada e das palavras de sua mãe.

— Tem que significar… – Mirya disse saudosa. — ela ficou em silêncio por tempo demais.

— Quem?

— A gravidade.

Um silêncio similar tomou conta da mesa. Parecia que todos compartilhavam da mesma sensação, de terem sido abandonados pelo próprio silêncio. Sem uma resposta, sem um sinal, sem uma mensagem sequer.

— O que aconteceu com a Terra? – Tal perguntou de repente, os pegando de surpresa.

Mirya coçou a garganta e Elliot olhou no relógio.

— Eu tenho que ir. Preciso encontrar com o esquadrão às nove. – ele devorou rapidamente o pão que comia e se levantou da cadeira. — Essa história não é minha favorita, então, vou deixar Mirya contá-la. – se explicou olhando para Tal, enquanto pegava sua jaqueta.

— Tudo bem, obrigada pelo café, Elliot. – Mirya acenou da mesa.

— É… – Tal virou o corpo. — Obrigada.

Seu olhar se encontrou com o dele. Mal se conheciam, mas queria confiar no rapaz, queria acreditar que suas razões eram puras e genuínas. Queria acreditar que, por algum motivo que ela desconhecia, Elliot havia

simplesmente simpatizado com ela e por isso havia aparecido naquela manhã.

— De nada. – ele assentiu, como se fosse uma trivialidade. — É uma pena que não tenha gostado tanto assim. – sorriu e saiu pela porta.

— Ele não é assim com todo mundo, caso esteja se perguntando. – Mirya disse, notando que Tal estava olhando para a porta.

— Como assim? –ela se virou para a irmã.

— Acho que se sente culpado. Reul e ele compareceram ao seu baile dos clãs sem a minha aprovação, eu nem sabia, na verdade. Pedi para que te deixassem fora disso tudo. O tempo no relógio está acabando, e isso está deixando as pessoas loucas, tentando criar soluções por si próprias, pensando que podem fabricar respostas ou sinais da gravidade. – Mirya coçou os olhos, o cansaço ainda exposto. — Elas não podem, ninguém pode.

Jafari e Abul se levantaram, recolhendo os pratos. O pai sinalizou com os olhos para o filho, para que deixassem a mesa para as irmãs. O pequeno prontamente obedeceu.

— Mirya o que é… tudo isso? Eu… eu preciso entender. O *que* aconteceu com a Terra?

A irmã mais velha suspirou, abrindo as janelas da própria memória.

— O que te contaram no palácio?

— Nada. – Tal deu de ombros. — A terra se tornou inabitável e os humanos migraram para a Lua.

Mirya riu de forma amarga e deu uma última mordida no seu pão.

— É muito mais do que isso. – limpou a boca. — A questão não é a Terra ter se tornado inabitável, mas *porquê* se tornou.

— Uma maldição… – Tal-uya sussurrou, se lembrando das vozes no sonho.

Mirya arqueou a sobrancelha, surpresa.

— Exatamente. Uma maldição lançada pela própria gravidade contra nós porque desolamos a terra em que vivíamos. Assassinamos nossa própria espécie e nos esquecemos por quem fomos criados.

Falando isso, Mirya tirou um aro metálico que estava preso à sua cintura, muito parecido com o que Elliot havia usado no dia do baile. O colocou na mesa e deslizou o indicador por uma parte dele, ativando um holograma.

— Essas imagens são confidenciais. Apenas os líderes dos clãs têm acesso. – explicou enquanto movia a mão, passando imagens. — Quando a

praga atingiu a humanidade, a Terra estava tão seca e árida quanto a própria Lua, não havia mais natureza, nem um resquício dela. – o holograma parou em uma filmagem de árvores.

— Isso é… natureza? – Tal perguntou, assustada por ser um cenário muito similar ao que viu em seu sonho.

— Sim, é a essência do nosso planeta: florestas, rios, bosques, cerrado, matas, uma riqueza imensurável, dada pelo próprio solo. Quando a praga nos atingiu, não havia mais nada disso, a humanidade havia se tornado autossustentável, não precisaram da natureza para sobreviver, e então, a mataram. Tudo era artificial, sintético e fabricado por mãos humanas, nem o oceano existia mais. Um dia, um milagre aconteceu, e ele veio em forma de justiça divina. A justa vingança da gravidade. Allum era a segunda maior praia artificial da Terra naquele tempo, frequentada apenas pela elite dos continentes… e ela foi a primeira a cair.

— O que aconteceu? – Tal engoliu seco.

— No final da manhã, quando todos aproveitavam o Sol e nadavam, a maior onda gerada pelos impulsos magnéticos, nunca quebrou, como deveria. Ela se tornou uma montanha enquanto ainda estava no ar, a água foi instantaneamente transformada em plantas, raízes e árvores, se tornando sólida em segundos. Tudo foi tomado pela até então extinta natureza, inclusive as pessoas que estavam lá.

Tal colocou a mão na boca, assustada, não foi apenas um sonho.

— Foi um massacre, porém, sem uma gota de sangue sequer. Toda aquela região foi tomada pela natureza, as pessoas se tornaram árvores, aberrações grotescas e poucos conseguiram fugir a tempo. A praga foi tomando a terra aos poucos, a natureza, a força, retomando seu lugar. Os humanos que sobreviveram e que viviam nas regiões ainda não alcançadas pelo fenômeno, não tiveram outra escolha. Eles tinham que sair do planeta, estava claro. Naquela época, a primeira oráculo foi levantada, o primeiro ser humano a ouvir e se comunicar com a gravidade em milênios. A mensagem dela era clara: a humanidade seria exilada de seu planeta natal, e a Terra seria restaurada. Só que a punição não duraria para sempre, em 400 anos poderíamos voltar… – Mirya sorriu, igualmente triste e esperançosa.

— Por isso construíram o relógio…

— Exato, para não nos esquecermos de onde viemos e para onde iremos retornar. Para não cairmos no risco de pensar que a nossa vida aqui é tudo o que temos.

— Nossa mãe acreditava que voltaríamos? – Tal perguntou.

— Acreditava, de todo o coração. Ela deu sua vida por essa causa, e é por isso, que precisamos conseguir. Precisamos retornar. – Mirya respirou fundo, como se juntasse a coragem. — Preciso te perguntar… e quero que seja honesta e verdadeira comigo. É tudo o que eu espero.

— Certo… – Tal-uya se ajeitou na cadeira, incomodada.

— Estaria disposta a nos ajudar? Pois precisa saber, é isso que os líderes dos clãs esperam na reunião desta tarde. Sua total colaboração, com tudo o que sabe, com tudo o que viu no palácio. Precisa me dizer se quer entrar nessa guerra, é tanto humana quanto lunar, eu sei disso. E diferente do que pensam, não acredito que a gravidade precise de você para nos levar para casa. Se for para sairmos daqui, sairemos de uma forma ou outra.

Mirya estendeu a mão, atravessando a mesa e Tal aceitou o gesto, mesmo surpresa com ele, e pegou na mão da irmã.

— Precisa me dizer se quer, de fato, tomar um lado. Porque se não estiver segura, posso arrumar uma forma de te levar de volta para o palácio sem que ninguém perceba. Os humanos podem ser tão insensíveis quanto os lunares quando querem algo, e não quero que se torne uma *peça* nisso. É muito mais do que isso, entendeu? É minha irmã.

Tal sentiu suas bochechas esquentarem e uma vontade inesperada de chorar. Não pensava que poderia ser amada assim por alguém que mal conhecia.

— Mas agora, se quiser ajudar, se realmente veio até aqui por conta própria e pretende ficar, não terá como fugir, terá que assumir seu papel nessa guerra, seja ele qual for.

— Eu vou ficar… – Tal suspirou e deu sua resposta, mesmo não passando tanta confiança quanto gostaria.

— Por quê? – Mirya semicerrou os olhos.

A princesa teve a estranha sensação de que ela podia vê-la por dentro e não gostou disso.

— Porque eu não quero voltar. – falou de uma vez. — Não quero voltar para o palácio.

— Você tem medo de sua *irmã*, não tem? De Cal-uya?

Ela desviou o olhar, tentando ignorar a resposta que já estava marcada em seu rosto.

— Quem não tem? – indagou em um tom de brincadeira, que na verdade, continha dor.

— Medo não é amor, Kayla. Ele não pode controlar suas decisões.

Tal assentiu e afastou a mão. Nunca tinha tido uma conversa daquele tipo com ninguém, ela a confrontava, e ainda assim sentia-se amada e não ferida.

— Se ficar, vai ter que encontrar um motivo mais forte do que o medo de voltar, está ouvindo? – Mirya a repreendeu de forma dura, porém, doce.

— Sim. – Kayla respirou fundo e levantou o rosto.

Sentindo pela primeira vez uma certa determinação nascer dentro de si.

— Você pode até temer, mas não fugir, isso não faz parte de você. Não é do que nós, mulheres da família Young, somos feitas.

O coração de Kayla parou por um instante, percebendo que a irmã acabara de falar as exatas palavras que sua mãe lhe dissera no sonho. Não era coincidência, não poderia ser.

Ela sorriu nervosa, em resposta.

— Certo. – puxou o ar, na esperança de que alguma determinação viesse junto.



A princesa cruel

A princesa Cal-uya não conseguiu dormir durante a noite, seus olhos permaneceram vidrados a todo e qualquer movimento, as mãos trêmulas e o coração acelerado. Sua irmã havia desaparecido sob o seu radar, e ela não conseguia decidir em qual hipótese acreditar: havia fugido por conta própria ou tinha sido sequestrada pelos humanos?

Eles estavam desesperados, não estavam? Uma tal profecia se cumpriria em semanas. As pessoas estavam agitadas nas ruas e os trabalhadores mais insubordinados. Aquilo a estava matando, tudo aquilo, todos *aqueles* humanos, seus conflitos e suas proles que não paravam de nascer. Em parte, só queria se ver livre deles. Desejava que se mudassem para qualquer fim da Galáxia, contanto que a deixassem em paz. Queria viver e existir como princesa, pela primeira vez, e não como uma bomba relógio que parecia sempre estar prestes a explodir.

No entanto, ela não podia. Não importava qual fosse a ideia maluca deles e o quão suicida pudesse ser, em hipótese nenhuma os deixaria partir. Havia feito uma promessa, e os lunares nunca quebravam suas promessas.

A porta mecânica de seu escritório apitou e Axyon, seu marido, adentrou o cômodo. Ele trajava o usual uniforme vermelho de Copernicus, o clã da política. Ele exibia seus cabelos esverdeados presos em um coque, junto de um olhar cansado, distante.

— Eles ainda não a encontraram?

— Não. – Cal rosnou com os olhos firmes no painel de controle, onde diferentes hologramas ocupavam sua visão.

— Está amanhecendo e você nem foi dormir…

— Como eu poderia!? – ela se virou, irritada. — Minha irmã desapareceu, e os estúpidos dos soldados de Kepler não conseguem encontrá-la. A cada dia estamos mais perto de uma guerra com os humanos, o palácio não tem um Imperador, e eu sou a única que faz este lugar funcionar. Não me dou o *luxo* de dormir, Axyon. – vomitou todas as palavras de uma vez, exausta.

— Ax… – ele sussurrou, olhando para ela.

— O quê? – o olhar irritado da princesa finalmente voltou para ele.

— Quando nos casamos, você me chamava de Ax. Me pergunto quando voltei a ser só Axyon para você.

Ela revirou os olhos, agora irada.

— E eu me pergunto quando pensou que merecesse mais do que isso. – levantou o queixo, orgulhosa e voltou o olhar para o painel.

— Cal, você não quer di… – ele se aproximou lentamente do painel com olhar ferido.

— O quê eu *quero*, você nunca pôde me dar. – Cal respirou fundo e se voltou para ele. — Com os vermes humanos se reproduzindo aos montes, a princesa lunar se casa com um homem que não pode lhe dar filhos... – falou de forma dramática e amarga.

Os ombros de Axyon caíram, e ele desviou os olhos, envergonhado.

— Para quê serve você então? – o fitou, arqueando as sobrancelhas. — Certamente não é para vir com sentimentalismo me perguntando se eu *dormi*. – Na última palavra, ela riu de forma desgostosa. — Honestamente, se não serve para fazer seu principal papel de marido, não venha tentar compensar fazendo o resto.

Os olhos de Axyon estavam vermelhos, todavia, ele se recusava a chorar na frente dela, “nunca mais”, prometeu a si mesmo. Levantou o rosto, se forçando a encará-la mais uma vez, talvez a última, pois não se submeteria àquele papel novamente.

— Fique segura de que certamente não tentarei mais exercer nenhum papel para você. – falou com o pouco orgulho que lhe restava e caminhou até a porta.

Cal-uya soltou uma risada nervosa e continuou com os olhos fixos nos hologramas.

A porta se abriu e, quando estava prestes a sair, Axyon se virou:

— Cal – a chamou –, parabéns, conseguiu o que queria. Está exatamente igual a sua mãe.

E com isso se retirou, deixando a princesa sozinha no aposento.

Assim que o homem saiu e a porta se fechou, as pernas dela fraquejaram, fosse pelo cansaço, pela raiva ou por ambos, escorregou lentamente e se sentou no chão. Era isso que queria, se tornar sua mãe? Sempre venerou e temeu a mulher nas mesmas proporções. Foi por isso que quando ela morreu, se sentiu secretamente aliviada por um instante, isso se não fosse as palavras finais da vil Imperatriz antes de partir, que acorrentou a filha à ela, mesmo depois da morte:

“Não deixe que eles se safem. Não permita que os humanos jamais deixem esse planeta.” A mãe segurava com força o braço da filha enquanto caía, tomada pelo veneno que consumia seu corpo.

“Cal-uya, me prometa!” A mãe sacudiu a menina, que chorava assustada. Tinha força o bastante mesmo no momento de sua morte. “Me prometa que se vingará.”

“E… eu pro-prometo, senhora Imperatriz.” Era assim que havia sido ensinada a chamar a mãe.

“Ótimo.” A mulher arfou, em seus últimos instantes de vida. “Não ouse quebrar a promessa.”

E assim ela partiu, deixando um vazio amargo no palácio e no coração da garota. Nem feliz, nem triste, apenas vazio.

Pouco tempo depois, o Imperador adoeceu. Ele permaneceu em atividade por mais alguns anos, contudo, em determinado momento, não pôde mais fugir, a doença o consumiu por completo, portanto, foi afastado e mantido recluso na torre mais alta do palácio.

Sua mãe não gostava daquela torre, e Cal-uya nunca descobriu o porquê. Acontece que mesmo depois de morta, a Imperatriz continuou a ditar as regras no palácio, pois o espírito da mulher vivia na menina. A princesa mais velha sempre tinha pesadelos com a mãe e continuava a viver debaixo do temor que tinha dela. Ai de Cal se quebrasse a promessa! De

alguma forma, acreditava que ela saberia. Esse é o problema do medo. Ele se multiplica, cria discípulos muito mais fácil do que a fé ou a esperança.

Cal-uya, que temia sua mãe, gerou medo nas pessoas à sua volta e cresceu se afastando de tudo e de todos, sendo alimentada pela sensação que o medo gerava: poder e controle. Provou do mesmo alimento de sua mãe e gostou, antes que percebesse, estava sendo nutrida unicamente por ele.

Nunca quis ser igual à sua mãe, mas não percebia que, na verdade, estava se tornando pior do que ela.



O Conselho da Terra

—Você deve estar sendo procurada pela princesa. – Mirya falou para Kayla, que estava sentada no sofá, com M4 aos seus pés, aproveitando mais um copo de sua nova bebida favorita: chá.— Por isso pensei em algo… – Kayla percebeu que a voz dela hesitava um pouco e por isso olhou para cima.

A mulher segurava dois baldes com alguns equipamentos que Kayla conhecia muito bem: tintas de cabelo.

— O seu cabelo rosa… – Mirya fez um olhar como se sentisse muito. — Ele te entregaria muito fácil.

Kayla respirou fundo, passando a mão no cabelo. Era a única coisa colorida que ainda tinha e mal conseguiu desfrutá-lo propriamente, estava com ele apenas há alguns dias.

— O que sugere? – perguntou egoísta, como uma criança não disposta a entregar o brinquedo favorito.

— Natural. O mais humano possível. – a irmã disse sorridente. — Não precisamos cortá-lo, apenas pintá-lo da cor natural. Aposto que nunca

teve seu cabelo preto, não é mesmo?

— Não… – Kayla suspirou, a ideia era interessante.

Um novo nome, um novo povo, um novo cabelo. *Pelo motivo certo*, lembrou a si mesma.

— E então? – Mirya balançou as bacias nos braços.

Kayla se lembrou do álbum de seu aniversário de um ano, sua mãe tinha longos cabelos pretos e era tão linda, se conseguisse ficar um pouco mais parecida com ela, já estaria satisfeita.

— Tudo bem. – falou decidida. — Vamos fazer.



Sentada à mesa, Kayla permanecia quieta enquanto a irmã pintava seu cabelo. Não era como quando Ruth e Abe a visitavam, que ela não parava de falar, pois queria que o tempo passasse rápido. Ali, ambas permaneciam caladas, compartilhando do mesmo silêncio, experimentando pela primeira vez o duplo de privilégio de se ter uma irmã que pinte seus cabelos, assim como de se ter uma irmã mais nova cujo cabelos sejam pintados.

Uma lágrima solitária rolou despretensiosamente pelo rosto de Kayla, e ela notou que a cada minuto que passava se sentia mais em casa. Não só por ter encontrado sua irmã e descoberto a verdade sobre seus pais, também pela estranha sensação de estar, talvez, encontrando a si mesma.

— Prontinho. – a mais velha falou depois de um tempo, Kayla tinha até cochilado rapidamente.

Mirya lavou os cabelos e os secou brevemente com a toalha.

— Tem um espelho ali no corredor. – apontou, pegando todas as bacias de uma vez, de forma afobada. — Eu vou levar tudo isso pro tanque, se não já já vamos ficar atrasadas pro conselho. – saiu, deixando a irmã sozinha na sala.

Kayla se levantou e caminhou até o espelho no final do corredor. Se lembrou de todas as vezes que se via no palácio e sempre sentia que faltava algo, não importasse o tamanho da roupa, ou a cor do cabelo, ela nunca estava inteiramente satisfeita. Olhando seu reflexo no espelho, simples, simples até demais para seu gosto, se sentiu real, como se aquela fosse exatamente a parte que faltava.

O cabelo preto ressaltava sua pele acinzentada que começava a desbotar mais, mostrando os tons amarelados, e a franja, que ela tinha pedido para cortar mais curta, dava mais espaço para seus olhos puxados. Era ela, uma versão sua ainda desconhecida, certamente a mais humana, a única humana, e por mais que tenha estranhado gostou do que viu.

— E então? – Mirya parou ao seu lado no espelho com um sorriso, queria abraçá-la, mas sabia que ainda não eram próximas assim.

— Eu gostei. – Kayla sorriu. — Eu pareço…

— Sim, parece com ela. – a mais velha se referiu à mãe.

— Com você, eu ia dizer. – Kayla olhou para ela, rindo.

— Rá, sim, parece comigo também. – os olhos de Mirya marejaram e ela se pôs a andar. — Bom, temos que ir agora! Os meus homens já chegaram com o carro. Está pronta?

— Sim. – Kayla concordou e a seguiu, querendo acreditar que era corajosa o suficiente para enfrentar o que quer que viesse.



O conselho dos clãs sempre era realizado em localizações diferentes, para que os lunares não soubessem onde acontecia, nem do conteúdo daquelas reuniões.

No caminho até lá, Kayla viu pela janela do carro alguns soldados de Kepler que insistiam em manter a patrulha no subterrâneo, eles nunca adentravam os bairros, sabiam que poderiam ser mortos, mas permaneciam sempre à vista, próximos às aberturas que levavam para a superfície.

— Eles estão em maior quantidade essa manhã. – Mirya comentou, como se lesse seus pensamentos. — Deve ser sua irmã à sua procura.

— Provavelmente. – Kayla suspirou, tensa.

Os vidros do carro em que estavam eram grossos e escuros, ninguém podia vê-las pelo lado de fora.

Eles passaram por diferentes túneis, e ela continuou a se surpreender com o tamanho daquelas comunidades. Alguém poderia se perder em um dos túneis e nunca encontrar o caminho de volta.

Talvez Cal nunca me encontre mesmo, pensou esperançosa.

Eles adentraram uma caverna sem muitas construções. Não parecia ser a região de nenhum clã específico e estava mais para uma base militar, afastada de tudo e com apenas algumas construções de arquitetura minimalista.

Eles pararam o carro, e Tal juntou todas as forças que tinha para mover suas pernas e sair dele. Do lado de fora, um pequeno batalhão de

guardas humanos os esperavam, com armas em mãos e olharem atentos.

— Seja bem-vinda, princesa. – Elliot a cumprimentou assim que ela saiu do carro, os guardas estavam com ele.

— É tão perigoso assim? – ela questionou, fitando as armas.

— Infelizmente, receio que sim. – balançou a cabeça, como se quisesse se desculpar. — Vamos? – estendeu o braço para frente, a convidando para caminhar com ele.

Kayla assentiu e caminhou ao seu lado até a entrada do prédio principal. Ela rangia os dentes nervosa, mas mantinha um olhar firme.

— Você se lembra do meu pai? – Elliot perguntou, apontando para o senhor que os esperava na porta.

Mirya vinha logo atrás, seguida por seus guardas.

— É claro, vocês invadiram meu baile, seria difícil esquecer. – brincou. Elliot se mexeu ao seu lado, desconfortável.

— Reuel, certo? – Kayla estendeu a mão para o homem mais velho. Essa parte, a política, ela sabia muito bem fazer.

— Exato, minha princesa. – o homem sorriu, envergonhado. — Espero que ainda nos perdoe pela intromissão daquela noite.

— Está tudo bem. – o confortou. — Presumo que temos preocupações muito maiores do que essa, não é mesmo? – seu olhar se voltou para Elliot.

— É… Claro. – ele sorriu sem muita vida.

— Sua irmã me deixou responsável por te apresentar a todos os líderes, se não se importar. – o jovem falou enquanto caminhavam por um longo corredor dentro do prédio.

— É claro.

— Está nervosa?

— Um pouco.

— Vai se sair bem. É só responder algumas perguntas. – tentou tranquilizá-la.

Kayla apenas assentiu, sem resposta.

Eles chegaram até uma grande porta, guardada por mais dois guardas.

— Seja bem vindo, Capitão Ramsdale. – os guardas acenaram e abriram as portas atrás de si, revelando um grande aposento que se assemelhava a um anfiteatro.

— Gostei do cabelo novo, alias. – Elliot comentou, desviando o olhar.

Antes que Kayla pudesse responder, alguém se aproximou.

— Senhor. – Elliot prestou continência ao homem de cabelos pretos enrolados, na faixa dos seus cinquenta anos. Ele tinha um sorriso no rosto e uma barriga que saía timidamente para fora do uniforme.

— Então é verdade. – seu olhar repousava em Kayla. — Tínhamos uma humana no palácio por todo esse tempo.

— Parece que sim. – ela respondeu friamente.

— Julio Gomez, líder do clã da América. – ele estendeu a mão para a cumprimentar. — Espero que seja tudo o que falam, garota… – havia uma certa descrença em sua voz.

— E o que exatamente falam? – Kayla aceitou a mão a contragosto.

— Que vai nos levar de volta para a Terra. – ele puxou o ar, e o sorriso lentamente diminuiu. — Você vai?

— Não vejo como poderia. – foi tudo que ela respondeu, forçando um sorriso diplomático nos lábios.

O homem os cumprimentou com a cabeça e se afastou, tomando o seu lugar junto dos outros de seu clã.

— Ele não é um homem ruim… – Elliot sussurrou depois que ele saiu, como se precisasse se desculpar.

— Não disse que era. – Kayla puxou o ar, tentando se acalmar. — Não… não entendo o que esperam de mim… – confessou, encontrando o olhar do rapaz.

Se sentiu instantaneamente perdida na profundidade com que ele a mirava. Seu olhar era aflito e ao mesmo tempo, confiante. Ela sentiu o coração bater silencioso em seu peito e desejou ficar presa ao olhar, sem ter de pensar em mais nada. Não lhe oferecia nenhuma segurança, mas a acalmava, e isso, ela descobriu, já parecia ser o suficiente.

— Apenas sua colaboração. – ele falou sem desviar. — É apenas o que esperam.

— Não foi o que ele disse, foi? – abaixou os olhos e voltou para a realidade.

Kayla foi apresentada a outros membros do conselho humano. Alguns pareciam realmente felizes em vê-la, e isso a fez se sentir menos ansiosa. Outros, porém, pareciam apenas desconfiados, e ela sabia que não podia os julgar. Desconfiava de quase todos, igualmente.

Eles sentaram-se em seus lugares no salão, e quando Mirya entrou pela porta principal, alguns instantes depois, todo o salão foi tomado por um serene silêncio. Era de fato respeitada.

— Mirya Young não é só a líder do Clã da Ásia – Elliot sussurrou ao seu lado, explicando –, mas também dos outros clãs da Terra. Todos os líderes estão sob autoridade dela.

Kayla sorriu, agora tudo fazia mais sentido.

— É claro, como não estariam? – sussurrou a pergunta de volta. Sentia-se estranhamente orgulhosa.

— Agradeço, meus irmãos, por terem comparecido. – ela abriu a reunião enquanto caminhava para o seu lugar. — Sei que cada clã tem suas responsabilidades e preocupações, mas é agora que, mais do que nunca, devemos nos tornar um.

— O tempo no relógio está esgotando, senhora Young. – um senhor do clã da África falou, e sua voz ecoou pelo salão.

— Eu tenho consciência disso, Emanu, mais do que ninguém. – ela respondeu de forma calma.

— E se o relógio tiver sido apenas uma invenção de nossos antepassados? – a voz do líder do clã da América ecoou. — E se ele não passar disso? Quem disse que havia uma promessa mesmo?

— É… é verdade. – o senhor de ancestralidade africana concordou. — Por gerações estamos aqui. Somos quase mais lunares do que humanos. Nossa vida é miserável, sim, mas é melhor do que morrermos no espaço…

— Não acreditam na promessa? – Myria só conseguiu perguntar isso. Sua voz continha uma ferocidade maior dessa vez. O salão foi tomado por silêncio, e ninguém ousou responder. — Então não acreditam na promessa?! – ela elevou a voz, se levantando da cadeira. — Vocês se esquecem que vinte anos atrás havia uma oráculo entre vocês? Se esquecem das histórias passadas de geração em geração? Da *principal* razão que manteve nosso povo vivo nessa terra estrangeira? *Esperança.*

Todos a olhavam vidrados, Mirya a líder era uma força da natureza, e ninguém ousaria interromper um furacão.

— Se esqueceram da esperança de retornarmos para *casa*? – seus olhos lacrimejaram. — Parece que esqueceram da certeza de que, da mesma forma que a humanidade não nasceu na lua, ela *não* encontraria seu fim aqui. Não me importa se o tempo está contra nós, nem os recursos… Isso nunca impediu a gravidade de agir, se assim ela quisesse. E ela *vai* agir, porque ela

prometeu, há quatrocentos anos, que assim faria. Não esperamos até agora para deixar de crer no último momento.

As palavras que proferiu eram também para si, pois Mirya era como eles, e precisava se lembrar daquilo, daquela verdade, todo maldito segundo.

— Senhor Ramsdale. – ela deu a palavra para Reuel, o único ancião presente e se sentou, já se sentindo exausta.

O homem sorriu e se levantou da cadeira com dificuldade.

— Hoje não é tempo de duvidar, e sim de agradecer à oportunidade que a gravidade trouxe à nossa porta. Por uma razão que está muito além da compreensão de cada um aqui, a filha caçula de nossa falecida oráculo sobreviveu há muitos anos atrás, se vendo dentro de um contexto onde nenhum de nós poderia estar inserido. – ele apontou para Kayla, que estava sentada ao canto da sala ao lado de Elliot. — Apresento a vocês a princesa Tal-uya do Império lunar, filha da Terra e humana de nascença.

— Kayla, é meu nome humano. – ela o corrigiu, se levantando e fazendo um sorriso nascer no rosto de Mirya.

— Kayla, é claro. – Reuel repetiu. — Estaria de acordo em nos responder algumas perguntas sobre o Império?

— Sim. – falou depois de um tempo, causando uma agitação em todos presentes. Talvez de fato a garota serviria para algo.

— A primeira e a que mais nos preocupa no momento. – o ancião começou e parecia que todos já sabiam qual seria. — O Imperador. Ele está vivo?

Um aperto surgiu em seu peito ao se lembrar do estado do pai, abandonado e lentamente morrendo naquela torre do palácio.

— Ele foi acometido de uma terrível doença e vive sob constante escolta na torre central do palácio, mas sim, está vivo. – era como se reafirmasse aquilo para si mesma. Apesar de tudo, *estava vivo*.

— Eu sabia! – o senhor do clã da África comemorou, do outro lado da sala.

— Talvez ela saiba então… – Reuel se virou esperançoso para Mirya, seus olhares comunicaram palavras que Kayla não foi capaz de entender.

— Saiba o quê? – a princesa perguntou em voz alta.

— Onde ela está. – Mirya falou, se levantando. — *Bosei*, a nave mãe que nos trouxe para cá. Há quatrocentos anos.

Ela pegou seu aro, que estava sempre preso ao cinto e o movimentou, fazendo surgir um holograma azulado no centro da sala, que mostrava a

planta de uma grande nave.

— … Feita de uma tecnologia perdida no passado, *Bosei* é a mais avançada máquina construída pela humanidade. Seus criadores morreram na Terra e ninguém nunca pôde compreendê-la ou reproduzi-la. É a única do seu tipo, e é também a única que pode nos levar de volta. Infelizmente está desaparecida.



O instinto humano de sobrevivência

—É impossível de ser destruída – Reuel continuou –, por isso, deve, *preci*sa, estar em algum lugar no planeta. Talvez o Imperador saiba a localização.

— Já ouviu falar de algo do tipo no palácio? – foi a vez de Gomez dirigir a palavra para Kayla.

—Não – ela suspirou, tentando recuperar algo de suas memórias. –, nunca ouvi falar de uma nave desse porte… Mas certamente eles saberiam em Grimaldi. – mencionou, se lembrando do representante simpático do clã da tecnologia.

— Conseguiria acesso a essa informação para nós?

— Eu sou uma fugitiva do palácio, não vejo como poderia…

Murmúrios de desagrado foram ouvidos pelo aposento.

— Ela está certa. – Mirya acalmou os ânimos. — Já estávamos organizando algumas pessoas para se infiltrar em Grimaldi. Agora temos a

confirmação que precisamos: o Imperador vive, e isso talvez facilite o processo de tomarmos o palácio.

— O quê? – Kayla perguntou, sobressaltada.

— Iremos tomar a superfície – Mirya falou — em alguns dias. Nosso objetivo não é tomar o controle do planeta, apenas pressionar o governo para que nos entregue a localização da nave, e nos deixe partir em segurança. Talvez se mantivermos a torre do Imperador como alvo de ataque, façamos a princesa Cal-uya colaborar de forma mais ágil.

Kayla abafou uma risada, que ainda assim foi ouvida pelo cômodo. Todos se voltaram para ela.

— Isso… isso não vai acontecer. Ela não se importa com ele, talvez até agradeça se matá-lo… – um peso apoderou-se de seu coração só de pensar naquela possibilidade.

— Droga… – Mirya passou as mãos pelos fios de seu cabelo, frustrada. — Pensaremos em algo.

Kayla continuou a responder cada pergunta que lhe era apresentada, compartilhando sobre sua rotina, as movimentações dentro do palácio e tudo o que sabia a respeito do exército de Kepler. À medida que o tempo passava, percebeu que aquelas pessoas à sua volta não poderiam ser definidas como boas ou ruins, estavam desesperadas, cansadas e com medo. Sentimentos com os quais, pela primeira vez, ela se identificou.

Mirya encerrou a reunião, e cada membro foi saindo aos poucos, enquanto conversavam uns com os outros. A mente de Kayla havia se tornado dormente aos cumprimentos. Estava distante, se sentindo tão estrangeira naquele cômodo quanto aquelas pessoas se sentiam naquele planeta.

— Princesa? – Elliot a chamou, ele já havia se levantado.

— Ah, sim? – ela se levantou também, colocando um fio de cabelo para trás da orelha.

— O que acha de conhecer os clãs? Com calma dessa vez? – ele perguntou com um sorriso. — Eu posso levá-la.

— E você tem tempo pra isso? Os guardas lá fora te chamaram de capitão…

— E eu sou, mas por ora estou por sua conta. Ordens da chefe. – sorriu e olhou para Mirya, em seguida voltou a olhar para Kayla — E então?

— Tudo bem, acho que vai ser bom conhecer um pouco melhor o lugar.

— Você vai gostar, vem. – o rapaz piscou e saiu na frente.

Eles caminharam pelo mesmo corredor no qual entraram, e Kayla perdeu Mirya de vista. Sua irmã permanecia cercada por diferentes representantes.

— O quê sabe sobre as cidades subterrâneas, princesa? – Elliot perguntou assim que entraram no carro.

— Quase nada… – Kayla deu ombros. — Nem esperava que fossem tão desenvolvidas.

— Faz sentido, os lunares criaram essa *propaganda* de que somos seres inferiores e todos obviamente compraram. Só que a história não é exatamente essa…

— O quê quer dizer?

Elliot deu partida no carro, e eles adentraram um túnel escuro, iluminado apenas por feixes de luzes *led* azuis no teto.

— Que a narrativa é contada ao contrário. Você vai ver.

Ele acelerou o veículo, e saíram do túnel, entrando em uma caverna com as primeiras construções à vista, o início (ou fim, dependendo de onde vinha) do clã de Europa.

— Foi nessa região que eu cresci… – comentou enquanto passavam pelas casas.

A arquitetura dali era bem diferente da dos bairros da Ásia. Haviam as mesmas construções de pedra por baixo, porém, assim como lá, as casas eram continuadas e aprimoradas por terraços, painéis e segundos andares construídos por cima, com a melhor das tecnologias humanas. Os telhados eram todos iguais, exatamente simétricos, e as janelas dos prédios mais novos eram longas e estreitas.

— Está vendo essas construções de pedra? A base da maioria das casas e prédios? – Elliot apontou.

— Sim.

— Foram construídas pelos lunares e não pelos humanos.

— Isso não faz sentido… – Tal revirou os olhos e riu.

— É a verdade. – ele a olhou. — As cidades subterrâneas são as antigas cidades lunares. Eles não conseguiam sobreviver na superfície, ninguém conseguia.

A princesa se manteve em silêncio, o que ele entendeu como a deixa para continuar falando:

— Os humanos sempre foram os avançados em tecnologia, não os lunares. Toda a tecnologia que eles têm acesso hoje, como o *respeitado* clã de Grimaldi – mencionou com um rancor na voz. –, tudo, foi roubado de nós.

— Você desativou todos os *droids* do terraço com aquele dispositivo que carregava… – ela lembrou, pensativa.

— Sim, porque nós criamos aquelas tecnologias, não eles. Nós, mesmo aqui embaixo, continuamos a nos desenvolver, já eles pararam no tempo, agindo como os orgulhosos donos de algo que nunca os pertenceu. Havia raiva na voz dele e mesmo sabendo agora que era humana, Tal-uya não deixou de se sentir atacada.

— Então os lunares construíram este lugar? – ela comentou. — É impressionante também… É necessário certa inteligência para desenvolver algo dessa magnitude.

— É claro… – resmungou, virando o carro para o lado e entrando em outro túnel.

— O quê? – Kayla o encarou, e ele mantinha o olhar na estrada.

— É claro que continuariam defendendo eles, eu entendendo…

— Não são todos os lunares que são ruins, sabia? – o interrompeu. — Conheci os *piores* deles, pode ter certeza, mas também conheci pessoas muito boas…

Elliot não respondeu, continuou dirigindo em silêncio, não queria estender o assunto.

— Não pode julgar todo um povo como inferior – Kayla continuou –, isso também não está certo.

— É o que eles fazem conosco, princesa. Por que eu deveria fazer diferente? – seus olhares se encontraram.

— Porque você é humano e não lunar. – ela falou de forma doce, como se o lembrasse de uma verdade. — Ou não é?

Um sorriso se abriu no canto dos lábios de Elliot.

— Você bem que tem uma *carinha* de lunar… – Ela ousou brincar, aproximando a mão do rosto dele, porém, sem encostar.

Elliot sorriu e abaixou o olhar.

— Está certa. – ele suspirou. — Mas ainda não gosto de 90% deles.

— É o seu direito. – Kayla deu de ombros.

Eles continuaram a dirigir pela escuridão dos túneis iluminados pelas luzes *neon* dos prédios que passavam.

— E como os lunares foram para a superfície? – Kayla perguntou em meio ao silêncio, trazendo o assunto de volta.

— Quando os humanos chegaram na lua, trabalharam por décadas para que a superfície se tornasse habitável. Para isso, construíram os satélites, eles cobrem toda a região desse lado do planeta, como uma redoma invisível. É por isso que o céu é sempre roxo.

— O que caiu no dia do baile… foi um desses satélites, certo?

— Sim, foi o primeiro sinal da gravidade.

— Sinal para quê?

— Para o Império Lunar, para que nos deixe ir. Nada poderia derrubar aquele satélite se não ela. Acredito que ela está abrindo o caminho, de uma forma que *ainda* não entendemos.

Kayla respirou, tudo sempre voltava para ela: a gravidade. Invisível, sem rosto ou forma, mas sempre, inegavelmente presente.

— De qualquer forma, quando construímos as primeiras cidades na superfície, passamos a explorar o planeta, e foi aí que os primeiros humanos encontraram os lunares, reclusos em suas cavernas. Não era um povo irracional, de fato. – falou a contragosto. — Eles tinham um idioma próprio, uma estrutura, mas sem nenhum desenvolvimento tecnológico. Com uma anatomia muito similar à nossa, aprenderam rapidamente nosso idioma e migraram para a superfície.

— Acho que posso adivinhar o resto… Eles viveram em paz até os lunares decidirem o contrário.

— Exato. Houve um grande ataque na época, um massacre. Fomos forçados a viver no subsolo e entregar todo nosso conhecimento e trabalho de séculos para eles.

— É compreensível a raiva…

— Só que nós não nos rendemos, é claro. E esse é, na verdade, o objetivo desse *passeio*. – Elliot parou o carro no final de uma rua, com um semblante presunçoso.

Eles passaram por diferentes construções e chegaram ao final de um bairro, onde não havia nada mais que um pequeno prédio abandonado e a própria pedra sólida da caverna.

— Como assim?

— Tem algo que Mirya queria que você visse, é extremamente sigiloso. Nem todos os humanos daqui sabem da existência…

Elliot saiu pela sua porta e deu a volta no carro, parando ao lado do assento de Kayla.

— Existência do quê? – ela indagou quando ele abriu a porta.

— Você vai ver.

Caminharam até a parede sólida que marcava o fim da rua e por alguns instantes, Kayla pensou que ele havia enlouquecido. Foi quando Elliot colocou a mão na pedra que então algo se acendeu na superfície. Um círculo neon surgiu, similar aos aros que eles sempre usavam.

— *Identificação.* – uma voz mecânica ecoou da própria pedra.

— Capitão Elliot Ramsdale, da frota humana.

As sobrancelhas de Kayla arquearam, surpresa com a resposta.

O círculo neon girou até desaparecer novamente na pedra.

Um barulho de engrenagens foi ouvido, e a estrutura da parede mudou, como se fosse líquida, até ganhar a forma de uma porta, estreita e alta. Ela subiu na vertical, revelando um corredor .

— Bem-vinda, princesa, à base da frota humana. – apresentou de forma pomposa enquanto atravessavam o corredor. — É com ela que iremos tomar a superfície.

Eles adentraram uma outra caverna, muito maior que todas as outras que Kayla havia visitado. Ela se estendia em diferentes camadas mais profundas na terra e parecia não ter fim.

— Mais de mil naves e três mil pilotos treinados. Tudo construído aqui, em segredo, completamente fora do radar do império.

— Isso é… – lhe faltavam as palavras.

— É o instinto humano de sobrevivência. – Ele sorriu. — Vai descobrir, princesa, que o seu povo não é dos que desiste.



A Frota Estelar

A grande caverna oculta era um pátio de naves. Algumas voavam mais ao fundo, em treinamentos, entrando em outros túneis e desaparecendo no coração do pequeno planeta. Outras estavam estacionadas, formando fileiras e mais fileiras que não pareciam ter fim.

— Os lunares acabaram nos fazendo um favor ao nos mandar para cá. – Elliot começou a explicar enquanto caminhavam por entre as naves. — Existe um mineral aqui, no subsolo, que é extremamente rico. Ele é capaz de gerar uma carga elétrica muito maior do que qualquer outro mineral da Terra e até mesmo da superfície da lua. Por isso, não conseguiram rastrear nossa nave no baile, é uma tecnologia completamente única, desconhecida para eles.Naves-fantasma, é como gostamos de chamar.

O rapaz falava com orgulho do que haviam alcançado, e Kayla sentiu o mesmo, a dignidade daquele povo estava estampada em cada coisa que faziam. A não ser pela própria gravidade, ninguém mais seria capaz de extinguir a raça humana do universo. Ela renasceria vez após vez e agora a garota sabia disso.

— E o quê estão planejando aqui?

— Bom, estamos construindo um exército, venha ver.

Ele a guiou por um corredor de naves. O teto da caverna era coberto de hologramas que traziam instruções para diferentes batalhões. Reluzia lá no alto também a imagem ao vivo do relógio dos 400 anos anos. Faltavam 13 dias agora.

— Estamos trabalhando nesse projeto há mais de quarenta anos. – o jovem falou animado. — Meu pai viu essas cavernas serem mineradas desde o início.

— Eu não consigo nem imaginar a complexidade do trabalho de algo assim… – Kayla sussurrou.

— Temos agora uma frota completa – Elliot continuou –, grande o suficiente para tomarmos de volta o controle da superfície e de nossas cidades.

— Mas não é isso que querem, não é?

— Não – resmungou frustrado. — Pouco nos importa a superfície agora, queremos é deixar esse planeta e voltar para casa…

Ele falou como uma criança magoada, e Kayla não pode deixar de achar fofo. Porém, afastou o pensamento da sua mente no instante seguinte, meneando a cabeça.

— Essas naves não poderiam fazer o trajeto?

— Não, por mais avançadas que elas sejam, nossas naves não foram feitas para viagens interplanetárias. Aguentariam apenas algumas horas no espaço, sendo que a viagem para a Terra duraria cerca de cinco dias. – ele franziu o cenho. — E não é só isso…

— O que é?

— Essas são naves-caça, cabem no máximo duas pessoas. O que precisamos fazer é transportar toda uma população, mais de cem mil humanos de um planeta para outro…

— Então… é praticamente impossível. – Tal fez uma careta.

— É… – Elliot riu a contragosto. — Uma missão impossível… Mas nós vamos conseguir, você vai ver. – sorriu, resignado, se agarrando a toda esperança restante, determinado a acreditar, mesmo sem quaisquer sinais aparentes. Kayla admirou aquilo, por mais que continuasse a achar completamente impossível.

— Ele está por todo lugar, não é? – ela apontou para o teto da caverna, onde havia o holograma do relógio.

— Sim… – Elliot arfou, incomodado. — Eu achava legal quando era pequeno, me dava esperança, ver os dias e os anos passarem. Só que agora que está tão perto só me traz… ansiedade. Eu não mostro, princesa, mas duvido também, nos piores dias… – ele soltou um grunhido triste. — Esses “e ses” ecoam pela minha cabeça algumas vezes, sabe?

— E se o tempo acabar e não mudar nada… – Kayla completou, compartilhando de seus próprios pensamentos.

— E se tudo o que acreditamos não passar de uma mentira? E se a Gravidade nunca nos prometeu nada e… e talvez ela nunca foi real, não do jeito que acreditávamos que fosse.

— Isso não é verdade, a minha mãe a ouvia… – a garota tentou o consolar, enquanto pensava se ela mesma acreditava naquilo.

— Eu sei! – Elliot arqueou as sobrancelhas, deixando transpor um pouco de sua luta interna. — Eu sei, e eu acredito nisso… é que – apontou para o holograma no teto. –, faltam somente treze dias… Se ela realmente for agir, ou está atrasada ou tem um péssimo senso de humor e está esperando até o último instante para fazer algo.

Kayla não conteve uma pequena risada.

— Acha que a Gravidade tem senso de humor?

— Eu não sei, não sei de mais nada… – Ele deu de ombros. — Sei que ela vai… agir, aparecer, se revelar de alguma forma.

— Eu espero que sim… – Kayla sussurrou, de forma honesta.

Uma nave alçou voo e passou bem por cima deles, fazendo o holograma do relógio tremeluzir por alguns instantes. Ela gritou assustada ao sentir seus cabelos esvoaçarem e fitou entusiasmada o veículo que mergulhava para dentro da caverna, seu olhar a acompanhou até perdê-la de vista.

— Você sabe pilotar? – Elliot perguntou ao seu lado.

A garota se virou para ele esperando que tivesse feito alguma brincadeira, todavia, seu olhar parecia genuíno. Ela soltou uma gargalhada, com uma pitada de vergonha.

— Absolutamente não. Até dois dias atrás eu era uma princesa, cuja única atividade era ir em festas e mudar a cor do cabelo. – deu ombros, envergonhada consigo mesma.

— Você ainda é uma princesa, sabe? Não perdeu o título por deixar o palácio…

— A questão não é essa – ela revirou os olhos –, eu não sei pilotar… assim como não sei fazer mais nada. Nunca me preocupei em aprender e… nunca me preocupei em me *preocupar.*

Elliot a fitava com o mesmo olhar dia do baile, profundo e leve, ainda assim, indecifrável. Kayla queria poder saber o que ele pensava, se a considerava tão mimada e incapaz quanto se sentia no momento.

— Cal-uya é tão fria como parece – ela continuou, vendo que ele estava genuinamente interessado e percebendo que tinha que compartilhar aquilo com alguém. — mas como irmã mais velha, ela… ela sempre foi impecável. Fazia tudo, para que eu não precisasse fazer nada. Talvez foi sua forma de não permitir que me envolvesse mais profundamente nos assuntos do império e assim não descobrir mais cedo sobre minha origem, ou talvez foi também sua super proteção de irmã mais velha. Eu não sei... – repousou a mão na testa, percebendo o quanto aquilo a afligia. — Acontece que eu aceitei, aceitei muito bem até… e não sei fazer *nada*. – riu de forma nervosa. — Sem meu palácio, minhas funções, minhas roupas e festas… não sou muita coisa.

— Isso não é verdade…

— É, sim! – Ela estendeu o braço para ele, em afirmação. — É, sim, e esse é o problema. As pessoas aqui estão me olhando como se eu fosse… algum tipo de sinal, capaz realmente de ajudá-las, no entanto, não sou. Sou talvez a princesa mais inútil que a Lua já teve.

Ela riu e percebeu que o semblante de Elliot permanecia sério, austero.

— Fugi do palácio porque queria… *precisava* voltar pra casa. E eu estou grata que o fiz, estou mesmo! Só não acho que posso ajudar muito além de compartilhar informações insignificantes. – ela respirou fundo, sentindo um peso sair do seu peito. — É isso – balançou as mãos. — Precisava ser honesta com alguém. – falou aliviada.

O gesto fez Elliot rir, e ela se sentiu feliz pelo semblante sério ter se dissipado do rosto dele.

— Está absolutamente errada em cada palavra que falou, entretanto, eu não vou entrar nesse quesito. – ele finalmente respondeu, com um olhar resignado.

— O quê? – Kayla riu, surpresa.

— E o que você ainda não aprendeu, pode começar agora. —— completou de forma encorajadora. — Quer aprender a pilotar?

— Acho que não. – Ela fez uma careta.

— Kayla… – foi a primeira vez que ele a chamou pelo nome e ainda mais pelo seu nome humano.

Apenas a fitou, como se ela não tivesse escolha.

— Tudo bem… – riu, se dando por vencida. — Você pilota, e eu vou atrás. – falou decidida. — *Se* eu gostar, talvez esteja disposta a aprender a pilotar. *Talvez*.

— É um começo – Elliot sorriu em concordância. — E *não* tem como não gostar.



As minas de Lutons

Quando o modelo preto e reluzente de caça em que Kayla e Elliot estavam alçou voo, passando rente ao teto da caverna, a princesa pensou por alguns instantes que morreria. Gritou de pavor, se segurando no banco e imediatamente se arrependeu daquela decisão. Cal-uya costumava falar que ela era muito *fresca*, e por mais que sempre lhe doesse um pouco ouvir aquilo, não podia discordar. Para algumas coisas, era mesmo.

— Elliot tem certeza que isso é…

Antes de conseguir pronunciar a palavra *seguro*, a nave despencou em queda livre até o fundo da caverna, mergulhando direto em um estreito túnel. O teto estava bem rente à nave, porém, mesmo assim, ela voava de forma fluida e ininterrupta.

— Está com um dos melhores pilotos da frota, princesa. Fique tranquila e aproveite a vista. – ele falou no banco da frente, com um sorrisinho convencido no rosto.

A calmaria de Elliot foi como um convite para tentar se conter também. Lentamente Kayla relaxou os ombros e encostou as costas

novamente no assento, sentindo o zunir da nave em sua pele. Ela era rápida, mais do que qualquer nave lunar, com certeza.

Aos poucos, seu coração foi acertando as batidas, e a nave foi mergulhando mais profundo no planeta, revelando uma paisagem realmente bela e inesperada. O longo túnel em que voavam se abriu em uma caverna de formato oval, coberta em todos os cantos por pedras azul-turquesa, que reluziam iluminando o local com diferentes tons da cor. O veículo foi aos poucos desacelerando, e a garota estava fascinada demais com a vista à sua volta para agradecer.

— O silêncio significa que gostou? Espero que sim… – Elliot riu do banco da frente, tentando a olhar com a visão periférica.

Pousaram de forma suave no chão, em um pedaço de terra que não estava coberto pelos tais cristais. A escotilha se abriu, e Kayla suspirou aliviada, arrumando os fios de cabelo.

— Isso é… – ela perguntou, saindo da nave.

— O mineral que encontramos no centro da lua. – ele completou, respondendo. — Cristais de Luton. É o que move nossas naves e a matéria da qual nossos aros são feitos. – tocou o objeto, que assim como o de Mirya, estava sempre na sua cintura.

— É lindo.

— E, aparentemente, é inesgotável. Há minas e mais minas como essa aqui embaixo…

— É sorte até demais. – comentou, encontrando o olhar dele.

— Ou, talvez, algo mais que isso. – Elliot suspirou.

A Gravidade, Kayla pensou consigo mesma. Sorte ou talvez o cuidado invisível de alguém que nunca se ausentou de fato.

O lugar era lindo, estranhamente lhe remetia a sensação que tinha em seus sonhos mais profundos, onde as regras da realidade não se aplicavam e tudo parecia etéreo demais, mágico demais.

Seu olhar foi atraído para um cristal em especial que brilhava no chão, a luz refletia incessantemente em seu rosto. Ela se aproximou até a pequena pedra, e Elliot acompanhou seu movimento.

— Gostou dessa? – sua voz doce e curiosa perguntou ao lado.

— Não sei – ela riu. —, gostei de todas, são lindas. – Kayla deu de ombros e se agachou para observar o mineral mais de perto.

— Pode levar, se você quiser. – agachou ao seu lado.

— Tem certeza? – o fitou, estranhando a resposta.

— É claro, olha esse lugar – Elliot estendeu os braços. — Não acho que vai sentir falta.

Kayla observou a pedra e então balançou a cabeça, como se afastasse um pensamento.

— O que é?

— Nada… é bem fútil na verdade. – franziu o cenho.

— Só vou poder julgar se me contar.

— É que… – hesitou, se sentindo tola. — Me lembrei do palácio, eu estava auxiliando em um novo complexo de moda e pensei em quão linda uma pedra dessa ficaria em um ornamento…

— Não é fútil — Elliot riu –, porque está cheia de razão, ficaria mesmo.

Elliot retirou seu aro de luton da cintura e no momento em que sua digital encostou, ele se acendeu em um tom de azul. O rapaz deu algum comando que Kayla não compreendeu e então passou o dispositivo, que agora parecia mais cortante do que uma navalha, no cristal e tirou um pequeno pedaço, que caiu em sua outra mão.

— O que está fazendo? – ela indagou, entretida.

— Vou fazer algo pra você usar. – anunciou, se levantando. — Se quiser, é claro.

— Como assim? – ela riu e se ergueu, achando que ele estava fazendo alguma brincadeira. — Você sabe fazer jóias agora? – arqueou as sobrancelhas, em dúvida.

— De forma profissional, não. Mas secretamente, sim. – sussurrou, fazendo graça. — Não é nada demais – deu de ombros –, é algo que aprendi com a minha mãe. Às vezes, eu faço só para não esquecer. Do ofício e dela. – suspirou e sua voz acabou saindo pesada.

— Ela morreu faz muito tempo? – Kayla perguntou de forma cautelosa, supondo que a mulher já não estaria entre eles.

— Uhum. – Elliot se virou para ela. — Ela… morreu no massacre, na verdade, junto com sua mãe… – seus olhares se encontraram. Ambos filhos órfãos de mães cujas vidas foram tiradas pelo Império. — Elas eram muito amigas, aliás. – ele sorriu de forma triste. Por mais que doesse, não lhe era mais difícil falar do assunto.

— Então deve ter sido uma mulher maravilhosa…

Uma tristeza se instaurou no peito de Kayla, nunca conheceria sua mãe e pelo que parece, nem nenhuma amiga dela.

— Ela era sim… – respondeu de forma saudosa. — Pelo menos pelo pouco tempo que tive com ela.

— Você era muito jovem quando tudo aconteceu também, não era?

— Sim, eu tinha só quatro anos. – Elliot balançou o cristal de uma mão para a outra.

— Você… se lembra de mim? – Kayla perguntou de repente, surpresa com a própria pergunta.

— Eu queria dizer que sim… – o jovem hesitou, mas depois respondeu rindo: — Mas, não.

Seu semblante agora estava mais leve, e a princesa se sentiu grata por isso.

— Eu tenho uma péssima memória e, como disse, era novo demais.

— Não tem problema.

— Mas eu me lembro da sua festa de aniversário! – Ele exclamou, apontando para ela. — É, me lembro, sim. – sorriu, impressionado com a informação que a memória havia lhe trazido.

— Com assim? A minha festa de um ano? – o peito de Kayla se apertou, a expectativa e curiosidade tomando conta.

— Aham. – ele arqueou as sobrancelhas, empolgado.

— Eu não acredito, Mirya me mostrou o álbum de fotos dela ontem à noite.

— Eu não lembro de muita coisa, mas lembro da comida. Ah, a *melhor* comida. – revirou os olhos em êxtase. — Minha memória de criança não me deixou esquecer isso. E me lembro do pula-pula. Acho que minha paixão por voar começou ali.

— O que é um *pula-pula*?

— Era um brinquedo muito famoso na Terra na antiguidade. *Super* legal. Devia ter para adultos.

Kayla cruzou os braços rindo, daria tudo para ter aquelas memórias, para se lembrar um pouco daquela noite que, mesmo tão trivial, parecia ter tido um impacto tão grande em todos que compareceram. De certa forma, a impactava também. Decidiu naquele momento que era a sua não-memória favorita.

— E então, o que vai querer? – Elliot ergueu o pedaço de Luton em sua mão. — Brincos? Um colar?

Kayla fitou a pedra por alguns instantes, indecisa.

— O que você quiser. Use a sua criatividade. – respondeu por fim. — Faça algo que a sua mãe amaria.



Consolo virá das estrelas

Quando Elliot a deixou em casa naquela noite, parando o carro na porta da base do clã da Ásia, eles pareciam velhos amigos e isso a fez se sentir mais à vontade do que qualquer outra coisa naquele dia. Era um sentimento bom e estranho ao mesmo tempo, já que não eram exatamente amigos, uma vez que ela mal o conhecia.

— Posso perguntar uma coisa? – ela falou assim que o carro parou. Elliot a olhou curioso.

— É claro.

— Sei que já te perguntei, mas, você sabia quem eu era esse tempo todo? Quer dizer, desde o baile?

— É óbvio. – ele revirou os olhos dando um sorriso irritante e cativante.

— E você mentiu! – ela bateu de leve no braço dele. — Falou que era uma hipótese, teoria e não sei o quê. *Mentiroso*. – semicerrou os olhos.

— Ei, eu não podia! Você já conheceu sua irmã. – apontou para casa, se defendendo. — Ela me mataria! Sem contar que… era a única que

tinha esse direito, o de te contar a verdade. – o olhar quase melancólico do rapaz mostrava o quanto era algo importante para ele também.

Kayla observou a casa com ele.

— Tem razão…

Um pequeno sorriso nasceu em seus lábios. Grata por ter ouvido tudo da boca de sua irmã.

— Obrigada por hoje – se voltou para Elliot. — Se o objetivo era me fazer sentir um pouco mais em casa, acho que funcionou… – admitiu, balançando a cabeça.

— Missão cumprida. – ele fechou o punho, em vitória.

— Eu… eu posso confiar em você, não posso? – perguntou de repente, fazendo uma careta. — Só queria saber.

Elliot a olhou de forma calma e doce, os olhos levemente fechados, a fitando com profundidade.

— É claro. Mais do que isso, pode me considerar um amigo, Kayla. – era a segunda vez que ele falava seu nome humano e não a chamava de *princesa,* e isso teve um certo efeito nela, maior do que gostaria.

Recuperou o controle das suas emoções e suspirou pensativa.

— É… amigos… se eu tivesse crescido aqui, talvez fosse exatamente isso que seríamos. – refletiu, animada.

— Talvez. – rle sorriu. — Ou talvez teria me odiado por comer todo o bolo da sua festa.

Kayla riu e revirou os olhos.

— Boa noite, Elliot. – sorriu com os olhos e saiu do carro.



Kayla cumprimentou os dois guardas que estavam à porta, eram diferentes dos da noite anterior, e eles apenas moveram a cabeça em resposta. Quando entrou na casa, foi recebida por um M4 afobado, que correu logo ao seus pés.

— *Não era exatamente isso que eu esperava quando escolhi deixar o palácio com minha senhora.* – a voz mecânica ecoou no *hall* de entrada.

— Como assim?

— *Bom, se é para eu ficar trancafiado aqui, então não sou melhor do que um droid de funções básicas.*

Ela riu.

— Você meio que é um *droid* de função básica, M4. É de armazenamento de memórias.

— *Exatamente* – o robô contestou. — *Como poderei armazenar suas memórias se não vivenciá-las com você?*

— Eu posso te contar.

— *Nada seguro, você poderia alterar os fatos.*

— Está bem – Kayla revirou os olhos. — Eu te levarei para conhecer os bairros humanos amanhã.

— *Excelente*. – o robô bradou em vitória e orgulho, em seguida saiu rolando até a sala.

— É um robô genioso, esse seu. – a voz risonha de Mirya ecoou da cozinha.

— É sim…

Ela seguiu a voz e foi até o cômodo. Encontrou a irmã sobre a pia, com C3-D6 ao lado dela, embalando algo em uma vasilha compressora de ar.

— Desde o momento em que cheguei ele ficou me perguntando sobre seu paradeiro, me deu um pouco nos nervos, admito. Jafari, porém, o amou. Conversaram por horas.

— Pois é, M4 é um pouco sociável demais para um robô comum.

As duas riram, preenchendo a cozinha com o leve som de gargalhadas.

— Como foi o seu dia? – Mirya perguntou, recuperando o semblante austero.

— Foi… bastante informação. – a princesa admitiu. — Mas amei conhecer as minas de lutons, não imaginava que a lua poderia guardar tamanha beleza.

— Ah, vocês foram lá? Não estava no roteiro que direcionei a Elliot, mas fico feliz que as conheceu.

Não estava? Kayla pensou, intrigada.

— 13 dias então… – ela comentou, depois de alguns instantes de silêncio.

— Sim – Mirya suspirou, cansada. —, É tudo o que temos…

— E ainda nenhuma pista da nave?

— Não.

— Lobos da lua… – resmungou, sentindo a pressão daquele povo lentamente se tornando a sua. — Alguém está procurando por você, aliás. – A irmã comentou enquanto deixava o aposento.

— O quê?! Cal-uya?

— Eu acredito que sim. Tivemos um fluxo incomum de soldados de Kepler rondando os diferentes bairros humanos hoje. Estavam em busca de algo…

— De mim, no caso.

— Com certeza. Parece que a princesa não quer tornar público seu desaparecimento, então, foram cautelosos e depois partiram.

— Eles voltarão… – Kayla suspirou, abalada.

— Com certeza.

A irmã mais velha se sentou no sofá, permitindo às pernas algum descanso, e a mais nova a acompanhou, desabando ao seu lado.

— O que vai fazer se ela te encontrar? – Mirya moveu o rosto, a encarando de frente. —Vai deixar que te leve de volta?

A garota suspirou fundo, um suspiro longo e dolorido.

— Honestamente, eu não sei. Deixei o palácio para não precisar pensar nessa opção.

— Isso nunca funciona, sabe? Fugir dos problemas. – a mais velha apoiou sua cabeça no braço que estava encostado no sofá e continuou a fitar a irmã.

— Eu estou percebendo… – riu baixinho. — E se… eu disser que ainda não tenho um motivo forte o suficiente para ficar? – ousou perguntar, reunindo toda a coragem e honestidade disponíveis.

— Você ainda vai ser tudo o que precisa ser: minha irmã. Aqui ou lá.

Os olhos de Kayla marejaram, e ela piscou para conter a inesperada onda de emoção.

— Obrigada… – foi tudo o que conseguiu dizer.

— Eu vou colocar Ayo para deitar agora e vou dormir também, se não se importar.

A mais velha se levantou, posando sobre a lombar. Seus olhos estavam cansados e marcados pelas olheiras. A menina pensou no quanto ela lutava por aquele povo e no quanto isso lhe custava.

— Claro que não, vá descansar… – sorriu, verdadeiramente grata.

— Tem comida para você na cozinha, é só pedir para a C3-D6 que ela vai te mostrar.

— Sem problema.

— Amanhã vou cobrar se comeu, hein? – Mirya ameaçou, enquanto subia as escadas.

— Eu prometo. – Kayla deu uma gargalhada e levantou as mãos, em defesa.

— Boa noite, [2]*eonni*. – a líder sussurrou enquanto a irmã a perdia de vista na longa escada.

— *Eonni*… – Kayla repetiu a palavra, pensando no quê significaria.

Quando se viu sozinha no pequeno e aconchegante aposento, pensou que poderia se acostumar a viver ali. Isso, se Mirya a deixasse ficar…

Esse pensamento se dissipou de sua mente no instante seguinte, quando se lembrou que estavam todos de partida. Não bastava descobrir que era humana e tentar se adaptar àquela nova realidade, se acostumaria apenas para se despedir logo em seguida, em exatos treze dias.

Isso, se a Gravidade se revelar a tempo, pensou.

Queria acreditar nela, principalmente pelo legado que sua mãe carregara, mas ainda assim era estranho, incômodo e incerto.

As imagens do seu pesadelo ainda permaneciam gravadas em sua mente, voltando a perturbá-la nos raros momentos de descanso, quando não estava pensando em nada específico.

Kayla se levantou em um impulso, afastando todos os pensamentos e focando unicamente na comida da cozinha, fosse lá qual novo prato humano e esquisito seria. Entrou novamente no aposento, e C3-D6 estava encostada na parede, imóvel e com os olhos robóticos fechados.

— C3-D6? – falou, na esperança de ativar a robô.

— *Sim.* – os olhos se abriram e os braços se moveram de leve, como se reativando as engrenagens.

— Mirya falou que você guardou comida para mim…

— *Ah, é claro. Minha senhora está especialmente interessada em sua reação, devo reportá-la pela manhã.*

Kayla riu.

— Eu sei, ela me falou.

A robô caminhou até a outra extremidade da cozinha e com os polegares robóticos pressionou um compartimento na parede que se abriu, revelando uma comprida geladeira horizontal. Um pequeno holograma foi ativado, mostrando todos os alimentos que haviam ali. C3-D6 selecionou uma imagem específica, e um pequeno pote foi trazido até ela pelas ondas gravitacionais. Ao pegar o recipiente em suas mãos, o esquentou em segundos com as ondas de calor que saiam de suas juntas nos dedos.

— *Aqui está.* – anunciou com a voz robótica ao colocar a comida em um prato já preparado na pequena mesa removível que havia no cômodo. — *Sente-se.* – a robô convidou, indicando o banco magnético flutuante que estava ao lado da mesa.

— Certo.

Kayla se aproximou e sentou, com certa dificuldade de permanecer estável no assento.

— Obrigada, C3-D6. – agradeceu enquanto fitava desconfiada o prato à sua frente.

Se assemelhava a uma massa, coberta por um molho vermelho.

— Sabe o quê é? – interrogou à robô, antes de colocar o alimento na boca.

— *Tteokbokki, senhora. Esse era o prato preferido do seu pai.*

— Oh. – exclamou surpresa, um pouco mais encorajada.

Colocou o primeiro pedaço na boca e não foi nada desagradável. Rapidamente comeu mais um. *Era o prato preferido do meu pai.*

— Há quanto tempo serve esta família, C3? – perguntou ainda com o pensamento em mente.

— *Há trinta anos, desde minha criação. Houve algumas atualizações aqui e ali, mas ainda sou eu.* – A robô respondeu, com um inesperado bom humor.

— Então os conheceu? – a voz falhou em sua garganta. — Meu pai e minha mãe?

— *Ah, é claro. Dizem que robôs não podem sentir saudades, mas devo admitir que sinto.*

— Eu queria poder sentir… – a princesa sorriu e colocou mais da massa de arroz na boca. — A minha mãe era… tudo o que dizem? – indagou de repente.

— *Ela era ainda mais. Ainda mais real, ainda mais amorosa, e ainda mais humana. A memória humana tende a falhar algumas vezes, eu porém, me lembro perfeitamente.*

— Você… você armazena memórias também? – perguntou, com uma ideia em mente.

— *Entre várias outras funções, mas, sim.*

— De… de quanto tempo atrás são os seus registros holográficos?

A robô moveu a cabeça, já compreendendo o que a garota queria.

— *De mais de vinte anos.* – afirmou. — *Logo após minha primeira atualização.*

— Então você… – o coração de Kayla se agitou dentro de seu peito, e ela levantou da cadeira, já não mais interessada na comida.

— *Sim, os meus registros holográficos datam antes da morte de sua mãe.*

— Lobos da lua… – colocou a mão sobre a boca, contendo a emoção que subia pela garganta.

— *Qual registro gostaria de ver?* – a voz robótica perguntou.

Ela já tinha a resposta.

— Minha festa de um ano, por favor. – respondeu trêmula e com um sorriso no rosto, ainda não crendo que aquilo seria possível.

Um mecanismo se abriu, rente ao que seria o coração do robô humanoide, e projetou um oceano de imagens e detalhes pela cozinha. O holograma se deformou levemente ao encontrar a mesa, a pia e outros cômodos do espaço, mas logo Kayla e C3-D6 se viram dentro de uma festa que acontecera há vinte anos.

A gravação era detalhada, e o *software* do robô havia armazenado um largo escopo de imagens. Kayla pôde ver a mesa do bolo e muitos dos convidados que estavam em volta, até mesmo a música que era tocada naquele momento ecoava pela cozinha. Definitivamente um idioma que não era a linguagem universal.

Haviam luzes brilhantes por todo o teto, e ela procurava a sua mãe pela cena. Seu coração parou quando a encontrou passando pelas pessoas e cantando em voz alta a música que tocava. Ela caminhava em direção à mesa, onde um homem de cabelos pretos encaracolados a esperava. Kayla reconheceu ambos no mesmo momento pelo [3]*Hanbok* que usavam. Só naquele instante lhe ocorreu que seu pai não era coreano, percebeu pela filmagem o que não havia conseguido ver nas fotos. A pele morena e cabelo preto encaracolado indicavam que ele era certamente originário do clã da América.

Kayla, porém, não conseguia encontrar a si mesma na cena, e se surpreendeu quando o holograma de um pequeno garotinho de cabelos loiros passou correndo por ela, em direção à mesa do bolo.

— Elliot? – pensou em voz alta.

As pessoas se reuniam em volta da mesa, e logo ela estava à vista. Uma garota de dez anos, ridiculamente parecida com ela mesma, caminhou até a mesa com uma pequena bebê no colo. Era Kayla. A mesma da foto. Tinha até bastante cabelo para uma humana da sua idade e sorria para qualquer detalhe. Não entendia ao certo o que estava acontecendo, entretanto, definitivamente estava gostando.

Eun se aproximou pegando-a do colo da irmã mais velha e, por um mero instante, Kayla pôde ver o olhar de dor no rosto da mãe. Ela rapidamente o substituiu por um sorriso enquanto balançava a criança, mas ainda estava ali, a saudade premeditada.

Eles cantaram parabéns, e os olhos da princesa se encheram de lágrimas, presenciando finalmente aquela memória. Ela era feliz, ali, naquela festa, naquele momento com a sua família. Não tinha idade suficiente para sequer processar o que era felicidade, mas certamente o era.

E pela primeira vez entendeu: o Império Lunar havia tirado isso dela. Foi criada pelos mesmos que assassinaram sua família. Toda aquela alegria à sua frente seria massacrada e transformada em sangue e saudades. Não poderia voltar ao palácio, nunca voltaria sabendo que aquela era a vida que havia lhe sido tirada. Sua mãe não poderia ter morrido em vão , tinha que existir um propósito, eles *precisavam* voltar para a Terra.

A gravação começou a passar de forma corrida. O holograma se moveu de acordo com o ritmo da festa, que logo chegou ao fim. Kayla se surpreendeu quando a imagem mostrada por toda a cozinha era agora da sua mãe sentada no sofá da sala, com ela no colo.

— Pode gravar isso para mim? – Eun perguntou ao robô.

A máquina respondeu algo que não foi gravado.

— Tudo bem… – Eun suspirou, com a voz falhando. Ela pegou a bebê e a virou em seu colo. — Eu te amo, filha, você é muito nova para entender isso, mas eu te amo. – fitava a pequena, que apenas sorria e pegava em seu cabelo.

— Por isso, quero gravar. – ela virou o olhar direto para a câmera da robô. — Mirya já ouviu isso de mim, e Kim também. Como não vai se lembrar, essa gravação sempre vai estar aqui para você. Eu… – sua voz falhou e os lábios tremeram. — Eu vou morrer daqui há uma semana, ninguém sabe… Quer dizer, apenas você e eu. – ela balançou a neném enquanto as lágrimas começaram a rolar. — Mas não é sobre isso que eu quero falar.

A mulher no holograma levantou o rosto e enxugou as lágrimas rapidamente com a mão livre. Respirou fundo, e a força pareceu voltar para seu rosto.

— Eu estou gravando isso porque você precisa saber. Precisa saber para quê nasceu. Tem que saber que nem a minha morte, nem a de mais ninguém determina o futuro da humanidade. Nada determina nosso futuro, a não ser aquele que já o estabeleceu: a Gravidade. Seja na morte ou na vida, seremos levados de volta para casa, seremos levados de volta para ela. Nos encontraremos no fim do universo, onde estaremos finalmente sob sua presença.

Com o semblante refeito pela esperança, Eun vasculhou uma bolsa que havia ao seu lado no sofá, até retirar de lá um papel-tela.

— Eu gostaria de ler algo para você. Não sei quando encontrará essa gravação, mas espero que essas palavras te encontrem nesse momento

também.

Ela respirou fundo, segurando o papel com as mãos trêmulas e começou:

Consolo, consolo virá das estrelas,
Fale com carinho ao meu povo,
e diga que seus dias de lutas acabaram,
e que toda a sua culpa foi apagada.
Pois a Gravidade castigou a humanidade por suas transgressões,
mas a levará de volta por sua misericórdia.

Ela dobrou o papel e colocou de volta na bolsa. Balançou a bebê, que ainda a olhava continuamente interessada, e então se voltou para a gravação no robô.

— Essas foram as palavras profetizadas pela segunda oráculo da Lua. É sobre o fim do nosso exílio. A Gravidade nunca compartilha comigo mais do que eu estou pronta para saber, mas… chame de instinto de mãe – ela confessou com um sorriso –, acho que você terá alguma parte nisso.

— Eun? – uma voz masculina a chamou, além do que estava sendo transmitido no holograma.

— Estou indo. – ela anunciou, se colocando de pé.

Seu olhar voltou mais uma vez para o robô.

— Isso é tudo que eu posso deixar para você, Kay. A Gravidade é sua herança.

O holograma de sua mãe desapareceu da cozinha e, lentamente, todos os outros elementos da cena também. Um barulho de engrenagem foi ouvido, e Kayla se viu novamente sozinha com o robô na cozinha.



A noite incomum

Quando foi dormir naquela noite, o coração da princesa batia tão rápido que, caso os outros pudessem ouvir, acordaria toda a casa. Ela tomou seu rápido e desconfortável banho no cilindro de metal e se vestiu com o par de roupa *off white* que havia na cama para ela: uma blusa de manga comprida e uma calça. M4 a surpreendeu permanecendo na cozinha no andar de baixo com C3-D6, os dois robôs pareciam começar a se dar bem.

A cabeça de Kayla zunia com tantas informações que seria um milagre se conseguisse pegar no sono naquela noite. Ela se forçou a deitar na cama, sentindo o peito pressionado pela angústia que, se antes estava adormecida, havia acabado de despertar. Não voltaria ao palácio de nenhuma forma e queria mesmo deixar aquele maldito planeta. O planeta que havia lhe dado tanto, mas tirado muito mais.

Lágrimas de raiva rolaram pelo seu rosto, até que sua boca tivesse o gosto salgado da dor. Queria gritar, mas e não podia e, pela primeira vez, desejou que os humanos nunca tivessem deixado a Terra. Ela finalmente

cerrou os olhos, querendo mergulhar e desaparecer na mistura de saudade, medo e confusão que sentia.

Só percebeu que havia dormido quando foi acordada, no meio da madrugada. Um barulho de porta batendo a fez abrir os olhos sobressaltada. Foi um baque forte, o suficiente para fazer tremer sua cama, só que não deixou indício de quem o causou. Olhou para a porta, estava fechada. Olhou em volta e tudo o que entrava no cômodo era a fraca luz de *led* vindo da rua.

Não pode ter sido coisa da minha cabeça, pensou, se levantando. Ela caminhou sonolenta até a porta e a abriu, conferindo o corredor. Estava escuro e vazio, do jeito que ela o havia deixado na noite anterior.

Piiiiiiim.

Um barulho de metal caindo no chão ecoou no andar de baixo, Kayla tapou os ouvidos, com o zunido que pareceu entrar até em suas vasos sanguíneos. Seja o que tivesse acontecido no andar de baixo, não era bom.

— M4 – sussurrou, ao descer correndo pelas escadas, esperando logo ouvir outros passos atrás de si.

Chegou até a sala e parou, percebendo que o andar de cima estava tão calado quanto antes. Ninguém descia, não haviam nem acordado.

Impossível.

Caminhou desconfiada em direção à cozinha, onde havia deixado os dois robôs na noite anterior.

— M4? – sussurrou, novamente enquanto a baixa luz da sala iluminava o caminho.

Ambos os robôs estavam desativados, um ao lado do outro, no canto extremo da cozinha, onde tudo permanecia no lugar. Seja o que fosse que acontecera, não era ali. Ela caminhou até eles , sentindo que algo estava errado, porém, sem saber nomear o quê.

— C3-D6? – chamou a robô, balançando a mão na frente do rosto mecânico.

Nenhuma resposta.

— Ei, M4? – Kayla agachou, se voltando para o seu robô. — Ativação automática. – deu o comando, esperando alguma resposta.

— M4, ativação automática. – falou novamente, dessa vez com o medo mais transparente na voz.

Novamente, nenhuma resposta.

Apertou freneticamente os botões à vista do robô, na esperança de ter algum efeito, porém nada aconteceu.

— Que droga…

BAM!

Um barulho de batida de carro ecoou do lado de fora, balançando a estrutura e a jogando no chão, estremecida de susto.

Ela se ergueu, aturdida, com as pernas trêmulas e os pés falhando. Em seguida caminhou com dificuldade até a porta. A encontrou entreaberta e isso fez seu coração acelerar.

— O quê…? – as palavras falharam em seus lábios, tamanho era o medo que sentia.

Abriu a porta com receio, não encontrando nenhum guarda na entrada. Caminhou até o lado de fora, sendo encorajada apenas pelo escuro e nada mais. Desceu os degraus lentamente, sem localizar nenhum movimento na rua. Seja o que for que estivesse a atraindo até ali, parecia brincar com ela. A rua estava vazia e silenciosa, sendo iluminada apenas por alguns *leds* ligados no teto da caverna.

Kayla olhou para cima, buscando algo que pudesse ter feito o barulho, tudo que encontrou foi apenas o teto de pedra. Suspirou, se sentindo um pouco aliviada e quando deu um passo pra voltar até a casa, foi mergulhada na escuridão. Todas as luzes se apagaram de uma vez e um arrepio preencheu sua espinha. Ela virou o corpo, lutando para não ser tomada pelo medo.

Uma única luz se acendeu no teto da caverna, brilhando ao longe, como se indicasse o caminho.

— Eu não acredito… – Kayla resmungou, começando a se sentir irritada.

Começou a andar até a luz, agora tendo a certeza de que algo a atraía. Provavelmente estava apenas sonhando e acordaria logo logo no seu quarto. Caminhou até o fim da rua, parando exatamente embaixo da única luz acesa. Uma outra se acendeu mais distante, e ela repetiu o processo um pouco sem paciência.

Só percebeu que havia se perdido quando já estava longe demais de qualquer construção humana. Havia sido atraída para o coração da caverna, e só se tocou disso quando não pôde mais ver as luzes no teto. Elas haviam acabado logo atrás, e Kayla agora se via sozinha em uma caverna muito menor do que as outras, completamente vazia e com um teto baixo, rente à sua cabeça. Era iluminada levemente apenas pela luz que vinha de fora.

Ela caminhou confusa, sem saber o que procurava, quando se deparou com algo que fez suas pernas bambearem.

Era impossível, completamente impossível.

À sua frente, estava uma macieira, uma árvore terrestre, exatamente como as que ela havia visto em seu sonho, crescendo em pleno solo lunar.



A última escolhida da Gravidade

A árvore era grande demais para a pequena caverna, seus galhos se estendiam, enroscando-se no teto, e uma brisa suave que vinha das próprias folhas passou pelo corpo da princesa, a fazendo se arrepiar inteira. Era impossível que algo daquela natureza crescesse ali. Por todas as gerações de humanos que nasceram e morreram na lua, contavam-se histórias de florestas e árvores, mas até aquele momento, ninguém nunca havia visto uma.

A mente de Kayla não teria capacidade o suficiente para pregar uma peça daquelas, tinha que ser real, *era* real, e ela sentia isso. Levantou a cabeça, observando cada detalhe do ser vivo, até que de repente percebeu que não conseguia mais respirar. Seus olhos se arregalaram com a revelação, ela tentou gritar, mas nenhum som saiu, o ar estava ali, à sua volta, no entanto, algo o havia bloqueado. Desesperada, caiu de joelhos, o tecido da calça rasgou sob o impacto doloroso da pele com a pedra.

— Ahhhhh – puxou o ar violentamente, sentindo a vida voltar para seu corpo no momento em que tocou o chão.

A árvore se estendia à sua frente, cobrindo toda sua vista.

Lobos da lua, como havia parado ali?

De início, Kayla não percebeu que sua mão que estava apoiada no chão começou a ser coberta por diferentes raízes que saíam da árvore. Quando sentiu o movimento, já era tarde, já estava coberta, presa ao solo. Tentou freneticamente tirá-la, contudo, ela nem sequer se movia.

"Kayla" ,uma voz sussurrou por entre os galhos da árvore.

Ela olhou assustada para cima e não viu ninguém. Ainda tinha o corpo preso ao chão, pela mão.

"*Kayla*", a voz chamou novamente, dessa vez tempestuosa e preenchendo todo o lugar.

— O que você quer comigo? – choramingou, com a voz trêmula.

"Eu me lembrei da promessa que fiz à humanidade e estou prestes a cumpri-la." A voz ecoava por todo o lugar, preenchendo cada poro do corpo de Kayla, como se fosse a própria matéria em forma de som.

Assustada, a princesa chorou de desespero, com lágrimas de pavor rolando-lhe as bochechas.

"*Eu não estou atrasado, como alguns pensam.*" A voz fez tremer o chão. "*Pelo contrário, tenho trabalhado por todos esses séculos em meu tempo perfeito.*"

— Qu-quem é você? – balbuciou, trêmula.

"*Eu sou aquele que os tirou de seu planeta natal e o mesmo que os levará de volta.*"

O chão tremeu em volta dela a e quanto se deu conta, não havia nada mais à sua volta e nem sob os seus pés.Estava flutuando no espaço infinito, acima de planetas e supernovas. Moveu os braços de forma lenta, como se o tempo passasse mais devagar, e sentiu pequenas estrelas roçarem entre seus dedos. Pareceu-lhe que o universo era um grande oceano.

A princesa olhou em volta, tomada pelo êxtase, em busca de algo que explicasse como havia parado ali. Foi quando percebeu que todos os elementos do vasto universo à sua frente formavam uma única imagem. As constelações se uniam, formando dois arcos, um em cima e outro embaixo, e a supernova que queimava a toda potência à sua frente, se encaixava bem no centro, como se fosse a íris de um olho. E de fato era.

"*Sou a força que rege todo o universo, a mão que segura os planetas e a escolhi antes de seu nascimento para ser a minha oráculo nos tempos finais e guiar seu povo de volta ao planeta que os dei*."

Kayla sentiu seu estômago revirar dentro de si e a força lhe deixar os membros.

— É o quê?! – foi tudo o que conseguiu dizer em meio a imensidão do espaço.

Kay imaginou que mesmo que aquela fosse a maior força de todo universo, isso não a impedia de estar completamente errada.

O universo à sua volta, assim como o olho que tomava toda a sua vista, foram se afastando, como um rolo de filme voltando ao início, e ela logo sentiu seus joelhos colidirem novamente com o chão de pedra.

— Vo-você deve ter se enganado… – implorou.

"Eu nunca me engano." A voz pareceu rir, ainda assim, de uma forma pavorosa. *"Escolhi você e aquele que te acompanhará. Vocês serão meus mediadores entre o seu povo e poderão me buscar sempre que precisarem."*

A jovem sentiu o braço esquerdo queimar e olhou para baixo. Era a mesma mão que continuava presa pelas raízes, porém, agora uma linha branca subia por ela, ardendo e fazendo brilhar todo o caminho.

"*Este é o sinal de que você é a oráculo final, a última escolhida pela Gravidade.*"

Após essas palavras, a árvore que iniciou tudo, começou a queimar à sua frente, se transformando em chamas brancas que logo tomaram a forma de uma esfera, uma mini supernova, flamejando dentro da pequena caverna. A luz esbranquiçada preencheu todo o lugar, e Kayla finalmente sentiu sua mão sendo libertada pelas raízes e caiu para trás, sentada no chão. A luz brilhou incandescente, cegando os olhos e enfraquecendo seu corpo. Ela caiu para trás, sentindo a força lhe esvair e tudo desaparecer aos poucos.



Conhecer sem compreender

Quando Elliot foi avisado sobre Kayla naquela madrugada, sentiu seu coração parar por alguns instantes. Ela havia sido encontrada desacordada em uma caverna próxima à entrada da região do clã da Ásia. Os guardas humanos de patrulha foram os primeiros a encontrá-la e a levaram até o hospital americano, na região do clã da América. Mirya, que estava com o corpo desacordado de Kayla na caminhonete, ligou apenas para ele e pediu para que mantivesse sigilo e as encontrasse no hospital.

Elliot se pôs logo de pé na cama, vestiu as primeiras calças que encontrou, pegou sua jaqueta pendurada na porta e desceu as escadas da habitação em que morava, a sede da Europa, em disparada até o carro. Seu pai estava dormindo muito profundamente e não o ouviu sair.

Com as estradas subterrâneas vazias àquela hora da madrugada, em vinte minutos ele chegou até ao hospital. Passou pelos corredores e adentrou o saguão principal cercado por murmúrios, comentários e sussurros daqueles presentes, que haviam acompanhado a cena algumas horas antes.

Pela Gravidade! Que ela esteja bem.

O rapaz passou a mão pelo cabelo loiro desgrenhado, aflito e uma funcionária o guiou até um cômodo no fim do corredor.

Mirya estava parada à porta ao lado de um guarda com a insígnia da Ásia. O olhar dela se suavizou um pouco ao ver o jovem chegar.

— Meu filho, como chegou tão rápido? – indagou genuinamente preocupada.

— Eu tenho meus caminhos. – deu de ombros. — Onde está Kayla? O quê aconteceu? Ela está bem? – perguntou incisivo, a confusão estampada no olhar.

— Venha.

Mirya pegou a mão dele e, dando uma última olhada no corredor, o guiou até dentro do quarto. Ela fechou a porta atrás de si, garantindo que estavam seguros.

O corpo adormecido de Kayla estava deitado na maca, completamente imóvel. Ela usava um par de roupas brancas hospitalares e tinha o cabelo preso para trás. Por mais que parecesse dormir, seus olhos estavam abertos, porém, não mais da cor que costumavam ser. Tanto a pupila quanto a esclera brilhavam, ambas na cor branca, em tons distintos. O olhar de Elliot percorreu o corpo, parando no braço esquerdo da princesa, onde haviam várias veias da mesma cor, como uma tatuagem, que cresciam vindo da palma da mão.

— Isso é…

— Sim – Mirya chegou ao seu lado. — Estamos diante da última oráculo da Gravidade.

Elliot virou o corpo, fitando a mulher mais velha com descrença e emoção.

— Mas… como?

— Ela foi encontrada desmaiada na caverna. O encontro com a Gravidade parece tê-la cegado momentaneamente, os médicos disseram que com algum tempo de repouso ela voltará a enxergar.

— Isso é… Isso é…

As pernas de Elliot tremeram com um tique nervoso, e ele começou a caminhar pelo quarto para aliviar a tensão. Queria se sentir feliz, entretanto, a imagem da princesa à sua frente não lhe dava muito conforto.

— Ela vai ficar bem então, certo?

— Vai. – Mirya sorriu.

— Você… – ele respirou fundo, se sentando na cadeira ao lado da cama. — Você acha que ela vai dar conta? – a pergunta era dolorosamente sincera. — É um peso tão grande…

— Eu sei… – Mirya suspirou, o sorriso se esvaindo. — Mas é *ela*. Eu sempre soube disso, desde quando a Gravidade a salvou do massacre. Não era uma bebê comum e não estava destinada a um propósito comum.

Ela caminhou e se sentou até a outra cadeira que havia na extremidade oposta, ao lado da janela do quarto.

— A Gravidade a escolheu. Nada é mais imutável do que isso. Agora se ela vai dar conta ou não, cabe apenas a ela… aceitar essa missão.

O olhar dos dois pairaram sobre Kayla e ficaram em hesitação.

— E eu tenho fé que ela vai, sim. – Mirya falou mais para si mesma. — Ninguém que encontra a Gravidade permanece o mesmo.



— Eu não aceito! Tem como eu recusar? – Kayla perguntou desesperada, quando finalmente acordou mais tarde naquele dia, vendo o torso de Elliot ao seu lado apenas como um vulto.

O rapaz conteve um risinho, ela era absolutamente adorável até quando não queria ser. Fez uma careta logo em seguida, tendo consciência do seu pensamento. Estava amolecendo rápido pela princesa.

— Eu temo que não. Na verdade… – falou antes dela o interromper. — Eu não temo, tenho absoluta certeza. O chamado de uma oráculo é

intransferível, único e extremamente raro. Você tem ideia do quão especial é?

A pergunta a desarmou por completo e fez sua bochecha corar. Ele só percebeu como a frase poderia ter múltiplas interpretações quando já era tarde.

— O-o quê eu quero dizer – tossiu, piscando em desconforto – é que… você foi escolhida pela Gravidade e a Gravidade nunca erra. Talvez, foi exatamente para um tempo como este que você nasceu.

Kayla bufou e deixou a cabeça cair novamente no travesseiro.

Por fora parecia irritada e por dentro estava completamente apavorada. Cada experiência da última noite ainda rodeava sua mente, a atormentando a cada instante, a preenchendo de pavor. Uma força absolutamente colossal, desconhecida e estranha, escolheu justo ela, entre todos os milhares de humanos ali, para se revelar. Tinha a plena certeza de que mais alguns minutos em sua presença e poderia simplesmente ter morrido. Era o tipo de experiência que poucas pessoas viviam para contar, e Kayla não tinha o mínimo interesse em passar por ela novamente.

— Elliot… – sua voz saiu fraca e trêmula. — Você não viu o que eu vi. Essa *força*… A Gravidade… é pesada demais para mim. Eu não consigo… – falou com os olhos fechados e a cabeça ainda mergulhada no travesseiro.

— Sua mãe conseguiu… – tentou soar encorajador.

— Eu não sou minha mãe! Sou muito, muito menos do que ela…

— Você não é sua mãe, isso é verdade. Mas é tão capaz de carregar esse posto quanto qualquer outra mulher que veio antes.

— Não, eu não sou… – murmurou tão baixinho que pensou que ele não tinha ouvido.

— Olhe pelo lado positivo… – ele tentou encorajá-la novamente, depois de alguns minutos. — Você não estará sozinha. Se a promessa é real, um oráculo homem também será levantado, para liderar ao seu lado.

No momento em que falou aquilo, Elliot se sentiu desconfortável, talvez não fosse um fato tão encorajador, afinal, certamente não para ele. Apenas o pensamento de Kayla desenvolvendo uma conexão de alma que transcendesse tempo e espaço com algum outro homem humano o deixou enjoado.

— Eu vou… chamar sua irmã. – se levantou, desconfortável e saiu pela porta.

— Acredito que Elliot falhou em trazer juízo para sua mente… – Mirya suspirou, ao entrar no cômodo.

— Mirya… – Kayla abriu os olhos e levantou a cabeça, procurando pelo vulto da irmã. — Por favor, me ajude…

A irmã mais velha aceitou seu braço estendido e envolveu a mais nova em um abraço, o primeiro abraço delas.

— Eu estou aqui, *Eonni*.

— Mirya, eu não posso fazer isso… – choramingou. — Eu não consigo… *Ela* tem que ter escolhido errado.

— Kay, você sabe qual é o significado do seu nome?

— O quê? Não…

— Bom, eu sei. Ajudei a mamãe e o papai a escolher. – ela passava a mão no cabelo da irmã, como uma mãe acalentando a filha.

— “Aquela que alcança a vitória”. É isso que seu nome significa e nunca pensei que seria desafiada a viver menos do que o significado do seu nome.

Kayla chorou baixinho, envolvida no braço da irmã.

— Sei que está com medo dela, da Gravidade. Ela não é segura e nunca vai ser, nunca iremos compreendê-la por completo. Mas se estiver disposta a conhecê-la, mesmo sem compreender, talvez ela se mostre completamente digna de todos os riscos. Nem sempre o que é seguro é bom, Kayla, e talvez o mesmo se prove para o contrário.



Os primeiros passos de um relacionamento

Aquele dia poderia muito bem ser definido como o pior de toda a existência de Kayla. Seu corpo inteiro doía e sua consciência ardia em medo e pavor. Mirya e Elliot passaram diversas vezes para vê-la, até seu sobrinho a visitou, junto com M4, o que alegrou um pouco o dia. Mas nada tirava a solidão de seu peito, a inquietação na alma e o medo em seu coração.

O pior de tudo nem era isso. O pior é que todas as vezes que era deixada sozinha no cômodo, por mais que ainda não enxergasse direito e se sentisse de fato solitária, sabia que não estava sozinha, nunca, nem por um *mísero* segundo. Agora ela a sentia ali, em cada instante de silêncio, em cada metro do cômodo, a Gravidade se fazia presente.

Isso tornava tudo pior, pois a cada vez que reclamava e pedia para não aceitar aquele chamado, sabia que a Gravidade ouvia. E se ela fosse qualquer coisa parecida com um humano, não estaria feliz.

A noite chegou e para a sua infelicidade ela já podia enxergar perfeitamente, até os médicos ficaram impressionados com a rápida

recuperação, e ela soube que era um ato da Gravidade.

Seu olhar atento, vasculhava o quarto com as pálpebras semicerradas, em busca de algum movimento sobrenatural que indicasse a presença da Gravidade ali.

Sem sucesso, ela encheu o peito de coragem.

— Você está aí? – perguntou finalmente.

Absoluto silêncio.

— Eu sei que você está, não precisa responder. – Cruzou os braços, deitando lentamente a cabeça no travesseiro. — Só não sei porquê me escolheu… – resmungou, fechando os olhos.

No momento em que os fechou, não estava mais no quarto do hospital.

"*Tem certeza que não sabe?*" A voz ecoou em sua mente.

Não sabia se estava acordada ou sonhando, só tinha certeza de que o que via a sua volta era uma memória da infância. Se lembrava distintamente, era a primeira vez que havia presenciado a ação da Gravidade.

A pequena princesa estava escondida no jardim. Seu pai, o imperador, havia partido em uma cruzada para o lado escuro da Lua e se ausentado do palácio por alguns dias. Nisso, a Imperatriz planejava matá-la em segredo e culpar os humanos. Cal-uya, a irmã mais velha, a qual era tão apegada, se afastou de repente, por ordem da mãe. Mesmo com apenas cinco anos de idade, ela sentiu que havia algo errado.

Na madrugada anterior, ouviu guardas na porta do seu quarto, planejando matá-la asfixiada assim que adormecesse. Movida pela adrenalina e o temor, preencheu sua cama de travesseiros e saiu pela sacada, escalando até o jardim suspenso que havia no andar de cima. Se escondeu ali até o amanhecer, cercada por plantas fosforescentes e encharcada em suas lágrimas, ela soluçava silenciosamente, pedindo para o céu que não fosse encontrada.

Foi quando ouviu guardas caminhando em sua direção, que ela se desesperou e saiu correndo. Se afastou do conjunto de plantas que a protegia e foi parar no meio do jardim, completamente desprotegida. Seus fracos pés de criança travaram no chão ao dar de frente com um soldado de Kepler, três vezes seu tamanho. Kayla deu alguns passos para trás, tomada pelo medo e caiu no chão, trêmula e apavorada. Fechou os olhos, esperando sua morte, mas nada aconteceu.

Segundos depois, quando recuperou forças suficientes para abrir os olhos, viu que o guarda permanecia parado no mesmo lugar, olhando para os lados. Ele não a via, milagrosamente, não conseguia enxergar a garota bem à sua frente.

Mais de cinco guardas rodaram aquele jardim e nenhum pôde ver a princesa que estava bem à frente deles. Ela não ousou sair dali e, tomada pelo medo, permaneceu escondida no terraço por mais dois dias, desidratada e com fome, até que seu pai voltou da cruzada. Em diversos momentos, pensou que morreria e só desabou em lágrimas quando viu a figura consternada de seu pai correndo até ela. Depois daquilo, a Imperatriz nunca mais atentou contra sua vida.

— Foi vo-você… – Kayla balbuciou, entre o oceano de lágrimas que rolavam pelo rosto. — Fo-foi você que me protegeu naquele dia.

"*Sempre fui eu*."

Estava de volta ao quarto. Colocou a mão nos lábios, completamente paralisada pela revelação. Seu estômago se contorceu, e ela se colocou de joelhos na cama, completamente rendida às ondas de emoções que preenchiam seu corpo. Chorou de forma inconsolável, nunca havia sentido tanto medo na sua vida e nunca entendera como havia sobrevivido àqueles dias.

— Você me salvou. – refletiu, sentindo uma onda de sobriedade caindo sobre ela.

"*Não só isso*." A voz respondeu. "*Eu te escolhi*."

— E… vo-você não erra… – reforçou para si mesma, tentando acreditar.

"*Nunca*."

Kayla deitou as pernas novamente no colchão e voltou sua cabeça para o travesseiro.

— Tudo bem então…



A força oculta

Já haviam passado dois dias. Nem toda a guarda de Kepler fora capaz de localizar a princesa fugitiva. Buscaram em toda superfície e subsolo lunar. Era uma afronta descarada ao governo de Cal-uya e uma infeliz amostra de sua incapacidade. Ela ardia em ódio e mágoa a cada hora que se passava sem notícias, a cada momento em que sua expectativa era frustrada, e a teoria de que sua irmã voltaria arrependida não se realizava.

No fim, ela sabia que Tal-uya não havia sido raptada ou algo do tipo. Fugira por conta própria, isso era fato, mas um fato que não poderia se espalhar. Uma parte dela também queria acreditar que a irmã retornaria para casa e que tudo voltaria a ser como antes. Talvez se exterminasse todos os humanos da face da lua, conseguiria. A ideia não lhe era desgostosa, até porque, até aquele momento, todos seus problemas tinham vindo deles.

Caminhou agitada por seu escritório, dando voltas e voltas, tentando entender o que estava deixando passar. Onde Tal-uya se esconderia e porquê. Como, entre toda a população humana do planeta, poderia encontrá-la?

Você sabe como, ouviu sua própria consciência dizer.

— Na-não, isso não é necessário. – balançou a cabeça, na tentativa de afastar aquele pensamento. — Eu não preciso… – respirou fundo. — Não preciso disso. Sou mais do que capaz de encontrá-la por conta própria. — Bateu os pés, determinada.

A porta magnética do saguão se abriu ao longe, e dois guardas atravessaram o espaço, chegando até ela.

— Minha princesa. – o guarda abaixou a cabeça, em reverência.

— Me traga uma boa notícia, Hiro, pelos grandes lobos da Lua.

Ela fez uma careta e colocou a mão esquerda na testa, irritada.

— Não conseguimos encontrá-la senhora… – um dos homens mais respeitados do exército de Kepler parecia apenas uma criança assustada diante da princesa regente. Ele abaixou o olhar, já antevendo a fúria da mesma. — Vasculhamos cada bairro humano no subterrâneo, minha senhora. Nenhum sinal nas ruas… é como se ela estivesse invisível para nós.

Os punhos de Cal-uya foram se cerrando com força a cada frase dita pelo o homem. O ódio e o medo corriam em suas veias, se sentia incapaz e fracassada e nada, *nada* era pior do que isso para ela. Apertou as unhas com tanta força que sentiu a palma da mão latejar. Não aguentava mais aquilo.

— Basta! – gritou e levantou a mão, interrompendo o soldado em seu longo e fracassado discurso. — Eu não quero ouvir mais nenhuma desculpa sobre seu serviço inútil ao império. Encontre a princesa ou perderá o seu cargo.

O rosto dela se tornou frio como uma pedra, e o semblante que se apoderou de sua face não permitia nenhuma discussão. O soldado viu a fúria encarnada no olhar da princesa e não ousou desafiá-la. Ele apenas abaixou a cabeça e deixou o aposento o mais rápido que conseguiu, acompanhado do guarda que o seguia.

— Droga! – guinchou, batendo os pés no chão.

Sabia o que tinha que fazer, o quê precisava fazer, mas nada conseguiria tornar a experiência que se seguiria menos horripilante para ela. Nem mesmo a promessa de encontrar a irmã.



Cal-uya odiava aquele elevador mais do que tudo naquele palácio. Ele evocava todos os seus medos e traumas escondidos. Todo o seu esforço e trabalho de anos, ruía frente a ele. Adentrando o elevador da torre solitária, ela voltava a se sentir apenas uma garota assustada. O evitava o máximo que conseguia, quanto mais longe da torre, menos escrava se sentia.

Mas agora havia chegado ao seu limite, o esticou de fato e só havia uma pessoa que teria a resposta para as suas perguntas. Bom… não uma pessoa exatamente.

O elevador parou no último andar, e ela caminhou silenciosamente pelo longo corredor até chegar aos guardas. Tentando conter o tremor que se espalhava por suas mãos, as fechou frente ao ventre, procurando passar segurança.

— Minha princesa. – os guardas que protegiam os aposentos de seu enfermo pai, a cumprimentaram.

— Eu vim vê-lo. – falou com o olhar resoluto, tentando mascarar qualquer traço de insegurança.

— É claro. – o guarda que estava no centro se afastou, e as portas mecânicas atrás de si foram abertas.

Ela não pode te ferir, repetiu para si mesma. *Ela não pode te machucar.*

Ela adentrou à penumbra do cômodo sentindo os pelos dos braços se arrepiarem. Os grandes tubos pelo chão obstruíam a passagem até a cama

onde seu asqueroso pai jazia, porém, ele não era o foco dela, infelizmente, não naquele dia.

Pela sua própria segurança, decidiu não se aproximar demais e permaneceu rente a porta.

Os olhos do homem inchado de pele acinzentada, lentamente se abriram, e com eles, os tubos presos em seu corpo pareceram *despertar* também.

— Quem é vo-você? – a voz fraca e rouca perguntou.

— É claro que não reconheceria – a princesa disse, magoada. — Sou eu, Cal-uya. *Sua* filha.

— Ah, você… – os olhos lutavam para se manterem abertos. — E Tal-uya, onde está?

— *Desaparecida.* – respondeu, cerrando os dentes.

— Que bom. – o semblante do homem, se é que ainda tinha um, pareceu se suavizar.

Nenhuma outra palavra foi dita, e cômodo recaiu em um silêncio incômodo. Cal-uya reuniu as forças que tinha para fazer o que era preciso.

— Pai… – ela falou finalmente.

O homem já havia cochilado nesse meio tempo.

— Ah, sim?

— Eu vim para vê-la.

A princesa engoliu seco, sabendo que agora não haveria mais caminho de volta.

— Ah, ah… claro. – o homem pareceu consternado, seu rosto pálido-acinzentado perdeu ainda mais a cor. — Te-tem certeza?

— Sim.

— Bom… – a figura caricata que um dia fora um pai engoliu em seco. — Que assim seja.

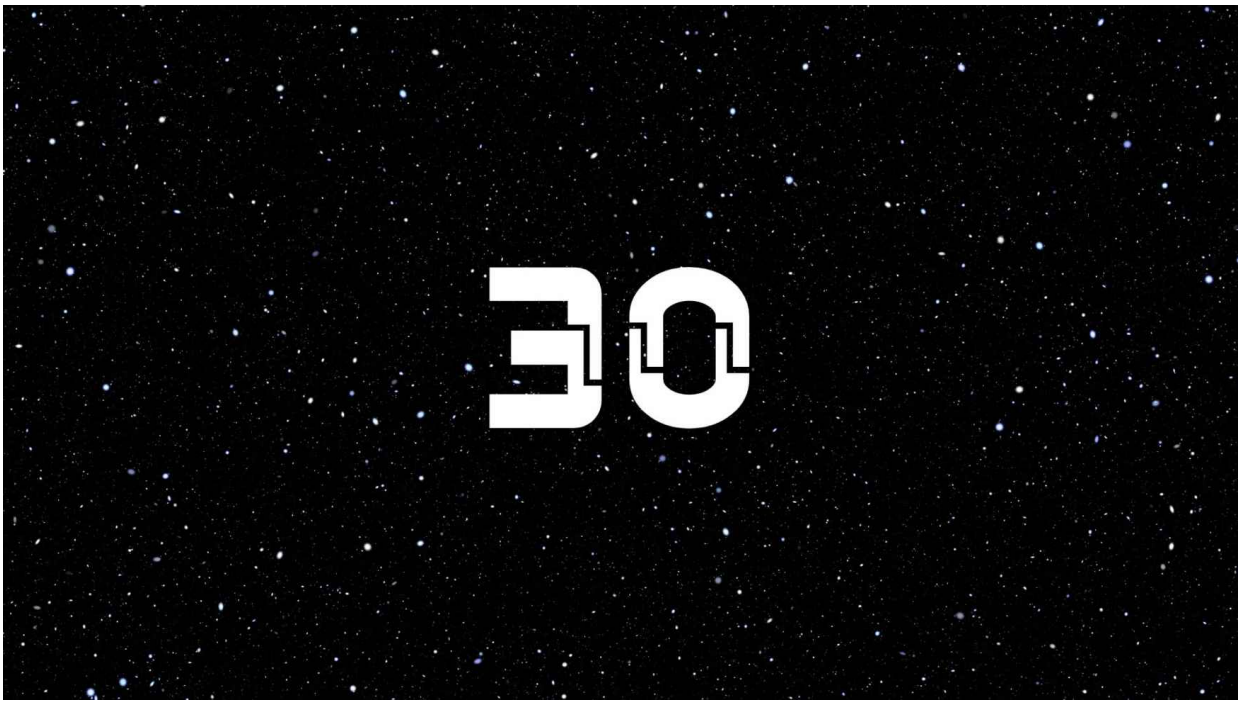
Ele respirou fundo e olhou para o lado, onde estava localizada a grande e grotesca máquina de onde todos os cabos saíam. A força vital que matinha o homem vivo por todos esses anos.

— Querida – ele disse finalmente –, nossa filha está aqui para vê-la.

As palavras fizeram um arrepio percorrer toda a espinha da mulher. A luz vermelha que brilhava no centro do mecanismo piscou, mudando de cor e tomando uma tonalidade azul.

— *Olá, querida, finalmente você apareceu*. – uma voz robótica estranhamente familiar saiu da máquina. — *Eu a estava esperando por um*

*bom tempo. E você sabe que eu **odeio** esperar.*



Sangue na lua

[11 dias para o cumprimento da promessa]

Kayla acordou se sentindo melhor pela manhã. Seus membros doíam menos e seu coração estava estranhamente mais calmo. Uma parte de sua consciência a alertou como um presságio para algo ruim, mas ela decidiu ignorar.

Com a ajuda dos enfermeiros do hospital, rapidamente recuperou a mobilização das pernas, tomou um banho e estava pronta para deixar aquele labirinto de corredores brancos. Sua pele, dia após dia, banho após banho, perdia um pouco do cinza e quando desceu até a entrada do hospital, acompanhada de Elliot, sentia que podia realmente se misturar entre os humanos.

— Então, qual o próximo passo agora? – perguntou enquanto caminhavam até o carro, escoltado por uma dupla de guardas.

— Te levaremos para a base militar que existe dentro das cavernas ocultas, fora dos radares do império.

Ao entrarem no carro, Kayla percebeu que o semblante de Elliot estava mais relaxado… mais esperançoso. E ficou feliz por notar isso.

— Ela não estava atrasada, afinal… – comentou, assim que ele deu partida no veículo. — A Gravidade.

Ele sorriu e a olhou com o canto do olho.

— É verdade… acho que não. – suspirou de forma profunda. — Mas ainda há muito o que se fazer… para tão pouco tempo.

— Acredito que ela quer que seja assim. É o que nos força a confiar.

— A fé é uma coisa engraçada. – ele sorriu de forma reflexiva, realçando duas covinhas que Kayla não havia reparado antes. — É tudo o que nos resta no fim dos tempos…

— Acho que é tudo que nos resta sempre – ela deu de ombros.

— Como está sendo ouvi-la? Não parece tão assustada quanto ontem.

— Ah, não? Bom, eu ainda estou apavorada. – Kayla admitiu em uma gargalhada. — Só que um pouco mais *conformada*, se é que me entende.

— Sim… – Elliot balançou a cabeça, os olhos ainda na estrada. — Quando não consegue fugir de algo, o mais sensato é correr para *ele*.

— Suponho que sim. – ela coçou a sobrancelha e colocou um fio de cabelo para trás da orelha.

— Continuando – o rapaz coçou a garganta, parecendo instantaneamente desconfortável –, o próximo passo agora é você escolher o oráculo homem, que irá pilotar Bosei ao seu lado.

— Essa parte eu ainda não entendi. Não seria a Gravidade que o escolheria?

— Bom, a Gravidade *através* de você.

Kayla balançou a cabeça, em concordância. Não sabia muito bem o que aquela conexão significaria. Diferente de Elliot, não conhecia as histórias do exílio. Se todo o futuro da raça humana dependia disso, pouca coisa não era.

— Como vou saber que escolhi certo? Ou que *ouvi* certo?

— Existe também um aparelho, deixado pelo primeiro casal de oráculos, Ayo e Marta, no qual nunca conseguimos desbloquear. Acreditamos que, agora que a Gravidade te escolheu, talvez você possa abri-lo…

— Espero que sim. – Kayla suspirou baixinho. — Conselhos seriam muito bem vindos…

— Você dá conta.

— Quê?

— Seja o que for que a Gravidade lhe trouxer, você vai dar conta. Já surpreendeu Mirya e a mim com sua reação então… – Elliot riu, virando o rosto e encontrando o dela, que sorria de volta. — Já é um bom começo.

— Eu espero…

Kayla se encolheu um pouco no banco, era incômodo e apaziguador como a cada segundo se sentia mais confortável com ele.

Os sorrisos sustentados nas bochechas mesmo depois que o silêncio pairou pelo carro foram cortados por um movimento abrupto. Um soldado desorientado parou bem em frente ao carro, a ponto de ser atropelado.

Elliot parou o veículo a centímetros do homem, fazendo todos os bancos chacoalharam, Kayla foi sacudida como um boneco de pano.

— Você está bem? – ele se voltou para ela, preocupado.

— Si-sim…

Ela respirou ofegante, tentando encontrar a silhueta do homem do lado de fora, que agora estava perdido entre a fumaça cinza que saia do motor, embaçando a tudo.

BAM.

Uma mão humana bateu no vidro da sua porta, a fazendo dar um pulo no assento.

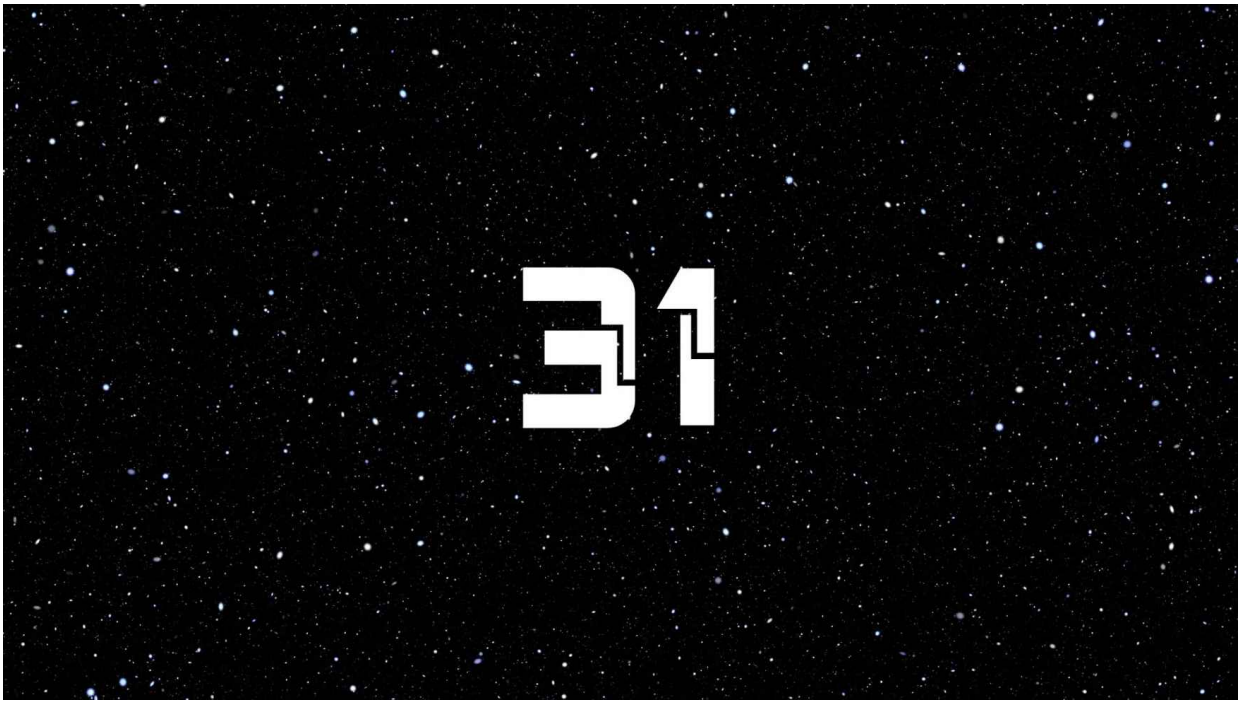
— O quê aconteceu? – Elliot abaixou o vidro e perguntou.

— É a princesa Cal-uya… Ela cercou a base da Ásia com um batalhão de soldados de Kepler… – o homem vomitou as palavras atormentado. — Eles são letais, feriram algumas pessoas no caminho e… – a voz de repente desapareceu de sua garganta e ele desviou o olhar.

— E o quê?! – Kayla gritou.

— Eles estão mantendo Mirya como refém. – o olhar do homem se encontrou com o da princesa. — É Cal-uya. Ela quer você.

A pressão de Kayla imediatamente caiu, e ela sentiu toda a força de seu corpo ruir até ao chão.



A Imperatriz Lunar

— *A vida é uma bela de uma maldição, não era isso que eu sempre te dizia?* – a voz robótica guinchou, como se tentasse reproduzir uma risada, porém, sem sucesso.

O corpo de Cal-uya tremia na base. Suas pernas encostavam umas nas outras em busca de equilíbrio, enquanto os cabos grossos ainda pareciam se mover lentamente à sua volta.

Aquela era sua maldição, todavia, não via nenhuma beleza nela. Era inconcebível para sua mente sua mãe ainda estar viva, mas a entonação na voz e o arrepio que ela causava era inconfundível: de alguma forma macabra e não natural a Imperatriz vivia. Ao mesmo tempo em que conservava vivo o enfermo marido. A máquina não sobreviveria sem o corpo e nem o corpo sem a máquina. Isso era tudo que Cal-uya sabia.

— *Você teve todos esses anos para me invocar e o fez somente agora…* – a voz saía maligna e ferida, cheia de ódio e de uma força medonha. — *Imagino o porquê…*

— E-eu não quis decepcioná-la, mi-minha mãe… – a voz de Cal-uya estava trêmula, encharcada pelo medo. — Mas eu falhei em algo, falhei com

a senhora. E não posso mais viver com as consequências do meu fracasso… – ela recuperou um pouco da postura que lhe restava e levantou o queixo. — Preciso da sua ajuda. – disse finalmente, engolindo a vergonha daquela confissão.

— *É claro que precisa.* – a voz mecânica pareceu satisfeita.

— É Tal-uya, ela desertou do palácio, e desapareceu entre os humanos, levando consigo uma unidade *droid*. Não conseguimos rastrear o robô e… os guardas de Kepler não puderam encontrá-la. Sua fuga foi um insulto ao meu governo e preciso encontrá-la.

— *Criança, criança… Eu sempre lhe disse para não se afeiçoar a humana.* – a voz soou decepcionada, porém, não surpresa.

— Eu sei… – a princesa desviou o olhar.

— *Pensou que criaturas como eles fossem capazes de amar? Capazes de expressar gratidão ou lealdade?*

— Eu pensei que, caso fosse ensinada, ela poderia de fato se tornar uma lunar.

— *Não se torna uma lunar, se nasce uma. Nada em todo o planeta poderia ensinar nossa decência àquela criatura inferior.*

Doeu ouvir aquilo sobre a irmã, contudo, não podia discordar. Essa era a dura verdade que havia aprendido nos últimos dias.

— Eu errei… – abaixou a cabeça, em reverência.

Cal percebeu que o pai permanecia acordado, só que estava calado, preso à maca flutuante. Mesmo à distância, conseguiu captar um semblante assustado em seu olhar.

Fosse o que aquela coisa fosse, ambos sabiam que não era a Imperatriz realmente, era apenas uma parte sobrevivente de sua consciência presa à máquina. Nenhum sentimento restou, a máquina manteve viva apenas o cognitivo, mas nenhuma função emotiva que a diferenciasse de uma outra. Não possuía alma. Apenas raiva e fúria.

Ouvir aquela voz causava um misto de medo e saudade em Cal-uya, viver sem a mãe por tantos anos era difícil, mesmo com uma parte de sua consciência ainda intacta. A Imperatriz morreu em seus braços e, desde então, ela fez uma promessa que não poderia quebrar. Nem por aquilo que fosse mais sagrado, nem pela bondade que ainda restava em seu coração.

— Preciso que me ajude a encontrá-la. Por favor. – sua voz saiu trêmula e segura. — Dessa forma, irei retomar meu respeito e autoridade

sobre os humanos, reforçar a segurança, aumentar as cotas de trabalho e então garantir que eles nunca deixem esse planeta.

— *Como me prometeu.* – a voz falou em um tom intimidador.

— Como eu prometi.

— *Certo, irei ajudá-la.* – a resposta irrompeu no silêncio do cômodo. — *Isso, é claro, se fizer algo para mim.*

— Cla-claro… O que pedir.

— *Para encontrar a garota, basta encontrar sua família biológica. Eu matei a mãe há muitos anos atrás, mas por uma conspiração das estrelas, a filha veio parar logo em minha casa. Portanto, agora deve-se concluir a missão que eu falhei: exterminar todos os remanescentes da oráculo. Exterminar a garota.*

— Sim, minha mãe. – Cal-uya respondeu feroz e temerosa.



O ataque de Cal-uya

As ruas estavam interditadas, o pavor estampado em cada olhar desprevenido, cada humano pego de surpresa.

O carro de Elliot se moveu com dificuldade pelas ruas, até chegar na entrada do bairro asiático, onde um pequeno batalhão de guardas humanos estavam posicionados, fazendo um cerco e fechando o lugar. Todos com armas em punho, apontavam para os guardas keplerianos de uniformes esmeralda, que estavam parados do lado oposto da rua. A tensão preenchia o lugar e nenhum dos lados ousava fazer o primeiro movimento, sabendo que, uma vez que o tiroteio começasse, muitos morreriam.

No centro, protegida pelos soldados de Kepler, estava Cal-uya, trajando seu usual uniforme escarlate. Seus olhos eram frios e mortíferos e aos seus pés estava Mirya, ajoelhada e imobilizada, com uma arma presa ao pescoço.

No momento em que Kayla viu ambas irmãs, a de sangue, sendo humilhada publicamente na frente do seu povo, e a de mentira, capaz de

cometer um ato tão cruel, suas pernas falharam e uma dor excruciante atravessouseu peito. Seu mundo caiu.

— Não… não… – foi tudo o que conseguiu sussurrar, saindo do carro e se desvencilhando das pessoas da rua, experimentando uma dor que nunca pensou ser capaz de sentir. — Cal! – gritou, se aproximando, a voz estridente, sentindo o medo preencher seu peito, e a insegurança gritar alto em sua mente novamente.

É claro que sua irmã a encontraria, foi tola e inconsequente em pensar que poderia sair do controle de Cal-uya. E ainda mais inocente em não pensar que, ao fazer isso, estaria colocando a vida de outras pessoas em risco.

Mirya, ajoelhada no chão, tentava aparentar calma, mas Kayla viu o terror em seus olhos e isso despedaçou seu coração.

— Cal, o que você está fazendo?! – berrou com a voz entrecortada. — Cal, por favor…

Ela chegou no corredor de guardas humanos que fechavam a rua, e eles se moveram para o lado, abrindo espaço para ela passar. Elliot estava logo atrás, com sua arma empunhada em uma mão e o seu aro de luton em outra, em posição, a protegendo.

— Ah, finalmente a *princesinha* resolveu aparecer. – Cal-uya anunciou para os guardas ao seu lado, assim que viu a irmã mais nova se aproximando.

Sorria saboreando a vitória, a sensação de finalmente ter retomado o controle. Kayla a conhecia há muito tempo e não queria acreditar que a mulher poderia se alegrar em criar um cerco como aquele.

— Cal, por favor, deixe Mirya ir… – elalevantou as duas mãos, em rendição e se aproximou lentamente da irmã, medindo cada passo, consciente que as armas dos soldados de Kepler agora estavam apontadas para ela.

— É a mim que você quer, não é? Eu estou aqui…

Pela primeira vez o seu olhar se encontrou com o da irmã adotiva, e não havia nada mais de fraterno entre elas. Cal-uya a fitava com desgosto, os olhos semicerrados, como se observasse uma escultura que havia quebrado e deixado de cumprir seu propósito. Kayla se perguntou se isso era tudo que ela havia sido para a irmã. Um objeto que havia deixado de cumprir sua função.

— Você nunca deveria ter fugido… – a mais velha rosnou, apertando a arma ainda mais forte no pescoço de Mirya. — Pensou que poderia mesmo insultar o Império Lunar dessa forma? *Pensou* que existiria um centímetro desse planeta que não fosse de nosso domínio?

— Eu não pensei… – balançou a cabeça, consternada. — Eu não pensei em nada. Por favor, me perdoe. Deixe Mirya ir e vamos voltar ao palácio. Você e eu. – balançou a cabeça em afirmação, tentando forçar um sorriso. Lhe rasgou o peito falar aquilo, mas sabia que não havia outra opção.

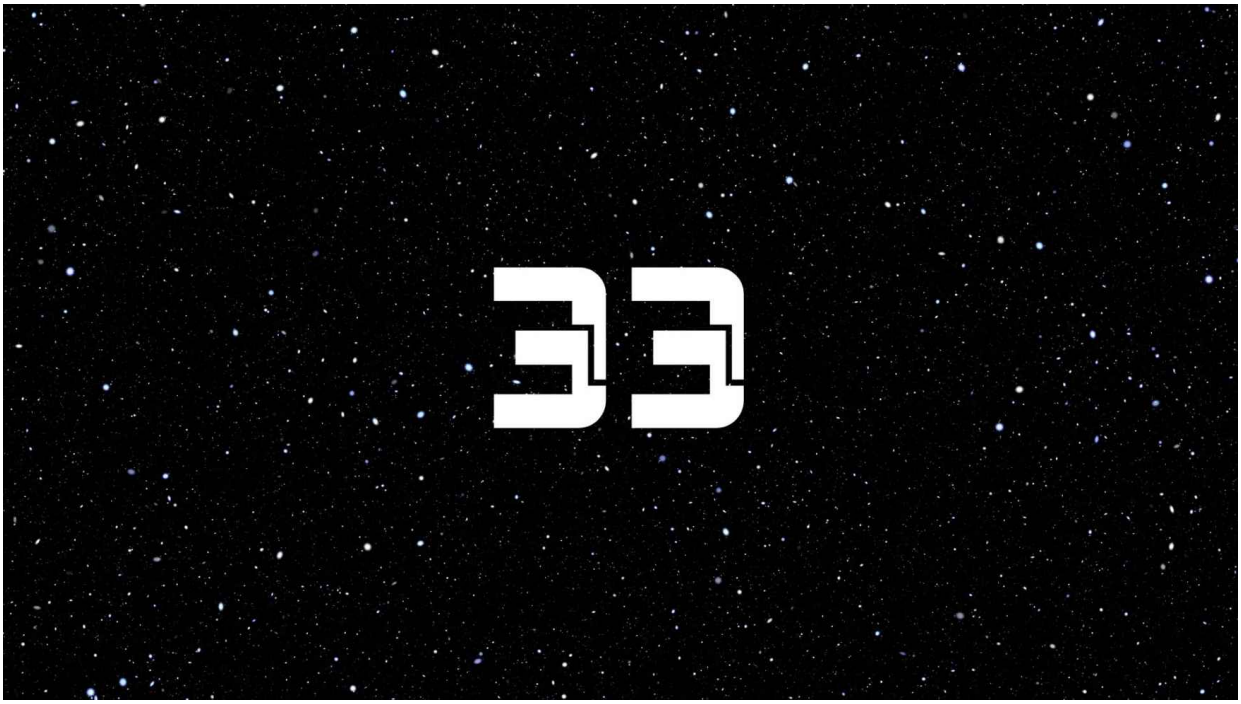
— Não. – a voz de Cal-uya ecoou pela caverna. — Não existe mais Palácio para você… *humana*.

Com as mãos trêmulas, incapaz de mascarar o conflito interno, a princesa lunar levantou a mão que empunhava a arma, um revólver *laser* quântico, e apontou para irmã, parada a quatro metros de distância.

— O quê…? – Kayla arfou, surpresa.

— Não existe e… – Cal-uya engoliu em seco, forçando as palavras a continuarem a sair. — Nunca deveria ter existido.

Assim que proferiu a última palavra, ela apertou o gatilho, no exato momento em que Mirya se levantou em um impulso, parando bem em frente a arma. Seu peito perfurado pelo *laser*.



“Veja a Terra por Mim”

O corpo de Mirya caiu no chão.

Elliot, do lado oposto, tinha a arma apontada para a princesa e atirou assim que ela se moveu, atingindo Cal-uya no braço, que caiu com um baque para trás.

Ele avançou em direção aos guardas e em questão de segundos moveu o seu arco neon para o alto, agora perto o suficiente para desativar as armas lunares, que perderam o brilho nas mãos dos soldados. Ágeis como o líder, os combatentes humanos acompanharam Elliot, cercando os lunares com armas em punho, prestes a serem disparadas.

— Mirya! – Kayla correu até a irmã que estava estirada no chão, com o sangue manchando sua blusa e correndo pela pedra.

— Não, não… Pelos lobos da lua, não… – ela choramingou, com o corpo estirado sobre o de Mirya, que desfalecia aos poucos.

As mãos de Kayla tremiam, manchadas pelo sangue, e sua cabeça zunia, com as batidas apressadas e desreguladas do coração. Aquilo não era

verdade, não poderia ser. Se tinha alguém que precisava ter ao seu lado era Mirya, não conseguiria nada sem ela. Nada faria sentido sem ela.

O chão da caverna estremeceu e toda a estrutura do lugar se moveu como em um oceano agitado. Guardas lunares e humanos caíram, assustados, e Kayla se segurou ao corpo da irmã, que ainda vivia. As luzes *neon* brancas que iluminavam o lugar tremeluziam, assim como fizeram na noite em que a princesa havia se encontrado com a Gravidade.

A Gravidade. Ela estava ali, Kayla sentiu um arrepio na nuca, sua presença estava ali, tomando cada rua e, assim como a princesa, não estava nada feliz.

Barulhos de explosões foram ouvidos na superfície, o que fez a caverna tremer mais uma vez. Em meio a grande poeira que tomou o lugar, e rochas que caíam do teto, Kayla estreitou os olhos e viu o corpo desfalecido de Cal-uya sendo carregado pelos guardas lunares para fora. Estavam recuando, fugindo em meio à comoção.

Ela quis gritar, quis impedi-los, quis tentar fazer qualquer coisa para voltar no tempo, mas sua cabeça estava zonza, e havia perdido a noção de espaço com o terremoto.

— Kayla… – a voz debilitada da irmã a chamou, e então ela percebeu que não estava mais ao seu lado.

— Mirya! – Kayla se levantou com dificuldade, tropeçando nos próprios pés e sentindo tudo à sua volta girar. Ela finalmente viu a irmã no chão e caiu ao seu lado.

— Mirya, por favor… Você tem que aguentar mais um pouco. Nós vamos te levar para o hospital e irão cuidar de você… – seu olhar perdido vasculhava o arredor em busca de Elliot, ou algum outro rosto familiar que pudesse ajudá-las.

— Kayla, não. – Mirya pegou a mão da irmã mais nova com dificuldade, a forçando a olhar para ela. — Está tudo bem. – suspirou com um olhar sereno à medida que seu rosto ia empalidecendo.

— O quê? É claro que não está! Você precisa continuar forte, precisa viver, precisa nos levar para a Terra e ver seu filho crescendo lá!

— Não… – arfou, puxando o ar que restava. — Foi o meu trabalho sonhar, mas eu nunca estive destinada a pisar na Terra. Acho que no fim eu sempre soube disso…

— Não… Você, mais do que todo mundo aqui, é quem merece chegar lá. Você precisa viver, precisa viver pra vê-la com seus próprios

olhos…

— Kayla, eu vou morrer na Lua. – Mirya falou resoluta, com a paz de alguém que havia aceitado o seu destino. — Assim como todos meus antepassados. Você não, nem Jafari e nem ninguém mais.

— Não… não fala isso…

— Você é a única que pode nos levar de volta para Terra, eu sempre soube disso. Eu pavimentei o caminho, é você quem deve guiá-los para casa. É assim que deve ser.

— Não… Mirya, eu não consigo…

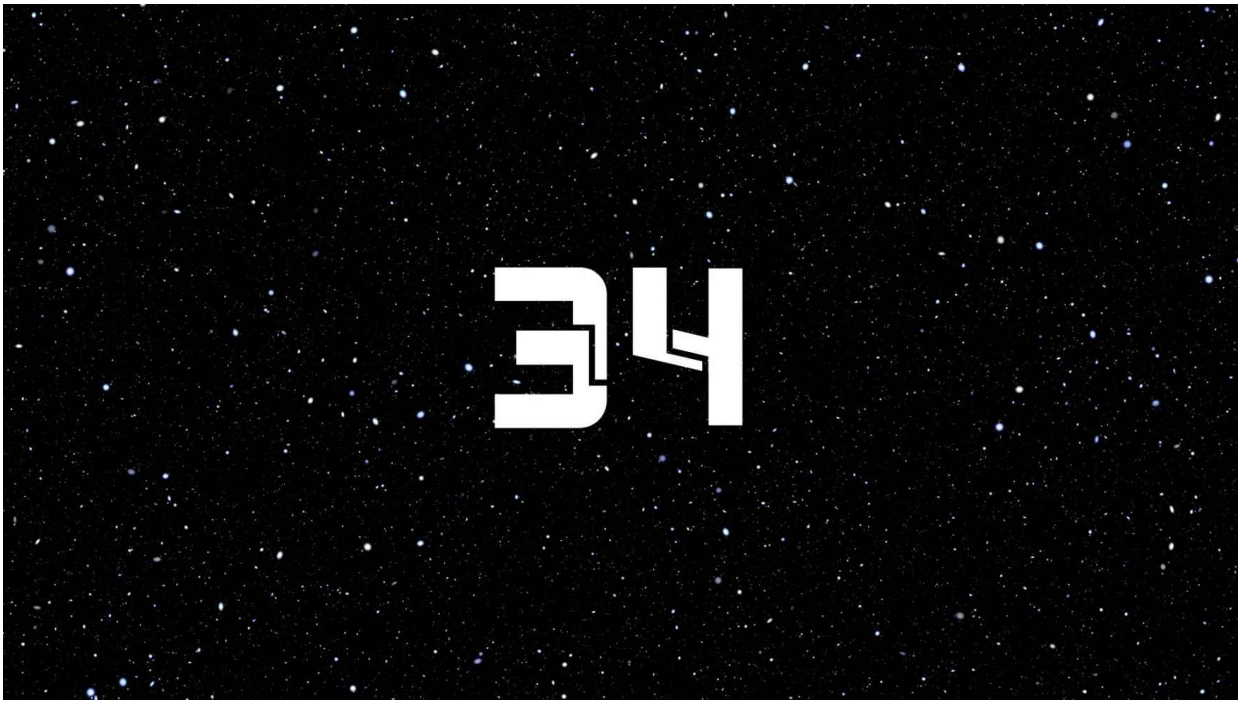
Os olhos da irmã mais velha piscaram enquanto sua alma era lentamente abraçada pela morte.

— Mirya, por favor… – a mais nova implorou, o choro engasgado na garganta.

— Veja a Terra por mim, Kayla. Veja-a por mim.

Os olhos de Mirya se fecharam de forma pacífica, seu corpo estirado no chão, manchado de sangue, lentamente se desligava dessa vida. A mente de Kayla zunia, e tudo girava à sua volta, não era real, não podia ser. Tinha acabado de ganhar sua irmã, sua família, e agora a estava perdendo perante seus olhos.

— Não era pra ser assim, Mirya… – chorou, com as lágrimas caindo no corpo desfalecido. — Era pra ser eu e você, *eu e você*.



Superfície e subterrâneo

Mirya morreu naquela manhã enquanto o caos se instaurava na superfície. Planadores haviam falhado e caído do ar, construções e grandes prédios foram atingidos pelo tremor e ruíram causando incêndios e mortes. A fumaça coloriu o céu com tons de cinza, em meio ao pavor e confusão que tomou conta da população.

Dois satélites cortaram o horizonte, caindo em direção a grande cidade e se partindo em pequenos pedaços que atingiram diferentes regiões. Para os lunares, era o próprio apocalipse, enquanto para os humanos, era a chance de liberdade, o segundo sinal da Gravidade.

Pequenas revoltas começaram a acontecer, e trabalhadores humanos aproveitaram o caos para tomarem o controle das fábricas em que trabalhavam. Outros grupos se rebelaram, tomando os bairros lunares e queimando todas as naves e robôs que eram do Império.

Uma revolta muito esperada tomava a superfície e pelo bem do futuro da humanidade, ela não poderia ser apaziguada. Se aquela era a chance que a Gravidade os estava dando, não poderiam desperdiçá-la.

Batalhões de soldados humanos foram enviados às pressas, subindo pelas cavernas para darem força e fôlego aos ataques.

A humanidade lutava pela sua liberdade na superfície e sofria com o luto no subterrâneo. Mirya Young, a grande líder dos quatro clãs remanescentes da Terra, foi morta, assassinada pelas mãos da princesa Caluya. O fato chegou ao conhecimento de todos em poucas horas, o que alimentou ainda mais a fúria dos humanos na superfície.

Nos quatro clãs e seus diferentes bairros subterrâneos, não havia ninguém que não respeitasse Mirya e sua autoridade. Ela era firme e esperançosa, sua fé era como uma corrente que ligava um clã ao outro e os fazia se moverem pelo mesmo motivo, o mesmo propósito: retornarem ao planeta natal, como um só povo.

Com a pessoa mais *improvável* escolhida como oráculo, uma nave ainda desaparecida e a líder morta, os líderes humanos não comemoravam tanto quanto seu povo.

Um pequeno grupo de dez pessoas estava reunido atrás da base militar que havia dentro das minas ocultas de Luton, cujo governo lunar não tinha conhecimento. Decidiram fazer ali uma pequena cerimônia para se despedirem de Mirya. Seu corpo, agora pálido e vestido com roupas tradicionais coreanas, descansava sem vida em um cilindro de vidro transparente, que levitava.

O pequeno Jafari chorava abraçado ao pai, incapaz de fitar o corpo da mãe. Enquanto Abel, líder do clã da África, Júlio, líder do clã da América e Reuel, líder do clã da Europa, estavam parados lado a lado, apenas encarando silenciosamente o corpo, se despedindo daquela que fez tanto por todos e foi tirada deles de forma dolorosa e inesperada.

Kayla estava afastada de todos, retraída em sua própria dor. Ela havia voltado para o hospital pela manhã, depois do terremoto, tinha sido ferida na perna por uma pedra e agora usava uma tala que a fazia mancar. Trajava branco, assim como todos à sua volta. Era um dos únicos costumes que os humanos haviam pego dos lunares. O branco representava a passagem e o desconhecido de possibilidades que a morte trazia. Usar branco era desejar um recomeço para quem havia partido, mesmo sem a garantia ou certeza de que, de fato, haveria algo assim.

A princesa queria chorar, gritar e extravasar toda a negação que se acumulava em seu peito, mas só conseguia encarar em silêncio o corpo da irmã mais velha que mal havia conhecido. Talvez elas teriam se tornado

grandes amigas, ou quem sabe, se Mirya a conhecesse melhor, acabaria se cansando dela. Sabia que a irmã tinha defeitos, só que não viveu ao seu lado o suficiente para ter o privilégio de os conhecer. Era injusto ela ter morrido assim, tão abruptamente. Não bastava ter sido roubada da sua infância, Kayla se sentia agora roubada do seu futuro também.

Do outro lado do cilindro, Elliot a observava, o olhar tão cansado e perdido quanto o dela.

Reul coçou a garganta e se aproximou do corpo, dando fim ao silêncio que havia perdurado por tempo o suficiente.

— Ouça, ó humanidade. – ele fechou os olhos e começou a proclamar as palavras já memorizadas em sua mente. — A Gravidade é uma. Ela tem o universo em suas mãos e os planetas não são nada mais do que o encosto para os seus pés. É ela quem resta quando nossos corpos desfalecem, é ela quem pulsa quando a vida se esvai de nosso peito. Nós passamos, ela permanece.

— Ela permanece. – alguns homens repetiram após ele, como mandava a tradição.

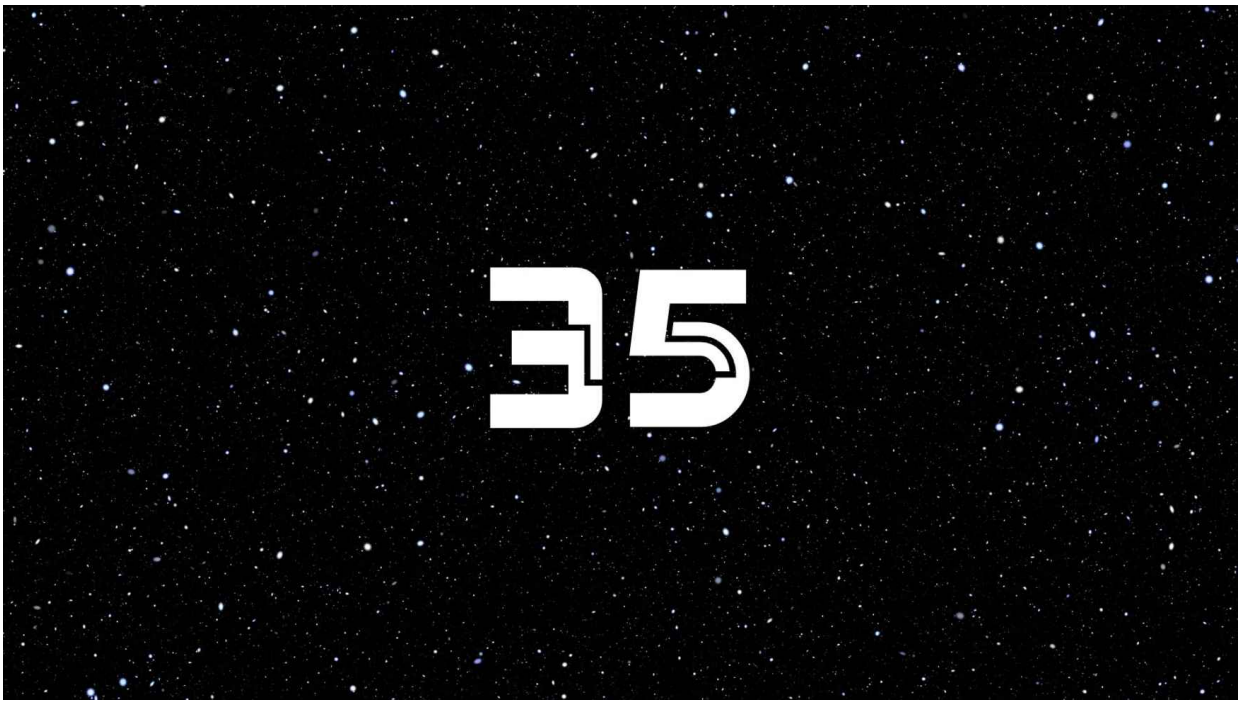
— Essas palavras não marcam apenas a morte de nossa amada líder – Reul continuou –, pois elas eram a sua própria vida. Toda a vida de Mirya foi apenas um grande ensaio, para que finalmente se encontrasse com a Gravidade e se tornasse uma com ela.

Uma fincada de dor apertou o coração de Kayla, a ficha caindo aos poucos.

— Agora Mirya descansa, *nós* não. – sua voz se tornou firme e resoluta e naquele instante, ficou claro para todos quem agora estava no controle. — Não devemos e não podemos descansar. Nem mesmo pararmos para vivermos nosso luto. A morte de Mirya só terá valido algo se terminarmos o que ela se comprometeu a fazer em *vida*. Levar a humanidade para a Terra.

— Sim. – Júlio concordou com o rosto fechado, raiva e dor crescentes em seu semblante.

— Guardem o seu luto para o planeta Terra, pois é para lá que iremos.



O Museu da Humanidade

O corpo de Mirya dentro do cilindro flutuante, adentrou um incinerador que havia ao lado, onde corpo e roupas se tornaram poeira reluzente, que subiu se espalhando pelo teto da caverna.

O viúvo com o filho foi o primeiro a partir, e mesmo que quisesse correr ou fugir dali, Kayla permaneceu no mesmo lugar. Ela ficaria, ficaria pela irmã e por tudo que ela representava e acreditava. Ficaria pelo legado que havia começado com sua mãe, continuado em Mirya e que agora repousava sobre ela. Não queria, nunca em sua vida escolheria nada daquilo, porém, ficaria mesmo assim.

“*Se ficar, vai ter que encontrar um motivo mais forte do que o medo de voltar, está ouvindo?*” Se lembrou das palavras da sua irmã.

Puxou o ar para dentro, abraçando a dor que tomava seu coração e o cansaço que irradiava pelo corpo. Agora ela o tinha, o motivo *certo* para ficar. Por sua mãe, sua irmã e todas as mulheres que vieram antes na sua família, não viveria menos do que o significado do seu nome.

— Kayla, querida… – Reuel se aproximou, a trazendo de volta para o momento presente. — Dói meu coração demandar tanto de você em um momento tão delicado… – ele suspirou. — Mas precisa iniciar seu treinamento como oráculo.

— É claro.

— Estamos correndo contra o tempo e é mais do que necessário que não percamos mais nem um momento se quer.

— Está certo… Apenas me guie. No que me direcionar, eu farei. – um sorriso triste e curto saiu de seus lábios. Era de concordância, não de alegria.

— Eu sou grato por isso. Sou grato por você… – Reuel colocou a mão enrugada e gorducha no ombro da mulher. — E sua irmã também era.

— Obrigada… – Kayla desviou o olhar, se sentindo desconfortável.

— Bom, temos guardado algumas tecnologias pré-exílio. São máquinas e aparelhos que não funcionam mais. Contudo, existe algo em específico que pertencia ao primeiro casal de oráculos. Trata-se de uma cápsula holográfica, tudo indica que guarda uma mensagem ou gravação daquela era…

— Elliot me falou. Acreditam que eu posso destravá-la.

— É o que esperamos. Acontece que… eu gostaria de te dar um apoio maior, mas faz quatrocentos anos que tivemos oráculos na posição em que você está e a Gravidade não deixou exatamente um manual de instruções.

— Eu entendo, estou meio que por minha conta… – a oráculo completou.

— Não, nunca. Está por conta da Gravidade. E é por isso que deve ouvi-la com atenção pelos próximos dias, e estou certo de que ela guiará seus passos.

—Talvez a cápsula holográfica seja um bom início, então.

— Acredito que é o melhor que temos.



Kayla, Reuel e Elliot adentraram um galpão escuro, também localizado dentro das cavernas ocultas. Ali estavam guardadas todas as relíquias da humanidade: documentos, objetos e qualquer outra coisa que datasse o pré-exílio. Era o que o povo humano tinha de mais precioso, resquícios da sua história original e por isso era mantido o mais longe possível das mãos dos lunares.

Não havia trabalhadores humanos no espaço e robôs cargueiros percorriam os diferentes setores do galpão, fiscalizando cada prateleira e cada sessão. Uma unidade humanoide C3 foi quem os recebeu na entrada e os guiou para dentro.

— *Sejam bem-vindos ao museu da humanidade.*

Eles adentraram pelos portões e caminharam por mais de vinte minutos, o lugar não parecia ter fim. Kayla passou por todo o tipo de objetos e relíquias dos quais nunca tinha ouvido falar. Um fusca branco, um violão, prateleiras de revistas e livros antigos e embalagens do que um dia haviam sido tubos de maionese.

Chegaram finalmente ao corredor dos eletrodomésticos e eletrônicos, onde haviam geladeiras, carcaças de *droids* já desativados e pequenas naves que não funcionavam mais. O corredor terminava em uma grande caixa de vidro, protegida por uma tranca especial e que dentro continha outros objetos.

— *Como o senhor pediu* – a robô avisou, desativando o alarme da caixa e abrindo a porta. — *Tudo o que temos referente a Bosei e aos seus dois pilotos.*

— Obrigado. – Reuel balançou a cabeça e adentrou o curto compartimento, acompanhando de Elliot e Kayla.

Dentro do vidro, havia uma mesa de metal simples e sobre ela, diferentes apetrechos tecnológicos. Assim que bateu o olho no espaço, Kayla encontrou o que procurava, a cápsula holográfica tinha um formato de um bastão, o comprimento de uns trinta centímetros e, diferente dos outros objetos na mesa, o metal que a constituia era de um tom alaranjado.

— Dizem que a cápsula é feita do mesmo material da Bosei… – Elliot pegou o objeto pesado nas mãos, o observando.

Era a primeira vez que Kayla o ouvia falar durante a tarde, desde a cerimônia pela manhã ele, assim como ela, estava muito mais calado do que o comum. Era a forma como ambos processavam o luto.

Ele girou o objeto com uma mão só e se virou de frente para Kayla, seu olhar cansado, porém, ainda acolhedor, encontrando com o dela.

— Aqui.

A pele da princesa se arrepiou ao tocar o metal frio, o cilindro era mais pesado do que parecia. O segurou com as duas mãos, observando cada detalhe. Percebeu que havia uma linha ao meio, e que em cada lado tinham pequenos círculos que passavam quase despercebidos. Eram como leves marcas de uso.

Segurando a ponta do bastão com a mão esquerda, ela fechou a outra mão em volta das marcas que haviam no lado direito, porém, nada aconteceu. Repetiu a ação no lado esquerdo do bastão e na hora em que sua mão se fechou sobre ele, os pequenos círculos pulsaram sob sua pele, como se estivessem ativados.

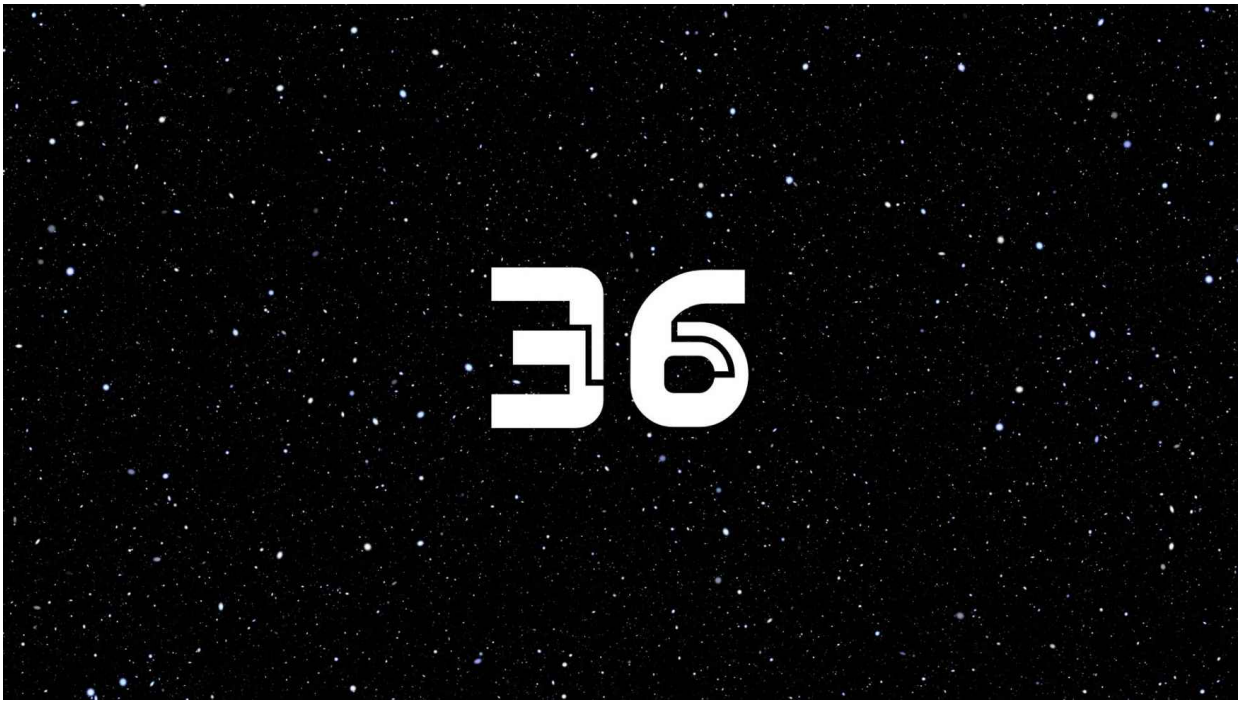
— Ai – se afastou, soltando o bastão sobre a mesa.

Seus dedos formigavam pelo choque e ela massageou a mão.

— Você está bem? – Elliot perguntou sem entender o que tinha acontecido.

Kayla abriu os lábios para falar, mas foi interrompida pelo barulho que saiu da cápsula.Ela tremeu sobre a mesa de metal e refletiu um holograma de uma mulher loira de cabelos encaracolados, que preencheu todo o espaço do cubículo de vidro.

— Olá – A gravação da mulher falou com um sorriso. — Meu nome é Marta Fagundes, e eu sou a piloto da nave Bosei, responsável por trazer o que restou da humanidade até à Lua. Se você está vendo esta gravação é porque foi escolhida pela Gravidade para nos levar de volta.



A cápsula holográfica

A mulher que reluzia à frente deles era linda e aparentava estar em seus trinta anos. Seus traços mostravam que pertencia ao clã da América, e ela usava um uniforme azul escuro com o símbolo da Terra no peito.

— No momento em que estou gravando isso, faz uma semana que chegamos à lua. A atmosfera ainda não está no ponto certo para podermos viver fora dos alojamentos, mas nossos cientistas-geólogos estão trabalhando nisso.

Kayla, Reuel e Elliot fitavam o holograma em silêncio, perplexos.

— Tudo está sendo preparado para que, daqui a quatrocentos anos, a humanidade possa retornar. Todo o conhecimento sobre a Bosei, sua localização e funcionamento, está guardado neste dispositivo, que só poderá ser aberto pelo casal de oráculos da posteridade. Você, no caso.

Ela sorriu para o nada.

— No entanto, se está vendo esta parte da gravação, significa que ainda falta algo: o oráculo homem que irá pilotar a nave juntamente com você. Apenas ambos, juntos, são capazes de ativar a Bosei e fazê-la

funcionar. Ela não é uma nave comum e demanda uma carga neural forte demais para apenas uma pessoa. Por isso, a sua prioridade agora é encontrá-lo, não tente fazer nada sozinha porque *não* vai conseguir… Falo por experiência própria.

— Como eu o encontro? – Kayla sussurrou para si mesma.

— Agora, como encontrá-lo, certo? – a mulher na gravação continuou, fazendo a princesa olhá-la assustada. — Esse objeto que tem em mãos é a chave. A segunda parte da cápsula só poderá ser destravada pelo oráculo homem, aquele escolhido pela gravidade. Sim, nesse mesmo momento ela já o escolheu, seu trabalho será apenas de identificá-lo.

Kayla suspirou, um pouco confortada com aquilo.

— E por que esse é o seu trabalho? Deve se perguntar. Porque a Gravidade simplesmente não se revela a ele, como fez com você? Primeiro, ela irá se revelar, pode ter certeza. Mas você faz parte desse processo assim como ele fará parte de sua missão. O que irá encontrar não é um mero homem, mas alguém que será equivalente a você em mente e espírito, cujas batidas do coração e fluxo de pensamento se alinharão ao seus, até se tornarem um. Precisam ser equivalentes e é por isso que *você* deve encontrá-lo.

As mãos de Kayla instantaneamente suaram frio e seu coração pareceu mais pesado em seu peito. Não era o tipo de intimidade que gostaria de ter, especialmente em um momento como aqueles.

— O bastão deve ser acoplado em um módulo de treinamento mental, são pequenos cubículos que usamos para treinar nossos soldados sem que tenham que sair para o campo. Uma vez conectado à máquina, ele gerará um teste mental, que apenas o casal de oráculos, juntos, poderá ser capaz de vencer. Isso atestará a conexão e compatibilidade de ambos. Assim que o encontrar, ele desativará a segunda parte desta mensagem. Boa sorte, e que a Gravidade te guie.

O holograma piscou por alguns instantes e então se encerrou, voltando para o bastão na mesa.

Um incômodo silêncio pairou no cubículo, ninguém ao certo sabia o que falar. Foram informações demais para um tempo tão curto.

Elliot estava aliviado, estavam mesmo caminhando rumo ao cumprimento da promessa, a Gravidade não havia falhado e, encontrando o oráculo homem, eles realmente voltariam para casa. Ele também não conseguia se alegrar com isso, algo o incomodava profundamente. Não

queria admitir que era a ideia de ver Kayla se tornando um com outro homem. Quanto mais se falava da conexão entre o casal de oráculos, mais irritado ele ficava.

Quantos anos você tem, Elliot? Sua consciência o acusou.

— Então… – Kayla foi a primeira a cortar o silêncio. — Precisamos encontrar esses módulos de treinamento mental… Certo?

— Sim. – Reuel respondeu pensativo. — É um modelo de treinamento que caiu em desuso, mas certamente podemos encontrar um que ainda funcione.

— Eu posso ir ver isso agora. – Elliot se prontificou, disposto a fazer qualquer coisa que tirasse sua mente do luto por Mirya e do ciúme irracional.

— Não. – Reuel o cortou, levantando a mão. — Vocês dois, quero que descansem. Já temos o direcionamento que precisamos. Elliot, leve Kayla até os alojamentos na base militar daqui, é onde ela morará a partir de agora. – ele moveu o olhar até se encontrar com o da princesa. — É mais seguro, querida.

— Tudo bem. – Kayla respondeu sem vida.

Mal havia se acostumado com a casa de Mirya e agora nem Mirya nem a casa existiriam mais.

— Certo… – Elliot abaixou o rosto, em submissão.

— Irei providenciar um módulo que ainda esteja em funcionamento, e amanhã pela manhã começamos os testes. – Reuel avisou, antes de dispensar o filho e a princesa.



A Princesa e o Capitão

Kayla e Elliot fizeram o caminho até a base em completo silêncio, cada um absorto em seus próprios problemas e pensamentos. Não era um silêncio confortável como o de amigos próximos, e sim um silêncio incômodo, que a cada instante se tornava mais embaraçoso. Ninguém teve a coragem de quebrá-lo.

O carro parou em frente à base, uma construção achatada e larga, de tom acinzentado. Elliot saiu rapidamente do seu lado do carro e abriu a porta para Kayla, que agradeceu com um sorriso fraco.

— Você está bem? – ousou perguntar, sabendo que era a pergunta mais estúpida em um momento como aqueles.

— Uhum. – ela respondeu, sem muita reação.

— Certo… Bom, vou te mostrar onde vai ficar. – com um aceno ele pediu para que ela o acompanhasse.

Eles adentraram a base militar, extremamente simples e dividida em seções. Na seção C, era onde ficavam os alojamentos dos capitães e líderes dos batalhões. Kayla foi destinada a ela.

— Estamos migrando boa parte das lideranças humanas para cá, para que… – Elliot engoliu em seco, incapaz de terminar.

— Não aconteça novamente. – Kayla completou.

— Exato. – respondeu com o olhar distante.

Eles atravessaram um largo corredor e chegaram até duas portas de vidro que indicavam no alto: ‘seção C’.

— Eu e meu pai também fomos realocados para cá, vamos ficar neste dormitório. – apontou para a porta ao seu lado. — E você aqui. – deu alguns passos até alcançar a próxima porta.

— Certo.

Elliot abriu a porta, convidando Kayla para entrar. Era um pequeno apartamento, com uma cama de casal em um extremo e uma pequena cozinha no outro. Ao lado da cozinha havia uma porta que indicava o banheiro. Era só um pouco maior do que o seu na casa de Mirya, mas isso nem a importava mais.

— Obrigada.

— Vamos estar aqui do lado, caso precise de alguma coisa…

A princesa levantou o olhar e finalmente encontrou o de Elliot. Ela estava tão triste, tão fraca que tudo o que ele quis fazer foi abraçá-la. Em vez disso, lhe deu um sorriso ameno, como se dissesse que sentia a mesma dor.

— Tem certeza que não quer conversar sobre… tudo o que aconteceu? – ele insistiu.

— Não… – Kayla não se prolongou para não permitir que as lágrimas rolassem. — Só preciso descansar.

— Tudo bem. – assentiu com a cabeça. — Vou estar aqui do lado.

Elliot se despediu com um aceno e caminhou até a porta.

Kayla não queria falar, também não queria que ele fosse embora. Não conseguia processar o que sentia, o medo, a raiva, a culpa, muito menos explicar isso para alguém. Percebeu que a presença de Elliot a acalmava e ela precisava disso naquele momento, algo que mesmo que por alguns minutos, fizesse o peso do mundo em seus ombros parecer mais leve.

— Eu te vi no meu aniversário de um ano. – falou antes mesmo de pensar e amaldiçoou sua mente por pegar a informação mais aleatória possível.

— O quê? – ele parou na porta, virando o corpo.

— Você estava lá. Na gravação. – um singelo sorriso, quase imperceptível, nasceu no rosto da oráculo.

Elliot sorriu, dando alguns passos de volta.

— Eu te disse. Foi uma das melhores festas de aniversário que eu já fui. Faz vinte anos e ainda me lembro.

— Eles estavam tão felizes… Todo mundo. Meus pais. Mirya. – os lábios trêmulos da princesa, que ainda lutava com suas emoções, fizeram Elliot se aproximar.

— Ei…

— Eu não chorei desde de manhã, sabe? … Eu… eu não consigo.

Elliot não disse nada e apenas encostou a mão no braço dela enquanto seus próprios olhos lacrimejavam.

— Não parece real… – sussurrou em resposta.

— Não deveria ser… – Kayla suspirou, e uma única lágrima desceu pelo seu rosto. — Ela foi *tão* boa comigo, e eu sinto que nem a conheci. Esperei a vida toda só pra passar alguns dias com ela… E… e Cal-uya, eu ainda não acredito que ela foi capaz de fazer algo assim, mas no fim eu sempre *soube*, sempre soube e não queria acreditar. – e sem perceber Kayla despejou tudo o que sentia, dando sentido e forma a tudo que lhe perturbava.

Elliot a ouviu pacientemente, acariciando de leve seu braço.

— É por isso que isso tem que dar certo, voltar para Terra. Não podemos falhar.

— Nós não vamos…

— Não quero que Mirya tenha morrido por nada, não quero que a minha mãe tenha morrido por nada. Eu não quero… morrer por nada. – nesse momento as lágrimas rolaram livre por seu rosto, incapazes de serem seguradas por um segundo a mais

— Ei, você não vai morrer… – Elliot aproximou o corpo do dela, tentando ler em suas feições o que acontecia.

— Mas Cal-uya ia me matar e… – Kayla colocou a mão nos lábios. — Eu tinha muito medo de morrer, quando eu era pequena… – afundou o rosto nas duas mãos. — Droga, eu não sei o porque eu estou contando isso…

— Não, está tudo bem… – Elliot passou o braço em suas costas, em um instinto protetor.

O calor do corpo dele a fez se sentir mais calma, mais segura… cuidada, talvez. Ela sempre chorava sozinha, era a primeira vez que tinha alguém para chorar com ela.

— Eu sempre tinha medo de morrer e… toda vez que o meu pai saía do palácio, pensava que meu medo ia se concretizar. – falou entre soluços,

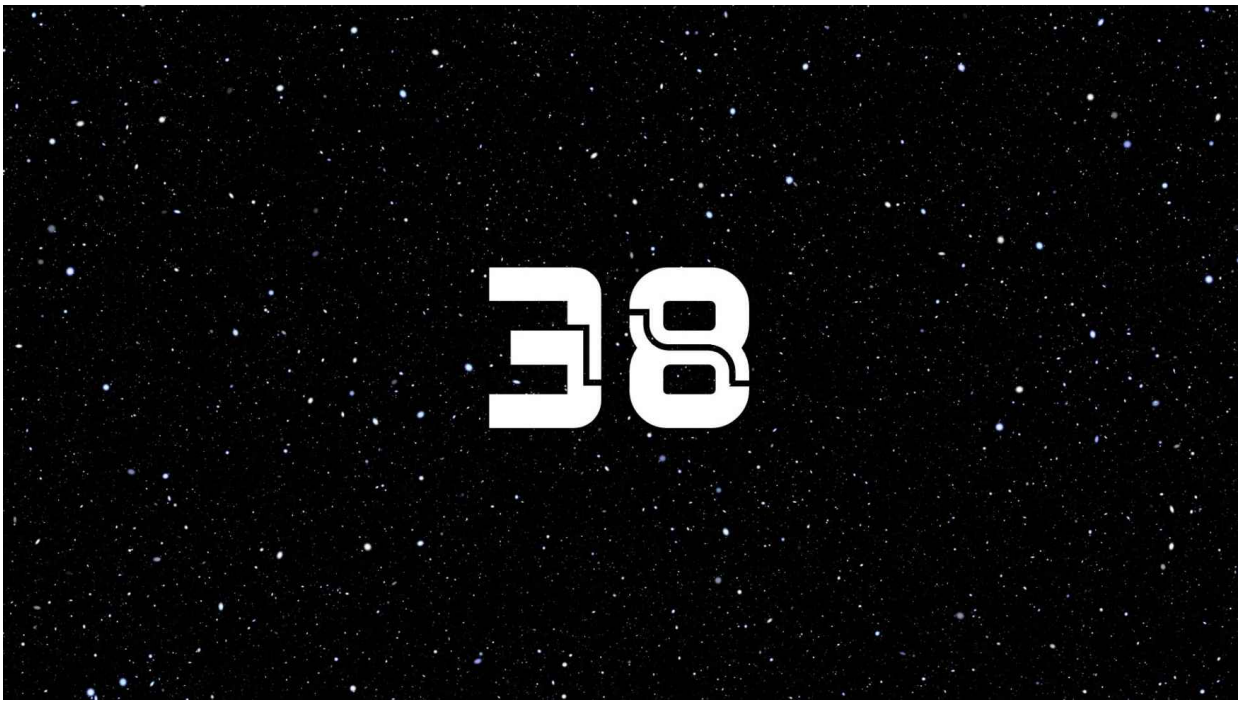
secando as lágrimas. — Mas ver Mirya sendo morta na minha frente… me fez *querer* morrer, morrer para que ela sobrevivesse.

Com os corpos já próximos, ela afundou a cabeça no peito de Elliot, que a envolveu em um abraço. Pela primeira vez se permitiu desmorar, e era bom descobrir que tinha alguém para segurá-la.

Kayla era mais baixa que Elliot e sua cabeça se encaixava perfeitamente em seus ombros altos. Ele era paciente e parecia precisar daquele abraço tanto quanto ela. A princesa ficou abraçada a ele por um longo tempo, até que sentiu o peito se acalmando e o choro cessando. Então se lembrou da conversa que tiveram alguns dias atrás:

“Se eu tivesse crescido aqui, já seríamos amigos.”

Mas sentiu naquele momento, que se tivesse crescido com Elliot, já seriam muito mais.



As memórias da Oráculo

Assim que Elliot saiu, o quarto pareceu mais vazio. Kayla se sentou na cama, o corpo fraco e cansado gritando por um pouco de descanso. Ela tirou os sapatos e tentou não pensar na pressão do dia seguinte. Deitou a cabeça no travesseiro e adormeceu, com a mente preenchida por imagens de Elliot, Mirya e sua mãe.

Acordou instantes depois, em uma cama diferente. Ela se levantou assustada, se vendo em um quarto de hotel terráqueo, com uma larga cama em formato circular e móveis todos em tons de laranja. No lugar da parede da frente havia uma extensa janela de vidro, que mostrava toda a paisagem de prédios, árvores e um céu branco e límpido. Estava na Terra.

Saiu da cama com dificuldade e começou a inspecionar o quarto, parou na frente de um espelho e percebeu que usava um uniforme azul com faixas laranjas, assim como Marta, a oráculo do holograma. Caminhou até a borda da janela, fascinada com a vista. O céu da lua sempre assumia tons de azul e roxo, por isso, nunca havia visto um céu como aquele, totalmente claro e limpo, tão branco que chegou a arder seus olhos.

A Terra era linda, o horizonte se estendia até onde ela não conseguia mais enxergar. O oceano de prédios e arranha-céus à sua volta era magnífico e coberto de plantas e árvores que nasciam de todos os lugares e pareciam estar constantemente crescendo, até mesmo naquele instante.

A Terra era linda, mas parecia vazia. Ela olhou para baixo e notou que não haviam mais avenidas, veículos ou pessoas. Todas as ruas tinham sido cobertas pela natureza.

— A praga da gravidade. – sussurrou para si mesma.

— Marta, está na hora. – um homem abriu a porta, a pegando de surpresa.

Ela se virou, confusa, tentando entender o que acontecia.

— Vamos, está na hora do pronunciamento. – o homem continuou a fitá-la com um semblante impaciente. — Não vai ser tão difícil assim, é só repetir o que a Gravidade falou com você. Caso tenha se esquecido, é a única que pode ouvi-la.

— O que a Gravidade falou? Eu não sei o que ela disse…

— É claro que sabe, só está nervosa, vamos.

O homem caminhou até ela e em seguida, a levou até a porta. Kayla notou que as mãos dele estavam tremendo levemente e seus olhos percorriam todo canto.

— É louco isso… termos que nos submeter a uma força que nem vemos. – ele comentou enquanto andavam por um corredor iluminado, com quadros alaranjados. — É assustador, na verdade. Há um ano atrás eu não acreditaria em nada disso e agora estou aqui, sendo o assistente da única pessoa que pode ouvir a gravidade.

Kayla riu desconcertada, fingindo entender do quê ele estava falando.

Estava na Terra, isso era um fato e o homem desconhecido havia a chamado de Marta, o que obviamente não era seu nome. Pensou que talvez estivesse acessando alguma memória da primeira oráculo, mas quando se olhou no espelho, viu a si mesma.

Eles continuaram a caminhar, e diferentes pessoas a cumprimentaram no caminho. Saíram finalmente em um largo saguão de formato circular, cujas luminárias, tapetes e móveis eram de tons alaranjados. Do outro lado, havia um outro corredor, por onde saíram dois homens, um deles parecendo tão perdido quanto a própria Kayla. Foi somente quando ele se virou que ela pôde ver seu rosto com clareza, parando embasbacada onde estava:

— Elliot?

O homem a olhou assustada, também a reconhecendo.



O teste

Kayla acordou assustada e se sentou na cama, estava de volta ao seu pequeno apartamento na base militar. Suspirou aliviada, ao ver o ambiente familiar à sua volta. Um barulho de engrenagens chamou sua atenção, e ela olhou para baixo, encontrando M4 na borda da cama.

— M4! – guinchou de alegria e escorregou pelos lençóis da cama.

— *Bom dia, minha senhora.* – o robô respondeu, de forma alegre.

— Eu esqueci de você, me desculpa! O dia de ontem foi…

— *Tudo bem, todos nós estamos sofrendo muito com a perda de Mirya*.

— Sim. – Kayla engoliu seco. — Co-como você veio parar aqui?

— *O senhor Elliot me trouxe, ele me buscou na casa de Mirya.*

Kayla sorriu.

— Fico feliz que ele tenha feito isso, é bom te ter perto.

— *A senhora está sofrendo, não está? Posso notar isso pelos meus sensores.*

— Bastante… – Kayla suspirou. — Quando a pessoa que você pensava ser sua irmã, assassina sua irmã de sangue na sua frente, e humanos contam com *você* para levar todos de volta para a Terra… É demais para uma pessoa só. A minha vida no palácio era simples comparada a de agora. – ela riu de forma amargurada.

— *Você deveria falar com a gravidade sobre isso*.

— Po-por quê?

— *Porque ela responde. É a única pessoa que pode se comunicar com ela, e de acordo com meu dicionário, "comunicar" não significa somente ouvir, mas falar também.*

— Hum, você é sempre mais sábio do que eu espero que seja, M4. – Kayla sorriu e passou a mão no metal do robô. — Eu vou *tentar* fazer isso. Em algum momento. – desconversou.

— *Não, agora?*

— Não, não. Agora preciso me preparar para um teste que provavelmente vai fazer o baile dos clãs parecer uma experiência calma e divertida. – fez uma careta enquanto caminhava para o pequeno guarda roupa que havia antes da porta do banheiro. — E você vai comigo.

— *Tudo bem*. — M4 moveu sua única roda para frente e para trás, animado com a ideia de participar de algo.



O espaço para os testes havia sido preparado naquela mesma base, na seção A, e Elliot recebeu Kayla e M4 na porta com um sorriso ansioso,

assim que chegaram pelo corredor.

— Bom dia. – ele cumprimentou, com um visor nas mãos.

Kayla balançou a cabeça em resposta, se lembrando do sonho que havia tido. Percebeu que Elliot tentava não olhá-la nos olhos e estranhou a reação para alguém que parecia tão próximo no dia anterior.

— Graças a Gravidade, conseguimos encontrar um módulo ainda em funcionamento. – ele comentou enquanto entravam pela porta.

— Não exatamente, meu caro, *eu* consertei ele. – uma mulher de cabelos curtos encaracolados e pele escura se aproximou deles. — Prazer, Lilian.

Ela entendeu a mão para a oráculo.

— Kayla, Lilian é a engenheira chefe das frotas de Luton e uma das mentes mais brilhantes que temos.

— Um pouco mais do que isso, mas tudo bem. – ela piscou para Kayla e saiu andando em direção à grande esfera que havia no centro do salão, ocupando todo o espaço e quase encostando no teto.

— É uma pessoa levemente desagradável, mas é a melhor no que faz. Vai nos ajudar nos testes hoje. – Elliot falou com uma careta, mas quando virou o rosto para Kayla percebeu que ela não prestava atenção. Estava o olhando fixamente, os olhos semicerrados, como se procurasse algo. — Ahn…

— Você sonhou esta noite? — ela perguntou de repente. — Eu tive um sonho *tão* estranho.

— Sonho? Na-não, eu nunca sonho. – desconversou e seguiu a engenheira em direção a cápsula.

— *Os batimentos do capitão estão mais instáveis do que o comum*. — M4 comentou, aos seus pés.

— Obrigada, M4! – Kayla olhou para ele com as sobrancelhas arqueadas e caminhou até o centro do cômodo, desconfiada.

O módulo era uma estrutura circular de metal escuro, ele tinha duas aberturas, uma na frente e outra atrás, por onde entravam os pilotos. Dentro, ele consistia de duas poltronas, uma do lado da outra, e um visor que cobria todo o interior da esfera, onde aconteciam os treinamentos no passado. O bastão havia sido conectado com a interface da máquina, e era ele que unia uma poltrona à outra, preso no centro, entre elas.

— Você entra aqui, por favor. – Lilian direcionou, parada na entrada do módulo. — O robô tem que ficar fora. – parou M4 com o pé, que já

tentava rolar para dentro.

— Está tudo bem, M4, é só ficar com Elliot. – Kayla o tranquilizou, entrando no equipamento e sendo abraçada pela escuridão do lugar.

Ela se sentou na primeira poltrona. Era larga e feita de um material frio, que fez sua pele arrepiar assim que a tocou. Uma assistente, que já estava dentro, a recebeu e encaixou um capacete em sua cabeça. Nele, havia fios que se conectavam ao assento. Além de calcular suas frequências neurais, o capacete funcionava como um visor para o painel acima de si. Ele tampou toda a vista das extremidades.

— Como está aí dentro? – Elliot perguntou. Sua voz ecoou do lado de fora.

— Incômodo, escuro, mas tudo certo. – Kayla deu de ombros.

— Ótimo. Agora coloque a sua mão no bastão que está ao lado da cadeira, é só assim que a cápsula será ativada.

— Certo.

Kayla tateou até encontrar o lugar exato onde o bastão estava e fechou a mão sobre ele. Sentiu o leve choque de antes correr por entre seus dedos. Toda a máquina em volta de si foi ativada, e o painel brilhou com uma luz azul.

— *Este teste foi criado por Marta Fagundes, a primeira oráculo e piloto da Bosei.* – uma voz mecânica ecoou pelo lugar, pegando todos de surpresa. — *É um teste único, que atestará a compatibilidade da oráculo com o seu co-piloto. A segunda parte da cápsula holográfica será desbloqueada assim que a prova for vencida, e o oráculo homem encontrado.*

— Kayla – Elliot falou do lado de fora, assim que a mensagem se encerrou –, está mostrando aqui que é um teste aparentemente curto, eu selecionei alguns *candidatos* – a voz dele pareceu falhar um pouco nessa parte. — Vamos começar com o primeiro e se precisar parar e descansar é só falar.

— Tudo bem.

A oráculo fechou os olhos e respirou fundo. Naquele instante, a ideia de falar com a Gravidade voltou à sua mente, mas ela a empurrou para longe, tentando focar somente no painel acima de si.

— Primeiro candidato – a voz de Elliot continuou do lado de fora. —, Kim Jin, pertencente ao clã da Ásia, piloto classe B.

Kayla ouviu passos adentrando a cápsula, e o homem se sentando ao seu lado. Era silencioso e rápido, foi tudo o que pôde notar.

No momento em que o capacete foi posto na cabeça dele, o painel mudou de cor, revelando os gráficos do teste.

Em um fundo cinza formado de linhas verticais e horizontais, havia uma montanha de cor roxa que se punha ao fundo e um avatar verde *neon* de um homem, parado à distância.

— *O desafio é vocês dividirem a mesma consciência e, juntos, conseguirem coordenar o avatar para que ele alcance o topo.* – a voz explicou.

— É o quê? – Kayla sussurrou, confusa.

— *Isso, é claro* – a voz continuou, quase maléfica –, *se conseguirem sobreviver aos lobos.*

— Lobos? – ouviu o homem ao seu lado sussurrar.



O parceiro ideal

O gráfico de três lobos de cor azul surgiu no painel. Kayla se agitou na cadeira, sentindo-se sufocada pelo capacete e já se arrependendo de ter saído do quarto naquele dia.

Droga, droga.

O teste iniciou e os gráficos dos lobos ganharam movimento. Ela tentou balançar a cabeça para frente e para trás e nada do avatar se mover. Os grunhidos ao seu lado, indicaram que seu parceiro também estava tendo dificuldade com isso.

Kayla achava que era boa para reconhecer coisas belas e úteis, mas não se considerava uma delas. Um teste como aquele era só mais uma prova do seu fracasso psíquico, mostrando que, da mesma forma que não era boa para nada manual, nem seu intelectual salvava. Ela grunhiu de revolta e fechou os olhos, tentando mentalizar qualquer movimento no maldito boneco.

BAM.

A tela assumiu tons de vermelho.

— *Seu avatar morreu. Vocês não são compatíveis*.

— Como é? – Kayla pestanejou, tentando tirar o capacete.

— Calma, calma. – ela sentiu a voz de Elliot se aproximando e suas mãos quentes se encontraram com a dela, na tranca no capacete.

— Pronto, você está livre agora. – ele falou com um sorriso brincalhão, parecia até… *aliviado*?

Kayla tirou o capacete apenas a tempo de ver a silhueta do homem ao lado, pestanejando e saindo pela porta.

— Acho que ele não gosta de perder. – Elliot comentou, zombeteiro.

— Você está se divertindo com isso? – Kayla o fuzilou com o olhar.

— Na-não! Óbvio que não… – levantou os braços. — Olha, Kim não era o parceiro ideal, só que você também não se esforçou.

— Eu. Não. Sei. O. Que Fazer! Será que não deu pra perceber?

— Kayla, você é a oráculo. *Vai* saber o que fazer, apenas precisa se concentrar.

Ela revirou os olhos irritada e, mais uma vez, se lembrou da Gravidade.

— Tudo bem. – respirou fundo, encontrando os olhos azuis dele, que sempre a acalmava. — Quem é o próximo?

Foi a vez de Elliot revirar os olhos.

— Certo. – a assistente da cápsula entregou um painel para ele. — Maddox Ford é um soldado combatente com mais de dez anos de experiência e é membro do Clã da Europa.

— Parece que você não é muito fã dele também, né? – Kayla sussurrou, provocando.

— Vamos ver como ele vai se sair. – Elliot deu ombros. — Está pronta?

— Só não sei o que fazer, mas sim.

— Apenas use sua mente. Imagine o corpo do avatar como se fosse seu próprio.

Com isso, Elliot se despediu e caminhou para o lado de fora. Kayla se encaixou na poltrona novamente e, com um respiro profundo, recolocou o capacete. A assistente o prendeu na cadeira e recebeu o segundo candidato.

— Bom dia, oráculo. – esse se dignou a pelo menos cumprimentá-la.

— Bom dia, Maddox. – Kayla respondeu, falhando ao tentar virar o pescoço com o capacete. — E, boa sorte. – sussurrou antes do painel se iluminar.

Os gráficos apareceram novamente, e a voz mecânica falou mais uma vez:

— *O desafio é vocês dividem a mesma consciência e, juntos, conseguirem coordenar o avatar para que ele alcance o topo. Isso, se conseguirem se livrar dos lobos.*

Kayla se ajeitou na cadeira, tentando se sentir um pouco mais confiante. Os gráficos dos lobos apareceram, e o teste se iniciou.

Eles tinham que ser compatíveis mentalmente, certo? E para isso, moverem juntos o avatar, como uma só consciência. Não poderia ser tão difícil. Ela prendeu sua mão mais forte ao redor do bastão e tentou acalmar a respiração. *As pernas dele são as minhas pernas, seus braços, meus braços,* repetiu para si mesma.

Primeiro tentou se imaginar andando, dando as mesmas coordenadas para seu cérebro, porém, sem se mover da cadeira.

Se surpreendeu ao ver as pernas do avatar tremendo no painel.

— Isso! – gritou de alegria. — Você pode tentar mexer a perna direita, e eu a esquerda? – sugeriu, se sentindo mais animada.

— Tudo bem. – a voz grossa do homem ao seu lado respondeu.

Os gráficos dos lobos se aproximavam, mas juntos, eles conseguiram fazer o avatar dar alguns passos desregulados e desengonçados. Não estavam exatamente em sincronia, contudo, talvez estivessem chegando lá.

— Vamos aos poucos, – Kayla sussurrou. — Uma perna, depois a outra…

— *Seu avatar morreu. Vocês não são compatíveis*.

A tela ficou vermelha, e Kayla afundou na cadeira.

— Pelo menos eu fui bem melhor dessa vez. – tentou se justificar quando a assistente tirou seu capacete.

— Foi um prazer de qualquer forma, minha oráculo. – o homem parado à sua frente era alto e musculoso, com uma barba ruiva. Ele estendeu as mãos para ela.

— Ah, claro… — ela respondeu ao gesto, ruborizada.

Ele sorriu e então se afastou, saindo do módulo.

— Eu sei, ele é lindo, né? – o rosto de Lilian surgiu do nada ao seu lado.

— Ah, acho que sim.

— Eu que coloquei ele na lista, aliás. De nada. – ela piscou, sendo puxada pelas mãos de Elliot.

— Lilian, sai daqui. – Ele guinchou como um adolescente.

— Foi você quem me chamou para ajudar, *espertão*. Preciso checar os sinais vitais dela. – resmungou e pegou o pulso de Kayla. — Licença, querida.

Kayla segurou o riso, vendo a intimidade e provocação que havia entre os dois.

— Vocês se conhecem há muito tempo? – não conseguiu evitar a pergunta.

— Infelizmente. – Elliot revirou os olhos, a fazendo rir. — Estudamos juntos desde pequenos.

— Ah, eu sei de *cada* história. Caso tenha interesse, é só me falar.

— Lilian! – Elliot bateu o pé. — Já acabou?

— Já. – a engenheira resmungou. — O módulo está funcionando perfeitamente. Consegue fazer mais uma rodada? – perguntou à Kayla.

— Claro! Agora que estou pegando o jeito. – brincou.

— Ótimo. Então agora é com você, *capitão.* – Laila esbarrou propositalmente em Elliot e saiu da cápsula.

— Ela é horrível.

— Eu gostei dela.

— Então ela é moderadamente aceitável, eu acho.

Kayla riu, sentindo o medo e a pressão do teste se dissipando aos poucos. Por que tudo parecia mais fácil quando Elliot estava por perto?

— Quem é o próximo? – perguntou, voltando ao tópico.

— Hum – ele conferiu no visor. — Um piloto novamente… João Morais, clã da América.

— Por que parece tão desinteressado quando fala o nome deles? Pensei que era você quem os tinha escolhido…

— Eu escolhi mas… ainda os considero… fracos. Não sei se serão bons o suficiente. – balançou a cabeça, como se fosse algo trivial.

— E acha que você é? – Kayla semicerrou os olhos, o provocando.

— Na-não, eu não me coloquei na lista. – ele tossiu, desconcertado.

— E por que não? – ela cruzou os braços.

— Por-porque não é o meu papel. É, eu-eu não conseguiria… – Ela nunca tinha o visto tão desconcertado.

— Elliot. – Kayla cerrou as sobrancelhas. — Está com medo da cápsula?

— Não. – coçou a garganta, orgulhoso.

— Então do que é que você tem medo?

Kayla o encarava, e Elliot não tinha forças para desviar o olhar.

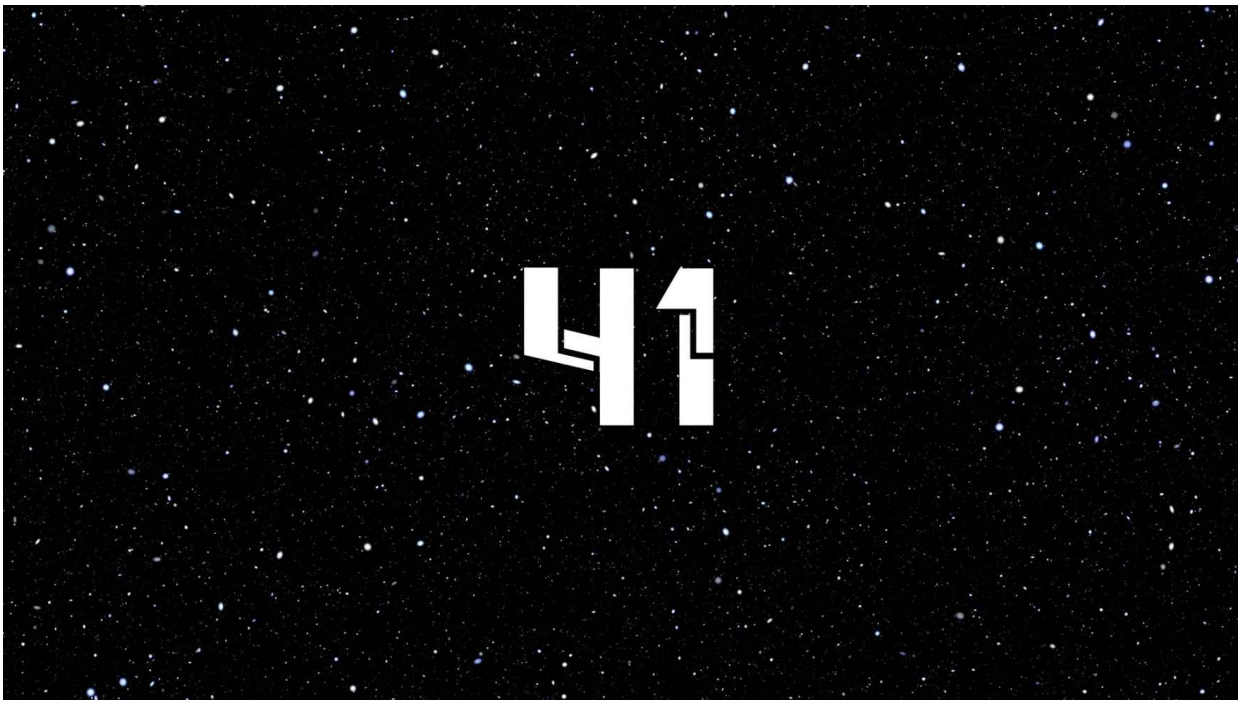
— De *nada*.

— Já que é assim, por favor, me acompanhe. – apontou para a cadeira ao lado. — Como oráculo, eu escolho você. – falou brincando, sem perceber na hora, a profundidade das suas palavras.

Elliot olhou em volta, hesitante, e então abaixou a cabeça, caminhando até ela.

— Tudo bem, *oráculo*. – provocou antes de colocar o capacete.

— Vamos ver o que consegue fazer, *capitão*.



Os oráculos da Gravidade

Elliot e Kayla se posicionaram nas cadeiras e colocaram os capacetes. Sem perceberem, estavam em perfeita sincronia.

Eles fecharam os punhos sobre o bastão ao mesmo tempo e o painel foi ativado.

Quando os gráficos apareceram novamente, Kayla respirou fundo, se sentindo estranhamente mais calma e focada. Ela tinha um objetivo e iria alcançá-lo, precisava alcançá-lo.

Suas pernas, minhas pernas, meus braços, seus braços. Repetiu para si mesma. *Seu coração, meu coração*.

— Um coração. – sussurrou levemente, sem perceber.

O teste iniciou, e um silêncio tão grande recaiu sobre o cômodo, que ela podia ouvir as batidas do próprio coração. Ou eram as de Elliot? Não conseguia diferenciar mais.

Suas pernas se moviam como uma só e rapidamente o avatar no painel começou a correr enquanto era perseguido pelos lobos. Ela nem teve tempo de notar ou reconhecer a vitória, estava concentrada demais *sendo* o avatar, correndo por sua vida.

Não percebeu que as pernas se moviam de forma natural e simétrica, ou que seu coração batia tão rápido no peito quanto o de Elliot ao seu lado.

Kayla subiu monte acima, Elliot podia sentir as pedras sob seus pés. Kayla inspirava, Elliot expirava. Rapidamente alcançaram a montanha como se fossem um só. O avatar parou no topo, e então os gráficos desapareceram e o painel assumiu a cor verde.

— *A missão foi concluída, vocês são 100% compatíveis.*

A voz mecânica foi o único som ouvido no módulo por um bom tempo. As luzes se acenderam, e a ssistente destravou o capacete de ambos. Elliot o tirou primeiro, e Kayla logo em seguida. Seus olhares confusos e surpresos se encontraram. Um pequeno sorriu nasceu no rosto de Kayla.

— Era você… no meu sonho. Tivemos o mesmo sonho esta noite, não foi?

— Acho que sim… – ele murmurou com o olhar tenso.

— Então você já tinha sido escolhi…

Kayla foi interrompida pelo holograma que saiu da cápsula holográfica e iluminou todo o centro do módulo.

Marta estava presente novamente, com seu uniforme azul e alaranjado e seu cabelo encaracolado tingido de loiro. Agora estava ao seu lado, um homem de pele escura, porte atlético e olhar destemido. Ele trajava um uniforme similar ao dela.

— Saudações a ambos, os últimos oráculos da gravidade. – o holograma do homem falou. — Eu sou Ayo, co-piloto de Marta na missão de trazer a humanidade até à Lua. O trabalho de vocês, será levá-la de volta. Esta cápsula foi mantida segura até este momento porque as informações que colocamos aqui são extremamente sigilosas.

— Vocês vão encontrar, dentro do dispositivo, os mapas originais da Bosei. – Marta emendou, dando um olhar de cumplicidade para Ayo. — Tendo os mapas, encontrarão sua localização.

— Isso é tudo o que podemos fazer por vocês daqui… bom, do passado. – Ayo riu. — A jornada de um oráculo não é fácil, mas essa é a maior graça da Gravidade sobre vocês: o outro. Acredite, em uma missão como essa, ser dois é muito melhor do que ser um.

— É uma oportunidade singular, a que vocês têm, de ouvir e se comunicar com a Gravidade. Não é só um cargo ou uma missão, é um privilégio. Tentem não esquecer disso. – Marta aconselhou com um sorriso enquanto Ayo a fitava, perpetuamente admirado.

— É isso. – o homem completou, fechando as mãos sob o abdômen. — Do primeiro casal de oráculos para o último: boa sorte na missão, e que a Gravidade os guie.

O holograma piscou e desapareceu, sendo recolhido para dentro do bastão.

— Finalmente. – Reuel falou parado na entrada da cápsula, revelando sua presença. — Nós temos o nosso casal de oráculos. – Caminhou até os dois com os braços estendidos e os olhos cheios de lágrimas.

— Si-sim, meu pai. – Elliot se levantou desconcertado e olhou para Kayla, sinalizando para ela se levantar.

Ela entendeu rapidamente e saiu da cadeira, sendo pega pelo abraço de Reuel. Ele abraçou os dois de forma exagerada e desengonçada até se afastar, limpando as lágrimas.

— Pai…

— Não, não, são lágrimas de alegria. – o líder se defendeu. — Vocês dois são os maiores orgulhos que eu poderia ter. Mirya certamente está orgulhosa também. Tenho certeza.

Kayla sorriu triste, e Elliot sentiu seu coração se apertar no peito. Não se sentia capaz de assumir um cargo como aquele. Queria sim, ficar o mais próximo possível de Kayla, mas não podia dizer o mesmo da Gravidade. Kayla o atraía, já a Gravidade secretamente o assustava e não pensava como as duas coisas poderiam se encontrar.

— Precisam falar ao povo! Faremos uma transmissão para todos os bairros humanos no subterrâneo, dizendo para que façam as malas e se despeçam de tudo o que não é essencial. Temos o nosso casal de oráculos e iremos retornar à Terra.



O oráculo

Naquela tarde, Elliot saiu da base o mais rápido que conseguiu e entrou na primeira nave individual que encontrou naquela região. Precisa voar, precisava sair do chão nem que fosse por alguns minutos. Kayla parecia ter ficado tão feliz quando o módulo confirmou a compatibilidade deles, já ele não conseguiu corresponder a alegria dela.

Espero que não tenha ficado chateada, pensou com as mãos trêmulas, apertando os botões no controle da nave, a fazendo sair do chão. Assim que ela subiu, ele sentiu seu corpo mais leve, a ansiedade menos latente. Naquele momento, era só ele e os intermináveis túneis do coração da Lua.

Voou por eles, sem nenhum trajeto ou norte. Na superfície, todos os seus amigos estavam lutando, guiando os batalhões e tomando o controle da cidade. Era mais fácil se imaginar lá, lutando ao lado deles, do que ali, tendo que assumir um posto tão crucial ao lado de Kayla. Internamente, não queria que mais ninguém ocupasse o lugar, contudo, também não se sentia digno ou forte o suficiente para ele.

O problema não era Kayla, ela nunca era o problema, e estar perto dela seria menos ainda, no entanto, ele sabia que não era só isso. Ser um oráculo da Gravidade era carregar exatamente o que o termo simbolizava: servir a Gravidade, ouvi-la, conhecê-la.

Esse era o sonho dele quando pequeno. As oráculos eram as grandes heroínas sobre as quais ele ouviu histórias, e Ayo, o único que havia ocupado este posto, sua maior inspiração. Ele fora o único homem oráculo, que serviu à Gravidade.

Desde a morte da sua mãe, passou a alimentar essa esperança, de que talvez a Gravidade falasse com ele, explicasse o porquê. Só que quanto mais tentava falar ou encontrá-la, menos ele acreditava, já que ela nunca respondia. Elliot aceitou, depois de alguns anos, que ela escolhia apenas alguns, e que ele não era parte deles.

A revelação da manhã não o chocou por completo, era difícil admitir, mas era a verdade. Algo já estava acontecendo, ele sabia, desde o dia em que viu Kayla no baile. Sentiu algo diferente, um peso maior sobre seu corpo e uma sensibilidade crescente em relação a tudo, especialmente em relação a ela. Sabia exatamente como a garota se sentia, mesmo distante, mesmo sem ainda conhecê-la. E pensar que era a Gravidade, sinalizando desde então, que havia escolhido ambos para a missão de no fim dos tempos, guiar a humanidade de volta ao seu planeta natal, era loucura.

Sem perceber, acabou fazendo o mesmo trajeto para a caverna de Lutons no qual levou Kayla, dias atrás. Ele desacelerou a nave e a pousou no chão. Encostou a cabeça no banco e fechou os olhos, tentando raciocinar melhor. Todas as palavras que falou para ela agora voltavam para si. Era um chamado intransferível, uma vez escolhido pela Gravidade, não tinha como recusar. Não poderia deixá-la sozinha nisso, não deixaria.

Reparou, depois de alguns instantes, uma presença incomum. Havia uma outra consciência na nave que não era a dele: *A Gravidade.*

— Por que eu? – encheu o peito e perguntou, assustado de estar falando com uma força invisível.

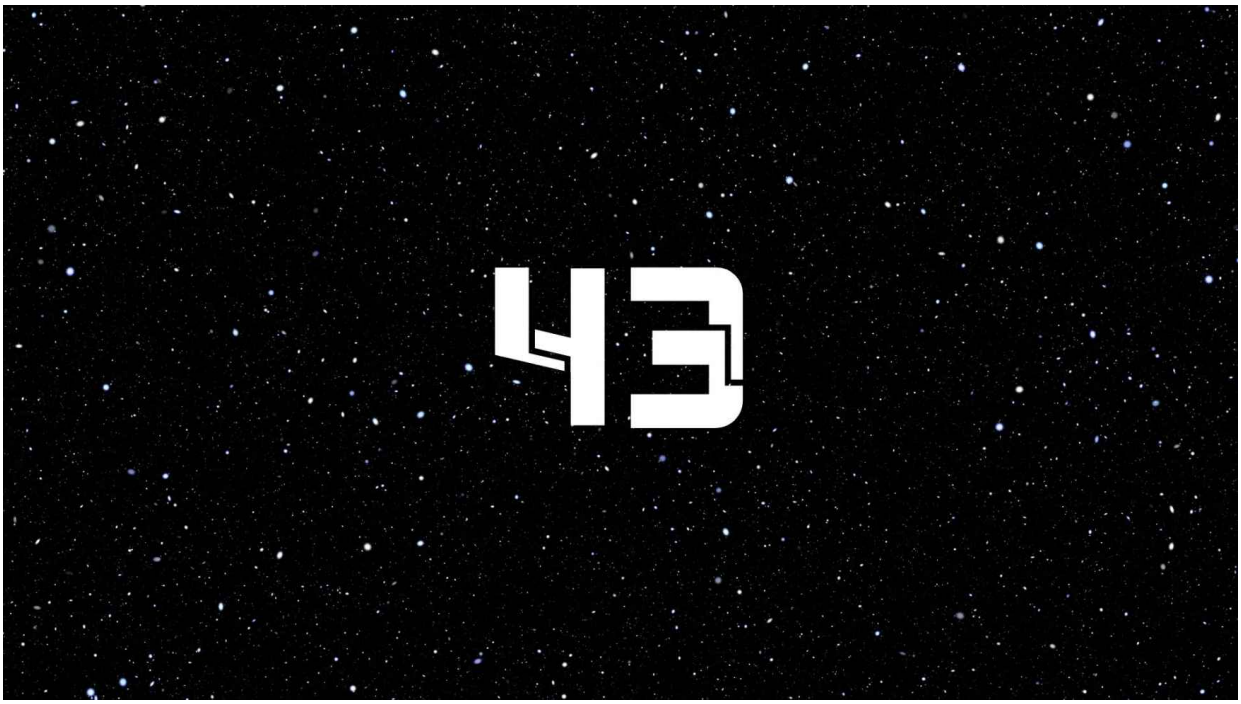
Segundos depois, nenhuma resposta veio. Abaixou a cabeça e deu um pequeno sorriso, estava sendo completamente tolo.

“Porque eu ouvi.” Uma voz chacoalhou a nave, e fez ele se segurar no assento.

— O quê? – perguntou exasperado, com as pupilas dilatadas.

“Eu ouvi.” A voz repetiu, dessa vez, não tão agressiva. *“Todas as vezes que me chamou quando criança.”*

Elliot engoliu em seco, maravilhado com o que estava presenciando. Sentiu o corpo enfraquecer e toda hesitação deixá-lo. Não sabia o que teria que fazer, nem como faria, mas era a Gravidade, e se ela estava o puxando para si, o atraindo, *não* tinha como lutar contra.



A ciborgue

[10 dias para o cumprimento da promessa]

O corpo de Cal-uya se estendia sobre a maca da ala hospitalar do palácio. Ela ficou desacordada durante todo um dia após a cirurgia em que teve que passar. O tiro de Elliot havia acertado bem embaixo da clavícula e atingido os vasos sanguíneos, fazendo com que o membro tivesse que ser amputado às pressas. No lugar, um braço mecânico foi colocado, desenvolvido pelos melhores cientistas de Grimaldi. Ele foi conectado ao sistema nervoso central por microagulhas que perfuravam o pescoço da princesa.

Com uma dor latejante, começando a se espalhar pelo corpo à medida que a anestesia perdia o efeito, Cal começou a recuperar a consciência. Sua cabeça zunia, e ela mal conseguia abrir os olhos, sua sensibilidade gritando todas as vezes que tentava. Queria se mexer, mas não tinha forças, queria se levantar, mas se sentia presa sobre a maca.

— ARGH! – rangeu os dentes de raiva e frustração enquanto uma lágrima solitária rolou sobre a sua bochecha.

Descansou a cabeça mais uma vez, frustrada e humilhada. Ela iria perder, iria perder tudo o que tinha e sabia disso. A forma como Tal-uya havia a olhado durante o embate estava impressa em sua mente. Era um pesadelo que a atormentava, estando ela dormindo ou acordada. Iria matá-la naquele momento, estava realmente disposta a isso, porém, viu seu olhar de pavor e surpresa, sentiu seu próprio coração sendo penetrado pelo *laser*. E, de fato, foi atingida instantes depois por aquele *maldito* humano. Ainda não entendia como Tal-uya poderia tê-la traído dessa forma e se aliado justamente a eles.

A confusão e a raiva pressionavam sua mente da mesma forma que a dor latejante pressionava o braço direito. Ele pesava muito mais do que qualquer outro membro, e foi apenas quando conseguiu abrir lentamente o olho esquerdo que viu o que causava tanta dor. As memórias anestesiadas do dia anterior voltaram de uma vez para sua mente. A dor excruciante, o sangue jorrando, as lágrimas incontroláveis, e os robôs amputando seu braço.

Olhou para o membro, agora mecânico, com desgosto. Todos aqueles anos mantendo um físico exemplar, todo o treinamento, esforço e horas de produção para que fosse o exemplo de beleza em todo o planeta… para agora se tornar incompleta, quebrada, parte lunar e parque máquina.

O ódio que queimou em seu peito lhe impulsionou a levantar a coluna e se sentar na maca. Ela mordeu os lábios ao sentir a pontada. O sangue escorreu pelo queixo, todavia, não retrocedeu e empurrou o corpo até estar sentada.

Já ereta, Cal-uya observou o cômodo ao seu redor, as paredes brancas, as lâmpadas amareladas, e o grande brasão do império moldado na parede ao seu lado, reluzindo.

Seu Império. Seu planeta. Sua responsabilidade.

A porta mecânica se abriu, e por um instante ela desejou ver um rosto lunar saindo dali, mas quem entrou foi um *droid* humanoide, que caminhou até onde estava.

— *Minha princesa, trago atualizações urgentes do clã de Kepler.*

— Diga. – ela murmurou, com as cordas vocais falhando.

— *General Aio, líder do clã, está morto. E os humanos estão tomando a cidade. O clã de Tycho caiu.*



A Transmissão

[9 dias para o cumprimento da promessa]

Na manhã seguinte, iniciaram os preparativos para a transmissão na base militar. Kayla e Elliot estavam sendo arrumados no mesmo cômodo, para entrarem ao vivo. Eles mal haviam conversado no dia anterior, que fora tomado por reuniões, *check-ups* médicos e a própria ansiedade crescente em ambos.

Kayla queria dizer que estava aliviada e de fato estava um pouco. Ter alguém meramente conhecido como seu oráculo parceiro, era muito melhor do que um estranho qualquer. Mas a escolha do oráculo homem significava que eles estavam verdadeiramente cada vez mais perto de deixar o planeta, o que implicava que, assim que a Bosei fosse encontrada, *ela* teria que pilotá-la e não pensava nem em mil anos ser capaz de fazer isso.

Kayla e Elliot usavam roupas combinando. Ele, um terno sem botões de cor azul-água, e ela, um vestido liso que caía até os pés da mesma cor. O cabelo dele foi puxado para trás com gel e o dela preso em um coque, com a

parte mais curta de trás caindo. Eles entrariam ao vivo em um pequeno estúdio na própria base, por segurança. Seria transmitido para cada telecomunicador humano no subterrâneo. Deveriam falar pouco, contudo, as palavras precisavam passar segurança, ainda que nenhum dos dois sentisse aquilo.

Os assistentes que ajeitavam os detalhes nas roupas e nos cabelos terminaram e saíram do cômodo de uma vez.

— Eu não preciso ser uma oráculo para saber que não está muito feliz com a novidade. – Kayla o fitou, compreensivamente.

— Me desculpe… – Elliot suspirou, passando as mãos entre os fios presos. — Eu não queria estar reagindo assim, é só que…

— Ninguém espera ou sonha com tamanha responsabilidade. – a oráculo completou.

— É… exato. Só estou nervoso. – Elliot a fitou com o olhar aflito, mesmo naquele momento ela estava muito mais serena que ele. — Eu não sou a pessoa ideal para isso… – murmurou. — Eu sei lutar, sei defender e proteger, não liderar, não… ser aquele que vai na frente. Eu queria ser aquele que ajuda, não o que *leva*.

— Por que?

— Porque o que leva é o que carrega toda responsabilidade. Não tem ninguém para transferir a culpa, nem a vitória. Não tem desculpas, nem certeza de nada.

— E acha que era justo eu carregar esse peso sozinha?

— Não! Claro que não. Eu só não queria que ninguém precisasse carregá-lo. Eu estou errado, eu sei.

— Só que não é assim que funciona, alguém tem que pagar o preço, alguém sempre paga.

— E por algum motivo, a Gravidade escolheu justamente nós para isso. – ele jogou os braços para cima e franziu as sobrancelhas.

— Ela tem senso de humor, afinal. – Kayla riu.

— Bem mais do eu esperava. – ele sorriu de volta, ambos os olhares de dor e confusão sendo suavizados pela presença um do outro.

— A verdade é que eu estou feliz que seja você. – Kayla aumentou o sorriso. — Apesar de tudo. – disse revirando os olhos.

— Apesar de tudo?! – Elliot respondeu de forma indignada.

— Bom, invadir meu baile. – ela pontuou nos dedos. — Me fazer passar por experiências culinárias questionáveis. Eu ainda estou fazendo a

lista...

— É claro.

— Está tudo pronto para irem ao ar. – um guarda adentrou o cômodo, fazendo o sorriso de ambos desaparecer no mesmo momento.

— Certo. – Kayla pigarreou, passando o olhar por Elliot e o dirigindo até a porta.



Um estúdio de *led* foi construído às pressas e um drone de filmagem já estava em posição. Kayla e Elliot caminharam até o centro da tela enquanto eram observados pela equipe de filmagem e Reuel, que estava parado do outro lado, esperando para quando fosse participar. Ele sorria para ambos de forma encorajadora.

— Se lembrem do roteiro. – a diretora reiterou, apontando para o drone.

Kayla balançou a cabeça em concordância, repassando as falas mentalmente.

— Se aproximem um pouco mais do outro. – a mulher pediu e ambos obedeceram, os ombros quase se encostando.

— Melhor, deem as mãos. Isso vai mostrar intimidade e segurança. São *o casal* de oráculos, afinal.

Kayla sentiu as bochechas arderem um pouco e levantou o rosto, encontrando o olhar de Elliot. Com um semblante calmo, ele roçou o braço no dela e pegou sua mão, consideravelmente menor que a dele, e entrelaçou

seus dedos nos dela. O coração de Kayla se agitou no peito, ela piscou, tentando não transparecer. Para sua surpresa, o ato na verdade a acalmou, a mão quente de Elliot passou uma corrente de paz para seu corpo e nem o drone nem a transmissão parecia tão assustadora agora.

Uma luz alaranjada piscou no drone que planava a dois metros deles, sinalizando que a gravação havia começado.

— Boa noite, povo humano residente na Lua. Interrompemos toda a programação que possam estar assistindo para trazer pela primeira vez, em quatrocentos anos, uma mensagem de esperança. – Elliot falou o mais confiante que pôde.

— A gravidade se manifestou. Um caminho tem sido aberto e iremos retornar para a Terra muito mais cedo do que pensávamos. – Kayla continuou.

— O meu nome é Elliot Ramsdale Jones.

— E o meu Kayla Young.

— E nós seremos os responsáveis por guiá-los até o nosso planeta natal.

— A promessa da Gravidade se cumpriu em nós. Somos o casal de oráculos que há muito havia sido profetizado. Estamos gratos e honrados de cumprir tamanho papel.

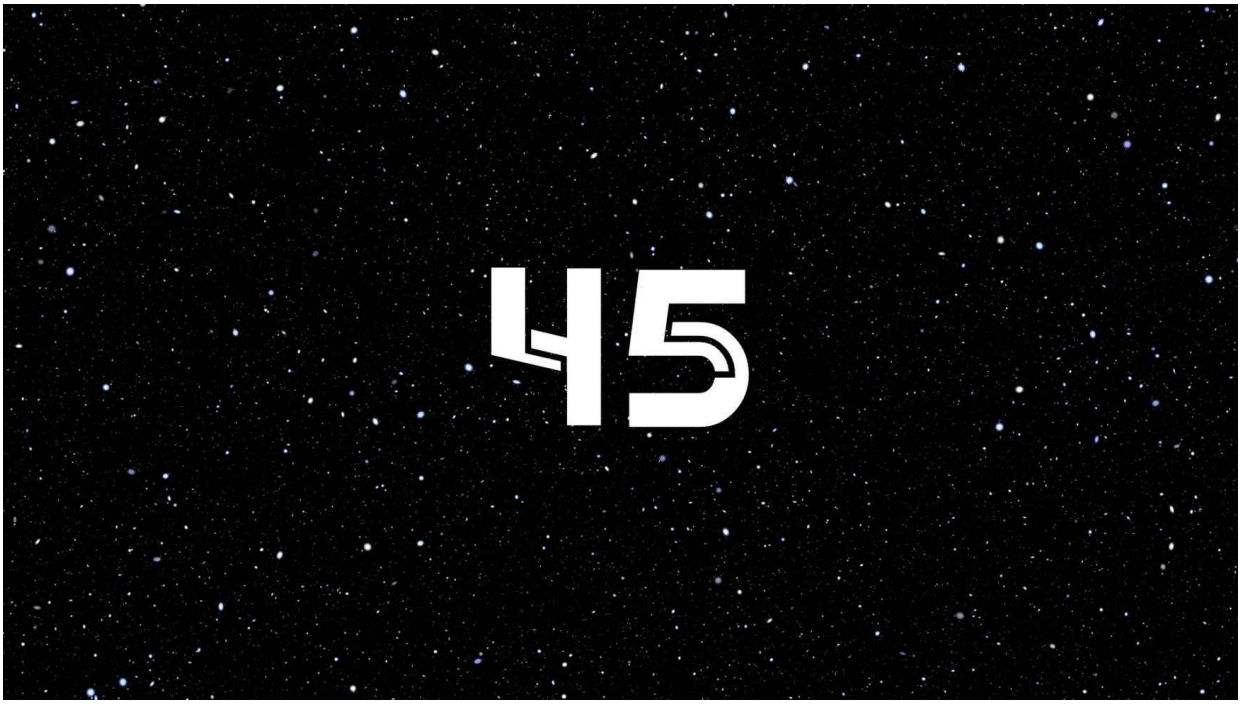
— Que a Gravidade guie a todos nós.

— Nós passamos, mas ela permanece. – Kayla completou, encerrando a parte deles.

A câmera mudou para Reuel, do outro lado do estúdio, e então, Kayla pode respirar tranquilamente.

O líder falou de forma eufórica sobre a notícia e ordenou que todos os humanos, em todos os clãs que não estivessem lutando na superfície, arrumassem as malas e se preparassem para partir logo.

A transmissão foi passada em cada comunicador e cada holograma dos quatro clãs. Famílias inteiras se reuniram, soldados pararam por alguns instantes e todos, como um só povo, receberam a notícia de que em breve estariam partindo. Isso, é claro, mesmo sem Reuel nem os oráculos mencionarem algo levemente importante: a nave que os levaria de volta ainda precisava ser encontrada.



As plantas de Bosei

Logo após a transmissão, um pequeno grupo se reuniu no escritório de Reuel. Lilian já estava analisando as plantas contidas na cápsula há horas, mas elas não batiam com nenhuma nave ou local conhecido. Bosei estava tão perdida quanto sempre estivera.

— Até agora nada? – Elliot perguntou aflito, se sentando no sofá do escritório.

— Nada. – Lilian bufou do outro lado da mesa.

O holograma de três plantas diferentes reluzia na frente do seu rosto. As plantas mostravam os diferentes compartimentos da nave, assim como alojamentos e o painel de controle.

Kayla se aproximou da mesa, fitando os hologramas mais de perto. Tinha a vaga sensação de que eram familiares, só que não se lembrava onde os tinha visto. O mesmo pensamento dos dias anteriores voltou à sua mente, *fale com a Gravidade*, porém, mais uma vez ela o empurrou para longe.

— Eu não entendo como isso pode ajudar em algo. Para rastrear a nave teríamos que ter acesso ao sistema original de toda a tecnologia trazida

da Terra.

— E não temos? – Kayla perguntou inocente.

— Não! Nossa tecnologia *e* sistema, foram roubados pelos lunares, antes mesmo da constituição do Império.

— Verdade. – Elliot se levantou em um pulo. — Isso ainda não tinha acontecido quando Marta e Ayo estavam vivos…

— Por isso, encontrar as plantas bastaria… – Kayla completou, no mesmo fluxo de pensamento.

— Mas… esse sistema original de dados ainda existe, não é?

— Bom, sim. Porém, está na base central de Grimaldi, provavelmente. – Lilian respondeu.

— Se conseguirmos entrar na base e ler as plantas de dentro de um computador de lá – Kayla iniciou.

— Encontraremos a localização da Bosei. – Elliot completou com um sorriso no rosto.

— Isso é impossível e extremamente perigoso. – Reuel, que permanecia calado na porta, falou finalmente. — O único clã que tomamos o controle até agora foi o de Tycho. Os soldados de Kepler ainda lutam para proteger os outros.

— E se Grimaldi é onde tem toda a tecnologia, é provavelmente onde estarão protegendo com mais rigidez. – Lilian acrescentou, pessimista. — Não conseguiremos entrar.

A expectativa desapareceu dos olhares de todos no cômodo e um silêncio recaiu sobre eles enquanto cada um pensava no assunto.

— Bom – Elliot falou de repente –, eu conheço alguém que pode, no mínimo, nos colocar lá dentro.

— O quê? Quem? – Lilian franziu o cenho, confusa.

Elliot apenas arqueou as sobrancelhas para ela e sua expressão mudou inteiramente.

— Não, não mesmo. Não ele.

— Por que não? – Reuel perguntou na porta, mesmo sem saber quem era.

— Ele *quem*?! – Kayla guinchou irritada por não entender o que acontecia.

— Um amigo nosso de infância, é o maior *hacker* de toda a superfície.

— E nos traiu diversas vezes, vendendo informações para os lunares, não esqueça disso.

— Ah, o Miguel. – Reuel murmurou.

— É exatamente por isso que ele pode nos ajudar. – Elliot se aproximou de Lilian, animado com a ideia. — Conhece o sistema lunar melhor que ninguém. Se tem alguém que consegue nos colocar lá dentro, é ele.

— Colocar quem, exatamente? – Reuel perguntou. — Porque se acha que vou deixar o meu casal de oráculos se arriscar em território inimigo, está muito enganado.

— Pai, se tem alguém que precisa fazer isso somos Kayla e eu. Se – ele engoliu em seco –, somos nós que pilotaremos a nave, então, nós e que devemos encontrá-la.

— É verdade, senhor. — Kayla falou. — A Bosei chama os seus pilotos. É nosso papel.

Reuel fitou ambos com as sobrancelhas cerradas e um semblante de hesitação.

— Tudo bem. Vamos encontrar Miguel então.



O hacker

A casa de Miguel ficava no fim do bairro mais afastado do clã da América, onde todo o tipo de atividades ilegais aconteciam. Isso se dava porque o lugar não era supervisionado nem pelos humanos, nem pelos lunares.

O carro militar parou na porta e Elliot, Kayla e Lilian desceram juntos. As pessoas na rua, tanto comerciantes vendendo produtos falsificados, quanto os próprios moradores, os reconheceram assim que saíram:

— Os oráculos… – um homem se aproximou fascinado e tentou oferecer os telecomunicadores que vendia como presente, mas Elliot recusou.

— Obrigado, mas não precisa. Irá nos ajudar se conseguir dizer onde Miguel Ferreira mora. Por favor.

O homem parou por um instante, como se decidisse se falaria a verdade ou não.

— Queremos apenas conversar com ele. – Elliot reforçou. — Ele cumpriu o que devia para a liderança humana… por enquanto.

— Tudo bem, então. – o homem mostrou um sorriso amarelo e entregou a mercadoria que segurava para um pequeno *droid* assistente ao seu lado. — Venham comigo.

O homem sinalizou para que o seguissem e começou a caminhar por entre barracas e latarias de naves. Entrou em uma viela estreita.

— É uma boa coisa termos feito o anúncio mais cedo. – Kayla comentou, logo atrás de Elliot.

— Com certeza. – ele sussurrou de volta.

Eles passaram por entre portas de bares e lojas de troca, com hologramas que se moviam e reluziam à volta. Se fosse algum tempo atrás, Kayla nunca estaria adentrando um local como aquele em busca de um criminoso que nunca conheceu. Só que agora, as coisas são diferentes, tudo para encontrar uma nave gigantesca e milenar que ela, de alguma forma, teria que pilotar. Mesmo naquele momento, tão próximo da culminação de tudo, ainda se perguntava se a Gravidade não tinha errado.

— Não. – Um vendedor respondeu inesperadamente à sua frente.

Ela o fitou impressionada e parou, olhando em volta.

— O que você disse?

— Não podem entrar aí. – falou o homem, sem nem olhar para ela.

— Ei, ei, eles estão comigo. – o comerciante que os guiava respondeu o homem e acenou para que continuassem o seguindo. — Não liguem pra ele, é um velho rabugento.

Kayla respirou aliviada, e eles viraram à direita, entrando em outra rua estreita. No momento em que se virou, um holograma piscou a sua frente: FALE, e ela o atravessou, vendo as partículas da luz amarela passarem pelo seu corpo. Olhou para trás confusa e continuou seguindo o grupo.

— Estamos perto, é ali. – o homem apontou para uma porta de emergência enfeitada com um holograma de um globo de cristal e uma frase que reluzia acima: *Você só vai saber a resposta se perguntar.*

Kayla parou mais uma vez, assustada e confusa. *Você só está cansada e faz muito tempo que não come, só isso.*

— Tudo bem? – Elliot perguntou ao seu lado.

— Na-não, nada. – ela se virou para o homem que os guiava. — Por que essa placa?

— Ah… – o semblante do homem empalideceu. — É… é só uma fachada. Pergunte a madame Tussou e essas coisas…

— Entendi. – deu de ombros, aliviada.

Eles entraram pela porta e subiram a escada do prédio. Uma melodia que Kayla nunca ouvira antes, ecoava no andar. Vinha de uma porta protegida por dois homens.

— Eles vieram para ver Miguel. Precisam de ajuda. – o senhor que os guiava explicou, forçando seu sorriso amarelo. — São os oráculos da Gravidade, viu? – balançou as mãos de forma agitada, apontando para Elliot e Kayla.

— E somos amigos de infância também. – Elliot completou. — Bom, eu sou.

Antes que os homens pudessem responder, a porta foi aberta por dentro. O metal deslizou no chão, até desaparecer. Do outro lado, estava um homem de cabelos pretos encaracolados que desciam até o ombro. Ele usava uma blusa florida, uma bermuda preta e chinelos vermelhos com meia por baixo. Sem nenhum senso de estilo, na visão de Kayla.

— Eu sabia que em algum momento você precisaria de mim. – Ele sorriu de forma orgulhosa, apontando para Elliot. — Só não sabia pra quê, mas sabia que iria precisar.

— É bom te ver também, Miguel. – Elliot sorriu e caminhou até o homem. — Faz um bom tempo – acrescentou. — Está mais responsável agora, eu espero.

— Eu sempre fui. – Miguel deu ombros, esbanjando o sorriso.

— Miguel, essa aqui é Kayla, ela é…

— A sua namorada, eu sei! Vi nos transmissores.

— Na-não, – Elliot pigarreou, enquanto o rosto de Kayla enrubesceu. — Somos o casal de oráculos, não um *casal* de verdade, entende?

— Sério? Que saco, hein?! – o olhar de Miguel se moveu até parar em Lilian, que estava encostada na escada com os braços cruzados e o rosto fechado.— Oi, Lilian, quanto tempo. – ele sorriu meneando a cabeça e deu uma piscadela.

— Não foi minha escolha vir aqui, caso esteja se perguntando. – ela falou, olhando para baixo.

— É claro, pode continuar dizendo isso para si mesma.

Lilian levantou o rosto e grunhiu irritada.

— Miguel, precisamos da sua ajuda. – Elliot interrompeu antes que as provocações se estendessem. — No caso, todo o futuro da humanidade depende disso.

O sorriso no rosto do homem desapareceu, e ele arrumou a postura, cruzando os braços.

— E o que é?

— Precisamos entrar na base de Grimaldi e encontrar a localização da nave que vai nos levar de volta para a Terra.

— Que merda, cara! Não estava brincando na parte de todo o *futuro da humanidade*.

— Não, nenhum pouco. Você consegue?

— Hum, se *eu* consigo? Se tem alguém que consegue, meu querido, sou eu.



Invasão à Grimaldi

—Como vocês se conheceram, afinal? São tão…diferentes fisicamente. – Kayla perguntou quando já estavam sentados no sofá desbotado, dentro do *painel de operações* de Miguel, que era na verdade um quarto abarrotado de computadores e hologramas que pulavam de todos os lados.

— Minha mãe era americana e meu pai europeu. Como ela mudou de clã, foi lá que eu cresci e estudei. No clã da Europa. – Miguel explicou, com o rosto virado para o computador.

— Co-como funciona na superfície? – Elliot perguntou, aproveitando a deixa. — Com a escolha de clãs.

— A família real é tecnicamente neutra. Como o império precisa dos quatro clãs para funcionar, a ideia é não ter favoritismo, apesar de que sempre tem, é claro. Quando o irmão mais velho do meu pai, quer dizer… do Imperador morreu, ele teve que assumir o cargo e assim abdicou de seu lugar no clã de Grimaldi, que havia sido o clã original da minha avó, antes

dela se juntar à família imperial. Com o cargo, o Imperador foi forçado a se casar com a esposa do falecido irmão, que antes pertencia ao clã de Kepler.

— Então você nunca teve um clã específico? – Elliot perguntou mais uma vez.

— Não. – Kayla deu ombros. — Teoricamente, no baile dos clãs, eu me juntaria ao clã do marido que escolhesse. Mas felizmente isso não aconteceu.

— Eram todos tão ruins assim? – Lilian riu, sentada à mesa.

— Horríveis. – Kayla revirou os olhos, permitindo um pequeno sorriso nascer no rosto.

— Ei, eu não era uma opção tão ruim assim! – Elliot se defendeu do sofá.

— Você não foi convidado pro baile, você o invadiu. Então *não* valeria. – Kayla respondeu, com um sorriso sarcástico. — Sem contar que a sua intenção nunca foi de casar comigo de verdade. – ela falou dando ombros, mas instantaneamente se arrependeu ao ver o semblante de Elliot mudar.

— Eu encontrei! – Miguel gritou de sua cadeira, para o alívio de Kayla.

— Existe uma entrada. – ele virou a cadeira de forma dramática, encontrando o olhar dos três. — Ela parece estar desativada, e com a guerra tomando cena na região central, talvez passe despercebido. Isso é claro, depois que eu *hackear* as câmeras de segurança na entrada.

— Ótimo. – Elliot se levantou do sofá, estalando os dedos. — O quê precisamos fazer?

— Primeiro, se trocar. Espero que gostem da cor verde, porque vocês vão se passar por soldados.



Kayla descobriu desde muito cedo que ficava péssima de verde, mas não reclamou quando colocaram os uniformes roubados e voaram em um aeroplanador até a superfície. Fazia mais de uma semana que a oráculo não pisava nela e lhe doeu o coração ao ver a cidade na qual havia crescido, ser tomada pela fumaça de incêndios e naves que cortavam o horizonte a todo instante.

Elliot percebeu o olhar triste dela na janela e sentiu uma pontada de culpa arder em seu peito. Ele não queria a guerra, ninguém queria, eles só queriam voltar para casa. A Lua era dos lunares, afinal, e logo eles teriam um mundo para chamar de seu novamente.

— Chegamos. – a voz de Miguel ressoou da cabine. — Vou pousar aqui porque é mais seguro e vocês dois terão que fazer o restante do trajeto a pé.

A nave pousou entre um conjunto de rochas lunares que estava atrás de uma base de vigilância que acabara de pegar fogo. Era a chance perfeita. Kayla e Elliot saíram da nave assim que ela tocou o chão e Miguel e Lilian permaneceram no veículo.

— Conseguem me ouvir? – Miguel perguntou pelo comunicador que havia dado a cada um.

— Sim. – Kayla respondeu pressionando o ouvido.

— Ótimo, eu vou guiar vocês por lá. Se lembrem, só avancem quando eu derrubar o sistema de filmagem de cada corredor. Existe um

computador de dados próximo a essa entrada, se tudo der certo, vão conseguir ler a planta por lá.

Kayla e Elliot caminharam um ao lado do outro em todo o trajeto até a primeira base. Kayla imitou a forma de andar, da qual se lembrava que cientistas de Grimaldi usavam e deu o máximo para colocar sua feição mais austera e culta, porém, mesmo assim, teve medo de não convencer. Elliot por sua vez, era natural nisso. Por ser militar, estava praticamente em casa. Cumprimentou os soldados que passavam por eles com tanta segurança que Kayla quase desconfiou que ele não estava fingindo.

O portão em que iriam entrar estava desativado, com duas placas de metal lunar presas na frente dele, como um X.

— Droga…– Kayla sussurrou.

— Está tudo bem – Elliot colocou a mão em seu ombro. — Apenas vem comigo.

Ele caminhou até a entrada e de forma minuciosa retirou o seu aro de Luton de dentro da jaqueta e, com o passar do polegar nele, ativou uma função que deixou metade do círculo azul *neon*. Passou o aro pelo metal da porta e ele o queimou, derretendo o material. Kayla olhava em volta preocupada, mas Elliot fazia aquilo de forma tão natural que isso a acalmava.

— Miguel, consegue destravar a porta para nós? – ele perguntou no comunicador.

— Agora!

De dentro da nave, Miguel apertou dois botões em seu computador e a porta desativada se abriu de uma vez. Elliot puxou o metal que naquele momento estava solto para frente, fazendo uma pequena entrada.

— Consegue passar? Rápido.

Assustada, Kayla se abaixou e se esgueirou pela viga de metal, entrando no corredor. Um segundo depois, Elliot passou também e estava ao lado dela. A porta foi fechada atrás deles.

— As câmeras desse corredor estão desativadas. Podem avançar. – Miguel falou no comunicador.

Eles começaram a caminhar, mantendo as mesmas expressões de antes e perceberam, depois de alguns minutos, que aquela região estava totalmente vazia.

— Miguel, por que não tem ninguém aqui? – Kayla perguntou finalmente.

— Eu… eu estou checando. – as mãos de Miguel se moviam freneticamente pelo teclado do computador, tentando encontrar uma solução. — O sistema não aponta nada de anormal, acho que é porque houve uma realocação dos cientistas, a maioria está agora trabalhando na manutenção das naves e *droids* usados nos conflitos. Podem continuar. – os tranquilizou. — O primeiro computador está a dez metros.

— Ótimo. – Elliot sussurrou, e eles continuaram a caminhar.

Viraram à esquerda e depois à direita, à medida que, da nave, Miguel ia desativando cada uma das câmeras.

— É a porta à frente de vocês, no fim do corredor. – Miguel anunciou eufórico. — Estão quase lá.

Elliot e Kayla trocaram um rápido olhar de cumplicidade e apressaram o passo. Foi então que eles ouviram um barulho vindo do corredor ao lado, não eram passos nem vozes humanas, mas rodas e o som de engrenagens.

— Droga, droga! – Miguel gritou pelo comunicador. — Ferrou. Tem um *droid* de registro caminhando para esse corredor, eles fazem a segurança dos perímetros quando os humanos não estão presentes.

— Que significa o quê…?! – Elliot sussurrou pelo comunicador.

— Que vai querer a identificação, e VOCÊS NÃO TÊM. – ele bateu a mão no teclado, irritado. — Droga, Miguel, como você é *burro*! Vocês tem que sair daí, têm que sair daí agora!



A nave-mãe

—Não, não dá tempo! – Kayla se recusou, parando os pés. — Já estamos aqui!

— Espera. – Elliot pegou o seu braço, com o olhar distante. — Eu tive uma ideia.

Ele a puxou até a parede, com o som do robô chegando cada vez mais perto. Tirando novamente o aro de dentro da jaqueta e o segurando com a mão esquerda, Elliot ativou uma função no dispositivo que fez sair um escudo translúcido.

— É claro, o escudo invisível! Você é genial, Elliot, genial. – o*hacker* comemorou de forma emotiva pelo comunicador.

O escuro era alto, porém, estreito. Foi colocado entre as funções do aro militar para cobrir apenas uma pessoa.

— Na-não tá dando certo – Miguel guinchou desesperado. — Os escudos desses dispositivos são para apenas uma pessoa, o robô ainda vai conseguir ver vocês!

O som se tornou cada vez mais próximo até que o ressoar de rodas virando notificou que o robô tinha entrado no corredor.

— De-desculpa. – Elliot sussurrou baixinho antes de envolver sua mão direita na cintura de Kayla e puxá-la para perto de uma vez. Ele prendeu o corpo dela ao seu, segurando com força.

— De-deu! Deu certo! O escudo de invisibilidade está ativado! – Miguel comemorou, estourando o tímpano de ambos. — o robô não consegue vê-los, agora é só esperar ele passar.

Kayla prendeu a respiração, certa de que na verdade não conseguiria respirar de qualquer forma. Seu rosto estava tão próximo de Elliot que ela podia sentir a respiração dele acima de si e ouvir as batidas aceleradas do coração sobre seu peito. Se estivessem um pouco mais perto, diria que até conseguia ouvir seus pensamentos. Ele mantinha o braço preso em sua cintura, sua mão forte segurando, de forma gentil, porém, firme, o corpo da oráculo, sem deixá-la cair um centímetro sequer para trás.

Depois de alguns instantes fitando o chão, ela finalmente levantou a cabeça, seu olhar encontrou o de Elliot, que já a observava por todo esse tempo. Ele puxou o ar com a boca entreaberta, parecia estar tendo tanta dificuldade para respirar quanto ela. De repente, o oxigênio não pareceu mais o problema, nem mesmo toda a situação em que eles se encontravam.

Kayla se sentiu irresistivelmente atraída à ele, assim como a força gravitacional de um planeta, assim como a Gravidade em si. Como se dois corpos fossem atraídos um ao outro por uma força exterior muito maior do que eles mesmos. Eram dois planetas orbitando um em volta do outro naquele momento e nada mais. Então ela aproximou o rosto apenas um centímetro, não pode resistir, e Elliot instantaneamente repetiu o movimento.

— ELE JÁ FOI! – a voz estridente de Miguel ecoou nos comunicadores.

Elliot e Kayla se afastaram, assustados e ofegantes. Ela passou as mãos no rosto e afastou o olhar, recuperando a respiração.

— Vamos! – correu de uma vez até a porta, logo à frente deles.

Elliot desativou o escudo, guardou o aro e a seguiu.

Eles entraram no cômodo que também estava vazio, no entanto,com sinais de que pessoas haviam estado ali há pouco tempo.

— Teremos que ser rápidos. – Elliot correu até o grande painel que ocupava o lugar e se sentou na cadeira.

— Sim. Está com as plantas aí? – Kayla perguntou, chegando ao seu lado.

— Estou. – Elliot tirou um pequeno *pendrive* e inseriu no painel da máquina à sua frente.

A imagem das três plantas apareceram na tela que ocupava metade da parede e, ativando o localizador de forma manual, a máquina começou a procurar por algo no registro que correspondesse aos arquivos enviados.

— Vamos, por favor. – Kayla cruzou as mãos. — Só precisa estar no sistema, se é o mesmo sistema do início, Bosei vai constar nele. – sussurrou para si mesma e naquele momento percebeu que seu desejo de encontrar a nave era maior do que o seu medo pilotá-la.

Seu corpo ainda temia, mas seu coração também queimava pelo cumprimento da promessa. Bosei era o último passo, era tudo o que eles precisavam. Se a nave ainda existia, então, existiria um caminho. Se a nave ainda existia, então, a Gravidade não havia se atrasado como muitos pensavam. Se a nave ainda existia, então, nenhuma morte ou dor tinha sido em vão. Se a nave ainda existia, então, tudo ainda fazia parte de um grande plano.

‘NAVE-MÃE BOSEI ENCONTRADA’

O computador avisou, mostrando a mensagem em uma caixa verde.

A imagem do mapa ao fundo, ainda estava sendo carregada.

— Vamos, vamos. – Kayla sussurrou.

A mensagem verde desapareceu, e o mapa se tornou claro na frente deles, com uma seta apontando para a localização de Bosei.

— Espera… – Elliot se levantou da cadeira, sem conseguir acreditar.

— Isso-isso não faz sentido nenhum. – Kayla balbuciou ao seu lado. — Essa é a localização do palácio, não tem como uma nave desse tamanho estar escondida… — as palavras falharam em sua boca, e ela ficou em silêncio. Seu rosto se moveu até encontrar com o de Elliot. — Não, não pode ser. Estava na nossa cara todo esse tempo.

— Sim. – Elliot maneou a cabeça, incrédulo.

— A nave *é* o palácio. – Ela balbuciou, as batidas do coração zunindo na sua cabeça à medida que percebia. — Eu estive morando sobre a estrutura de Bosei por toda a minha vida.



Vida longa à princesa

Naquele momento, nada mais fazia sentido para Kayla. Ela correu os olhos pelo cômodo em que se encontravam, as luzes no painel piscando, apontando para a localização da nave e o silêncio amedrontador escorrendo por todo o espaço, como se o próprio prédio tivesse parado para assistir sua reação.

— Kayla… – a voz de Elliot soava como um alto zunido a sua volta. Tudo estava errado.

— Esteve literalmente sob os meus pés, todo esse tempo… – sussurrou. — E eu nunca senti…

— Você não sabia, nenhum de nós sabíamos. É a *droga* de um palácio! Não, não se parece com uma nave… – a voz dele estava carregada de confusão e descrença.

— É verdade… – o olhar da mulher voltou para o painel. — Não parece, mas eu deveria saber, eu deveria ter sentido em algum momento. Uma oráculo de *verdade* perceberia. – falou a última parte com amargura, insegurança e a raiva lhe subindo ao peito.

— Não, não perceberia! – Elliot a refutou, se aproximando. — Ninguém percebeu, Kay. Até hoje Bosei estava *perdida*. As plantas haviam desaparecido junto com tudo mais que sabíamos sobre ela.

— Acha que os lunares estavam tentando escondê-la? Que… Cal-uya sabia esse tempo todo que o palácio é uma nave? – a mente da princesa girava como mil engrenagens.

Elliot ouviu um barulho de uma trava de porta sendo desativada ao longe.

— Acho que está na hora é de sairmos daqui. – falou e pegou a mão dela.

Antes de contestar, Kayla já estava sendo puxada para o lado de fora. Correram pelo corredor que ainda se mantinha vazio, fazendo o caminho de volta.

— Ainda está aí, Miguel? – Elliot perguntou no comunicador.

Do outro lado, Miguel engoliu em seco.

— Confuso e em choque, mas estou. – respondeu. — As câmeras continuam bloqueadas, podem continuar.

— Ótimo.

Eles percorreram o corredor vazio e viraram à esquerda, onde uma figura inesperada surgiu à sua frente.

O lunar, completamente absorto no óculos-tela que cobria metade de seu rosto, pareceu tão surpreso quanto eles com o encontro.

— Miguel… – Elliot rosnou baixinho, atônito.

O homem piscou e desativou a tela que brilhava sobre seu rosto.

— O que estão fazendo aqui? Precisamos de todos os cientistas trabalhando no setor norte… – as palavras lhe sumiram dos lábios assim que seu olhar parou em Kayla.

— Princesa Tal-uya? – a pele dela agora era quase como a de um humano qualquer, e o cabelo preto preso dentro do capacete, a deixava nada parecida com a princesa que foi um dia. Ainda assim, ele a reconheceu.

— Zion? – ela cerrou os lábios, o coração saltando pelo peito.

— S-sim, minha princesa.

Droga.

De todas as pessoas que poderia encontrar, encontrou justo um grimaldiano que já a conhecia. Ela sabia que fingir naquele momento não lhe valeria de nada. Zion a reconheceu, e qualquer lunar que a olhasse por tempo o suficiente faria o mesmo.

— Zion – falou finalmente, com um suspiro. — Você foi gentil comigo no dia do baile e espero ter causado a mesma impressão em você. Eu nem sei como começar a explicar, mas preciso que nos ajude. Poderia confiar em mim? – ela finalizou com o melhor sorriso. Foi o mais doce e sedutor que conseguiu recuperar de sua memória, da época que acreditava ter algum efeito nos homens. Da época que se importava com isso.

Completamente idiota, Kayla.

— Mas… – ele balbuciou, visivelmente perdido. — Você foi levada pelos humanos e-e agora você se parece com eles…

Kayla engoliu em seco.

— Eu *sou* humana, Zion. E eu não fui levada, eu… fugi. Nem tudo no Império é o que parece, inteligente como é, você já deve ter percebido.

— Nossa tecnologia… ela tem origem na Terra. – ele assentiu, olhando em volta.

— Exato. Os humanos não querem a guerra, tudo o que queremos é voltar para a Terra. Nós deixaremos os lunares em paz, só precisamos da nossa nave.

Nossa nave, a frase ecoou na cabeça dela, reafirmando que agora era mesmo uma humana.

— A nave ancestral humana? Ela é uma lenda, provavelmente foi desmantelada há séculos atrás.

— Não, ela…

— Então vocês não sabem? – Elliot cortou Kayla.

— Sabemos o *quê*?

— Não importa. – a princesa balançou a cabeça. — Precisamos sair daqui… Eu sei que isso é pedir muito, mas você mesmo disse que nunca foi o maior fã da política. Estaria disposto a se rebelar apenas por alguns minutos e nos deixar ir sem avisar a ninguém? – sorriu novamente e estreitou os olhos, pendendo a cabeça. Era um pedido de socorro e era completamente honesto.

— Renunciou o povo lunar, então? – ojovem de cabelos encaracolados perguntou, devastado.

— Foi necessário.

— Se te deixar ir nunca mais vou te ver, não é?

— Para o bem de nós dois, eu espero que sim. – Abaixou o olhar, o sorriso se esvaindo.

O lunar hesitou por alguns instantes e então se moveu até a porta mais próxima, abrindo-a com sua digital.

— Tudo bem. – falou de forma fria e triste. — Não ouvirão nada de mim.

— Ah, *muito* obrigada, Zion. – encostou a mão no ombro dele. — Eu não me esquecerei.

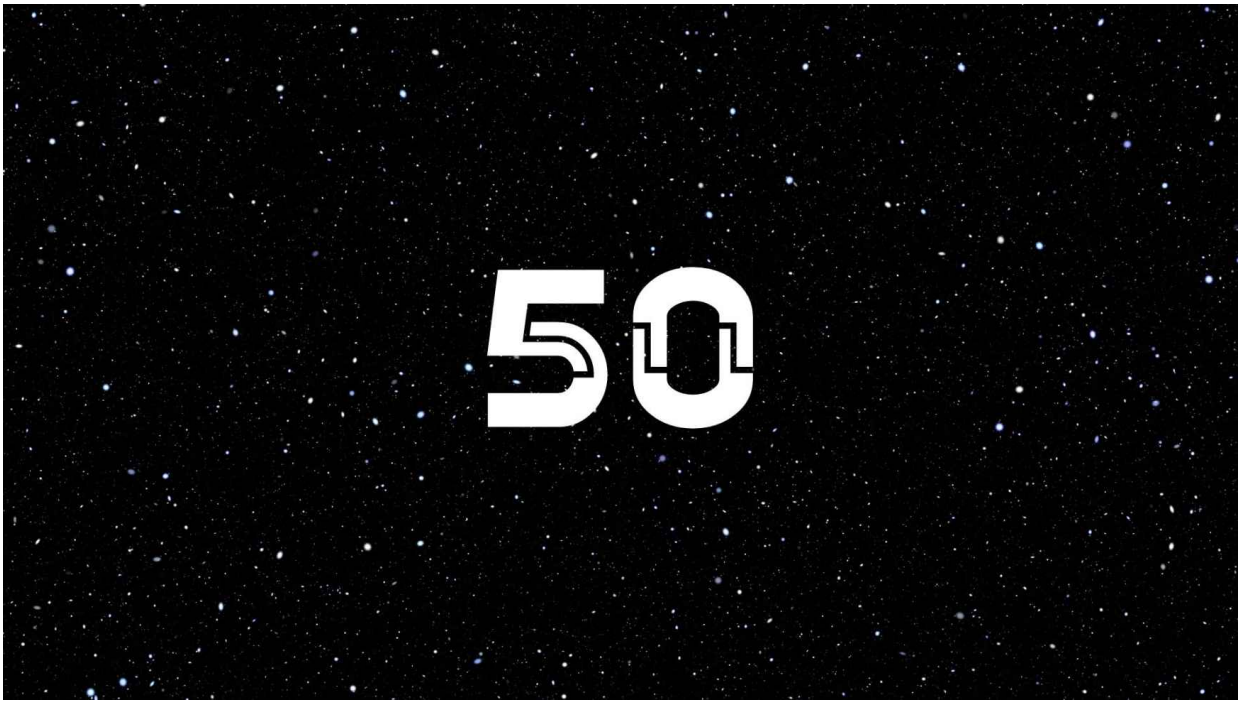
— Vida longa à princesa. – ele falou de forma melancólica, afastando o corpo.

Aquilo causou uma dor repentina no estômago de Kayla. Não era mais a princesa, era? Já havia tido um título e um povo, só que aquela não era mais ela.

— Vamos. – Elliot guiou seu corpo gentilmente até a porta enquanto ela sentia suas pernas dormentes.

Foi quando saíram que a realidade a despertou. O barulho de tiros misturado às sirenes dos diferentes distritos apitando, fez a adrenalina voltar ao seu corpo, e ela correu ao lado de Elliot até alcançarem os escombros que escondiam a nave com que vieram.

Lilian abriu a porta assim que eles chegaram e em um pulo os dois entraram. A nave, se misturando à paisagem à volta, alçou voo.



O plano dos primeiros humanos

—Mas que droga! – Miguel exclamou assim que eles entraram.

— Pois é. – Elliot concordou ofegante, sentando ao lado de Kayla e ainda segurando sua mão.

Com os olhos fechados, ela tombou a cabeça na cadeira, querendo esquecer de tudo e de todos por alguns instantes. Era uma desertora, Zion a fez se sentir dessa forma, porém, ao mesmo tempo, nunca havia pertencido àquele título. Era uma humana, uma oráculo, era tantas coisas e ao mesmo tempo não se sentia nenhuma delas.

E ainda tinha a nave, a tecnologia mais singular criada por mãos humanas, o caminho pelo qual a Gravidade cumpriria sua promessa. Essa mesma nave, que havia desaparecido misteriosamente séculos atrás, estava sob seus pés por todos esses anos.

— Eu ainda não entendo… – Kayla sussurrou, dando voz aos seus pensamentos.

Ela sentiu a mão de Elliot escorrendo para fora da sua e sua pele tremeu com o ato.

— Por que eles fariam isso? – a voz de seu parceiro falou próximo ao seu rosto. — Por que os lunares esconderam a nave em um lugar tão óbvio? Por que o palácio?

— Bom, foi eficaz, não foi? – Miguel falou irritado da cabine. — Fomos burros de não perceber por todos esses anos.

— Espera. – Kayla abriu os olhos, estreitando o corpo. — E se eles não soubessem?

— Como assim? – Lilian questinou do outro lado da nave.

— As plantas da nave estavam desaparecidas até então e Elliot tem razão, o palácio não se parece… *Lobos da lua*. – as pupilas dilatadas encontraram o homem ao seu lado.

— O quê?! – ele perguntou, confuso.

— Quando eu fugi do palácio. Os arquivos do sistema mostravam algumas áreas do palácio escondidas, inutilizadas. Foi por um corredor assim que eu fugi. Era como se houvesse… uma construção por cima de outra.

— O palácio foi construído em cima da nave. – disse Elliot ao seu lado.

— Por que fizeram isso? O que os lunares ganhariam com algo assim? – Lilian perguntou com a sobrancelha franzida.

— Só que *não* foram os lunares que construíram o palácio. – Elliot falou de repente, tudo se tornando claro para ele.

— Exato. – Kayla concordou com um sorriso.

— Os alicerces da cidade, assim como as construções mais antigas foram feitas pelos humanos, antes da revolta de Kepler e a criação do Império. – o oráculo continuou.

— E uma dessas construções sendo o Palácio. – Lilian completou arqueando as sobrancelhas e abrindo a boca.

— Marta e Ayo provavelmente estavam à frente disso. – a oráculo acrescentou. — Por isso, as plantas da nave foram escondidas e a estrutura do palácio modificada. Para que ela estivesse sempre protegida, sempre próxima, adormecida…

— Até que fosse encontrada e ativada… – Elliot continuou.

— Pelo último casal de oráculos. – assim que falou, o olhar da princesa se encontrou com o dele.

Ambos extasiados com a descoberta, o medo e a adrenalina pulsando pelo corpo e estampada no olhar.

Tudo escureceu assim que a nave adentrou uma das cavernas subterrâneas, mergulhando entre os túneis silenciosos.

— Mas ainda é o palácio. – Lilian resmungou depois de um tempo, cortando o silêncio. — É o lugar mais protegido de toda a superfície. Como iremos tomá-lo? Não-não faz nenhum sentido.

A nave pousou no chão de pedra, balançando todos em seus assentos.

— A resposta é simples, minha querida Lilian. – Miguel saiu andando de forma dançante da cabine, seus olhos faiscando com as possibilidades. — Se a nave está escondida, protegida pela construção que foi feita em volta, então, a única forma de ativá-la é óbvia: destruindo o palácio.

— O quê? Não. Você está louco?

— Miguel tem razão. – Elliot se aproximou do amigo, se agachando, concordando com ele. — Isso já estava premeditado. Quem construiu o palácio sabia que ele era *isso*, um casulo que eventualmente teria que ser destruído.

— Então, sua ideia é evacuar o palácio e… explodi-lo? – Lilian perguntou.

— Não, claro que não. Se tudo isso foi feito de forma intencional, deve haver um *gatilho*, alguma ativação que leve a nave de volta à sua forma original. E sim, até lá o palácio teria que ser evacuado.

— Por que isso parece cada vez mais *impossível*? – Kayla grunhiu, se levantando da cadeira. — Por que ela não podia estar enterrada no deserto? Ou… escondida no subsolo? Por que ela tinha que estar no último lugar em que deveria estar? – rangeu os dentes, se sentindo cada vez mais frustrada com os rumos que sua vida estava tomando.

— Por causa de Cal-uya. – Elliot engoliu em seco. — Não vamos ter escapatória. Para deixar a Lua, teremos que enfrentá-la.



O lado escuro da lua

Vestida com um longa bata lilás que caia até os pés, Cal-uya via de cima toda sua cidade em guerra. Estava sendo levada por um aerodeslizador até o lado escuro da lua. A nave viajava de forma silenciosa e suave, cortando o céu negro e passando quase despercebida no horizonte. Era a pior hora para sair do palácio, mas ela simplesmente precisava de respostas sobre os humanos, sobre sua mãe e sobre tudo.

A nave adentrou o deserto gélido do planeta, se afastando mais e mais da grande metrópole. À medida que se distanciava, conseguia ver melhor a redoma translúcida que cobria a cidade e os mais altos prédios, era ela que deixava o céu arroxeado e que permitia que a vida florescesse na superfície.

Cal-uya sabia a história: séculos atrás seus ancestrais moravam em cavernas, espalhados por todo o núcleo do satélite. A atmosfera do subsolo era menos rarefeita, com oxigênio o suficiente para a existência de vida. Enquanto a superfície era completamente inabitável, feita de hidrogênio e argônio. Com a chegada do povo humano e sua avançada tecnologia, a

superfície foi sendo lentamente modificada, através de terraformação e da construção dos biossatélites que criavam a redoma, até aquela parte do planeta se tornar plenamente habitável para lunares e humanos.

Porém, o povo lunar era vasto e dividido e não foram todos que aceitaram de bom grado a chegada e o *avanço* promovido pelos humanos. Algumas comunidades se mantiveram reclusas no subsolo, guardando consigo as tradições e costumes ancestrais da raça.

Cal-uya só havia ido até a caverna dos *Mare Nectaris* uma única vez, há muito tempo atrás. Os humanos não eram aceitos, mas todo lunar que buscasse ajuda dos *mare* era recebido.

A nave adentrou uma abertura na terra, mergulhando em um largo túnel sem qualquer iluminação. Bastaram alguns minutos de silêncio para chegarem nas portas da primeira comunidade. Esculpida da própria rocha, a porta era alta e majestosa, com arabescos desenhados por toda a extensão. Nele havia a história dos lunares.

Dois guardas estavam à frente e caminharam até a nave. Em seguida, sinalizaram para que ela pousasse. Assim que a nave tocou o chão, a escotilha foi aberta e Cal-uya desceu por ela, exibindo o olhar firme, seguro e o cabelo verde preso em um alto coque. Ao reconhecerem-na, os guardas fizeram uma pequena saudação. Eram um povo livre, mas ainda assim respeitavam o Império.

A nave permaneceu do lado de fora com os pilotos, e ela foi guiada para dentro. O povo *mare* era contra qualquer tipo de tecnologia, por isso, insistiam em manter a vida da mesma forma que ela era há séculos atrás.

Todas as casas eram esculpidas na própria rocha, e o que iluminava a densa escuridão das cavernas, eram lanternas incandescentes, presas em todo o teto, parecendo um céu estrelado.

— Eu vim ver Mie-xea Drigoi. – ela comunicou aos guardas na língua ancestral.

O seu *lur* estava enferrujado, pois havia anos que não praticava.

— E ela você verá. – o guarda ao seu lado esquerdo respondeu, a deixando aliviada por ter sido entendida.

Eles a escoltaram até uma grande construção de pedra, cuja memória permanecia intacta no seu inconsciente. A levaram até a mansão de Mie-xea Drigoi, a imortal bruxa lunar.

Diziam que ela fez pacto com o próprio Vazio, para que seus anos não fossem mais contados e a morte não viesse procurá-la, mas isso havia

trazido consequências inesperadas e a principal foi com sua aparência. O Vazio lhe deu toda a vida que queria, só que isso custou sua capacidade de ver beleza à sua volta. Seus olhos foram engolidos para dentro, e no lugar havia apenas a pele acinzentada com cicatrizes. Não mais capaz de ver o mundo físico, contudo, ela dizia poder ver o mundo invisível, e era isso que atraía diferentes lunares para sua casa, enriquecendo-a, assim como a comunidade que regia.

A porta circular da mansão de pedra rolou para o lado, movida por engrenagens e convidando Cal-uya a entrar.

O lugar era iluminado por velas posicionadas no chão, fazendo uma trilha a se seguir. Haviam pessoas nas extremidades, sentadas em mesas e conversando entre sussurros, mas nenhuma se dirigiu a ela.

— Princesa Cal-uya. – a voz eletrizante da bruxa a chamou do trono de pedra onde estava sentada.

O olhar de Cal se encontrou com o vulto da misteriosa mulher, e por um instante ela se sentiu criança, como quando visitou aquele lugar há muitos anos atrás, acompanhada de sua mãe. Respirou fundo, recuperou a coragem e caminhou até ela.

— Madame Drigoi, muito obrigada por me receber em sua casa. – falou em lur.

— Todo lunar é bem vindo em Nectaris, é como deve ser.

— É claro. – a princesa assentiu. — Como deve ser.

— Em que posso ajudá-la, alteza? Há muitos anos esperava sua visita.

— Eu busco o seu… conselho. – Cal-uya deu um passo à frente, se aproximando mais do trono. — E também gostaria que investigasse o meu futuro.

— A arte de ver o mundo invisível e suas diferentes ondulações não é barata, princesa regente. O que está disposta a dar? E não me venha com seus apetrechos tecnológicos que não me servem de nada.

De dentro da capa, a princesa tirou uma pequena esfera de no máximo quatro centímetros e a posicionou aos pés do altar. Era branca e destoava de forma gritante da pedra escura da qual o ambiente havia sido feito.

— Uma pérola do mar das crises. Ouvi dizer que a senhora estava em busca de uma para sua coleção.

O rosto sem olhos da mulher se mexeu, surpresa e um sorriso horripilante cresceu em seus lábios arroxeados.

— Ah, princesa, você nunca me decepciona! Me diga o que precisa.

— O que se sabe sobre a suposta *promessa* na qual os humanos acreditam? Eles estão mesmo destinados a deixar a Lua?

— Hum… é claro que essa é a pergunta que a atribula. Especialmente em um tempo como esse.

— Como assim?

— É um tempo de alinhamento, alteza. As estrelas no céu e o próprio planeta tem nos avisado disso. Os humanos não pertencem a este mundo e estão fadados a deixá-lo. Existe, porém… – o rosto da mulher se comprimiu em dor. — Uma *força* por trás deles, o espírito invisível que se move entre planetas…

— A-a Gravidade, é a divindade *deles*.

— Ah, *não* querida, a Gravidade não pertence aos humanos. Pelo contrário, todo o universo pertence a ela. É ela quem cria e destrói os planetas, quem propicia a vida e também a extermina. Incontrolável e incompreensível, ela é o oposto do Vazio e é precisamente por isso que deve se manter longe dela.

— E por que uma força como essa se comprometeria aos humanos?

— Porque ela quis, e eu temo dizer que essa é a única resposta possível quando se fala da Gravidade.

— Lobos da lua… – a princesa rangeu os dentes.

— Minha princesa – a bruxa a chamou –, o ódio pelos humanos cegou sua mãe no passado, não permita que faça o mesmo com você. Não se oponha à vontade da gravidade. Um asteroide não pode lutar contra uma supernova.

— Mas eu, eu não *posso* simplesmente deixá-los ir…

— *O espírito que vive, de sua mãe, não é mais lunar* – a voz da mulher mudou de repente, se tornando aguda e penetrante como o ferro. — *Ele é fruto de experimentos proibidos que cruzam a barreira do natural. A Gravidade virá por ela, cobrando o preço e poderá levar você junto.*

O ambiente se tornou instantaneamente mais escuro e os pelos do braço de Cal-uya arrepiaram. Ela sentiu um medo diferente se apossar do seu coração, temeu mais do que por sua vida, temeu pelo seu povo e pelo destino que os aguardava.

— *A princesa regente carrega nas mãos o futuro* – a bruxa profetizou, – *ela há de ferir o seu planeta e ela há de salvá-lo. No alinhamento dos tempos, o destino dos clãs será selado.*



Acredite na promessa

Todo o quarto girava em volta de Kayla assim que ela sentou na cama depois de tomar um banho.

Eles se apresentaram a Reuel trazendo a notícia e uma reunião de emergência foi marcada para a manhã seguinte. O casal de oráculos foi liberado e orientado a descansar e, se possível, ouvir algo da gravidade.

Descanso era uma palavra quase desconhecida para o corpo e a mente exausta da antiga princesa. Por mais que piscasse com força e pressionasse suas mãos contra as pálpebras, nada fazia o mundo à sua volta, voltar ao lugar.

A Gravidade. Cal-uya. Elliot. Zion. A guerra. A nave. A Gravidade.

Tudo parecia estar levando-a cada vez mais para o fundo, enchendo sua mente de mais informações do que ela conseguia processar. Se levantou, com o quarto ainda girando e mirou incisiva em direção ao banheiro, forçando suas pernas a se moverem.

O ar tinha um gosto salgado e o chão tinha uma superfície pegajosa, a puxando para baixo. Alcançou o banheiro a tempo de começar a vomitar,

colocando tudo para fora na privada, tudo o que comeu, tudo o que sentiu e tudo o que viveu nos últimos dias.

Lágrimas rebeldes rolaram pelo seu rosto no processo enquanto seu estômago se contorcia em seu abdômen, ela se sentia ainda mais fraca do que antes.

O que era ela? Mulher, princesa, humana, oráculo? Vazio, nada.

Sua cabeça pendeu para baixo enquanto a sua visão turva mostrava a silhueta de um robô: M4 se aproximando.

Naquele momento algo estranho aconteceu, pela primeira vez Kayla *viu* a gravidade. Enxergou além da realidade material à sua volta e a fraqueza da sua mente despertou algo diferente, uma sensibilidade antes adormecida. Ela viu com os olhos embaçados um fino véu branco e translúcido: a *força* que mantinha tudo em seu lugar. O véu percorria o cômodo à sua volta, assim como seu corpo fraco caído no chão, segurando tudo no lugar. A Gravidade a tudo cobria, a tudo segurava e a tudo preenchia. Ainda assim, ela se sentia tão vazia.

Com a ajuda do robô, caminhou entre tropeços até a cama. Lágrimas de medo, rolavam por seu rosto. Se a Gravidade era forte o suficiente, por que precisava dela para fazer aquilo? Por que colocar um fardo tão pesado em uma criatura tão pequena e tão fadada ao fracasso?

Ela deitou na cama, a baba se misturando com as lágrimas e esperou pacientemente até o quarto parar de girar.

— M4 – fez força para sussurrar.

— *Sim, minha senhora. Estou aqui.*

— Você pode repetir pra mim, aquele poema que os pais humanos ensinam aos seus filhos?

— *O poema de seu sonho? É claro*.

As engrenagens do robô começaram a fazer barulho, e um pequeno holograma foi refletido rente ao pé da cama.

— *Eu vivi os meus dias contando as estrelas, colecionando as dores que me trouxeram até esse planeta,* — a voz mecânica do robô começou. — *Sou forasteiro em uma terra estrangeira,*

sinto saudades de um mundo que nunca vi,

e pergunto se nossa história acabará por aqui.

Mas ninguém é órfão se tem um lar para onde voltar,

somos filhos do sol e herdeiros do mar,

em nosso sangue está cravado a promessa,

de que um dia, juntos,
retornaremos para a Terra.

Assim que o robô terminou, nada mais foi dito. E a cada respiro que dava, Kayla tentava recuperar as forças, enquanto refletia sobre as estrofes.

— Você acha que eu consigo, M4? – Ela perguntou depois de um tempo, com os olhos ainda fechados, checando se o robô ainda estava ali. — Fazer tudo isso. Enfrentar Cal-uya, recuperar a nave e levar o povo humano de volta à Terra?

O robô demorou para responder, como se ponderasse a pergunta.

— *Sozinha, não*. – respondeu finalmente.

Kayla bufou.

— Mas Elliot parece tão perdido quanto eu e…

— *Não é de Elliot a quem me refiro.* – orobô a interrompeu. — *Mas sim a Gravidade*.

Kayla bufou novamente, frustrada e se levantou com dificuldade.

— Não é simples como parece, M4 — ela se sentou, com os olhos marejados. — Nada é! *Especialmente* a Gravidade. Nada é claro ou simples, o próprio fato de uma força desta magnitude ter me escolhido já não faz *sentido*… Não-não tem como você entender, é só um robô.

— *E por que acha que eu não entendo o que é ser pequeno?* – o robô falou de forma segura, a surpreendendo. — *O que é ser criado por alguém maior que você?*

— Eu não…

— *As minhas engrenagens e o meu sistema, por mais avançado que possam ser, não são nada comparado ao seu cérebro humano e a cada neurônio que o constitui. Da mesma forma que até a raça mais avançada não é nada comparada à consciência que rege o universo.*

Kayla levantou o olhar lentamente, incapaz de segurar um pequeno sorriso que nasceu em seus lábios. Surpresa, M4 sempre a deixava surpresa.

— *Você é tão assustadora pra mim, minha senhora, quanto a Gravidade é pra você. E mesmo assim eu te amo e continuo te servindo. Não só porque está na minha programação, também porque eu quero.*

— Você com certeza não é um robô comum, M4. – ela semicerrou os olhos. — Eu imagino quem foi que te fez…

— *Então, respondendo sua pergunta, sim, acredito que é capaz de fazer tudo que a Gravidade está te chamando para fazer* –orobô voltou a

pergunta. — *Se depender dela. Essa promessa foi feita antes de você nascer e vai continuar sendo muito maior do que você.*

— Eu espero que sim. – Kayla murmurou, coçando os olhos. – Eu só não consigo imaginar como faremos Cal-uya ceder. Não queria que ninguém mais tivesse que morrer por causa disso, não queria que ninguém tivesse morrido.

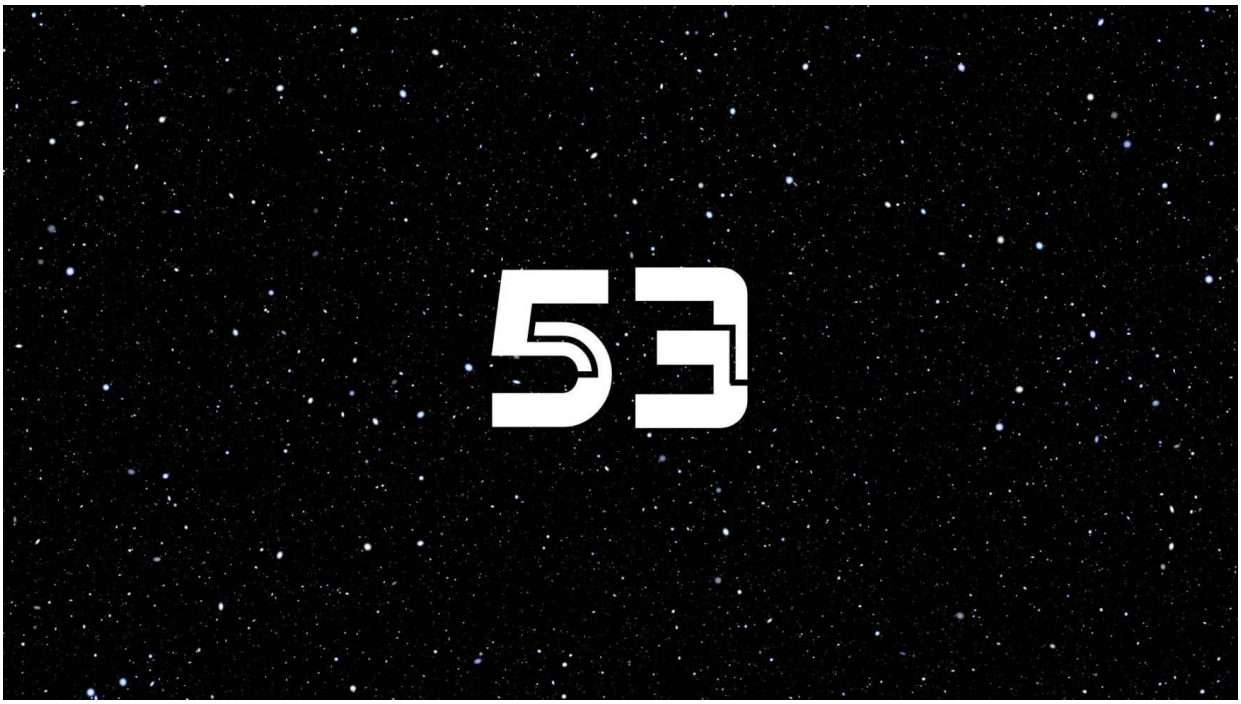
O choro voltou a arder em sua garganta, e ela se lembrou de Mirya. Nem tinha conseguido processar sua partida ou ao menos estar de luto por ela.

— *Parece que toda forma de vida está sempre propensa à guerra. Não é algo que eu, como robô, consigo compreender, mas é como as coisas são. A morte sempre é uma possibilidade.*

— Pois é. Esse é o problema… – Kayla fungou e então, deitou novamente no travesseiro, sentindo sua cabeça afundar. — Eu não gosto muito dela.

Seus olhos finalmente pesaram e mesmo com o mal estar que sentia, ela permitiu seu corpo descansar. Lentamente, sentiu tudo ficar mais leve: os medos, os problemas, o colchão e o cômodo à sua volta.

Pela primeira vez, Kayla dormiu uma noite sem sonhos. Nem a Gravidade, nem as memórias dos antigos oráculos vieram atormentá-la, apenas uma frase ecoou repetidamente em sua mente, suave como um sussurro, incessante como um lembrete: *Acredite na promessa*.



Dois planetas orbitando o mesmo Sol

Acredite na promessa.

Kayla acordou sonolenta, com o estômago roncando e aquela frase ressoando em sua mente. Era simples e insistente: acredite na promessa, acredite na promessa, acredite na promessa.

Ela levantou o corpo na cama, irritada.

— Está bem, eu já entendi. – sussurrou para as paredes.

Seu estômago vazio se contorcia na barriga, e ela entendeu que se quisesse estar viva para guiar a humanidade, tinha que aprender a comer regularmente primeiro.

Saiu do colchão com dificuldade, o pijama branco que usava balançando a cada movimento. Em pé na beirada da cama, ela sentiu a estabilidade de volta ao seus membros e percebeu que o quarto não girava mais, o que em si, já era um grande alívio.

M4 estava desativado, deitado na porta do banheiro, e ela calçou os sapatos de forma silenciosa para não o acordar. Colocou um casaco militar

verde que havia sobre a porta e saiu.

O corredor estava silencioso, e as luzes no teto iluminavam o caminho para onde os alojamentos acabavam. Ela caminhou observando cada detalhe do espaço, não tinha tido tempo para fazer isso antes. Era uma instalação simples e parecia ter sido construída às pressas. Reparou que eram nos pequenos detalhes que os humanos tentavam fazê-la sua casa. Algumas portas estavam decoradas com placas diferentes ou desenhos de crianças, provavelmente das famílias que moravam ali. Não tinha tido tempo de conhecer ninguém, de ver e conhecer os rostos cujas vidas dependiam dela. Talvez era até melhor que fosse assim.

Kayla andou, guiada pelas placas nas paredes, até chegar ao refeitório mais próximo. O lugar era longo, com cinco corredores de mesas e uma cozinha industrial ao fundo. No centro, entre um corredor e outro, brilhava um holograma, o mesmo holograma de sempre, mostrando o relógio dos 400 anos e os dias que faltavam naquele momento. 8 dias e 20 horas, para ser exato.

Um arrepio percorreu sua nunca. Era apavorante ver o tempo passar e sentir que cada vez tinha menos controle de tudo. Ela balançou a cabeça e afastou aquele pensamento, naquele momento queria apenas comer até se esquecer de tudo. A luz da cozinha estava acesa, e ela caminhou até lá, imaginando que seria alguém da limpeza.

—Boa noite – falou assim que entrou, procurando por algum rosto. — Eu não jantei ontem à noite e… Elliot?

O oráculo estava no canto da cozinha, com um olhar assustado enquanto não sabia o que fazer com o prato em suas mãos.

— Oi. – ele arregalou os olhos como uma criança que tinha sido pega em flagrante.

— Estava comendo escondido?! – ela se aproximou sem conseguir conter o sorriso.

— Não é sábio deixar um bolo na geladeira. *Sem nome*! Eu prometi a mim mesmo que compraria outro pela manhã e então meu delito nunca seria descoberto. – Ele justificou com uma careta, o sorriso se estendendo nos lábios.

— Bom, eu estou aqui agora, acaba de ser descoberto.

Elliot limpou a boca e, com um sorriso, colocou o prato na bancada.

— E o que você vai fazer com essa informação? – ele cerrou as sobrancelhas, provocando.

— Eu vou te chantagear, é claro. – Kayla deu de ombros, se aproximando um pouco mais. — E fazer com que divida o bolo comigo.

Elliot não conteve a risada e com um sorriso, pegou um segundo garfo na gaveta e entregou à ela.

— Vamos ser criminosos juntos, então.

— Juntos. – ela assentiu, pegando o talher e dando uma garfada no bolo.

Eles comeram silenciosamente, acabando com o bolo da pobre alma que o havia deixado na geladeira. Elliot percebeu que Kayla estava com fome e então deixou todo o restante para ela.

— Isso foi a melhor coisa que comi em dias! – Ela exclamou depois de limpar o prato, se sentando na cadeira que havia na bancada ao lado.

— Há quanto tempo exatamente você não come? – ele perguntou, preocupado.

— Eu não sei, mal tenho tempo pra isso, Elliot, mal tenho tempo pra… respirar. – colocou o cotovelo na mesa e pousou a cabeça na mão.

— Eu sei… – ele se aproximou e sentou ao seu lado. — Mas não pode negligenciar sua saúde, me desculpe por não ter percebido.

— Não, não foi sua culpa, é só que *tudo isso* – balançou a mão livre em um círculo, – é demais pra mim, é *muito* pesado e… e eu sinto que não vou aguentar.

— Então divida comigo. Vamos dividir o peso, acho que é *exatamente* o que devemos fazer. – o olhar dele se encontrou com o dela, doce e preocupado. —... Como o casal de oráculos.

— É… – Kayla sussurrou, abaixando o olhar. — Acho que sim.

— Olha, eu tive uma ideia. – Elliot falou de forma empolgante, tentando animá-la um pouco.

— O que é? – ela indagou com um sorriso fraco.

— Um medo e um sonho. Me conte qual o seu maior medo e o seu maior sonho, nessa ordem. – ele explicou, com um sorriso vibrante. — Porém, nesse medo e nesse sonho não podem incluir nada óbvio, como… o eminente destino da humanidade, por exemplo.

Os dois riram quando ele falou isso.

— Algo simples, pequeno, porém que é importante pra você. – concluiu com um pequeno sorriso, os lábios fechados.

— Você começa. – Kayla provocou, com a sobrancelha arqueada.

— Ah é? Tu-tudo bem. — Elliot pôs a mão na testa, pensativo. — Sabe, eu *literalmente* acabei de criar isso, então…

— Eu estou esperando. – ela provocou mais uma vez, com um sorriso.

— Sempre tão impaciente. – ele revirou os olhos. — Tudo bem, tudo bem, acho que pensei em algo. – estendeu a mão para ela, como uma criança entusiasmada.

— Vamos então. – ela incentivou.

— Lobos da lua. – falou de repente, com as sobrancelhas arqueadas.

— O quê? – Kayla riu.

— Eu tenho pavor deles, tenho mesmo, desde que era pequeno.

Kayla colocou a mão na boca, sem conter a risada e o quanto aquilo a pegou de surpresa.

— Mas eles são inofensivos, vivem reclusos nas dunas e provavelmente têm mais medo de você do que você deles.

— Hoje eu sei, mas explica isso para o Elliot de oito anos? Traumatizado por *tooda* a vida. – ele falou de forma dramática.

— Isso é… incrível. – Kayla riu, sentindo uma paz estranha tomar lugar no seu coração. Era bom estar com ele, era *sempre* bom. — Agora o sonho.

Elliot olhou em volta, visivelmente envergonhado assim que a resposta veio à sua mente.

— O que é? – Kayla perguntou curiosa.

— Eu pensei em algo, mas…

— Não, me fala! Esse sonho aí, é *esse* que eu quero. – despejou sem nem considerar suas palavras.

— Tudo bem. – ele estendeu as mãos para o alto. — Eu sempre fui muito próximo do meu pai, sabe? – coçou a garganta. — Ainda mais depois que perdemos a minha mãe. Ele sempre foi um exemplo pra mim e… desde adolescente, eu acredito, esse sonho *nasceu* no meu inconsciente. – o rapaz respirou fundo. — Eu quero ser pai, sempre quis. – falou finalmente. — Quero fazer para os meus filhos o mesmo que o meu pai fez por mim. Eu acabava atrelando muito isso ao voltarmos ou não para a Terra, mas decidi que independentemente do que acontecer, quero ser pai. Seja na Lua, na Terra ou em qualquer outro lugar. – ele falou rindo e percebeu que Kayla se mantinha silenciosa à sua frente. — É isso, esse é um dos meus sonhos. – coçou a garganta, inspecionando a feição dela com os olhos.

— Isso é… lindo, Elliot, é um sonho lindo. – Kayla sussurrou finalmente, mergulhada no olhar dele, apreciando cada detalhe, cada centímetro daquele rosto que era muito mais do que ela poderia imaginar quando o viu pela primeira vez.

— A… a sua vez agora. – ele engoliu seco, tentando conter a euforia que crescia em seu peito, fazendo seu coração bater de forma desordenada.

Se ela o olhasse daquela forma por mais alguns minutos ele talvez não responderia por suas ações.

— Claro. – Kayla finalmente quebrou o contato visual, virando o rosto para o lado, pensativa. — Um medo… – sussurrou enquanto batucava os dedos na mesa.

— Isso.

— Eu acho que… o medo de não ser *amada*. – falou em um suspiro. — Não sei se faz muito sentido, mas, sempre foi um medo genuíno meu. Secretamente eu nutria esse medo de que se tirassem a minha coroa, meu título e até a imagem que eu lutei para construir, não seria amada por simplesmente ser *eu*, entende? Como se… a Kayla, Tal-uya, ou seja lá quem for que eu *sou* de verdade, não fosse o suficiente. Acho que por isso que eu estava nervosa durante o baile dos clãs. Porque eu conseguia muito bem sustentar minha imagem em público, mas seja quem quer que eu escolhesse, em algum momento, ele teria que me ver como eu sou, e e-eu tive medo. De não ser o suficiente. – ela suspirou, percebendo que esse medo ocupava muito mais de seu pensamento do que imaginava.

— Acho que ser amada não é o problema, acho difícil alguém *não* te amar. – Elliot falou finalmente, tomando coragem e encostando o polegar no queixo dela, o erguendo para cima. — Você é corajosa, empática e *totalmente* disposta. Está assumindo uma posição *gigante*, passando pelo luto de tantas coisas que perdeu só nesses últimos dias e, ainda assim, em um momento ou outro, consigo te ver sorrindo. É mais do que muitas pessoas aguentariam.

A pele quente da mão dele em contato com seu rosto fez suas bochechas corarem, mas Kayla não se afastou, não se afastaria nunca, se possível.

— Você não é pouco, Kay, é *muito*. Muito mais do que talvez as pessoas esperariam ou até você esperaria sobre si mesma. E é por isso que a Gravidade te escolheu, porque ela sabe *tudo* o que você é, tudo o que eu consigo ver a cada dia mais claramente.

Uma lágrima quente rolou pelo rosto da óraculo.

— Isso não é verdade, eu… me sinto tão pequena, tão perdida. – ela balançou a cabeça, a frustração e o medo voltando a tomar conta. — Eu não pertenço à Lua, assim como não pertenço à Terra…

— Mas você pertence à Gravidade! – a mão dele deslizou, subindo por sua bochecha, sendo molhada pelas lágrimas. — Você não entende? É exatamente isso que te torna única. Pode não ter mais os seus pais ou um lugar para chamar de casa, mas você tem *a* Gravidade! Ela é o seu *lugar*, é a ela quem você pertence. É por isso que ela te escolheu, e é por isso que só você pode cumprir essa missão. E… – Elliot arfou, o desejo e a coragem dominando seu coração. Com a mão livre ele segurou o assento da cadeira de Kayla e a puxou, trazendo-a de forma suave para mais perto de si. — Você tem a mim. Sei que isso não muda muito as coisas mas…

— Não. – Kayla tampou os lábios dele com a mão, o impedindo de continuar. O rosto avermelhado, molhado com as lágrimas. — Isso muda tudo. Você… – ela arfou, tentando aprender como respirar novamente. — Você muda *tudo*. E é por isso que ela *te* escolheu. Te-te escolheu para mim.

Atraídos como dois pólos magnéticos, Kayla inclinou seu corpo até o dele, sentindo os pelos de seu braço arrepiarem. Encerrou a curta distância que os separava. Ali não havia um planeta e seu satélite, apenas dois planetas distintos, orbitando o mesmo Sol, muito maior do que eles mesmos, que os guiava e os atraía, inevitavelmente, um ao outro. Ela sentiu a respiração ofegante de Elliot próxima de seus lábios, quase a alcançando…

— *Minha senhora, que bom que a encontrei*. – a voz metálica de M4 preencheu todo espaço da cozinha, fazendo ambos pularem de suas cadeiras.

— M4? – Kayla arfou, o coração batendo forte em seu peito, o formigamento em suas mãos e a saliva em seus lábios. — O quê… o quê está fazendo aqui?

— *Eu não a encontrei em seus aposentos e…* – o robô hesitou, sua câmera se moveu e parou na figura de Elliot, escaneando seus batimentos cardíacos. — *Eu atrapalhei alguma coisa?* — ele perguntou.

— Na-não. – Elliot coçou a garganta. — Só estávamos comendo… bolo. – ele tossiu. — Isso me lembra que precisamos repor o bolo. – olhou para Kayla, tentando fazer graça e quebrar a tensão.

— É, é, claro. – ela respondeu, secando as lágrimas do rosto e recuperando a respiração. — O bolo.

— *Bolo?* – M4 perguntou, confuso.

— Bolo. – Kayla repetiu, incapaz de raciocinar.

— É… o quê você quer, M4? Aconteceu alguma coisa? – Elliot tentou perguntar de uma forma que soasse despreocupada, passando a mão pelos fios loiros.

— *É Reuel, ele está convocando vocês dois, o conselho está começando a se reunir.*

— Já-já está na hora da reunião? Eu mal vi o tempo passar. – Kayla indagou, confusa.

— *Já, minha senhora.*

— Tudo bem – ela olhou para Elliot, se levantando. — Acho que precisamos correr então.

— S-sim. – ele se levantou da cadeira, os olhos vidrados nos dela. — Eu já encontro vocês, vou só resolver a situação do… *bolo*.

— É claro. – a oráculo riu, dando alguns passos para trás. — Obrigada… pela comida, pela companhia… e por todo o resto. – Ela sorriu com os olhos.

— Sempre. – o rapaz assentiu.

Kayla virou o corpo e começou a caminhar em direção à porta, M4 a acompanhou, movido pela sua única roda.

— Ser corajosa como a minha mãe. – virou o corpo de repente, o sorriso estampado.

— O quê? – Elliot sorriu, arqueando a sobrancelha.

— Acho que é um sonho que eu tenho. Não *ser* ela, mas ter a mesma coragem e certeza que a guiou. Viver uma vida que *vale* a pena.

— Você *já* está vivendo. – ele respondeu, sua voz calma soando como uma melodia entorpecente para ela.

— Eu espero que sim. Espero que realize seu sonho também… – Kayla suspirou, engolindo seco. Era bom que já estava saindo. — De preferência na Terra. – completou, com uma risada.

— De preferência *juntos*. – Elliot cerrou os olhos, um fino sorriso formando em seus lábios.

Kayla forçou um sorriso e se virou, obrigando suas pernas a saírem da cozinha. Ela caminhou sem parar até chegar ao seu quarto, o coração batendo acelerado e as mãos suando.

— *Acredito que já é de seu conhecimento* – a voz mecânica de M4 aos seus pés a assustou enquanto abria a porta –, *mas os sinais vitais indicam que o senhor Ramsdale está apaixonado por você*.



A proposta arriscada

Kayla adentrou a sala de reunião tentando afastar a imagem de Elliot de seus pensamentos, o seu sorriso, para ser mais específica. Ela não queria lidar com o que sentia naquele momento, não conseguia. Só de saber que tinha seu apoio e confiança já era o bastante. Ela queria mais, muito mais, só que não agora, não em meio a uma guerra.

Assim que ele entrou no cômodo, a ansiedade no coração dela se aliviou. Ele a cumprimentou e sorriu de forma doce e calma, então Kayla se lembrou: era o seu parceiro, a sua outra parte, o *seu* oráculo e torceu que, pelos menos pelos próximos dias, isso era tudo o que precisavam ser um para o outro. A conexão de um casal de oráculos era a mais íntima e transcendente que existia, conexão que ambos ainda não compreendiam completamente. Esta conexão, se mostrava presente em momentos como aqueles, onde os pensamentos e emoções deles se alinhavam, mesmo sem nenhuma palavra sendo dita.

— Obrigado a todos que vieram, mesmo nessa hora da manhã. – Reuel levantou-se da cadeira em que estava, cumprimentando a todos na sala

de reunião com o olhar.

No cômodo, estavam presentes Júlio, líder do clã da América, Abel, líder da África, Ayo, o viúvo de Mirya, Lilian *e* Miguel, para a surpresa de todos. Alguns outros rostos preenchiam o local, mas ninguém que Kayla reconhecesse.

— Ontem, nosso time infiltrado em Grimaldi, nos trouxe notícias que avançam nossa missão de retorno para a Terra, porém, que também a complicam. – seu olhar correu até parar em Elliot, que percebendo o sinal do pai, se levantou.

— Exato. – ele caminhou até o centro da sala, onde ativou um holograma que refletiu a imagem das plantas de construção da nave. — Bosei foi mesmo encontrada – os líderes olharam uns para os outros, sobrancelhas arqueadas e bocas entreabertas de surpresa. — Porém, sua localização… não é a das melhores. Os primeiros humanos na Lua construíram o palácio real em volta dela, como forma de guardá-la e protegê-la. Agora o palácio pertence ao inimigo, assim como a nave. Então… Bosei é o palácio.

— Isso… isso não é possível, é loucura. – Júlio exclamou, consternado.

— É a verdade, – Reuel o cortou. — E é mais um desafio que iremos vencer como humanidade, assim como vencermos todos os outros.

— E qual é o seu plano? – o líder da América indagou.

— De início, a diplomacia.

Júlio riu de forma sarcástica.

— Diplomacia?! E quando foi que isso nos ajudou? Quer pedir aos lunares e à sua princesa *louca* que simplesmente nos cedam o palácio?!

— Acho que deveríamos no mínimo *tentar* negociar com eles. Não estou disposto a perder mais homens para esta guerra, sendo que tudo o que queremos é *deixar* o planeta! Não fará mais sentido tomar todo o controle da Lua para recuperarmos a nave, se não houver mais humanidade para levar de volta.

Um silêncio se instaurou no ambiente, Reuel tinha razão e todos sabiam disso.

— Por isso… – ele continuou, de forma serena. — Quero propor um primeiro contato. Poderíamos tentar oferecer uma troca comercial pelo palácio.

— E o que seria isso? – Abel perguntou.

— Nossas minas de Luton. As instalações já prontas e montadas, em troca de nossa nave.

— Entregarmos o nosso melhor recurso nas mãos do Inimigo, Reuel? Acha isso sensato? – o senhor que liderava o clã da África perguntou.

— Acho arriscado, sim, como qualquer outra opção que tivermos. São tempos difíceis e tudo o que eu tenho em minhas mãos são medidas drásticas… – ele passou a mão nos fios brancos, o olhar mostrando o quanto aquilo o preocupava.

— Então estaria disposto a correr esse risco? Tentar negociar com *lunares*? – José perguntou, o fitando com seriedade.

— A esse ponto eu não acredito que exista uma opção sem riscos.

— E por que pensa que eles irão cooperar?

— Porque estamos em guerra e até este momento *estamos* ganhando. A cada dia tomamos o controle de mais bairros da cidade e se a princesa se importar minimamente com seu povo, irá considerar.

— De fato, o cessar do conflito seria bom para ambos os lados. – Elliot comentou, apoiando o pai.

— Tudo bem. – Júlio bufou, coçando a barba. — E como pretende fazer isso, propor esse encontro?

— Bom – abaixou o olhar. —, acredito que a princesa Cal-uya só ouviria alguém que já a conhece, alguém que, talvez, possa convencê-la.

Todos os olhares no cômodo se direcionaram para Kayla.

— O quê…? – ela indagou, a voz falhando.

— Você é a melhor chance que temos, senhorita Young. Se alguém pode fazê-la entender, é você.

Ela cerrou os lábios, pensativa. Era loucura, não tinha nenhuma influência ou importância para Cal-uya e sabia disso. A irmã havia deixado muito claro quando tentou matá-la. Seu silêncio e semblante descrente deixaram todos na sala incomodados.

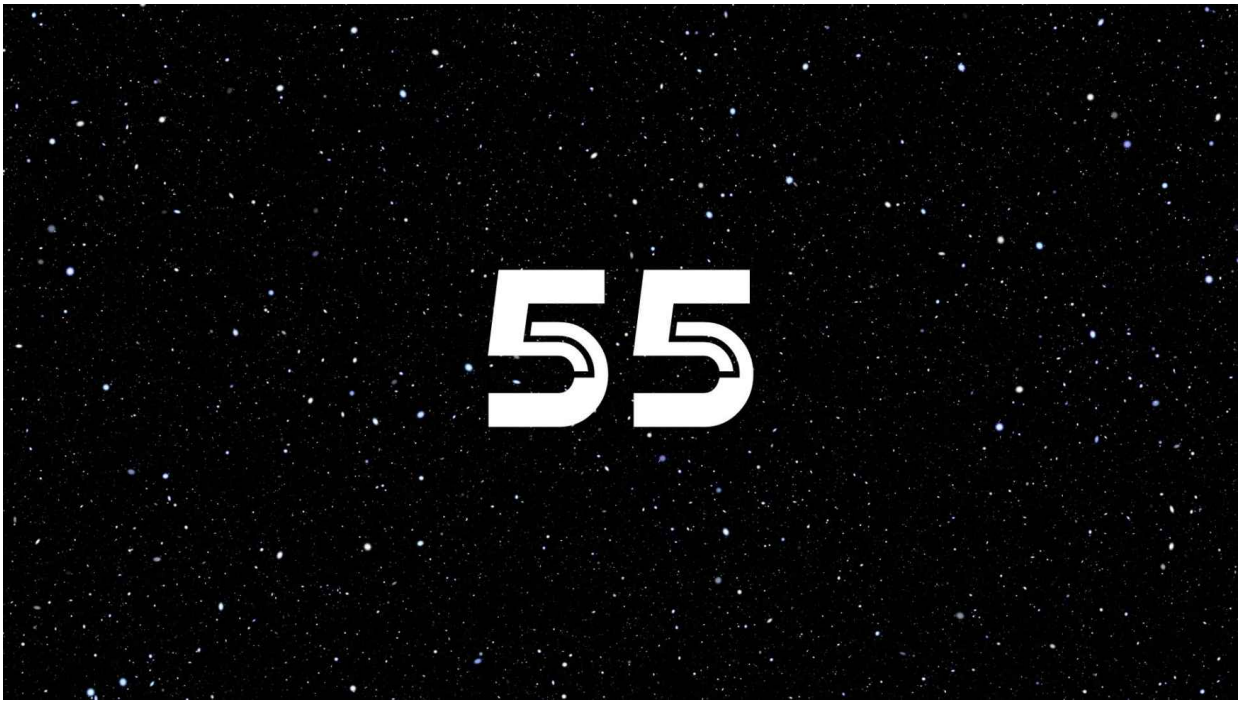
— É a irmã dela… – Reuel encorajou.

— Não, eu não sou… acho que nunca fui. – sua garganta estava seca, e ela lutava para não deixar mostrar os olhos marejados. — Eu sinto muito, mas Cal-uya não vai me ouvir…

— Minha oráculo, *precisamos* tentar. – os olhos de Reuel imploraram que ela aceitasse. — Enviaremos um drone com uma mensagem propondo o encontro. Seria em uma localização neutra e você estaria protegida. Não vai ter como ela te ferir.

O olhar aflito de Kayla percorreu o lugar, encontrou a descrença na expressão de Júlio. Ele parecia não acreditar nela desde o primeiro encontro. Preocupação no semblante de Abul e… os olhos de Elliot. Sempre os olhos de Elliot. Compreensivos, esperançosos.

— Tudo bem. – falou, o mais segura que conseguiu parecer. Teria que enfrentar Cal-uya uma hora ou outra e sabia que não podia fugir disso. Não podia fugir dos seus medos. — Eu me encontrarei com ela. Apenas me instrua como e o quê devo falar.



A Imperatriz

A mente de Cal-uya andava mais perturbada que o normal depois da visita ao *Mare*. Ela sentiu saudades de quando falava sua língua materna, lur, na infância, das aulas que tinha e de como isso foi a primeira coisa em que percebeu ser boa. Essas memórias, porém, inevitavelmente, a levavam de volta a Tal-uya, já que a irmã estava presente em cada uma delas.

A mágoa ardeu em seu peito enquanto continuava a travessia pelo palácio, de volta aos seus aposentos. Os humanos malditos continuavam ganhando espaço, destruindo a cidade e tomando o controle de diferentes áreas. Ela sentia que o controle lhe escorria pelas mãos a cada dia que passava e pensava que isso poderia deixá-la louca. Louca como a sua mãe, ou como qualquer mulher de sua família antes dela.

Sua avó materna tinha tirado a própria vida, já a sua mãe, foi assassinada em um atentado pelos próprios súditos e agora tinha a parte restante de sua consciência aprisionada em uma máquina. Seria seu destino tão trágico e cruel quanto o delas? Era um medo que secretamente a atormentava, mas se recusava a admitir.

Precisava de uma resposta, de uma solução para *tudo*. Precisava ser mais forte, precisava ser melhor, precisava ser tudo o que não sentia que era.

A silhueta de seu marido à porta de seus aposentos a desestabilizou imediatamente, fazendo-a tropeçar no tecido do vestido lilás que usava. Grunhiu enraivecida, irritada por ele ainda ter algum poder sobre ela.

Estavam se separando, ela não tinha tido a coragem de verbalizar as palavras ainda, só que sabia disso, e sendo honesta consigo mesma, pouco se importava, ou pelo menos era o que dizia para si. Após a última discussão, ele havia solicitado a mudança de aposentos, e ela aceitou de imediato. Tinha se cansado da presença de Axyon, da sensação que ele sempre a trazia: a de ter fracassado em mais uma área de sua vida.

— Princesa regente. – ele a cumprimentou com a feição dura.

— Axyon. – sussurrou entre dentes. — O que está fazendo aqui? Eu não tenho tempo para frivolidades…

— Não pretendo tomar seu tempo, princesa. – falou de forma completamente impessoal. Como se nunca a houvesse chamado de outra forma, como se nunca tivessem sido mais que isso, alteza e súdito.

— Então o quê quer?

— Apenas anunciar meu retorno ao meu clã e te entregar isso. – deu dois passos para frente, a alcançando. Segurava nas mãos uma tela dobrável, um documento.

Cal-uya pegou o vidro com receio, sem controlar o tremor em suas mãos ao tocá-lo. Ela sabia o que um documento daquele significava: era uma carta de divórcio. Seria a primeira da família real a se divorciar de forma legal e pública.

— O quê é isso? – perguntou irritada.

— Estou me resignando de minhas *funções* com você. Um espaço para mim já está sendo preparado nas instalações de Copernicus e…

— Não! Você não pode deixar o palácio.

— Por que não? Mal olha para mim, e estou certo de que não me considera mais como marido e muito menos como amigo.

— Sim, mas… deve permanecer, continuar vivendo aqui. Se as pessoas souberem, isso-isso não seria bom para a imagem do Império.

— É claro. É isso o que importa para você. Se preocupa com o que as pessoas vão pensar. – Ele abaixou o olhar, cerrando o maxilar, irritado.

— É óbvio que me importo com o que meu povo vai pensar! É impressionante que isso ainda não esteja claro para você. Eu não posso ser a

primeira realeza que tem um divórcio anunciado ao público.

— Bom, eu sinto muito, não deveria ter se casado comigo.

— E você não deveria nunca ter… *existido*! – ela vociferou, o coração batendo rápido em seu peito. — Nem ter aparecido no meu baile dos clãs ou feito qualquer coisa depois disso… – a voz falhou.

A princesa pousou a mão no rosto, respirando de forma pesada, frustrada consigo mesma, com ele e com tudo.

— A minha decisão está tomada Cal-uya. Adeus. – com um menear da cabeça, ele passou por ela, caminhando pelo corredor.

Quando estava na metade, Axyon não conteve a tentação e se virou, encontrando a princesa exatamente na mesma posição, incapaz de se mover.

— Cal-uya… – ele a chamou, amaldiçoando a si mesmo por isso. — Algum dia, em algum momento, você chegou a me amar? – perguntou com a voz entrecortada, precisava saber.

Ela se virou lentamente, revelando olhos marejados e um semblante de raiva que só parecia crescer, estava inflamada nele.

— Não. – falou em um suspiro, o rosto duro como uma pedra. — *Nunca*, nem por um momento.

Axyon riu, balançando a cabeça.

— É claro que não, você é incapaz disso. Sempre foi. – e ao falar isso, virou o corpo e saiu, caminhando a largos passos. O som de suas botas ecoou pelo corredor.

Cal-uya apertou o documento de vidro em suas mãos com tanta força até vê-lo começar a rachar. O vidro entrou em sua pele e a fez sangrar.

— AHHH.

Ela jogou a tela na parede de seu quarto, assim que entrou. O documento do divórcio bateu no espelho e se desmantelou em pedaços.

Caminhou até o local com as pernas bambas. Suas forças estavam se esvaindo, e o choro entalou-se na garganta. Parou abruptamente, percebendo que o seu braço havia se prendido na quina da cabeceira. O sacudiu irritada, amassando o móvel. Ainda tinha aquilo, aquele maldito braço, aquela maldita imperfeição. *Mais um fracasso*.

Bateu as botas contra os pedaços de vidro no chão, os vendo se partir em outros milhares de pedacinhos e pensando que era exatamente como seu coração estava naquele momento. Odiava Axyon, odiava Tal-uya, odiava tê-los deixado entrar em seu coração. Detestou ter sido fraca ao não ter dado ouvidos à sua mãe.

Era isso: a sua mãe. Era ela quem estava certa por todo esse tempo. Cal-uya virou o rosto, as lágrimas de frustração rolando por suas bochechas, o maxilar marcado. Via-se o ódio em seus olhos. Ela odiava os humanos. Odiava o que eles haviam feito com ela, feito com *seu mundo*.

A mãe sempre esteve certa, ela nunca deveria ter amado a ninguém e se apegado a nada. Deveria ter vivido exatamente como ela gostaria: fria, calculista, no controle, sempre à frente de todos. Estava cansada da vida que havia guiado até aquele momento. Cansou-se de todos, também de si mesma. Apenas a imperatriz traria a resposta.



A princesa prostrou-se ao chão, em frente a grande máquina de metal escurecido que guardava a consciência de sua falecida,porém, ainda viva, mãe.

— Eu não quero mais sentir. – balbuciou com lágrimas molhando o rosto. — não quero mais sofrer, nem *perder mais*. Você pode tirar isso de mim, não pode? Por favor, tire. – implorou, com a voz entrecortada. — Me torne forte como você.

— *É claro que eu posso, minha querida.* – avoz mecânica respondeu. — *Eu posso tirar* tudo *de você. Tudo o que dói, tudo o que te deixa fraca. É isso que você quer, não é?*

— Si-sim, por favor. É isso o que eu *mais* quero.

— *Então levanta-se. Agora.* – a voz demandou.

A princesa se levantou, trêmula, as mãos desamassando o vestido. Ela viu pelo canto do olho que seu pai estava desperto e a observava com um olhar preocupado.

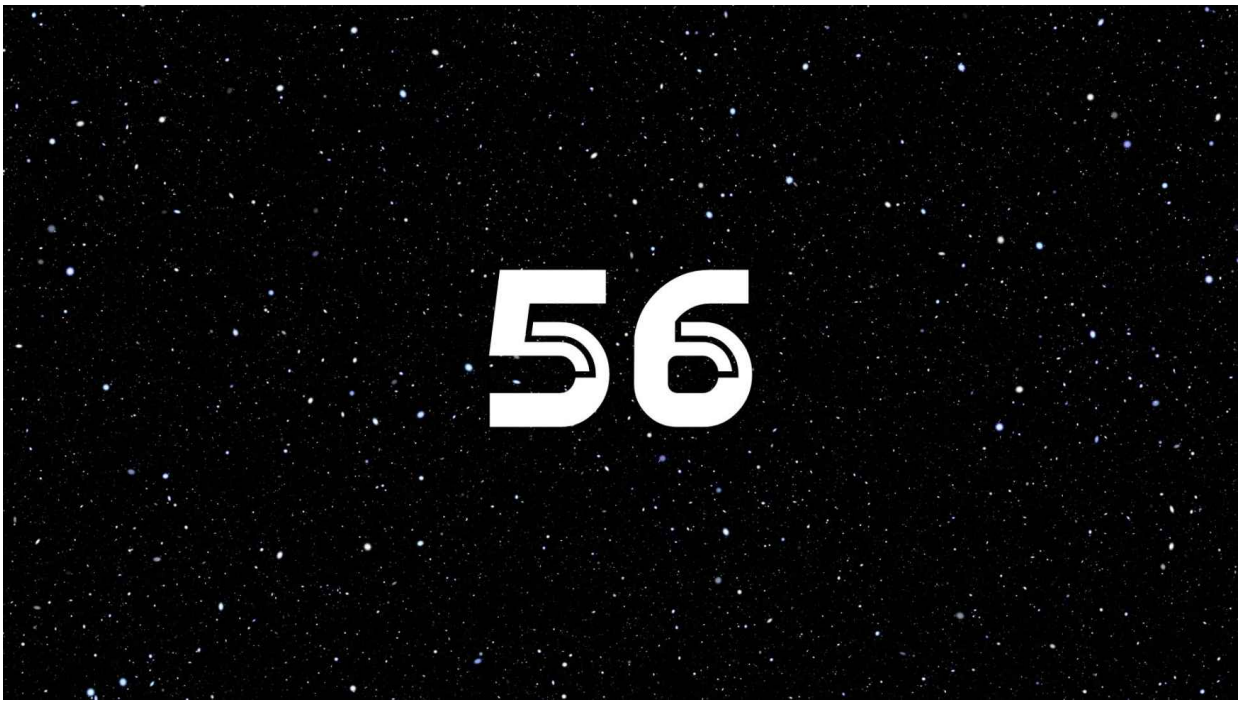
— Cal-uya, não… – A voz fraca dele tentou chamá-la. Ainda que o escutasse, não lhe deu ouvidos.

Caminhou resignada até parar de frente à máquina. O sensor vermelho, o *um* olho grande e reluzente, iluminando seu rosto.

— *A partir de agora seremos uma só, Cal-uya. Não precisará mais lutar, eu farei isso por você.*

Cal-uya respirou fundo, ignorando todos os sinais que seu corpo dava e estendeu seu braço mecânico sobre a máquina.

— Sim, minha mãe.



Aprendendo a ouvir

Quando o encontro de paz foi marcado, faltavam seis dias para o fim da promessa. Kayla se encontraria com Cal-uya, em uma tarde onde um cessar fogo fora anunciado. Uma redoma de vidro foi construída bem no limiar onde se dividiam os bairros sobre o controle lunar daqueles já conquistados pelos humanos.

Quando o drone foi enviado com a proposta, uma tensão silenciosa se instaurou na base, a cada hora que se passava sem nenhuma resposta. Porém, para a surpresa de todos, a princesa Cal-uya topou o encontro, aceitando de forma incrivelmente fácil todos os termos colocados para que o mesmo acontecesse. Assim que a data foi marcada, uma guerra silenciosa, dentro da mente da oráculo, começou.

Os dias pareciam passar mais lentamente, escorrer de forma torturante em volta dela. Iria rever sua irmã e, mais que isso, tinha a missão de convencê-la. As últimas horas tinham sido focadas em compreender e decorar todo o plano de paz de Reuel e, nos momentos livres, estudar mais sobre a Bosei com Elliot. Porque, assim que Cal-uya cedesse, isso se ela o

fizesse, teriam que estar prontos para partir. E se tinha algo que Kayla não estava era *pronta*. Não se sentia pronta para absolutamente nada.

O casal de oráculos observava o holograma das três plantas de Bosei. Estavam refletidas sobre a mesa do escritório em que apenas os dois se encontravam. Não tinham conversado tanto no último dia, fruto da tensão crescente que afetava a todos.

— Ela parece mais calada esses dias… – Elliot comentou enquanto Kayla olhava de forma vazia para o holograma azulado da nave. Já havia decorado tudo o que podia e nada mais cabia em seu cérebro cansado.

— O quê? Quem? – levantou o olhar, encontrando com o dele do outro lado da mesa.

O holograma brilhava entre eles.

— A Gravidade. Você tem tentado se comunicar com ela?

— E-eu não sou a melhor pra isso… – as palavras saíram vazias, e ela teve vergonha. — Não, eu não tenho. – admitiu. — Eu sei que preciso, agora mais do que nunca, só que… me encontro fugindo, em toda oportunidade que tenho.

— Talvez devêssemos tentar fazer isso juntos. Falar com ela. Se tem um momento que precisamos de conselhos é agora. Afinal, ela fez a promessa e…

— Só ela pode cumpri-la. – Kayla completou em um sussurro.

— Exato. – ele engoliu seco. — E é disso que eu sinto que não podemos esquecer.

— Tudo bem. – Kayla desativou os hologramas na mesa. — O que você sugere?

Elliot olhou em volta do cômodo, pensativo.

— Nós iniciamos a conversa, eu acho.

— *Só vai saber a resposta se perguntar*… – Kayla sussurrou, se lembrando das palavras no holograma no dia em que foram atrás de Miguel.

— O quê?

— Foi algo que eu acho que ouvi… ela me falando, alguns dias atrás.

— Certo, vamos perguntar então. – Elliot estendeu os braços e os esticou sobre a mesa.

— O quê… é isso? – Kayla riu.

— Vamos, me dê sua mão.

Ela assentiu e o segurou, um pequeno choque correu pelo seu braço.

— Quando eu era pequeno, meu pai me ensinou a orar para a Gravidade. Acontece que, o tempo passou, e ele mesmo parou de fazer isso, já que… – Ele hesitou. — Já que ela nunca respondia.

Kayla fez uma pequena careta, entendendo a dor, mas não podendo se identificar com ela. Nunca havia orado, nunca havia pedido, ainda assim a Gravidade tinha se revelado a ela.

— Talvez ela responda agora. – foi tudo o que falou.

— E acredito que vai. – Elliot suspirou, encorajado. — Eu começo, acho que ainda tenho decorado…

Ele balançou os ombros de forma dramática, como se estivesse se preparando para uma corrida.

— Bendito sejas tu, matéria que a tudo constitui, força que a tudo segura. Grande, poderosa e temível Gravidade, que outorga bondades, que tudo cria, que recorda a fidelidade do passado e… – os lábios dele falharam, trêmulos. — Que-que não se esquece de suas promessas.

Antes que percebesse, Kayla já se encontrava chorando, sua mão apertava a de Elliot com força, enquanto seu estômago se contorcia dentro de si. Todo seu corpo reconhecia que não estavam na presença de alguém comum.

Ambos sentiram o exato instante em que a Gravidade se fez presente no quarto. O ar da sala se tornou espesso. De repente ficou difícil respirar e até mesmo abrir os olhos era algo doloroso. Ela sentiu a Gravidade empurrando-a para baixo, fazendo seu corpo se prender completamente na cadeira.

“*Ninguém pode rasgar o tecido da realidade, a não ser aquele próprio que o constituiu. Ninguém pode libertar um povo, a não ser aquele que o aprisionou. Pois nas minhas mãos está a ferida e nas minhas mãos também está a cura.*” A voz ressoou, fazendo se desmantelar a própria realidade do cômodo em que se encontravam.

Kayla sentiu a pressão sobre o seu corpo aumentando cada vez mais, até ao abrir os olhos e perceber que tudo à sua volta estava de fato ruindo, se desfazendo. Ambos os corpos estavam tão pesados que afundavam nas cadeiras, chegando até o chão, como se a matéria que constituia o cômodo estivesse se derretendo em volta deles.

“*Voltando e descansando, serão libertados. No perdão e na confiança estará a sua força*.”

Tudo se tornou leve.

Kayla abriu os olhos novamente e estava sentada na cadeira. O cômodo, tão sólido quanto antes.

Seu olhar assustado encontrou o de Elliot, que mostrava o mesmo pavor e confusão em seu semblante.

— O quê… você…– ele balbuciou, tentando falar. — Você viu? I-isso também?

— Sim. – Kayla arfou, piscando os olhos com força.

— O quê acha que significa? – ele perguntou, lentamente desprendendo suas mãos das dela.

— Eu, eu não sei. – ela puxou o liso cabelo para trás, bagunçando a franja. — Não faço ideia.

— No perdão e na confiança. – Elliot repetiu. — Precisamos confiar nela, isso já está claro. Mas perdão… Será que devemos *pedir* perdão?

O coração de Kayla parou por um instante, ainda sentia a presença da Gravidade em si e naquele momento soube exatamente o que ela queria dizer. Como uma fincada, a mensagem se tornou clara.

— Não – ela suspirou frustrada. — Acho que sou eu que tenho que perdoar. – balançou a cabeça, tentando absorver a informação. — Ela está me pedindo para perdoar Cal-uya.



O acordo de Paz

Acompanhada por cinco guardas, Kayla desceu do aeroplanador assim que ele pousou na superfície. Ela tinha o cabelo preso em um coque com dois hashis, usava um terno branco e carregava no peito a insígnia do clã da Ásia. Aos seus pés, estava M4, responsável por armazenar todo o projeto de tratado de paz que mostraria a Cal-uya.

Ao tocar os pés no chão, a oráculo teve um choque com a realidade, viu os prédios à distância destruídos, os painéis de *led* que iluminavam a rua, tremeluzindo e o olhar assustado e tenso estampado nos rostos de ambos lunares e humanos, que protegiam suas respectivas partes da cidade.

Apenas aquela rua estava limpa e organizada, pois depois da murada de naves e soldados, as consequências da guerra continuavam. Sua cidade, uma vez tão bela, agora estava tão dividida, os arranha-céus não mais brilhavam como antes e os diferentes hologramas que uma vez coloriam o céu, agora estavam falhos ou desativados. Ela tinha que parar, tinha que encerrar o conflito.

Respirou fundo e andou acompanhada até a grande estrutura redonda de vidro construída no meio. Repetia entre sussurros, as palavras da Gravidade para si.

Acredite na promessa, acredite na promessa. Apenas acredite.

Cal-uya já se encontrava dentro da cúpula, tinha o cabelo trançado para trás e trajava um macacão verde-água, misturando a tonalidade das madeixas à roupa. Seus braços estavam expostos, revelando a parte alterada de seu corpo.

Kayla engoliu em seco quando a viu, o braço mecânico, o rosto tomado por algumas veias escuras que começavam a crescer acima do pescoço e o semblante frio, irredutível. Quem *era* aquela mulher?

A oráculo reuniu toda a coragem que tinha e adentrou a redoma, um guarda humano a acompanhando, enquanto um lunar permanecia ao lado de Cal-uya. As duas irmãs estavam finalmente reunidas, contudo, sob a vigilância do exército de Kepler e a observação de toda frota humana. Elas tinham o destino de ambos os povos em suas mãos.

— Tal-uya. – a princesa mais velha cumprimentou com um olhar macabro, se sentando na cadeira do seu lado.

— É Kayla, na verdade. Meu nome humano. – a oráculo forçou um pequeno sorriso e se sentou, parando bem de frente para a irmã.

Elas se olharam por alguns instantes, em completo silêncio. Ambas haviam mudado tanto… A pele cinza de Kayla não mais existia, assim como a vitalidade no rosto de Cal-uya. Uma tornou-se humana, a outra, escrava de forças ocultas. E apesar de tudo, continuavam sendo irmãs. Um vínculo como aqueles não se extinguia em algumas semanas, e Kayla soube disso assim que seu olhar se encontrou com o dela. Era sua irmã. Mas ao mesmo tempo, ela havia matado Mirya.

A raiva e a culpa preencheram o coração da oráculo e ela desviou o olhar.

— Cal-uya – iniciou finalmente –, espero que ouça nossa proposta e possa ao menos *tentar* entender o lado do povo humano.

— É claro, *humana*. – a irmã respondeu com sarcasmo. – Por favor, me apresente. – balançou a mão sobre a mesa.

Kayla percebeu que sua voz estava diferente, mais fria e mais anasalada.

— Certo. M4, por favor. – sinalizou para o robô ao seu lado e ele refletiu um holograma no centro da mesa.

— Existe uma promessa, feita da Gravidade para nós, humanos, de que depois de 400 anos vivendo no exílio, poderíamos retornar para nosso planeta natal. É tudo o que queremos, deixar esse planeta e nunca voltar a perturbá-los.

— Um futuro sem humanos… – a princesa olhou para as próprias unhas. — É uma proposta tentadora, devo admitir. Imagino porque não deixaram esse mundo ainda, algo está faltando, não é?

Kayla coçou a garganta. Era agora que teria que ter cuidado com cada palavra que dissesse.

— Sim, nossa nave. Ela se encontra em território lunar.

— *Toda* a Lua é território lunar, Tal-uya. – a voz foi dura e cortante, exatamente como falava para corrigi-la quando pequenas.

— S-sim, mas a nave se encontra em um território que não está sob nosso domínio, domínio dos humanos. – Kayla explicou desviando o olhar, tentando controlar as batidas aceleradas de seu coração.

Você não tem medo de Cal-uya, não tem, repetiu para si mesma.

— Continue.

— Não queremos que esse conflito se prolongue, Cal-uya, nem que mais nenhum humano ou lunar tenha que morrer. Tudo o que queremos é nossa nave, assim que a tivermos, estaremos prontos para deixar o planeta.

— Se este mundo é nosso por direito, por que faríamos isso? Por que entregar uma tecnologia como essa para vocês?

— Porque… nos querem fora daqui, certo? Assim como nós…

— Eu não diria isso, a humanidade foi extremamente útil para o império por todos esses anos. O que aconteceria com nossa mão de obra?

— Os lunares *podem* trabalhar.

— Não se os humanos ocupam esse papel.

— *Ocupavam*, Cal-uya! Caso não tenha percebido, não existe humano trabalhando mais, porque estão muito ocupados tomando a *sua* cidade! – o sangue ferveu em Kayla, e ela encontrou dentro de si uma determinação que desconhecia. — Se pensa que continuaremos a ser explorados e manipulados por você, está enganada.

— Ahn, isso é uma ameaça? – a princesa ergueu o corpo sobre a mesa, os olhos faiscando. Ela queria conflito, e a oráculo sabia disso.

— Não. – Kayla respirou fundo. — Só peço, *por favor,* que considere a proposta.

— E qual seria ela?

— Uma troca comercial, que beneficiaria também os lunares. – Kayla moveu as mãos sobre o holograma, passando o arquivo e revelando a imagem de uma mina. — A nave pelo o que o povo humano tem de mais valioso: um novo modelo de tecnologia, movido por um recurso precioso e em abundância, luton, um mineral encontrado no interior do planeta.

Cal-uya aproximou o rosto do holograma, observando as imagens, os olhos se movendo de forma frenética.

— É fácil para você não é? – ela falou finalmente, voltando a se encostar na cadeira.

— O quê?

— Se submeter a este papel. – balançou a mão. — *Brincar* de ser humana. Passou toda sua vida no palácio, usufruindo de regalias e privilégios que o Império a ofereceu e agora quer virar as costas, agindo como se fosse você a ferida, a explorada.

Kayla se ajeitou na cadeira, sentindo o duro olhar do guarda kepleriano sobre ela.

— Pobre Tal-uya. Está tão desesperada para ser aceita que se submete ao que quer que seja. *Eu matei sssua mãe, sua irmã e matarei cada um de sssua raça.* – a voz da princesa se tornou rouca e profunda, ao mesmo tempo em que a mesa começou a tremer entre elas.

Kayla prendeu suas mãos na cadeira, o medo adentrando suas veias.

— *Mas você, eu deixarei viva. Para asssssistir, obssservar e nunca se esssquecer que nunca pertenceu nem aos humanos nem aos lunares.*

Kayla se levantou assustada, o corpo tremendo e toda a atmosfera à sua volta anunciando o perigo.

Aquela não era a sua irmã, não era a sua voz.

— *Eu não quero suas minas, nem suas súplicas. A humanidade nunca deixará a Lua.*

Cal-uya se levantou da cadeira, uma fúria tomando seu rosto e sinapses fazendo tremer seu corpo. Com o braço de metal, pegou a mesa e a jogou para o lado, fazendo tremer o vidro em volta delas.

O guarda humano se aproximou de Kayla colocando-se à sua frente.

— *O teu sangue correrá como um rio e pelas garras do glorioso império a humanidade dará seu último respiro*. – a voz falou em outro idioma, lur antigo, Kayla entendeu com dificuldade.

Um arrepio correu por sua espinha, era um aviso da Gravidade.

— Precisamos sair daqui… – ela sussurrou para o guarda, tentando manter a calma. — Não terá acordo.

— Certo. – ele se virou, segurando seu braço e a guiando para fora.

Dois soldados de Kepler pararam na entrada, os impedindo de sair.

— *Eu sei quem você é, oráculooo.* – a voz continuou, o corpo de Cal-uya se aproximando.

Kayla girou o corpo lentamente, todos os seus membros tremendo em uma mortal sintonia.

Não.

Não.

Ela não chegaria tão longe para falhar logo agora. A Gravidade não os abandonaria nesse ponto, abandonaria?

— Cal-uya, me deixe ir.

— *E perder todo o espetáculo? Mas é claaaro que não.*

As bombas começaram como uma sinfonia, explodindo no chão, fazendo ruir toda a região em volta da cúpula de vidro. A terra engolindo humanos e lunares.

— Você é louca! – Kayla gritou, horrorizada com a cena. — Está matando seu próprio povo!

BAM.

Mais explosões ecoaram em volta. Os gritos de socorro reverberaram ao longe enquanto aeroplanadores caíram em conjunto, cortando o céu lilás.

— *Não…* – o olhar feroz e inumano de Cal-uya encontrou o de Kayla. —*Eu **sou** o meu povo*.

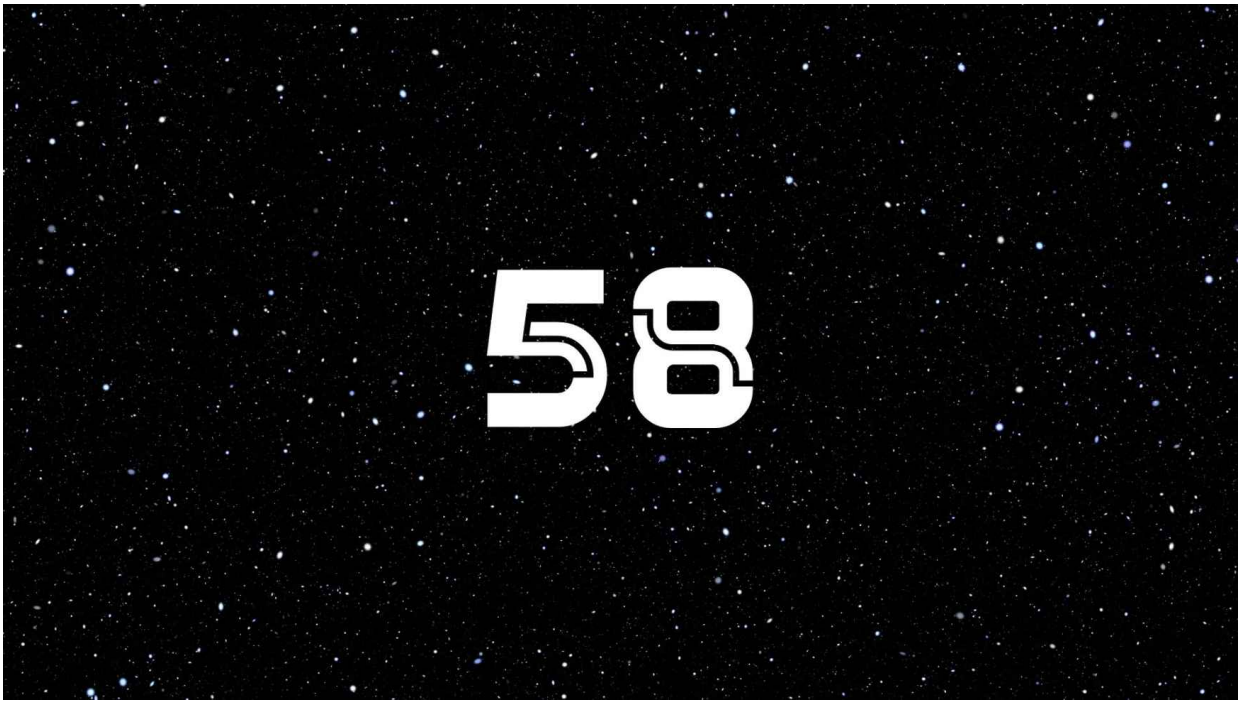
— O quê?!... – o som da sua própria voz foi cortado por um estrondo, tudo escureceu à sua volta, e a imagem de Cal-uya se perdeu no vazio.

O barulho de explosões se misturou com um zumbido ensurdecedor que preencheu sua mente, a fazendo perder os sentidos lentamente.

Kal-uya desmaiou e por alguns instantes sonhou que estava voando. Ela sentiu a Gravidade a puxando para cima e o ar passando de forma gentil por seu corpo. Sons a despertaram e quando conseguiu abrir os olhos, viu uma corrente de fumaça à sua volta e uma nave passando por cima de si. Tentou se virar, assustada, mas então congelou, o seu corpo ficou estático, imóvel. Toda a cidade em chamas se estendia abaixo dela, prédios, naves e a cúpula de vidro, agora estourada, com um grande buraco no meio.

Todos no chão pareciam estar mortos, ela, porém, flutuava acima da cidade, com a marca da Gravidade em seu braço esquerdo brilhando de

forma incandescente, mais forte do que nunca. Ela iria morrer, ali, naquele exato momento, no entanto, a Gravidade a salvou.



A Marca da Gravidade

Kayla flutuava no céu da cidade, incapaz de mover suas pernas ou braços, ela sentia seu braço arder onde havia a marca. Piscava de forma frenética, tentando entender o que acontecia. Ouviu o barulho de turbinas se aproximando e fechou os olhos em reflexo, retraindo o corpo. Morreria ali, naquele exato momento, em pleno ar, atingida por uma nave. Porém, assim que o aerodeslizador se aproximou, sentiu uma presença familiar nele e mesmo de olhos fechados reconheceu quem estava a bordo: Elliot.

— Precisa de uma carona, princesa?

Ela abriu os olhos, assustada, e encontrou o homem ao seu lado, o corpo preso à nave por cordas e os braços estendidos na direção dela. O olhar dele era de dor e perda, ainda assim ele tentou forçar um sorriso.

— Que bom que está viva… – falou em um sussurro, aliviado, tirando um fardo do próprio peito.

— Pois é… não vai se livrar de mim tão fácil assim. – ela murmurou, enquanto ele puxava seu corpo paralizado para dentro da nave.

Ao entrar no veículo, a gravidade voltou ao seu corpo, e ela caiu no chão, como em um estalo. A porta foi fechada ao lado deles, e a nave partiu a toda velocidade.

Ofegante, Kayla sentiu as forças voltarem aos poucos. Elliot se sentou ao seu lado, checando seus pulsos e conferindo se ela estava ferida.

— Você está bem? – perguntou com a voz entrecortada, colocando a mão em seu rosto e acariciando sua bochecha.

— Eu-eu acho que sim. – Kayla retribuiu o gesto, colocando sua mão sobre a dele. — E-eu… o quê aconteceu?

Elliot cerrou as sobrancelhas e a ajudou a se sentar.

— Cal-uya explodiu todo o perímetro, ela, é claro, sobreviveu. Parecia ter um escudo de proteção na hora em que a bomba atingiu a redoma e foi resgatada por uma nave logo após.

— To-todos estão mortos? – ela choramingou, a garganta ardendo.

— Sim, infelizmente. – ele respondeu com olhos marejados.

— Não… – a oráculo começou a chorar, tremendo os lábios e incapaz de falar qualquer palavra.

Elliot aproximou o rosto e encostou sua testa na dela, fechando os olhos enquanto deixava uma lágrima solitária rolar.

— Nós vamos morrer. – ela balbuciou com os olhos cerrados. — Todos nós. A… – o peito doía ao admitir isso, e o choro entalou em sua garganta. — A-a promessa não vai se cumprir.

— Eu sei.

— Eu acreditei Elliot, eu acreditei. Acreditei que Cal-uya ouviria. Que a Gravidade a convenceria. – soluçou, um soluço longo e dolorido.

Foi quando abriu os olhos novamente que se deu conta de que algo estava faltando.

— Espere. – abriu os olhos, se afastando e olhando em volta. — Onde está M4?

— O-o quê?

— M4! – avoz dela saiu esganiçada. — Ele estava na redoma comigo! E depois da explosão…

Elliot balançou a cabeça e correu a mão por seus fios loiros desgrenhados.

— Eu sinto muito, Kay. – o rapaz a olhou com dor e pesar.

— Não… – a voz dela se esvaiu. — Na-não, eu não posso perder ele.

Kayla tentou se levantar, mas suas pernas falharam, e ela caiu, estava muito fraca.

— Eu não posso perder ele, Elliot!

— Eu sinto muito. – se aproximou dela novamente, a envolvendo em um abraço.

— Ele era meu robô, *meu* robô! – choramingou, afundando a cabeça nos ombros dele.



Quando a nave finalmente pousou em segurança, dentro da base militar escondida, Kayla percebeu que não conseguia andar. A marca da Gravidade em seu braço finalmente havia parado de brilhar e arder, mas seja qual força que ela usou para salvá-la, também lhe custou algo. Frustrada, fraca e desolada, foi carregada por Elliot para dentro dos alojamentos.

O casal de oráculos entrou na base, ambos cobertos de fuligem, chamando a atenção de todos. Os soldados os cumprimentavam com respeito e, ao mesmo tempo, descrença. Eram os símbolos de uma esperança antiga que estava prestes a morrer. Tão perto do fim da contagem do relógio dos quatrocentos anos, a humanidade havia falhado.

Kayla tentava evitar os olhares, fingindo que não os notava, assim como os comentários. Já era doloroso o suficiente ter perdido seu robô e ter que ser carregada até seu alojamento. Se sentia tudo, menos uma oráculo. Fraca, em vez de corajosa, falha, em vez de escolhida. Porém, a Gravidade a

salvara, fazendo um espetáculo para todos verem, e isso ela nunca poderia negar ou esquecer.

— Está entregue. – Elliot sussurrou assim que a colocou na cama.

Seu quarto parecia dez vezes mais vazio sem a presença de M4. Olhou em volta, desolada.

— Você vai ficar bem? – ele perguntou.

Ela mal tinha forças para falar, então, só assentiu em um movimento fraco, fazendo que sim.

— Tudo bem. Eu… venho te visitar mais tarde. – se despediu, tocando levemente o cabelo dela e caminhando em direção à porta.

— Kay. – chamou de repente, parado na entrada.

Ela se virou com o pescoço dolorido e o fitou.

— Acredite na promessa. – o rapaz falou em um sussurro e fechou a porta, a deixando sozinha.



Cumpra a Missão, viva a promessa.

Elliot a visitou durante à noite, trazendo atualizações. As frotas humanas haviam voltado a atacar na superfície, mas as explosões mataram muitos soldados e isso estava começando a enfraquecê-los. Reuel tinha sido ferido, entretanto, estava bem e sendo tratado na ala hospitalar. Miguel e Lilian também estavam em segurança, trabalhando contra o tempo em um plano B. Algo sobre construir túneis subterrâneos que se conectariam com o palácio, todavia, Kayla mal ouvia, sabia que não daria certo.

— Eu estou esperando. – Elliot resmungou da cadeira do quarto onde estava sentado.

Ele tinha trazido sopa e se recusava a deixar o cômodo até que ela tivesse comido o suficiente.

Se tinha algo que ela não sentia naquele momento era fome, só que comeu mesmo assim. Por gostar da companhia dele, enrolou de forma intencional, comendo o mais lentamente que podia, fazendo com que ele ficasse o máximo possível.

Ele tamborilava os dedos no joelho enquanto a observava. Ficaram em silêncio por um bom tempo, já que não havia nada mais para ser dito, e ambos mal tinham forças para isso.

Quando ela finalmente terminou, ele se levantou aliviado e foi pegar a tigela de suas mãos.

— Fique aqui comigo, por favor. – ela pediu, prendendo o prato na mão.

Ele a fitou por alguns instantes, os olhos tão cansados quanto os dela, sérios e vazios. Considerou por um instante.

— Tudo bem. – Ele abriu um pequeno sorriso, quase imperceptível, e caminhou até a pequena mesa do quarto, colocando a tigela sobre ela.

Fez o caminho de volta e se sentou na borda da cama, apoiando o cotovelo da perna e escorando a cabeça nas mãos.

— Mas que droga… – Foi tudo o que conseguiu dizer.

— Acha que ela nos abandonou? – Kayla teve a coragem de perguntar. — Ou nós ouvimos errado e…

— Não, não acho que ela nos deixou. Só acho que não entendemos exatamente o que ela queria dizer e… esse é o perigo.

— Não faz sentido. Eu tentei perdoar Cal-uya, eu *realmente* tentei. Mas aquela não *era* ela… não parecia com ela. Era ainda pior, como uma versão dez vezes pior da Cal-uya que eu conhecia. Como, como nossa… mãe. – Ela arregalou os olhos, de repente consciente.

— A antiga Imperatriz?

— Si-sim, estava agindo exatamente como ela…

— Ela não vai ceder, não é?

— Não mesmo. – Kayla passou a mão pelos fios negros, bagunçando o cabelo. — O que vamos fazer, Elliot? Eu sinto que deveríamos estar fazendo *algo* agora. Alguma coisa, eu só não sei o quê…

— *Voltando e descansando serão libertados* – ele repetiu, reflexivo. — Acho que precisamos descansar, mesmo que isso não faça nenhum sentido. *Esperar* para ver o que *ela* vai fazer.

Kayla soltou uma risada, ferida e incrédula.

— *Descansar*… antes de tudo acabar. É claro. – sussurrou, com o olhar vazio e distante. —Tudo bem então.

Pegando o seu travesseiro, ela se moveu para a borda da cama e deitou. Sem falar nenhuma palavra, segurou a mão de Elliot e o puxou, indicando que ele fizesse o mesmo. Ele hesitou por um momento e tirou os

sapatos, se deitando ao lado dela. Estavam ambos cansados e desolados, os olhares perdidos, a força extinguida, desesperados por algum milagre.

— Vai fazer sentido. – ele sussurrou, a fitando, o rosto próximo ao dela. — Algum dia… tudo isso vai fazer sentido. – falou mais para si mesmo do que para ela.

Com a mão entrelaçada na de Elliot, os olhos de Kayla falharam, e ela adormeceu.

De início, um sonho pesado e profundo, sem sonhos. Mas então, aos poucos, a imagem foi se tornando clara, como acontece quando a luz de um cômodo é acesa e os olhos demoram para se acostumar.

"Eu te escolhi." A Gravidade sussurrou em sua consciência. *"E eu não erro."*

"Por quê?" Ela perguntou em seus pensamentos. "Por quê?"

Tudo se iluminou à sua volta, e Kayla se viu em um lugar familiar, o quarto no alto da torre do palácio, o cômodo de seu pai. Os *leds* piscavam no teto, e os cabos de sempre preenchiam todo o local, ligando a máquina quadrada no canto até à cama onde o corpo de seu pai repousava.

Ela correu os olhos pelo lugar, tentando entender o que acontecia. Foi quando reparou e então voltou o olhar para a cama. Seu pai estava deitado, inconsciente, só que não havia mais nenhuma doença ou inchaço em seu corpo. Ele tinha a mesma aparência de anos atrás, o corpo forte e saudável e sua longa barba verde.

Kayla se aproximou lentamente da cama, tentando entender o que estava acontecendo. O corpo do Imperador, apesar de saudável, estava preso pelos cabos de metal, que se moviam em volta de seu corpo, imobilizando suas mãos e tampando o seu rosto. A oráculo tropeçou para trás, assustada, esbarrando em outro cabo. Em um movimento rápido, se desvencilhou deles, que tentaram se enrolar nela e parou na frente da porta.

"Existe um mal, que mesmo exterminado na Terra, veio até a lua com os humanos." A Gravidade falou e tudo em volta tremeu. *"Ele corrompe governos e corrói mesmo a melhor de minhas criações."*

À medida em que ela falava, a cena começou a mudar. O olhar de Kayla foi atraído para a grande máquina e um som como o de batidas de um coração começou a ecoar, vindo do objeto. De dentro do quadrado, surgiram raízes verdes, com espinhos e folhas que começaram a crescer e a se enroscar em tudo que estava ao alcance. Elas percorreram o chão, se

enrolando os cabos e crescendo cada vez mais. Se espalharam até chegar nas pernas de Kayla, tomando todo o seu corpo em questão de segundos.

Ela tentou se mover e não conseguiu, começou a se sentir sufocada e percebeu que mal conseguia respirar. As plantas tomaram o cômodo até o teto, criando um cenário similar ao do seu pesadelo com a Terra. E antes de tudo escurecer, a voz sussurrou novamente para ela:

"Você será a última oráculo da Gravidade. Com o cumprimento da promessa, a ordem será restaurada. Não haverá mais ruído ou distância, lágrima ou perda. Eu falarei com todos e serei ouvido por todos. Cumpra a missão. Viva a promessa."

— Ahhh. – Kayla acordou em um pulo, puxando o ar violentamente e o sentindo voltar para seu corpo.

Elliot não estava mais na cama, porém, cochilando sentado na cadeira ao lado da mesa.

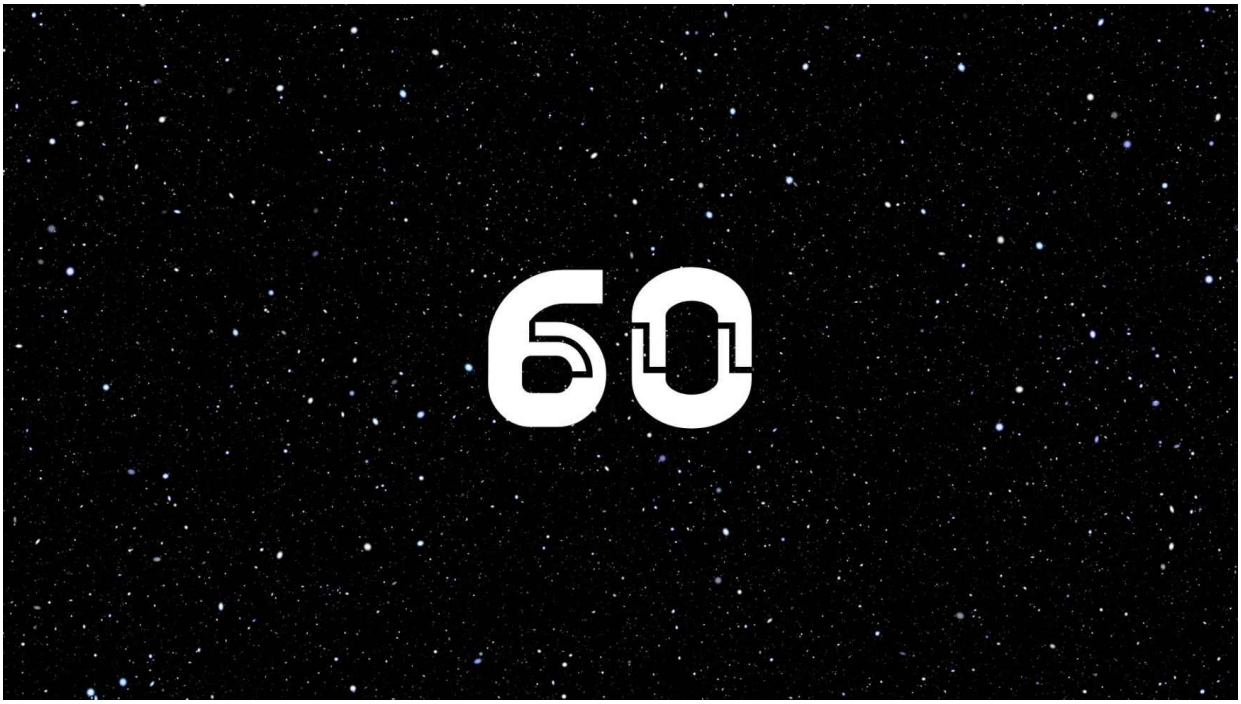
— O quê? – ele despertou, os olhos arregalados.

— A Gravidade. – Kayla respondeu com um sorriso. Não havia mais medo ou dúvida no seu coração, apenas certeza. — Agora eu entendo, porque viemos para a Lua, porque a guerra tem que cessar e porque precisamos retornar para a Terra.

Elliot se levantou da cadeira, a esperança faiscando em seus olhos.

— Oh, então ela falou *mesmo*.

— Sim. – Kayla riu, tomada por entusiasmo e alívio. — E… e eu sei exatamente o que fazer.



Um passo arriscado

Haviam escombros por toda parte, lhe tapando a visão. Seu painel, colorido por um tom vermelho, indicava o estado crítico em que se encontrava. A perda de diferentes funções, assim como a parada crítica da estabilidade magnética que fazia seu corpo funcionar e se mover. A pequena criatura de cabos e metal escaneou todo o espaço à sua volta, tentando encontrar uma forma de sair dali. Ainda não havia completado sua missão, então, não era hora de parar. A não ser que a própria Gravidade o impedisse, ele retornaria para sua senhora.

M4 ativou sua roda, que se moveu fazendo subir a poeira, porém, sem trazer nenhum resultado. Sua ventoinha rodou de forma acelerada, tentando forçar seu pequeno e pesado corpo a se mover. Ele cumpriria a missão, cumpriria a promessa que tinha feito ao seu criador. A lembrança o impulsionou e ativando os propulsores de emergência, conseguiu se mover novamente, recuperando a estabilidade magnética. Sua parte superior levantou em um impulso, voltando a se apoiar sobre a única roda. Ele

ativou-a e passou por baixo do maior escombro detectado e finalmente saiu de onde estava preso.

Pequenos estilhaços de vidro prenderam na sua roda, mas ele continuou a se mover. Não pararia até estar em casa, não pararia até estar com ela.

Procurou em seu sistema qual era a entrada mais próxima para as cidades subterrâneas e rumou em direção a ela, passando despercebido por entre as explosões e fumaças, com uma parte de sua estrutura exterior pendida e se arrastando pelo chão.



Reuel fitava Kayla e Elliot com um semblante atordoado. Ele abriu a boca para falar, todavia, desistiu logo em seguida, cerrando os lábios.

— Vocês *têm* certeza? – perguntou finalmente, a voz preocupada.

— Eu nunca tive mais certeza. – Kayla respondeu, o semblante pulsando com determinação e euforia. — Sei que não faz nenhum sentido, porém,é exatamente por isso que devo fazer. E não vamos precisar arriscar a vida de ninguém, será apenas Elliot e eu.

— Co-como exatamente pretendem entrar no palácio? Eu ainda não entendi.

— Pelo mapa da Bosei. A torre onde meu pai está escondido faz parte da construção original da nave. Não foi uma adição para a arquitetura ou algo assim, é a própria ponte onde o casal de oráculos ficava, acima do painel de controle, que é, na verdade, parte do pátio leste.

— Com uma nave B7, apenas de transporte e não de ataque, podemos ativar o escudo de invisibilidade e voar até lá. – Elliot completou, repassando o plano.

— E como, pela própria Gravidade, entrarão lá?

— A Bosei responde aos seus pilotos. Isso aconteceu comigo uma vez e acredito que vai acontecer de novo. Existem alguns compartimentos que são fechados, paredes foram construídas em volta, e esses corredores só conseguem ser abertos e acessados por nós, os oráculos. A própria estrutura da nave irá nos reconhecer e nos deixará passar. *Eu espero*.

— E po-por quê? Por que logo lá? Vo-vocês mal têm uma estratégia, se falharem certamente serão pegos… – Reuel passou a mão no rosto suado, visivelmente transtornado.

— Se falharmos, vai ser porque a Gravidade assim quis que fosse. – Kayla respondeu. — A minha visão foi clara, eu preciso voltar para aquele cômodo, preciso parar a força medonha que cresce lá. Como isso vai nos levar para a Terra eu ainda não sei, apenas sei que é o que a Gravidade falou para eu fazer. Estamos nas mãos dela agora.

— Apenas uma nave, pai. – Elliot pediu. — Nos deixe ir. Sem fazer alarde ou anunciar para o povo.

— Uma missão às cegas… – Reuel sussurrou, descrente.

— Sim, mas uma que vai dar *certo*! – Kayla juntou as mãos em súplica. — Apenas… *acredite* em mim, Reuel. Acredite…

— Na promessa. – o líder completou, seu olhar se encontrando com o dela.

— Isso. – ela sorriu, o tranquilizando.

— Tudo bem. – ele se levantou da poltrona. — Mandarei preparar a nave.

— Ótimo. – a oráculo olhou para seu parceiro, a mesma esperança e adrenalina estampada em seus olhos.

— *Ninguém* pode ficar sabendo. Estarão por conta própria e façam o favor de não serem pegos.

Uma pequena risada saiu da garganta de Elliot.

— Sim, senhor.

Uma batida oca na porta desviou a atenção. Ela foi aberta logo em seguida, revelando um guarda de pele escura e olhar confuso.

— Senhora oráculo, – rle meneou a cabeça, em respeito. — No-nós encontramos o seu robô.

— Como disse?! – o semblante de Kayla se iluminou em surpresa e dúvida. — M4?!

— Sim, senhora.

— Lobos da lua! – tampou a boca, com os olhos marejados. — Eu não acredito! Onde ele está?

— Estão o trazendo para a base agora. Ele foi encontrado em frente ao portão, tentando de toda forma abri-lo para entrar.

— Pelas estrelas! – Ela se segurou a Elliot, as pupilas dilatadas e as mãos trêmulas. — Isso é…

— Senhora – o soldado a chamou.

— Sim?

— Acho que seria bom avisá-la que ele está *diferente*. Foi muito danificado pela explosão, é um milagre que tenha conseguido se mover até aqui.

— Diferente como, soldado?

— Bom, ele está falando freneticamente coisas que… não fazem sentido.



A Missão de M4

Quando M4 chegou até a base, seu sensor piscava e alguns compartimentos se abriam sozinhos. O robô, por outro lado, se movia freneticamente, balançando suas rodas para frente e para trás.

— M4! – Kayla correu até ele, se agachando e desmoronando ao seu lado. Ela cobriu o corpo do robô com um abraço, esticando bem seus braços.

— *Mi-minha se-nhora*. – a voz dele falhou, sua saída de som também estava comprometida.

— Eu estou aqui, M4. E você também está. – ela disse de forma anasalada, estava se segurando para não chorar com tantos soldados em volta. — A Gravidade sabe que eu não aguentaria perder mais ninguém… – sussurrou, fechando os seus olhos e encostando a cabeça no metal do robô.

— *A explosa-são. A explosa-são.*

— Sim, eu achei que você tinha sido destruído na explosão.

— *Na-não, minha princesa. A explosão me le-lembrou.*

Kayla cerrou as sobrancelhas e afastou o rosto.

— Te lembrou do quê?

— *Do meu criador e da mi-minha missão original.*

Kayla riu, confusa.

— Você sabe quem te montou? Quem construiu você?

— *Se-sei.*

— Quem?

— *O seu pai, minha senhora. Lucas Magalhães Young.*

— O-o quê? – a voz de Kayla saiu entrecortada e seu corpo caiu para trás, com a mão apoiada no chão. — Co-como assim?

— *Seu pai me construiu com o propósito de proteger você. Foi por isso que ele me mandou para o palácio, um pouco antes de você ser adotada pelo Imperador.*

— Por-por quê nunca me disse isso?

— *Por que eu esqueci.*

— Co-como?

— *Você se lembra, há muitos anos atrás, de quando me jogou da varanda esperando que eu voasse?*

As bochechas de Kayla coraram, e ela ouviu Elliot rindo baixinho acima de si.

— Sim. – sussurrou entre dentes.

— *Eu tive que ser re-remontado após o incidente e com isso, parte da minha programação original foi perdida.*

— Grandes lobos da lua!

— *Po-porém, quando a bomba estourou à minha volta, essa função oculta, escondida de forma imapeável dentro da minha placa, foi reativada.*

— Então… meu pai te criou para que estivesse comigo. Ele, *eles*, sempre se fizeram presentes, mesmo quando não estavam mais aqui. — Kayla segurou as lágrimas que tentavam sair.

— *Sim, mas essa não era a minha missão. Não a principal*.

— Como assim?

— *Sua mãe me confiou a missão de guardar o téteme, chave que desde a construção do grande palácio foi passada de oráculo para oráculo, por 400 anos, até que estivesse segura nas mãos da última escolhida.*

— E… o que isso faz?

— *Não tenho essa informação. Apenas sei que é crucial para que a nave decole. E que só pode ser ativado de dentro.*

Kayla levantou o rosto, encontrando o olhar de Elliot. Eles se comunicaram apenas com olhares:

Será que?

Sim, é claro que é a Gravidade.

Ela está nos dando as ferramentas.

E apenas no palácio saberemos para quê.

Ela voltou o rosto para o robô, determinada.

— Esse *tétame,* você guardou ele para mim? E… como minha mãe poderia saber? Saber que eu…

— *Eu não sei, minha senhora. Talvez simplesmente porque ela era mãe.*

O robô se aproximou um pouco mais dela, movendo a roda de forma instável. Ele abriu um compartimento bem onde estava seu visor, seu único *olho*. O círculo se moveu para o lado e dele saiu um cristal, tão branco como a marca da Gravidade no braço de Kayla.

— Um cristal bhaskar… – Elliot sussurrou, se agachando ao lado dela. — Eu pensei que fossem uma lenda, que não existissem de verdade.

— O quê é? – a oráculo perguntou, confusa.

— Dizem que os cristais bhaskar são o que restou dos destroços do primeiro planeta de *todo* universo. O… o planeta natal da própria Gravidade. – Elliot respondeu, recitando as lendas que tanto ouviu de sua mãe.

— *De fato, o cristal é uma fonte de energia desconhecida e indomável. Dizem até que tem consciência. Acredito, minha senhora, que parte da minha personalidade que tanto a intrigava sempre teve influência dele.*

— Mas… você vai ficar bem? Sem o cristal?

— *Tirando o fato de que estou caindo aos pedaços e em poucos minutos minha placa fritará inteiramente, ficarei bem. Com as reparações necessárias, serei apenas um robô mais… normal.*

— Eu nunca quis um robô normal. – Kayla balbuciou, com um aperto crescendo em seu peito.

— Por favor, pegue o cristal, com ou sem ele continuarei sendo o que sempre fui. Seu rô-rôbo. – ao falar isso, a luz do visor se apagou, e ele pareceu estar sendo desativado.

Kayla pegou o cristal antes que ele caísse no chão, pesado e quente, como uma pequena chama. A roda de M4 parou de se mover e o robô tombou para trás.

— Cuidaremos dele, minha oráculo. – um guarda de olhar compreensivo se aproximou e o levantou, sinalizando para que outros o

ajudassem. — Ele será levado para nossos mecânicos e estará novo a ponto de ver a nave pousando na Terra. – prometeu, com um leve sorriso.

— Tudo bem. – Kayla sussurrou, o olhar triste fixado na carcaça suja e em frangalhos. — Tudo bem. – repetiu e se levantou.

Ela fechou o punho sobre o cristal e o sentiu ativar sua marca no braço, que começou a brilhar novamente. Seu olhar se encontrou com o de Elliot, confiante e resignado, como o dela. E com apenas um piscar, ele disse tudo o que precisava:

Vamos para o palácio.



Que a Gravidade os guie

Kayla e Elliot caminharam em silêncio pelo corredor que os levaria até o galpão de naves dentro da base. Ambos trajando roupas militares brancas, comunicadores posicionados no rosto, sob a orelha e nada mais além da certeza de que estavam no caminho certo. A presença da Gravidade havia se tornado mais palpável. A cada passo que davam, sentiam o próprio ar os envolvendo, uma força invisível os impulsionando, os confortando.

Com um visor em mãos, Elliot os guiou até a nave que Reuel havia selecionado para eles. O líder estava parado em pé, de frente para ela, aguardando os dois.

— Pai. – Elliot o cumprimentou com uma reverência.

— Houveram algumas mudanças na missão. – Reuel falou sem rodeios.

— Como assim? – Kayla perguntou, as sobrancelhas franzidas.

— Vocês não irão sozinhos.

— Pai, você é o líder de todos os quatro clãs, não posso arriscar ter…

— Eu? Ah não, eu não vou.

— Então quem vai?

A porta foi aberta, e a figura de Miguel emergiu da escuridão.

— Bem vindos a bordo. – ele falou com um sorriso, balançando a cabeça.

— Miguel?

— Pois é. Reuel sentiu que seria mais seguro se tivessem uma equipe de apoio.

— Que sou eu, no caso. – Lilian apareceu ao lado dele, os cabelos encaracolados presos em um coque alto e um semblante sério no rosto. — Miguel é responsável apenas pelas piadas ruins.

— Como trabalharam tão bem na última missão, pensei que seria melhor que estivessem acompanhados. – Reuel explicou.

— Vocês têm certeza? – Elliot perguntou preocupado. — Não podemos prometer segurança, nem retorno. Estaremos no escuro, com apenas a Gravidade para nos guiar…

— E isso já não tem sido a nossa vida *inteira*? Prefiro fazer algo do que permanecer aqui, segura e futuramente *morta*. – disse Lilian.

— É isso aí, vamos queimar todos os malditos lunares. – Miguel levantou o punho, em comemoração. — E-eu estou brincando, sei que esse não é o objetivo da missão.

— Vamos. – Lilian revirou os olhos e sinalizou para que o casal de oráculos entrasse.

Segurando a mão de Miguel, ambos entraram rapidamente no veículo.

— Obrigada, Reuel. – Kayla agradeceu, já dentro da nave. — Obrigada por acreditar.

— É claro. – olíder assentiu — Nós passamos…

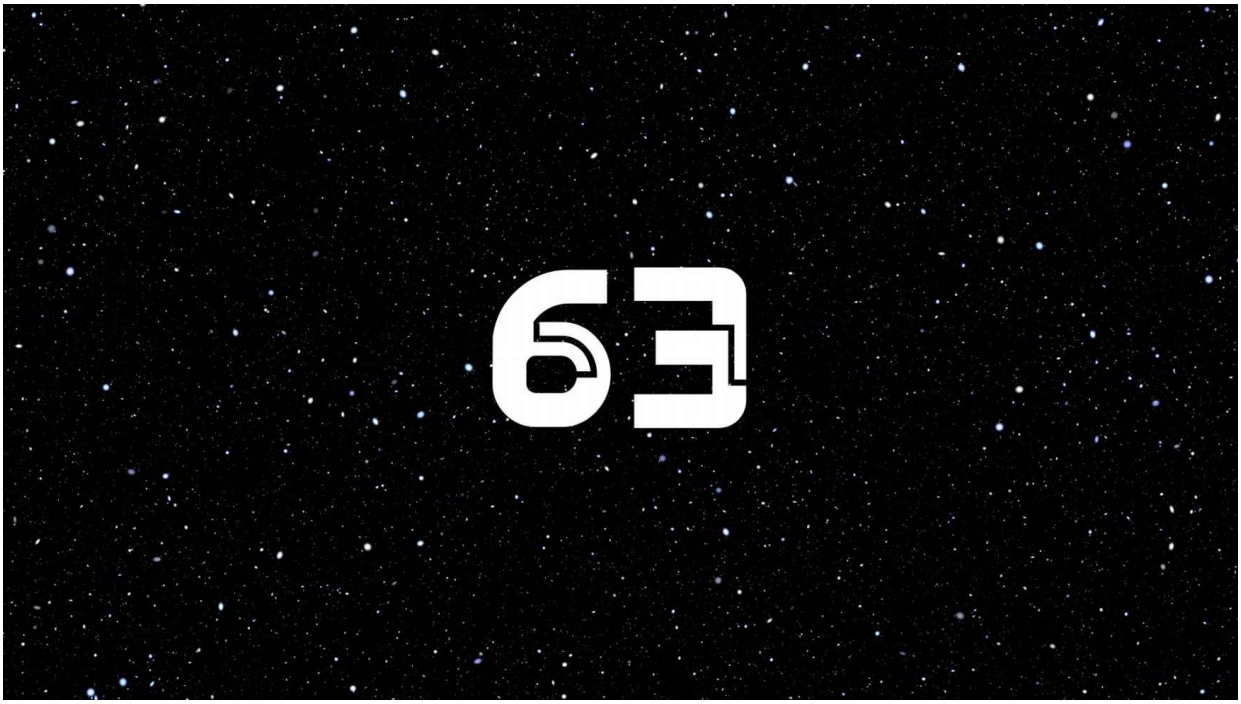
— Ela permanece. – a oráculo completou, antes da porta ser fechada.

Dentro da nave, Kayla caminhou até onde Elliot estava e se sentou ao seu lado. Miguel e Lilian entraram na cabine.

— Prontos então? – o *hacker* de descendência brasileira falou pelo microfone. — Rumo ao palácio imperial.

Os propulsores da nave foram ativados, e ela levitou, deixando o chão. O grande portão do galpão foi aberto, e a nave voou até ele, de início de forma lenta e constante, consciente dos outros veículos no local. Assim que a estrutura passou pelos portões, Miguel aumentou a velocidade, todos se seguraram em seus assentos, e a nave mergulhou na escuridão da caverna

enquanto seu escudo de invisibilidade era ativado, se tornando uma só com os túneis por onde passava.



A ponte de imersão

A nave mergulhou pelo céu lunar, se misturando com os prédios e as cores que o constituia. O conflito estava mais vivo do que nunca na superfície, porém, agora, parecia que os lunares estavam ganhando.

Kayla levantou o olhar, tentando distrair sua mente enquanto sua barriga se contraía de ansiedade pelo o que estava prestes a fazer. Ela se surpreendeu com a mão de Elliot se enroscando na dela. Virou o rosto e viu que ele a olhava. Apertou a mão dele com força e se aproximou para mais perto dele.

A nave voou até a torre do Imperador, enquanto Miguel era guiado por Lilian, que, com o mapa de Bosei em mãos, buscava o lugar exato onde deveriam parar.

— Tem certeza que a estrutura da torre não foi alterada? – ela perguntou da cabine.

Kayla se levantou e foi até a mulher.

— *Quase* certeza. Compare com a planta, a estrutura parece estar intacta, sem nenhuma camada por cima.

— Droga, eu espero que esteja certa.

A nave se aproximou da localização que Kayla tinha dado, onde estava apenas a parede lisa da torre, sem janela, varanda, ou nada que servisse de entrada.

— Estamos chegando. – Miguel avisou.

Elliot se levantou e caminhou até Kayla, que já estava parada frente a porta. Miguel aproximou a nave o máximo que podia, a colocando rente à parede da torre, a poucos centímetros de encostarem.

A porta foi aberta, e o frio da noite preencheu todo o espaço, Kayla tremeu e teve que se segurar por causa da vertigem. Pelas frestas, ainda podia ver a cidade abaixo e o quão alto estavam.

— Juntos? – Elliot perguntou, ainda encarando a parede à sua frente.

— Juntos. – Kayla sussurrou de volta.

Eles moveram as mãos ao mesmo tempo, encostando a mão direita na superfície gélida da torre. Com a outra, Kayla continuava se assegurando ao cristal. Assim que tocaram na estrutura, um choque percorreu os braços de ambos. Era como sentir uma fera, que havia adormecido por muito tempo, acordar. A nave estava viva, pulsando na mesma frequência dos seus corações.

Lutando contra a dor que irradiava pelo braço, Kayla manteve a mão, tentando ser forte. O frio da noite raspava seu rosto e fazia seus lábios tremerem. Depois de alguns instantes, o metal se mexeu de leve, parecendo desfazer-se de seu estado sólido e causando pequenas ondas em volta de onde as mãos estavam. Círculos pequenos, que se espalharam e multiplicaram, crescendo em harmonia, até um barulho metálico ser ouvido.

Uma linha fina cresceu no centro, relevando duas portas que se abriram, deslizando para os lados de forma muito mais rápida e suave que qualquer tecnologia conhecida era capaz de fazer.

A nave respondeu, e um corredor de formato redondo iluminou-se à frente deles.

— Pela promessa da Gravidade! Vocês conseguiram! – Miguel berrou da cabine.

— Parece que sim. – Elliot arfou, com os batimentos do coração retumbando no peito.

— Vamos entrar. – Kayla comunicou, dando um largo passo e deixando a nave para entrar no corredor.

Ela caminhou para dentro, se sentindo atraída pela própria nave, eliminando os seus medos, aumentando sua coragem. De certa forma, estava em casa.

Elliot deu um pequeno salto e a acompanhou de forma afobada, ainda fascinado e assustado com cada detalhe. Assim que ambos entraram, a porta se fechou de uma vez, como se voltasse a ser sólida novamente. A tecnologia da Bosei era diferente de tudo que ele conhecia, era intuitiva, pulsante, *quase* viva. O próprio chão iluminado, reagia aos seus passos, retumbando e tremeluzindo, como se estivesse se adaptando a ele, o reconhecendo. Não havia uma força de energia específica que fazia com as luzes funcionassem naquele momento, nada que não tivesse sido corroído após 400 anos de inatividade. Era uma nave movida pela própria gravidade e ambos entenderam isso no momento em que pisaram nela.

Kayla avançou pelo corredor, respirando fundo, inalando o propósito e a verdade que estavam escondidos, guardados ali por todos aqueles anos. Porque a humanidade foi exilada. E porque ela não poderia ir para aquele caminho novamente.

O corredor os guiou até uma bifurcação, onde tinha três caminhos diferentes para se seguir.

“Em frente.” A voz da Gravidade ecoou antes mesmo que ela pedisse por ajuda.

Kayla sorriu e tomou o caminho do meio, que estava bem à sua frente.

O corredor começou a se alargar à medida em que caminhavam. O teto se tornou mais alto e o chão se abriu para várias outras passagens e portas que caiam ali.

— Todo esse espaço… – Elliot exclamou. — E eles não usaram nada disso como parte do palácio…

— Talvez porque tivessem um motivo para escondê-lo. – o olhar da oráculo se encontrou com o dele. — Mas qual seria?

— Acho que estamos prestes a descobrir.

Elliot parou em frente a uma porta de formato hexagonal alta e com dois pequenos hexágonos no centro. Diferente das outras, essa permanecia fechada.

— O formato é diferente das outras portas… – Kayla comentou, chegando ao lado dele.

Ela estendeu a mão e a colocou em um hexágono, que se acendeu ao seu toque. Emitiu uma luz verde-água. Antes que virasse para chamá-lo, Elliot repetiu a ação. O hexágono do lado dele também se acendeu e a porta se dissolveu bem na frente deles.

— *Bem-vindos a ponte de imersão, oráculos.* – uma voz robótica ecoou do lado de dentro.



O mal que se espalhava

—Isso é?... – o olhar de Elliot se fixou em Kayla.

— Eu acho que sim. – ela respondeu com um sorriso, e mesmo em um momento crucial como aquele, ele pensou em como ela ficava tão bonita com *aquele* sorriso. Não o sorriso dos outros dias ou o sorriso de obrigação, *aquele* sorriso, o sorriso de esperança.

Eles entraram na câmara, tentando se familiarizar com o ambiente. Havia um grande painel de vidro translúcido, que cobria boa parte da parede e estava desativado. Depois dele estavam duas cadeiras tão grandes e largas, cheias de apetrechos e funções, que mais pareciam cápsulas. Kayla engoliu em seco só de pensar em estar presa à uma delas. Seu olhar correu pelo cômodo, observando cada detalhe, tentando encontrar o que quer que a Gravidade quisesse que ela visse. Seu olhar parou no fim da parede, no canto extremo do cômodo, onde uma mancha preta crescia sobre o metal claro. Kayla se aproximou, sentindo os pelos do seu braço se arrepiarem instantaneamente.

— Elliot – chamou com um sussurro enquanto se agachava.

A mancha preta ocupava parte da parede e do chão e parecia estar corroendo o material, o enferrujando.

— Isso vem… do outro lado. – Elliot comentou, observando de perto.

Kayla se levantou em um pulo, um arrepio se formando em sua espinha.

— Aqui é… – ela engoliu em seco. — É o quarto do meu pai. É onde ele foi colocado desde a doença. – encostou a mão na parede, sentindo o cômodo do outro lado.

— Seja o que for que tenha crescido por lá, não é nada bom.

— Não mesmo. – ela contraiu o maxilar.

— E é exatamente lá que vamos entrar, não é mesmo? – ele fez uma careta, tirando seu aro da jaqueta e o ativando.

— Sim.

— Tudo bem. – ele ativou a função *laser* e caminhou até a parede, metade do círculo brilhando em suas mãos, pulsando com um calor que cortaria qualquer metal.

Porém, no instante em que o encostou na estrutura, uma onda de choque preencheu seu corpo, o jogando para trás.

— Elliot! – Kayla gritou assustada, correndo até ele. — Você está bem?

Com o rosto vermelho o oráculo bufou e jogou o aro no chão, irritado.

— Não funciona com ela. Parece que a nave não pode ser danificada ou destruída. Não por tecnologia humana. – falou, aceitando a mão de Kayla e se levantando.

— Como atravessamos então?

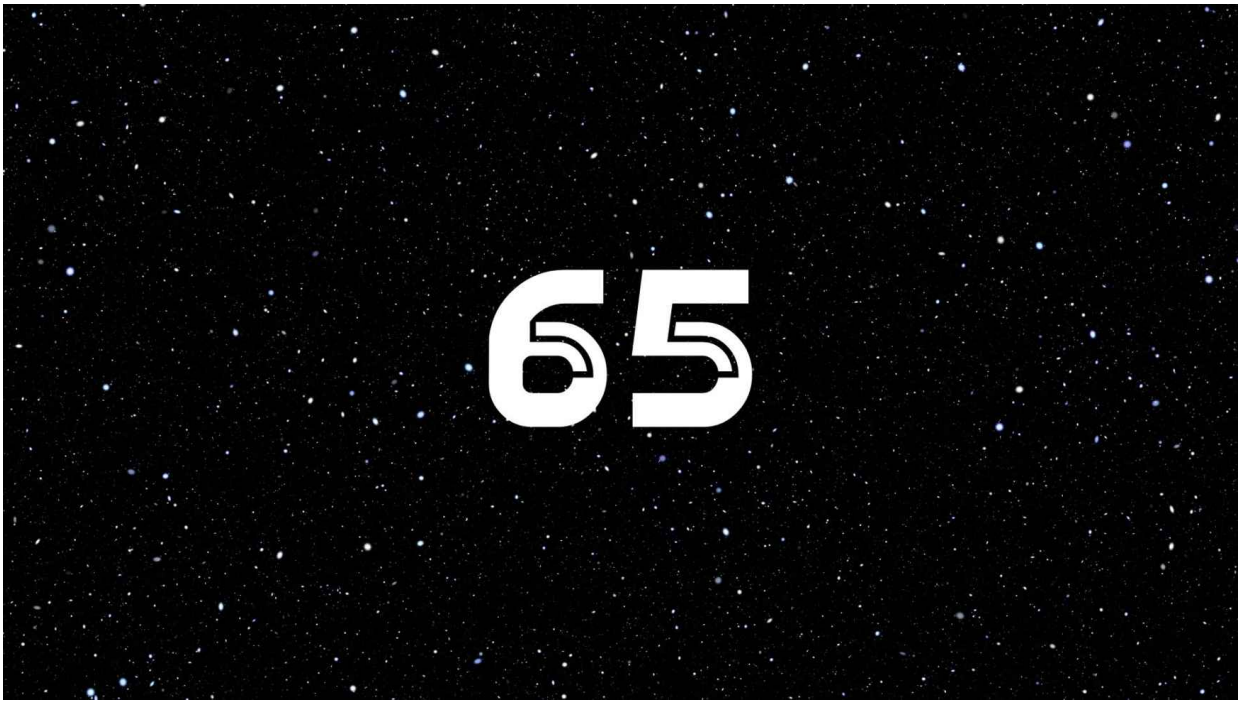
— Talvez… da mesma forma que entramos.

O rapaz respirou fundo e começou a caminhar novamente em direção ao lugar, encarando a parede como um inimigo que deveria ser vencido.

Kayla se posicionou ao seu lado e olhou hesitante para ele antes de encostar a palma da mão na parede. Não havia nenhum sinal de que alguma porta já havia existido ali, mas, por serem os oráculos a construção respondia de forma diferente a eles.

A oráculo encostou a mão, com a de Elliot ao seu lado, e mesmo sabendo que não fazia sentido, se pegou conversando com a nave, pedindo

para os deixar passar. A superfície se moveu na frente deles, abrindo uma porta. A Bosei havia respondido.



A Vingança da Imperatriz

Kayla pegou na mão de Elliot e a segurou firmemente antes de passar pelo espaço, adentrando o cômodo abafado e mal iluminado onde estava seu pai. Ela a puxou e ambos esbarraram nos cabos assim que entraram, eles estavam por todo o lugar.

A espinha da oráculo se arrepiou ao sentir uma força vindo atrás dela. Ela se virou, parando bem de frente à grande máquina quadrada, de onde vinham todos os cabos. Deu um passo para trás, assustada. O único olho do aparelho, um visor vermelho, se virou para ela, reconhecendo sua presença ali.

O cristal queimou na palma de sua mão e uma dor de cabeça instantânea tomou a parte de trás da sua cabeça.

— *Você…* – a voz de máquina saiu fina, cortante e estranhamente familiar. — *Eu deveria ter te matado quando tive a chance.*

— Quem é você?

— *Quem você acha?... Verme.*

Verme era como a Imperatriz a chamava durante todos os anos em que viveu no palácio. Se recusava a chamá-la pelo nome ou por qualquer título imperial.

— Não… – Kayla soltou uma gargalhada de descrença, olhando para Elliot com o semblante confuso.

— Quem? – ele perguntou em um sussurro.

— A Imperatriz lunar… – respondeu e seu parceiro engoliu em seco. — Mas ela está morta! Está morta há muitos anos.

— *Acha mesmo que este Império teria sobrevivido se eu não estivesse presente, mesmo trabalhando nas sombras?*

— N-não… – Kayla balbuciou. O cristal queimava ainda mais forte em sua mão. Ele queria lhe contar algo.

— *Está certa. Ele não teria*. – a máquina respondeu.

— Não. – a oráculo repetiu. — Você não é a Imperatriz. Não é. Ela está morta, eu a *vi* morrer.

— *É claro que viu, todos viram. Inclusive seu queridíssimo pai. E ninguém fez nada.*

Kayla virou o rosto, procurando a maca do Imperador e o encontrou bem no centro do cômodo. O corpo tão inchado como antes, contudo, os olhos completamente abertos, com as pupilas dilatadas.

— Tal-uya… – ele sussurrou, já fazia um tempo que ninguém a chamava assim. — Sa-saia daqui.

A tensão em seu corpo aumentou ainda mais, e ela se voltou novamente para a máquina.

— O que você *fez* com ele? – perguntou rangendo os dentes.

— *Oh, você ainda não percebeu? Ele é a minha fonte de vida. Minha consciência permanece viva enquanto o corpo dele permanecer. Mas não se engane, é o mesmo para o contrário. O imperador só vive enquanto eu viver.*

— Isso não é vida… é completamente miserável!

Percebendo que não era um truque da sua mente e que os cabos em volta deles estavam de fato se movendo, Elliot desprendeu sua mão da de Kayla e segurou firme no aro, o posicionando para o chão.

— O quê ele fez?! O quê Admiral fez para que o tratasse com tanto desprezo?! Para que o usasse como uma… *bateria*?

— *O que ele não fez, no caso. Ele não cumpriu o meu pedido, não foi duro com os humanos, não os puniu como deveriam ter sido punidos.*

— E por que nos odeia tanto? Por que sempre odiou?

— *Porque vocês acabaram com a minha vida. São a praga que consumiu o meu planeta e… arrasou a minha família*.

— Co-como assim?

— *Um humano, Frederik Russel, assassinou meu pai e forçou minha mãe a se casar com ele. Depois que ela tirou a própria vida, fez com que eu tomasse o lugar dela e desempenhasse suas funções. Ele acabou com a minha família, e desde então jurei que acabaria com sua raça.*

— Você conhece esse nome? – Kayla olhou para trás, sussurrando para Elliot.

— O nome Russel nunca representou nada de bom. Dizem que o ancestral deles tentou matar o casal de oráculos e roubar a Bosei. – ele sussurrou de volta, os olhos ainda fixos nos cabos. — Isso uns vinte anos depois da chegada.

— Não me importa o que te fez nos odiar, não pode condenar todo um povo por causa do erro de *um homem*. Seu plano nunca funcionaria, nem quando matou o meu tio para se casar com o meu pai, nem quando matou minha mãe, a minha mãe *de verdade* – a garganta de Kayla ardeu, a lágrima entalada. — Seja lá quem você for e eu não acredito que seja mesmo a Imperatriz, você *nunca* venceria.

— *E por que não?* – a voz perguntou, zombeteira.

— Porque nenhuma força neste universo é maior do que uma promessa. Especialmente uma feita pela própria Gravidade.

— *Felizmente, para você, vou garantir que continue viva para assistir quando seu povo ruir e essa promessa for destruída.*

Os cabos que antes cobriam todo o chão, se movendo minimamente, ganharam vida, em questão de segundos. Um deles se enroscou rapidamente na perna de Kayla, e antes que ela pudesse lutar, a jogou de uma vez no chão. Com a mão direita, ela se segurou a Elliot, que foi puxado junto, caindo ao seu lado. Com a mão esquerda repousando em cima da mão em que Kayla, tentava segurar o cristal para ele não cair. Quando o cristal tocou a sua pele, um choque percorreu o corpo de ambos e com uma rajada de luz que emanou da pedra, tudo se tornou branco.



A praga da humanidade

Tudo se tornou tão claro que Kayla teve que fechar seus olhos, pois começaram a arder. Quando os abriu novamente, estava pairando no espaço, sem corpo material, apenas observando uma cena. Uma grande nave cortava as estrelas, navegando de forma constante rumo ao pequeno satélite da Terra. Ela não conseguia vê-lo ao seu lado, mas sentiu que Elliot também presenciava tudo com ela.

A cena mudou, e eles estavam observando os primeiros dias da humanidade na Lua, os alojamentos sendo construídos, os primeiros conflitos emergindo.

"Quando a natureza tomou o planeta Terra de volta, punindo os humanos e restaurando o que havia sido corrompido, nem todo o mal foi extinguido."

Kaila não conseguia discernir se era o cristal ou a própria Gravidade lhe contando a história. Parecia… ambos.

"O mal cria raízes muito mais fácil do que o bem e foram essas raízes que levaram à queda da humanidade."

A imagem mudou, e eles estavam de volta à Terra, no exato dia em que a maldição tomou a atmosfera e transformou toda a praia artificial de Allum em uma floresta de máquinas, barcos e pessoas, todos transformados em árvores. Dando um fim ao continente terrestre extinto da Oceania.

Um homem porém escapou. Matando o piloto, pegou a primeira aeronave que viu, um módulo individual e voou o mais alto que pôde, saindo dali.

"Esse homem era Ignar Russel." A voz ecoou. *"Nascido de uma longa linhagem comprometida em extrair todo e qualquer recurso do planeta a custo da riqueza e do avanço. Ele não era o único homem mau sobre a Terra naquele tempo, mas foi o único que sobreviveu.*

Ignar fez parte da missão global de exílio humano, ganhando a confiança e o respeito por usar de seus recursos. Ele estava nas reuniões, nas grandes assembleias e conhecendo o casal de oráculos.

Em pequenas ações, ele continuou na lua os traços da ganância e da subversão que levaram a humanidade ao exílio."

A imagem mudou e os anos foram passando. Eles viram Ignar em um escritório, se reunindo secretamente com uma dezena de homens e programando um motim. Ignar não acreditava na punição ou na promessa e estava determinado a voltar para a Terra. A Lua não lhe servia, nem para os seus propósitos, nem para os seus desejos.

Ao tentar tomar o controle de Bosei, ele foi morto instantaneamente pela própria Gravidade, caindo como pedra no chão.

"Pela sua desobediência Ignar amaldiçoou todas as suas futuras gerações e o seu espírito de morte e avidez continuou sobre elas."

Elliot e Kayla viram as décadas passarem, a tecnologia humana se desenvolver e o conflito entre lunares e humanos se despertar. Viram Frederik, séculos depois, repetir as mesmas ações de seu ancestral: Viram-no roubar, matar e destruir ao tentar alimentar o vazio interminável que tinha dentro de si. Sempre clamava por mais e que nunca se satisfazia. Nada, nunca era suficiente.

Kayla viu uma Imperatriz jovem, apenas uma menina, com uma faca nas mãos e o sangue humano cobrindo o seu braço.

"Depois que morreu, o mal que habitava o espírito de Frederik se apossou do coração da Imperatriz e lá fez morada. Criando raízes e crescendo como erva daninha."

— Ignar não acreditou na promessa. – Kayla sussurrou enquanto as imagens à sua volta iam desaparecendo. — Ele tentou realizá-la antes do tempo e assim amaldiçoou a todos nós. É como se…

— Continuamente *não* aprendêssemos. – a voz de Elliot sussurrou ao seu lado, mesmo sem ela conseguir vê-lo. — Cometendo o mesmo erro *de novo* e *de novo*.

— Somos nós. – Kayla arfou, sentindo seu corpo voltar para o cômodo. — Nós somos a praga.



O fim do medo

Quando despertou, a oráculo percebeu que estava presa, completamente imobilizada pelos cabos, que agora subiam até o seu pescoço.

— Elliot? – sua voz saiu falha, as cordas vocais sendo pressionadas.

— A-aqui… – ele respondeu, a alguns metros de distância.

Ela virou a cabeça e o viu, o rosto vermelho sendo quase coberto pelos cabos.

— Thul’dei. – a voz do seu pai ressoou do outro lado, áspera e falha. — Thul’dei…al agorath.

Lhe custou alguns minutos para que seu cérebro traduzisse a palavra, que ela sabia que era em lur antigo, idioma do qual nunca havia sido boa.

— Filha… – Ela rpetiu, as engrenagens do seu cérebro funcionando. — Filha?...

A porta mecânica do cômodo se abriu, revelando a figura de Cal-uya, parada na entrada. Ela adentrou o cômodo, se movendo mais como uma máquina do que uma lunar.

Foi no momento que a viu que então a tradução das palavras de seu pai lhe vieram à mente. Claro e constante:

Salve a minha filha.

Cal-uya.

— Não pensei que seria burra a esse ponto. – a voz da princesa regente ressoou pelo cômodo enquanto seu braço mecânico parecia pulsar, não aceitando bem a conexão com o corpo.

— Cal-uya… – Kayla sussurrou, sentindo a própria respiração lhe faltar no corpo. — Cal-uya ela não é a sua mãe, não mais…

Com o cerrar dos olhos da princesa regente, os cabos pareceram se apertar ainda mais sobre o corpo da oráculo.

— Cal-uya, por favor. – Kayla tossiu. — Você está sob a influência de uma força muito mais antiga do que qualquer um de nós. Mas… você pode parar, pode parar aqui.

— Poupe as suas palavras, humana.

A lunar se aproximou, o semblante frio e resoluto estampado em seu rosto. Não sentia nada, não demonstrava nada. No entanto, Kayla viu, mesmo por um instante, um tremor em seus olhos.

— Cal-uya, por favor, você não precisa ser igual a ela. Não *precisa.* – a voz saiu anasalada, sufocada pelo ar que faltava e pelas memórias que voltavam. — Você não precisa.

Cal-uya piscou, alguém já tinha dito aquilo para ela antes.

Você não precisa.

Anos atrás, Axyon segurava firmemente a sua mão, enquanto toda uma multidão de lunares em aeroplanadores e cadeiras os observavam atravessar a ponte do palácio real. Era sua cerimônia de casamento.

“Você não precisa ter medo.” Ele sorriu com os olhos para ela, tão confiante, tão certo. A princesa tentava mascarar, mas ele viu que estava com medo. Tudo que ela tentava esconder Axyon sempre via. Naquele momento, com a segurança que lhe trazia e a mão quente envolvendo a sua, ela quis acreditar, quis acreditar que pela primeira vez não precisava ter medo. Ele a fez *querer* acreditar.

A princesa engoliu em seco, com a consciência da máquina se sobrepondo sobre a sua.

— *Mate-a* – a mãe sussurrou na sua mente.

Cal-uya empunhou a pistola de *laser* que estava na sua cintura, apontando com a mão trêmula para a cabeça da oráculo.

— *Não.* – a voz sussurrou de volta. — *Mate ele primeiro. Deixa-a assistir.*

Cal-uya hesitou, mas moveu as mãos, mirando no corpo imóvel de Elliot, preso pelos cabos, parado bem em frente à grotesca máquina que guardava a consciência da mãe.

— *Eu disse que a faria assistir, oráculo.* – a voz mecânica ecoou pelo aposento, parecendo mais alta dessa vez. — *É assim que começa. A extinção da raça humana e o não cumprimento da sua promessa*. – A voz zombou, seguida com o que pareceu ser uma gargalhada mecânica.

O corpo de Kayla tremeu violentamente, e ela sentiu a marca da Gravidade em seu braço começar a arder. Fechou os olhos e deixou que o poder se canalizasse sobre ela. A marca brilhou incandescente, causando um rasgo no cabo que a prendia. Caiu no chão, livre.

— O quê? – Cal-uya sussurrou confusa, voltando a arma para ela.

Naquele momento, parada a alguns metros de distância, tudo o que Kayla conseguiu ver à sua frente era a sua irmã. Corrompida, tomada pelo medo e pelo ódio, pela praga que causou a ruína da Terra e agora se alastrava pela Lua. Todavia, ela não faria isso, não deixaria que a praga crescesse em si.

Respirando fundo, deu um passo em direção à irmã que sempre amou e a quem sempre temeu. A insegurança, a inferioridade, tudo vinha à tona quando estava diante de Cal-uya. Porém, não agora. Não mais.

— Não. Se mova. – a princesa regente ameaçou, rangendo os dentes enquanto uma guerra acontecia em seu coração.

— Eu não tenho mais medo de você, Cal. – a oráculo abriu um sorriso de compaixão. — Eu tenho pena. Você está presa e me matar não vai te libertar.

Os olhos da ciborgue se encheram de raiva, e ela mirou a arma para as pernas da irmã, atirando um raio *laser*. O tremor das mãos fez com que o raio passasse raspando, o suficiente, porém, para fazer com que Kayla caísse de dor no chão.

— *Deixe-a. Mate-o.* – A voz voltou a sussurrar na mente da princesa.

— Cal-uya, você não precisa fazer isso, por favor, entenda.

Para a surpresa da irmã, a oráculo estava se levantando do chão, resistindo, mesmo com a perna sangrando e o corpo tomado pelo tremor da dor. A marca da Gravidade em seu braço brilhando mais forte que nunca.

A mente de Kayla estava tão tomada pela adrenalina e convicção do que tinha que fazer, que nem percebeu que o ferimento em sua perna doía porque já estava cicatrizando, se curando muito mais rápido do que era possível.

A princesa lunar tremeu, lutando para segurar seu braço no lugar. Ela desviou o olhar da irmã, que lutava para permanecer de pé e voltou a mirar no jovem humano, que permanecia preso aos cabos.

— *Mate-o como matou a líder humana.* – A voz reforçou em sua mente.

Os olhos de Cal-uya marejaram, e ela se lembrou da cena, a vida se esvaindo do corpo da mulher, o olhar de pavor e mágoa que Tal-uya lançou a ela. Havia se tornado a sua mãe.

— *Mate seu inimigo!* – A voz mecânica demandou em alto tom, de forma impaciente. — *Mate- o agora!*

— Não! – Kayla implorou, com a força lhe esvaindo do corpo.

Cal-uya respirou fundo e retesou o maxilar, determinada.

— Eu te perdoo. – A voz da irmã mais nova ecoou pelo cômodo, fraca, mas verdadeira.

Resoluta, a princesa regente apertou a mão sobre o gatilho e atirou. Atirou como se fosse a última coisa que faria na sua vida.

O tiro passou pelo lado de Elliot, atingindo em cheio o visor vermelho da máquina. Calculado milimetricamente, mirando bem no centro.

Ela atirou de novo.

Os cabos em volta do homem começaram a se afrouxar.

E de novo. Se aproximando cada vez mais da máquina. Atirou novamente.

O corpo de Elliot caiu livre no chão.

Cal-uya disparou mais dois tiros. Vendo o metal da máquina se derreter e os cabos desencapados soltar fagulhas.

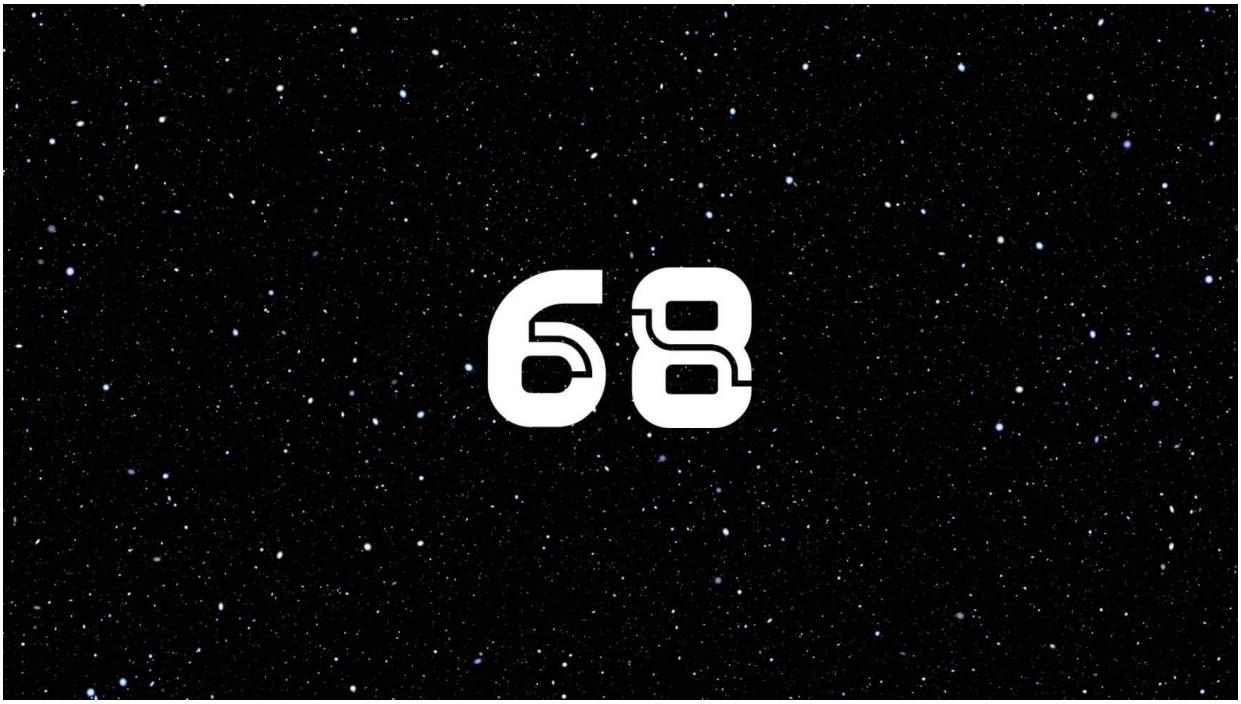
— Eu não preciso… – Sussurrou com o choro entalado na garganta, uma dor pulsante crescendo no braço que estava conectado à máquina.

Não importava. Nada mais importava. Morreria, mas a levaria junto.

— Eu não preciso… – repetiu, a dor excruciante tomando o seu corpo e crescendo pelos cabos que estavam conectados ao seu lóbulo central. — Eu não preciso de você.

Disparou o último tiro, no centro já exposto da máquina, causando uma explosão que a jogou para longe.

Cal-uya voou até o outro lado e seu corpo caiu inconsciente no chão. Antes de apagar, a última coisa que pensou foi que, finalmente, não tinha mais medo.



Vida longa ao Imperador

Kayla se desvencilhou dos cabos que caíram sem vida à sua volta. Tudo no cômodo perdeu a força, a energia. Ela correu até Elliot, que estava caído no chão ainda coberto por eles. Diferentes partes do cômodo pegavam fogo, com os destroços da máquina espalhados por todo o lugar.

— Você está bem? – ele perguntou, assim que ela o ajudou a tirar os cabos.

— Estou… – Kayla olhou para onde estava os destroços da máquina. — Ela… ela nos ajudou. – falou de forma surpresa.

— Sim… – Elliot sorriu, se levantando. Ele correu os olhos pelo local, procurando Cal-uya, mas então viu algo muito mais surpreendente. — Kay… – Chamou, colocando a mão no ombro da parceira. — Você precisa ver isso.

Kayla virou o corpo, se deparando com a imagem do seu pai, agora liberto dos cabos e sondas, se mexendo na maca, tentando se sentar.

— Pai… – ela sussurrou enquanto caminhava até ele, ainda hesitante.

A cor lhe parecia voltar ao corpo em uma velocidade fora do normal, à medida que o inchaço ia simplesmente diminuindo, as bolhas cicatrizavam sem deixar marcas, como se nunca tivessem existido. O Imperador estava de volta, sem cabelo algum, pois todos os fios que tinha, foram perdidos nos anos de sofrimento. Ele, todavia, era o mesmo, com o mesmo olhar confuso tentando assimilar o que estava acontecendo, o mesmo sorriso triste quando Kayla parou ao seu lado.

— Tal-uya. – o Imperador esticou a mão para encostar no rosto dela e ela aceitou o gesto, recebendo o carinho.

— Meu pai.

Uma lágrima rolou pelo seu rosto. Mesmo que agora soubesse que não era seu pai biológico, ele havia sido exatamente isso para ela, por todos aqueles anos.

— Você conseguiu. A derrotou. – o homem falou com a voz firme e grossa, a vida voltando para o semblante.

— Não fui eu pai… foi Cal-uya.

Nesse momento, as portas se abriram novamente e um batalhão de guardas adentrou, confirmando o que haviam visto pelas câmeras. O Imperador estava de volta.

— Vida longa ao Imperador. – Todos falaram em uníssono, correndo até ele e se agachando ao mesmo tempo.

Kayla se afastou da maca, pegou a mão de Elliot e repetiu o mesmo gesto.

— Vida longa ao Imperador. – o casal de oráculos falou.

O líder dos guardas foi até a cama, receber ordens do Imperador, enquanto Kayla viu o corpo inconsciente de Cal-uya ser tirado do chão por dois soldados e colocado em uma maca.

— Será que ela vai ficar bem? – apertou a mão de Elliot com mais força.

— Eu não sei… – ele sussurrou.

— Espere! – ela gritou para os soldados de repente, chamando a atenção de todos.

Correu até a porta, onde os homens pararam, segurando a maca. Observou o corpo da irmã, as feridas expostas nos braços e no pescoço, o sangue que havia manchado o terno verde, tão belo. Mas o semblante era de paz, pela primeira vez estava em paz.

— Eu te perdoo. – soltou as palavras de uma vez, passando a mão em seu cabelo. — Eu te perdoo, Cal-uya.

Com isso, assentiu e os guardas saíram, levando a princesa.

Passos se aproximaram por suas costas e quando ela se virou, encontrou o pai à sua frente, o corpo voltara ao normal e um guarda o ajudava a se manter de pé.

— E então? – ele perguntou com as sobrancelhas arqueadas, da mesma forma que fazia quando ela era pequena. — O quê quer que eu faça? Porque tenho certeza de que é muita coisa. Já que temos um povo inteiro pra enviar de volta para o seu planeta.

Kayla sorriu, uma segunda lágrima rolou pelo rosto. Seu pai estava de volta.

— Primeiro. – falou decidida, olhando para ele e para os guardas. — Vamos precisar que evacuem o palácio e cessem a guerra.



O Cristal de Bhaskar

—O palácio, meu pai, foi construído sob a maior e mais avançada nave humana. Ela foi a única capaz de trazer todos para cá, e é a única que poderá nos levar de volta.

— Então… vivemos nos corredores de uma nave por todos esses anos? – o lunar suspirou, a confusão lhe preenchendo a mente.

— Exatamente, meu senhor.

— Eu sempre senti que o palácio escondia algum segredo entre seus corredores e passagens, mas nunca pensei que seria… *isso*.

— Existe uma promessa que a Gravidade fez para os humanos há quatrocentos anos, ela se cumpre em quatro dias e a nave é o único caminho de realizá-la. Sei que vai custar tanto para você quanto para os seus súditos, mas poderia ceder o palácio… e entregá-lo para os humanos?

— Custar? – o Imperador a olhou com as sobrancelhas cerradas e os olhos marejados. — Eu estive morto por todos esses anos e voltei a vida! – se aproximou dela e colocou uma mão em sua bochecha. — Estou vendo minha filha cumprir o propósito que eu *soube*, naquela noite em que a

encontrei, que estava destinada a cumprir. Nada mais é um custo alto para mim.

— Obrigada, meu pai – Kayla respondeu com os olhos marejados.

— A Gravidade me manteve vivo por todos estes anos, não ousaria questionar sua vontade. A nave será entregue de volta aos humanos. – o homem se virou para o soldado ao seu lado. — Tragam um *droid* transmissor agora mesmo, será transmitido por todos os bairros uma ordem imperial, anunciando que o Imperador vive e que o conflito entre humanos e lunares está permanentemente encerrado.

— Sim, senhor. – o lunar comunicou a ordem pelo seu comunicador auricular.

— Você. – o Imperador apontou para um soldado que estava parado à frente da porta. — Diga...Ele parou, percebendo que a força havia voltado para suas pernas e que conseguia andar sozinho. — Obrigado pelo auxílio. – o Imperador se desvencilhou do braço do guarda. — Agora vá e me traga o transmissor imediatamente. Envie minha ordem a Kepler. Não temos tempo a perder. Quanto mais cedo encerrarmos o conflito, menos pessoas irão morrer.

— Sim, senhor. – o guarda prestou continência e saiu a toda velocidade pelo corredor.

— Você. – ele caminhou até o lunar da porta, que tremia pela sua presença. — Envie um comunicado e notifique a todos no palácio. Ele deve ser evacuado em até trinta minutos. Todos os pertences devem ser deixados e tudo o que perderem será recompensado depois. Redirecione todos à mansão Imperial no Mar das Crises.

O guarda estava assustado demais para falar, então, apenas assentiu e marchou rumo ao corredor, já compartilhando a notícia com os outros guardas dali.

O Imperador se virou sorridente, encarando Kayla e Elliot, que ainda continuavam tão surpresos quanto todos os outros. Mesmo em seus anos de saúde, Kayla nunca tinha visto seu pai com tanta… vida.

— Eu tenho apenas algumas horas para me atualizar sobre os dez anos da sua vida que perdi. Então me conte tudo, começando por este homem aqui. – apontou para Elliot, o pegando de surpresa.

A filha riu, e a tensão no rosto de Elliot começou a se esvair.

— Este é Elliot, senhor. Ele é filho do líder do Clã da Europa e é um oráculo da Gravidade. Assim como eu. – ela sorriu de forma tímida. — É

também um grande amigo. – Acrescentou em um impulso.

O Imperador sorriu com os olhos, os lábios cerrados.

— Que bom. É tudo que eu sempre quis para você, que tivesse pessoas na qual pudesse contar.

Antes de Kayla conseguir responder, um pedaço de um escombro da máquina que ainda pegava fogo no chão, se soltou, fazendo um alto barulho. Eles se viraram, assustados, mas logo perceberam que não era nada grave. O escombro rolou pelo chão, empurrando o cristal de bhaskar até os pés da oráculo. Ela se abaixou, notando que não tinha percebido que o perdeu quando foi presa pelos cabos até aquele momento. Pegando o cristal em sua mão, branco e reluzente, ela o sentiu pesar novamente. Agora se movia mais como uma bússola, de forma quase imperceptível pendendo mais para uma direção.

Ela se levantou, encarando o seu pai e Elliot.

— Eu acho que está… apontando para algum lugar… – cerrou as sobrancelhas, confusa e começou a caminhar deixando que o cristal a direcionasse.

Kayla parou em frente onde a grande máquina costumava ficar, agora toda destruída. Elliot parou ao seu lado e notou que a explosão havia descascado algo na parede. Ele se aproximou e puxou a placa da parede com força, que saiu com facilidade.

— O quê é isso? – o Imperador se aproximou atrás deles.

Atrás, havia uma parede do mesmo material dos corredores da nave e preso a ela, um fino compartimento retangular completamente liso, sem qualquer instrução ou comando que indicasse a sua função.

— Ela o escondia… – O Imperador ponderou, percebendo que antes a máquina que o aprisionava, cobria toda essa parte da parede.

— Sim… – Kayla concordou, se aproximando do local com a sua mão, segurando o cristal.

Ela viu o material do retângulo se tornar líquido com seu toque e começar a ondular em volta da sua palma, puxando o cristal para dentro. Ele o soltou e viu a pedra sendo engolida para dentro da parede. Seu olhar preocupado encontrou o de Elliot, que a tranquilizou balançando a cabeça.

CLICK.

O chão tremeu abaixo deles e os três caíram ao mesmo tempo. O triângulo onde estava o cristal se acendeu com uma luz azul que continuou

em diferentes linhas finas, que cresceram pela parede, tomando todo o cômodo.

Um tremor tomou toda a estrutura do palácio e paredes foram descascando, a segunda camada construída desapareceu em questão de segundos, se dissolvendo. Todos os moradores se seguraram e os que puderam, correram desesperados. Do lado de fora, as altas torres tremeram e duas delas ruíram, tendo toda a camada, que as cobria, transformada em pó. Alguns serviçais caíram no vazio, escorregando por entre os telhados e sendo ajudados por outros que estavam seguros em pontes e janelas que ainda permaneciam intactas.

Cômodos inteiros foram desfeitos à medida que as linhas de cor azul tomavam todo o lugar, reativando a nave e revelando que eram um saguão central ou um dormitório da embarcação.

Quando o tremor finalmente cessou, Kayla estava prestes a vomitar.

— Senhor. – dois guardas se aproximaram, ajudando o Imperador a se levantar. — O senhor está bem?

— Estou, obrigado. – ele maneou a cabeça e com as mãos fortes ajudou Kayla e Elliot a se levantarem.

— Imperador – o guarda continuou, recebendo notícias pelo seu comunicador. — A estrutura do palácio foi alterada em 40%.

O Imperador respirou fundo e olhou em volta estupefato, o próprio cômodo em que estavam havia sido alterado completamente, os resquícios da máquina, dos cabos, tinham virado pó, e eles estavam agora pisando no saguão de entrada da ponte de imersão dos oráculos.

— É claro… – ele deu um leve sorriso, se sentindo pequeno em comparação a tudo aquilo. — Não é mais um palácio, é uma *nave*.



O pronunciamento

O tremor que atingiu a região do palácio e a imagem de Bosei revelada por ele, chamou a atenção de todos nos arredores. Antes mesmo do pronunciamento do Imperador ser transmitido, o conflito havia cessado. Com o espetáculo a que todos assistiram, do palácio sendo desfeito em questão de segundos, a guerra se tornou sem sentido. Estavam de frente a uma força muito maior que qualquer um deles, e isso, ambos lunares e humanos entenderam.

Minutos depois, um holograma do Imperador foi refletido por cada bairro e cada rua da cidade lunar, anunciando que ele estava vivo e que era obrigação do povo lunar permitir e auxiliar os humanos a se locomoverem até o palácio.

"É nesta tarde de perdas e de segundas chances, que encerramos nossa rivalidade com os humanos, permitindo que eles voltem para seu planeta natal, a Terra, que a Gravidade lhes deu, da mesma forma que ela, em sua misericórdia, nos entregou a Lua." A sua voz ressoou por cada

metro quadrado da superfície, e todo o povo, movidos pelo assombro de estarem vendo um fantasma, acataram as ordens.

"Assim que a nave passar pela redoma que cobre nossa cidade, a atmosfera poderá apresentar instabilidades. Por isso, é recomendado que todos os lunares estejam em segurança dentro de suas casas e construções, até que a nave humana seja lançada."

Demorou muito menos do que o imaginado para que os arredores do palácio estivessem cobertos de humanos, vindo de todas as direções. Havia lágrimas de alegria e semblantes de assombro em cada rosto. Uma grande comoção tomou a todos enquanto adentravam os portões da nave. Eles esperaram aquela promessa por toda a vida e naquele momento mal parecia real estarem vivos para verem-a se concretizar.

Elliot e Kayla estavam parados na porta, com o Imperador logo atrás. Os dois oráculos da Gravidade, assumindo seus postos e com grandes sorrisos estampados no rosto, recebendo seu povo.

Naquele instante, vendo o rosto de cada pessoa entrar e fitando rapidamente o sorriso genuíno de Elliot, a oráculo sentiu a presença da Gravidade forte e constante, bem à sua volta. Ela não havia se esquecido e nem se atrasado, estava naquele momento, cumprindo sua promessa. Kayla então prometeu a si mesma que faria diferente, agiria diferente dos humanos que vieram antes dela, respeitaria a Terra e honraria a Gravidade, se submeteria à sua vontade, pois agora sabia que valia a pena.

Rostos conhecidos emergiram da multidão e Reuel caminhou até eles, seguido pelos outros líderes.

— Vocês estavam certos, afinal… – o líder os cumprimentou com um sorriso e os olhos marejados.

— A Gravidade tem a sua própria forma de fazer as coisas, meu pai. – Elliot se aproximou e o abraçou.

— De fato, ela tem. – Lilian comentou do outro lado, caminhando em direção a eles.

— Lilian! – Kayla sorriu, hesitou por um instante e então a abraçou. — Obrigada. Obrigada por também ter acreditado.

— É claro. É a nossa oráculo. – a engenheira sorriu, pela primeira vez o estresse se suavizando de sua expressão.

— Onde está Miguel? – Kayla perguntou e isso foi o suficiente para que a expressão dela se alterasse.

— Gostaria de não saber, mas infelizmente eu *sei*. – ela revirou os olhos. — Está empacotando suas bugigangas, é muito apegado a elas, mas logo estará aqui.

— Que bom, porque… precisaremos de vocês logo, logo. – a voz dela saiu falha, um pouco aflita.

— A ponte de imersão! Você a encontrou?

— Sim… e é um pouco intimidadora, eu diria.

— Você vai ficar bem. – Lilian balançou a mão. — É só o futuro de todos nós que depende disso.

O sorriso da oráculo sumiu, o temor estampado.

— Desculpe, não foi assim que soou na minha cabeça. – a engenheira fez uma careta. — A questão é, se vocês chegaram até aqui, não é no fluxo neural com a nave com que irão falhar.

— Assim eu espero. – a oráculo suspirou, olhando para Elliot ao seu lado, que sorria alegre, sem perceber o quão arriscado e crucial esse próximo passo seria.



A Um Passo da Terra

Na ponte, Kayla encarava as duas cápsulas de imersão com os braços cruzados.

— Quanto tempo até que todos estejam dentro a bordo? – Ela ouviu Lilian perguntar atrás de si.

— Vinte minutos. – Reuel respondeu pelo holograma, estava na ponte de controle, junto com Miguel e outros engenheiros.

Era de lá que iriam guiar a rota da nave durante o percurso de três dias até a Terra. Porém, mesmo o local estando intacto, nada funcionava, nem os monitores de vidro que cercavam o espaço, nem os comandos que ativavam as turbinas. A energia vital da nave só era ativada com a conexão dos oráculos e ninguém que não fosse escolhido poderia fazê-la voar.

— Temos que começar a inserção em vinte minutos, então. – Exclamou Lilian, fazendo contato visual com a oráculo.

— Tudo bem. – Kayla suspirou, vendo pelo canto do olho Elliot se aproximar.

— Está tudo bem? – ele falou, colocando a mão no cotovelo dela e acariciando.

— Você não está… com *medo*? – ela levantou a cabeça e encontrou o olhar dele.

— Agora? – o rapaz soltou uma pequena gargalhada. — Eu tenho estado com medo desde o início de tudo isso. Mas estamos quebrando todas as possibilidades até agora, não é?

— É… – Kayla suspirou, encontrando força no oceano interminável de calma que era os olhos dele.

— Estamos apenas a um passo da Terra, Kay. E seja o que for que a Bosei está preparando para nós, vamos conseguir e vamos vencer, *juntos*.

Elliot pegou a mão dela e a trouxe para perto do peito, massageando.

— Juntos.

— Vamos repassar o que sabemos até agora, que tal? – Lilian sugeriu do outro lado do cômodo, esfregando as mãos uma na outra.

— Claro, vamos. – Elliot assentiu e guiou Kayla pela mão pequena mesa onde ela estava. Ambos se sentaram diante da engenheira.

— Certo, de acordo com os registros deixados pelo casal de oráculos, Bosei funciona de forma completamente diferente do que qualquer outra nave que conhecemos. Quando entrarem nas cápsulas de imersão, serão induzidos a um estado de coma, onde ficarão em transe por três dias, toda a duração da viagem. A partir de então não teremos mais como nos comunicar com vocês.

— Ótimo… – Kayla sussurrou de sarcástica.

— De acordo com minhas suposições, as primeiras horas serão as mais difíceis. Dois pilotos, conectados pelas memórias com o corpo de uma nave colossal. Não é qualquer experiência. Até que a conexão esteja firme e estável poderão passar por pequenos períodos de alucinação, onde compartilharão das memórias um do outro e… talvez até da nave.

— Da nave? – Elliot perguntou, surpreso. — Acha que ela tem memórias?

— Não, não ela. Mas talvez ainda guarde resquícios dos primeiros a controlá-la.

— O primeiro casal de oráculos…

— Isso, mas… são apenas teorias, está bem? Assim que a conexão for estabelecida, acredito que será uma jornada simples. Os propulsores serão ativados pela equipe que está na ponte e vocês dois nos levarão de

volta pra *casa*! – Lilian sorriu, ainda processando tudo. — Pela Gravidade! Está mesmo acontecendo.

— De fato está… – Kayla deu um pequeno sorriso, o olhar ainda perdido.

— Certo. – a engenheira conferiu os detalhes no tablet que estava em cima da mesa. — Temos dez minutos para começar a inserção, já que não sabemos quanto tempo vai demorar até que a conexão seja estabelecida. As roupas para se trocarem, estão no cômodo ao lado.

— Tudo bem. – Elliot se levantou, com uma leve dor de cabeça ameaçando crescer. Ele tentava mostrar que estava calmo, no entanto, a ansiedade também o estava consumindo aos poucos, por mais que tentasse lutar contra ela.

— Eu vou procurar meu pai. – Kayla avisou, se levantando também. — Para me… despedir. – deu um sorriso triste.

— Tu-tudo bem, é claro.



A jovem humana desceu pelo elevador cilíndrico de vidro, notando como tudo estava mudado agora. Era sua última vez naquele elevador, naqueles corredores do que um dia havia sido seu palácio, o lar onde cresceu. Seus últimos minutos na Lua, um mundo que não sabia se algum dia voltaria a visitar. E pior de tudo, a última vez vendo o seu pai. Afastados por todos esses anos devido a doença e dor, ele tinha que voltar a vida e recuperar a saúde justo agora, que estava prestes a partir?

“Tinha.” A gravidade sussurrou na sua mente de forma leve como uma brisa, e ela se assustou, não percebendo que seus pensamentos eram ouvidos.

“*Eu trabalho no meu tempo perfeito.*” A frase que a Gravidade já lhe havia dito uma vez voltou sua mente, lhe trazendo um pouco de consolo. A Lua precisava do seu pai tanto quanto ela e, por mais que não entendesse, bastava confiar que realmente, a força que conjurou o universo, trabalhava no seu tempo perfeito.

Ela finalmente chegou no térreo, correndo contra o tempo. As pessoas as cumprimentavam por cada corredor que passava e Kayla correu até a entrada do portão principal da nave, onde haviam dito que o Imperador estaria.

“Oráculo.” Vozes sussurravam maravilhadas à sua volta, e ela fazia o máximo para respondê-las com um sorriso. Viu os soldados humanos separando as pessoas em setores e alojamentos e percebeu que havia ainda mais humanos na lua do que imaginava.

Correu até o portão principal, onde poucos lunares ainda eram vistos, se destoando dos humanos com sua pele cinza e cabelo verde.

— O Imperador – ela se aproximou de um deles perguntando –, onde está?

— Bem ao lado de fora, princesa.

Ela assentiu com um sorriso e correu até lá, estranhando o fato de ser chamada assim. Não era mais princesa, certo?

Finalmente encontrou o seu pai na entrada, ele direcionava aeroplanadores que recebiam os últimos que se retiravam do entorno do palácio, funcionários que lutavam para deixar o lugar em que moraram por toda suas vidas.

Os bairros em volta também estavam sendo evacuados, já que não se sabia o quanto de estrago que os propulsores da nave poderiam causar.

— Meu pai. – Kayla falou, anunciando sua presença.

O Imperador, que estava de costas orientando dois guardas, parou e enrijeceu por um momento.

— Não… – ele virou o corpo lentamente. — Já é hora? – Seu olhar preocupado encontrando o de Kayla.

— Sim. – ela respondeu com um sorriso triste e olhos marejados.

— Ah, Tal-uya. – se aproximou, repousando as mãos sobre o seu rosto. — Isso não deveria nunca ser pedido para um pai: que visse a sua filha

partir.

— Eu sei… – a lágrima solitária que se segurava aos olhos, finalmente rolou por sua bochecha.

— Mas está tudo bem, porque eu sempre soube que esse momento viria. – ele sorriu, um sorriso cheio de memórias. — Desde que a encontrei naquele módulo individual, sozinha, chorando, soube que a Gravidade tinha me entregado uma missão. A missão mais gloriosa e desafiadora de todas: amá-la e criá-la, não para mim, para um futuro no qual eu não teria controle. Sabia que eventualmente você iria embora, cumpriria o propósito pelo qual sua vida foi poupada. Por isso, aproveitei cada um desses vinte anos, mesmo quando ia me visitar e a lucidez e a saúde não habitavam em mim, sabia que era a minha filha e *sabia* que deveria aproveitar aqueles momentos, pois eles passariam.

— A-bul. – Kayla sussurrou em lur, e o abraçou, com as lágrimas rolando.

— Conclua a sua missão, Tal-uya, por todos que acreditaram e se sacrificaram para que estivesse aqui hoje.

— Sim, senhor. – Ela enxugou as lágrimas no rosto, recompondo a postura.

— E nunca se esqueça. – Ele acariciou o seu cabelo. — Não importa onde esteja, vai continuar sendo minha filha e sempre, *sempre* será a princesa da Lua.



A Inserção

Kayla entrou lentamente na cápsula de imersão, o corpo se arrepiando com o metal gelado, enquanto tentava controlar a mente, para não se sentir tão claustrofóbica. Assim que se encaixou, o capacete da cápsula foi colocado em sua cabeça, o mesmo processo foi feito em Elliot ao seu lado, que parecia até mais nervoso agora ao seu lado. A conversa com o seu pai havia a acalmado, ela estava pronta para isso: para cumprir a missão. Tudo o que passou havia lhe guiado até aquele momento.

"Cumpra a missão, viva a promessa", reverberou por sua mente. Um lembrete gentil da Gravidade.

— Ei, você está bem? – Elliot perguntou do outro lado, o semblante preocupado.

Kayla abriu um sorriso.

— Você vai descobrir em alguns minutos, já que vai entrar na minha mente.

O sorriso dela o acalmou, e ele conseguiu sorrir também. Tudo ficaria bem. Estavam mesmo voltando para a Terra.

— Certo. – Kayla sussurrou e colocou a cabeça para dentro da cápsula.

— Tudo certo? – a voz de Lilian perguntou pelo comunicador.

— Sim. – Ambos responderam em uníssono.

— Ótimo. Podem fechar as cápsulas.

Um grupo de soldados que ajudava, fechou a cápsula de cada um, empurrando de volta a tampa de vidro que as cobria.

Assim que a cápsula foi fechada à sua frente, Kayla cerrou os olhos, respirando fundo. No instante seguinte, algo de dentro foi ativado, um líquido gelado começou a escorrer em volta de seus pés, e a oráculo lutou para não se mover. Em pouco tempo, o líquido já estava tomando todo o seu corpo, em instantes seria inserida ao coma e teria a conexão com a nave ativada.

— A Bosei responde aos seus pilotos. – sussurrou para si mesma entredentes antes de sentir o líquido cobrir todo o seu rosto e apagar.



O que o casal de oráculos viu a seguir foi o completo vazio, a escuridão de todo o espaço e tempo os abraçando, os sugando para baixo. Kayla tentou se segurar, mas não havia nada em que se agarrar. Elliot tentou gritar mas não saiu nenhum som de seus lábios. O tempo pareceu passar mais e mais rápido em volta deles, com as primeiras linhas se formando no horizonte; a conexão estava iniciando, estavam indo para algum lugar.

Kayla viu *flashes* de um Elliot pequeno chorando no banheiro da escola. Viu uma menina de cabelos encaracolados correndo com a irmã. Um parque de diversões na Terra. O Natal sendo comemorado nas cavernas lunares. Uma festa de aniversário coreana, e um Elliot de quatro anos correndo por todo o canto. Visitou a memória da primeira vez que a Imperatriz bateu nela e como seu pai entrou no quarto logo em seguida, a tirando de lá. Viu garotos jogando futebol em um campo feito de hologramas. A primeira briga com sua irmã. A primeira vez em que Elliot pilotou uma nave. Comendo sorvete. Pintando o cabelo. Correndo de medo. Chorando de rir. Fugindo pelos túneis, a sensação de medo percorrendo cada poro do seu corpo. Estava finalmente entrando em uma memória, ela sentiu, mas essa não era sua.

Kayla abriu os olhos e estava dentro de uma caverna, ela era iluminada apenas por uma lanterna que estava jogada no chão. Parecia distante, uma bifurcação que tinha se afastado dos bairros humanos e qualquer lugar habitável. Fosse quem estivesse por lá, não era seguro.

Duas crianças passaram rindo por ela, se transformando logo após em poeira. Claro, era uma memória. Ela virou o corpo, procurando o dono da memória em si.

— Elliot? – chamou baixinho, tendo dificuldade para enxergar o que havia mais além.

Porém, um outro som respondeu, um ruído baixinho e feroz.

Ela caminhou até a lanterna e tentou pegá-la no chão, só que logo percebeu que não funcionava assim, não tinha efeito sobre nada na cena, apenas sobre aquele que a estava relembrando.

— Elliot! – gritou mais uma vez, decidida, adentrando a escuridão.

Após alguns passos, ela encontrou a figura de um pequeno garoto de cabelos loiros, encolhido sobre a parede.

— Elliot, ei! – ela caminhou até ele e se abaixou. — Isso não é real, é apenas uma memória. Se lembre disso.

— Na-não… – o garoto respondeu com a voz trêmula, os olhos fixados no outro lado da caverna. — E-eu vou morrer, vo-vou morrer aqui, nu-nunca vou ver a Terra, n-não vou conseguir cumprir a promessa pra minha mãe e…

— Elliot – Kayla sorriu, compreensiva –, você *não* morreu. Isso já foi há mais de dez, quinze anos atrás, precisa se lembrar, não é real. É apenas uma memória.

O rosnado ecoou pela caverna novamente, e ela virou, encontrando a figura que tanto atemorizava o garoto. Um lobo com escamas pontiagudas saiu da escuridão, dando alguns passos para frente. Ele rosnava e mostrava as garras, que eram de um tom alaranjado.

— Um lobo da lua? – Kayla sussurrou, confusa. — Mas eles não são agressivos…

— A lanterna o a-assustou. – o garoto sussurrou. — Rory a quebrou bem n-na sua frente e correu.

Kayla voltou o olhar para ele, compassiva.

— E você não conseguiu correr, não é mesmo?

O garoto concordou, balançando a cabeça.

— E como saiu daqui, como acaba a memória? – Ela o incentivou, sentando ao seu lado. — Precisa se lembrar disso também.

— Eu… – Elliot piscava os olhos, tendo dificuldade de encontrar a resposta. — E-eu não vou sair, eu vou morrer aqui.

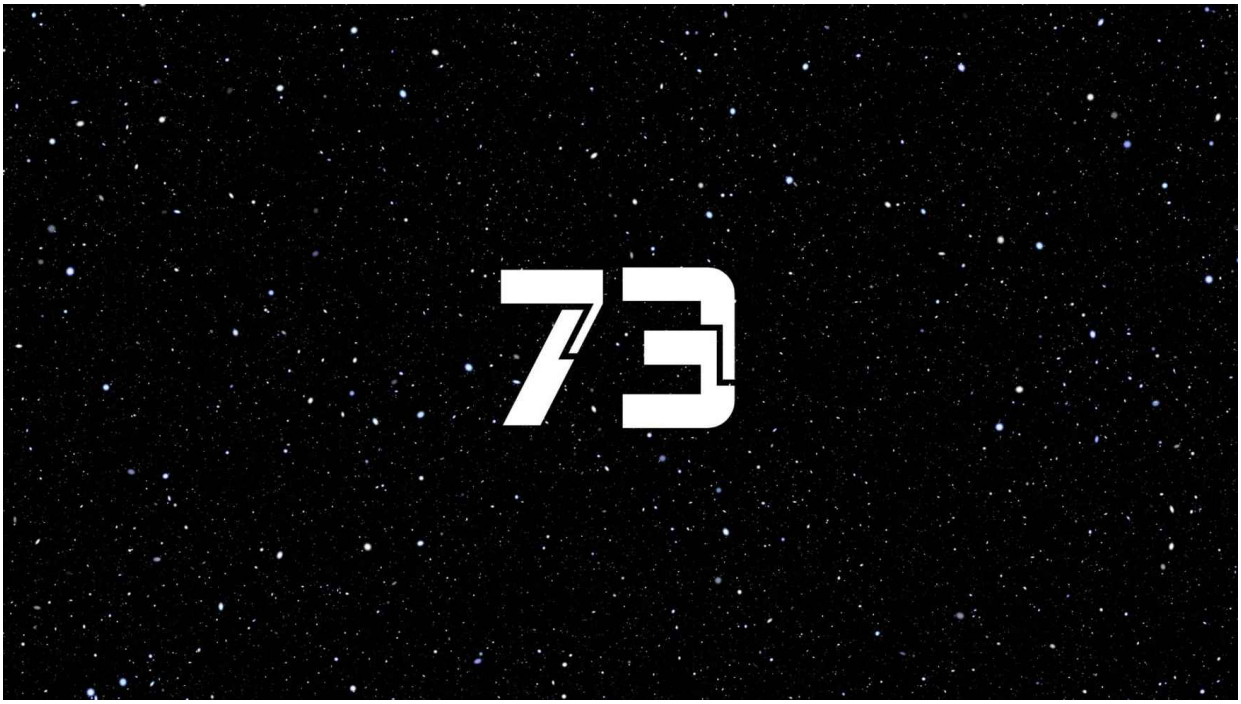
— Elliot, você *já* saiu. – Kayla sorriu ao seu lado, quase orgulhosa. — Isso não é uma memória, é apenas um medo que você alimentou. E é esse o problema com os medos, se dermos comida, eles *crescem*. Tenho certeza que esse nem foi o lobo real que você encontrou, não é mesmo? É apenas o lobo que a sua mente criou e nesse momento ela está mentindo pra você.

— Está? – pela primeira vez o garotinho a olhou, o semblante assustado.

— Está sim, e precisa vencer essa memória, deixá-la ir, para continuarmos a inserção e nos conectarmos à Bosei. Estamos a caminho da Terra agora mesmo, se lembre disso.

O Elliot criança a olhou de forma esperançosa e então se levantou. Ele caminhou sem medo até o lobo, que ia diminuindo a cada passo que ele dava, se tornando cada vez mais inofensivo.

Kayla sorriu, mas antes que pudesse falar alguma coisa, a escuridão a engoliu novamente.



cumprindo a missão

Kayla abriu os olhos e foi pega de surpresa por um raio de sol que inundou o cômodo em que estava. O Sol nunca tinha esse alcance na lua. Estava na Terra, pôde identificar isso assim que olhou para a janela e reconheceu o cômodo, era o mesmo alaranjado de seus sonhos. Olhou para baixo, estava vestida em um longo vestido azul-turquesa, cuja manga longa, se estendia apenas por um braço, deixando o outro exposto. Suas pernas se moveram sozinhas, e ela percebeu que não as controlava. Saiu do cômodo e foi recebida por duas mulheres que caminharam sorridentes ao seu lado. Seu corpo sabia exatamente o que fazer, cada sorriso, cada resposta educada. Porém, aquelas não eram suas memórias.

Adentrou o elevador com elas e saiu na entrada de um largo e luxuoso salão, parecia estar no segundo andar, pelas vozes que vinham de baixo. Foi guiada até a borda, acenando educadamente para todos. Foi então que viu os hologramas refletidos no teto, em volta do grande lustre de cristal. *“Os oráculos da Gravidade, a esperança do amanhã.”* A imagem refletida era do primeiro casal de oráculos: Marta, com seus volumosos cachos loiros

e Ayo, com seu sorriso contagiante. Eram as memórias deles que ela estava vendo, agora compreendeu.

Abaixo do lustre estava um telão, que registrava tudo o que acontecia, pegando *takes* diferentes da grande festa.

— Marta Fagundes. – uma voz em alto falante a anunciou, e ela se aproximou do vidro, vendo as mesas onde a alta sociedade da Terra estava sentada, no andar de baixo.

Uma larga e luxuosa escada levava até lá. Pensou em descer, mas seu corpo não obedeceu, aparentemente não era isso que acontecia na memória.

— Comandante Ayo Ahmed. – a voz anunciou e o corpo dela se virou de forma involuntária, contemplando o companheiro.

No entanto, tudo o que Kayla via foi Elliot, caminhando até ela com um largo sorriso e, ao mesmo tempo, um semblante confuso. Ele estava mais lindo do que nunca, trajando um terno branco, com uma gravata preta. Se aproximou dela com um sorriso e uma intimidade que ainda era controlada, resoluta.

— Oi. Sabe que temos que fazer isso. – ele sussurrou chegando mais perto, como se estivesse se desculpando.

A oráculo não entendeu nada, entretanto viu seu rosto respondendo com um “sim”. Antes que pudesse pensar, os lábios de Elliot tocaram os dela, macios e frescos, a consumação de todo o desejo que secretamente nutria dentro de si. O tempo parou por aquele instante e todo o seu corpo enfraqueceu. Mas tudo aquilo durou pouco, porque foram trazidos de volta por uma salva de aplausos que fez o próprio chão estremecer.

— O casal da Gravidade, senhoras e senhores. – a voz bradou, cheia de energia e empolgação.

O corpo de Kayla se afastou lentamente, a cabeça agora girando. Ela viu pelo canto do olho a imagem refletida no telão: Ayo e Marta sorrindo timidamente um para o outro.

O semblante dela se fechou e ela deu um passo para trás, tomando o controle. Não era real, era apenas uma memória. Afobada, ela tropeçou no tecido do tecido que tinha enroscado na sua perna, e caiu para trás e sendo abraçada novamente pela escuridão.

Kayla caiu por longos minutos, sentindo a sanidade voltando lentamente para sua mente, conseguindo identificar de novo o que era memória e o que era real. Ela e Elliot no palácio eram real, a Bosei, a missão de voltar para Terra. Precisavam estabilizar o fluxo e o mais rápido possível.

As luzes acenderam em volta de si, ela estava em pé em um quarto completamente branco, sem paredes ou nada que indicasse que tivesse um fim.

— Elliot… – Ela suspirou aliviada, percebendo que ele estava parado ao seu lado.

— Acho que conseguimos. – ele sorriu. — Nos conectamos com a nave.

O chão começou a se mover em volta deles, aparentando ser feito de um material líquido, porém eles não afundavam nem se molhavam. A substância subiu, tomando a forma de duas mesas de controle, uma na frente de cada um.

— O que faremos agora? – ela perguntou, perdida.

— Guiamos a nave.

Ambos colocaram as mãos dentro dos painéis, sentindo o líquido gelado e pegajoso as envolverem. No momento em que o fizeram, uma conexão mais forte se firmou entre suas mentes, sabiam exatamente o que fazer e que tinham que fazer juntos, mesmo sem nenhuma palavra ser dita. Eram uma pessoa só agora, eram toda a estrutura da nave. Kayla controlava a parte esquerda, e Elliot a direita.

Com um movimento das mãos ao mesmo tempo, só que em direções opostas, as turbinas foram ativadas e eles sentiram o chão tremendo sobre si. Eram os lapsos de conexão dos corpos com a nave.

Prosseguiram, sentindo o líquido branco crescer em volta, tomando lentamente mais partes de seus corpos, mas agora não tinham mais medo, sabiam o que estavam fazendo. Estavam se tornando um com Bosei.

Seus batimentos se tornaram um só, retumbando por todo o cômodo sem fim e se misturando aos sons de propulsores e motores. Depois de algumas horas, o líquido branco os tinha coberto ainda mais, atingindo o busto deles agora. O corpo de Kayla ameaçou fraquejar de cansaço, mas Elliot pegou em suas mãos e lhe deu força, mesmo estando a metros de distância.

— Estamos quase lá, Kay, estamos quase lá. – ele sussurrou em sua mente.

Ela forçou seus pés a continuarem de pé, e em uma só mente, guiaram a nave pela escuridão do espaço. Eles eram as escotilhas, as janelas e o próprio metal que os cobria.

Viram finalmente ao longe, o pequeno planeta Terra, reluzindo com o Sol atrás de si, pintado com os tons mais belos de azul e verde que Kayla já tinha visto. Naquele momento, tomada pela exaustão, pensou que era exatamente como os olhos de Elliot. Ela sentiu ele rir na sua mente, entretanto, não tinha forças para ao menos se sentir envergonhada. Continuou mirando o planeta, encontrando nele seu estímulo para aguentar apenas mais um pouco.

Mais horas se passaram, e ela sentia seus pés duros como pedras, o líquido agora cobria parte do seu rosto e só conseguia respirar pelo nariz.

— Elliot… – sussurrou em pensamento, a exaustão e o pavor tomando conta. — Eu não vou conseguir…

—Você *já* conseguiu, Kay. Estamos quase lá, aguente só mais um pouco.

balançou a cabeça, a fraqueza e a loucura tentando tomar conta, enquanto sentia que estava prestes a ser engolida pelo cômodo.

— Você se lembra do seu sonho? O que me contou? Está realizando ele agora, vivendo uma vida digna de ser vivida. – ele sussurrou na mente, tentando distraí-la, porém, sem conseguir esconder a exaustão em sua própria voz.

— Não era bem assim que eu imaginava. – ela pensou e engasgou com o próprio líquido branco quando foi rir.

Sentiu as narinas pegando fogo e o pavor tomando o peito. O líquido cobriu seu rosto enquanto o planeta Terra estava cada vez mais próximo.

O pouco de sua consciência que se mantinha acordada ouviu quando a Gravidade sussurrou à sua volta, como uma brisa suave:

“Eu estou fazendo algo novo. Uma nova terra para uma nova humanidade. Oráculos não serão mais levantados, pois agora eu cumpri minha promessa. Estão de volta ao planeta em que nasceram, onde a conexão comigo é restabelecida. Falarei com todos e serei ouvido por todos. Uma nova era se inicia e ela será chamada O Fim da Distância.”

Com essas palavras, seu corpo finalmente descansou e dessa vez ela foi abraçada pela própria luz.



Vivendo a promessa

Kayla acordou com a sinfonia mais bela que já tinha ouvido, ressoando ao longe. Seu corpo inteiro ardia, e ela não conseguia abrir os olhos. Se sentia fraca e com fome, *morta* de fome. Ela tentou, com dificuldade, se sentar na cama, ou onde quer que estivesse deitada. Todo o seu corpo protestou pelo movimento, as articulações pulsando de dor, mas ainda assim conseguiu.

Uma brisa suave entrou no cômodo em que estava, balançando os seus cabelos. Ela sorriu de forma inconsciente, aproveitando a sensação. Foi só então que sua ficha caiu: não tinha vento na nave.

Abriu os olhos, surpresa e eufórica, enxergando tudo embaçado. Será que já estavam na Terra? Eles tinham de fato conseguido? A promessa havia se cumprido?

— Elliot. – foi a primeira palavra que saiu de seus lábios.

Kayla pulou para a fora da cama, sentindo uma superfície áspera e pinicante debaixo dos pés, que estavam descalços. As paredes balançavam à

sua volta. Demorou alguns minutos para a sua vista se ajustar e perceber que eram, na verdade, uma lona grossa que dançava. Estava em uma tenda.

Deu alguns passos sob a superfície pinicante, encontrando o seu equilíbrio e se acostumando um pouco com ela. Percebeu que tinham trocado sua roupa, usava uma bata marrom de péssimo gosto. Por quanto tempo havia dormido?

A brisa passou por ela novamente, refrigerando todo seu corpo, se sentia viva, renovada. Se sentia em casa. Ainda assim seu corpo doía, por isso, caminhou com dificuldade até a entrada da tenda. Assim que o Sol da manhã entrou em contato com seu rosto, ela hesitou, trêmula. Nunca havia experimentado um calor assim, tão aconchegante. Ele esquentava, mas não queimava, pelo contrário, parecia abraçá-la.

Abriu os olhos com dificuldade, sendo abraçada pela luz. Um suspiro saiu de sua boca pela cena que se estendia à frente. A Bosei havia pousado no topo de uma montanha revestida por variadas e coloridas árvores. Um grupo de pássaros passou voando por ela e revelaram de onde vinha a doce melodia que a acordou. O Sol brilhava acima dela, maior do que ela jamais havia visto, colorindo o céu com tons de azul e rosa. No fim do horizonte, se estendia toda a Terra em sua magnitude, nova, recriada.

Ela inalou o ar, respirando profundamente, saboreando a sensação de estar, finalmente, no seu planeta natal. Pisando e respirando a promessa.

Um guarda humano a notou e a comprimentou sorridente.

— Ela acordou! – gritou, correndo até a outra tenda que havia sido construída bem à frente.

Depois de alguns instantes, um rosto familiar saiu de lá: Elliot. Sempre Elliot. Seu olhar eufórico, cheio de saudade e alegria, se encontrou com o dela. Os olhos cansados, porém, o semblante vivo. Naquele momento, ela soube que o amava.

— Elliot… – sussurrou, com uma lágrima rolando pelo rosto.

Forçou seus pés a correrem e mirou em direção a ele. Ele correu até ela sem pestanejar, a alcançando muito mais rápido do que ela faria.

— Nós conseguimos. – ela se debulhou em lágrimas, o corpo colidindo com o dele em um abraço.

— Sim. – ele a levantou para cima, gentilmente. — Conseguimos, Kay. Você conseguiu. – Ele afastou o rosto alguns centímetros e acariciou o cabelo dela.

— Eu não acredito.

Ela encostou a testa na dele, chorando as lágrimas mais felizes de toda a sua vida. Estava na Terra e estava com ele. Os dois fecharam os olhos, absorvendo aquele momento.

Um barulho de rodas se movendo sobre a grama, fez com que se afastassem, procurando pela origem do som.

— M4! – Kayla exclamou incrédula quando viu o seu amado *droid* de armazenamento de memórias correndo até ela. — Eu não acredito. – Ela se agachou, sentindo a grama acariciar seu joelho.

— *Olá, minha senhora*. – o robô falou, e ela o envolveu em um abraço, como sempre fazia. — V*ocê conseguiu, minha senhora. A Gravidade não errou quando te escolheu.*

— Não. – sorriu, pela primeira vez, saboreando e acreditando naquelas palavras.

Ela se levantou. Viu a Bosei em toda sua glória, a luz do sol sendo refletida no seu casco, a presença de Elliot à sua volta, ele estava bem e estava com ela, e por último, a natureza que a cercava, o cheiro de grama preenchendo as narinas, provando que tudo aquilo era real.

Um grupo de humanos começou a caminhar até eles, celebrando e batendo palmas para o segundo e último casal de oráculos.

— Sejam bem-vindos à Terra. – Reuel caminhou até eles com um largo sorriso e pôs as mãos no ombro de cada um. — Fico feliz que esteja bem, princesa. – seu olhar se encontrou com o de Kayla e ela franziu as sobrancelhas, surpresa pelo título.

— O-obrigada. – sorriu com os olhos.

— Apenas cumprindo uma promessa que fiz ao seu pai. – ele piscou.

— Há quanto tempo pousamos? – perguntou ela.

— Aproximadamente dezesseis horas. Tudo ocorreu conforme o esperado e todos estão bem.

— Graças a Gravidade. – balançou a cabeça, em alívio.

— Tendas provisórias estão sendo construídas nos arredores e todos estão… *maravilhados*.

— Como não estariam? É a Terra. – comentou Elliot, com o rosto reluzindo.

— É, temos uma longa jornada pela frente. – Reuel suspirou. — Reconstruir toda uma civilização, tendo o cuidado de não cometer os mesmos erros de nossos antepassados.

— Nós não vamos. – Kayla o encorajou, confiante. — Enquanto respeitarmos a Terra e ouvirmos a Gravidade, estaremos bem.

Uma gota fresca de água caiu sobre a sua pele, a pegando de surpresa. Olhou para cima, fitando o céu que agora mudava de cor, abrigando nuvens cinzas que chegavam para fazer parte da festa. Diferentes gotas se seguiram, molhando sua pele e a grama.

Ela virou o rosto para Elliot, saboreando a sensação.

— Isso é…

— Chuva. – ele completou com os olhos fechados, abraçando a experiência.

Kayla deu alguns passos para frente e fechou os olhos, sendo abraçada pelas gotas de chuva à medida que elas jorravam do céu, aumentando a pressão. O som dela regando a Terra preencheu os seus ouvidos, a mais deliciosa e calmante melodia. Ela abriu os olhos e viu que todos comemoravam, assim como ela, abraçando uns aos outros e por aqueles instantes, se tornando crianças novamente.

Em meio a chuva que caía, Kayla pensou ter visto dois vultos à sua frente. Mirya e Eun, sua irmã e sua mãe, sorriam para ela, ao longe, com vestes brancas e reluzentes. As gotas não tocavam o corpo delas, pelo contrário, passavam direto, caindo na grama. Ela sorriu, encarando os vultos, o sacrifício de suas vidas não tinham sido em vão e o legado delas perduraria pelas próximas gerações. Piscou, e no instante seguinte elas não estavam mais lá. Respirou fundo, deixando a chuva levar suas lágrimas e pela primeira vez, sentindo o luto e sendo consolada pela Terra.

Em questão de minutos, a chuva cessou por completo e as nuvens se abriram, em um espetáculo particular que só quem tinha um planeta como a Terra para chamar de lar poderia assistir. O sol reluziu, criando um arco colorido que preencheu o céu, pegando todos de surpresa. Diferentes cores se misturavam umas com as outras, reluzindo os raios de sol, formando uma obra de arte. O arco brilhava, refletindo as exatas cores das cavernas de Luton na Lua, ambiente familiar para muitos ali.

— É um sinal da Gravidade. – Elliot exclamou em voz alta, encontrando o olhar de todos ao redor. — É-é uma lembrança, de que ela nos tirou de nossas intermináveis cavernas e nos trouxe para a superfície, de volta para o nosso planeta.

Todos olharam maravilhados, perplexos com a semelhança.

— Ouça, ó humanidade. — Reuel bradou de repente, a voz embriagada, emocionado, com os olhos fixados no céu. — A Gravidade é uma. – falou em um suspiro. — Ela tem o universo em suas mãos, e os planetas não são nada mais do que o encosto para seus pés. É ela quem resta quando nossos corpos desfalecem, é ela que pulsa quando a vida se esvai de nosso peito. É ela que, mesmo após gerações, não falha em cumprir suas promessas. – o corpo do líder caiu em um baque, e ele se ajoelhou no chão. — Nós passamos, mas ela permanece. – Bradou, com a voz anasalada.

— Ela permanece. – todos à sua volta repetiram em uníssono e se ajoelharam, junto com ele.


DIAS PARA O FIM DO EXÍLIO
DAY
HRS
MIN
SEC

"Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o SENHOR falara à casa de Israel;

tudo se cumpriu."

Josué 21:45



3 meses depois

Kayla estava na varanda do edifício coletivo em que morava, construído de forma sustentável às margens de um riacho. Meses atrás, a Bosei havia pousado no continente americano e foi ali que as primeiras comunidades humanas se estabeleceram.

Agora, ela trabalhava como parte da liderança global, enquanto estudava arquitetura, desenhando e sonhando com as cidades do futuro. Todas as noites, a varanda do apartamento que dividia com Lilian lhe dava a oportunidade de se escorar por alguns minutos e simplesmente observar a Lua. Ela pensava em seu pai e também em sua irmã, imaginando como ambos estariam.

Nos dias em que a saudade apertava, ela passava um tempo a mais lá, se lembrando de como era a sua vida naquele pequeno satélite e como tudo havia mudado de forma tão rápida. Era humana e também era lunar. Pertencia à Terra tanto quanto pertencia à Lua, porque no fim, sempre se lembrava das palavras de Elliot: ela pertencia à própria Gravidade. Este era seu consolo e a motivação para enfrentar todo e qualquer futuro desconhecido.

Desde que chegaram à Terra, Kayla não tinha ouvido a Gravidade novamente, ela se tornara silenciosa, porém, profundamente presente. Estava em cada sorriso, em cada árvore, em cada vida diferente que crescia naquele planeta e isso era suficiente.

— Se pergunta como eles estão? – uma voz calorosa a chamou, e ela ouviu passos se aproximando.

— Constantemente. – Ela virou o rosto, encontrando o semblante de Elliot, o cabelo agora cortado um pouco mais curto.

— Eles estão bem, Kay. Tenho certeza que um dia teremos como conferir isso.

— Eu espero sim. – sorriu e colocou um fio de cabelo para trás da orelha. — Bom – o fitou com olhos provocadores –, vamos lá, você disse que tinha uma pergunta urgente para me fazer.

— Ah, isso mesmo. – ele sorriu e se aproximou da bancada.

— Não se diz algo assim para uma pessoa tão curiosa quanto eu, mal consegui trabalhar pela tarde!

— É mesmo? – cerrou as sobrancelhas, com o sorriso que dava a ela borboletas no estômago ameaçando aparecer.

— Pois é, se algo no planejamento da cidade sair errado a culpa será *totalmente* sua. – sorriu, se aproximando um pouco mais.

— E eu aceitarei com todo o prazer. – ele moveu a mão, em direção a dela que estava encostada na mureta, mas então parou, hesitando.

Os últimos três meses haviam sido tão corridos, tão preenchidos por agendas, reuniões e compromissos, que ambos mal tinham tido um tempo sozinhos. E quando tinham, nunca parecia a hora certa, ou o momento certo. Se tornaram os melhores dos amigos, por tudo o que passaram juntos e por mais que Elliot amasse a sua companhia, suas piadas e reclamações sobre os uniformes do governo, medo e desejo habitavam o seu coração. O desejo de contar o que sentia, o que sempre havia sentido e o medo de isso estragar a bela amizade que estavam construindo. Mas ele tinha que tentar, tinha que estar disposto a correr o risco, porque se não fizesse agora sabia que lentamente perderia a coragem e então não faria jamais.

— Sobre a pergunta. – ele coçou a garganta, enchendo o peito de coragem e controlando o tremor que queria se externalizar em suas mãos. — É sobre o tempo que passamos na Bosei, o processo de imersão.

O coração de Kayla acelerou, nenhuma memória habitava mais a sua mente do que aquela, aqueles curtos segundos onde tudo pareceu real. Ela a

remoía e a repetia, vez após vez, perguntando se havia sido somente um truque da sua cabeça. E como Elliot nunca tinha comentado nada, pensou que sim.

— Certo… – ela sorriu, aguardando pelas palavras que viriam a seguir, os batimentos do coração retumbando nos seus ouvidos e o peito subindo e descendo.

— Do quê, *exatamente*, você se lembra de quando nossas memórias convergiram? – Elliot perguntou, com a voz entrecortada.

— Tem algum momento específico no qual está interessado? – ela ousou indagar, um pequeno sorriso ameaçando nascer nos lábios.

— Tenho sim. – ele deu um passo para frente, os pelos do braço dela se arrepiando. — Exatamente um, que se recusa a deixar a minha mente desde então. Ele me atormenta dia e noite, repetindo a mesma pergunta. – Elliot engoliu o seco, o corpo se aproximando, sem mais medo ou insegurança no controle, apenas a resposta que que precisava. — Foi *real*?

Sua voz saiu falha, e Kayla olhou para baixo, entendendo.

— É claro que eu me lembro de beijar você. – ela falou de uma vez, esquecendo como respirar. — Teria que estar morta para esquecer. – admitiu com coragem, olhando-o nos olhos.

A feição de Elliot foi tomada por uma espécie de euforia, seus olhos se iluminaram e os lábios se abriram em um sorriso, *aquele* sorriso que dava a ela borboletas no estômago. Ele se aproximou dela, confiante e intenso, um nariz encostando com o outro, e finalmente a beijou, eliminando a distância e respirando o ar de sua pele. Suas mãos se enroscaram na cintura da oráculo, e ela lentamente subiu os braços até prendê-los ao pescoço dele. Ambos tremiam, experimentando a maior dádiva já criada pela Gravidade: o amor correspondido.

— Eu te amo. – ele afastou os lábios e sussurrou com a voz embriagada.

Kayla sorriu, uma lágrima escorrendo dos olhos e passando para a bochecha dele.

— Eu te amei na Lua, te amo Terra e-e… – ele se embolou, e ela começou a rir. — Se no futuro, precisarmos mudar para outro planeta, tenho certeza de que te amarei lá também.

— Eu também te amo. – Ela arfou e o puxou de volta para o beijo, se sentindo flutuando pelo o universo.

Elliot tinha gosto de mar, natureza *e* vida. Apertou os braços pelo pescoço dele, não queria nunca ter que sair dali.

Um *bip* mecânico os interrompeu, e Kayla abriu os olhos, o rosto de Elliot ainda grudado ao dela, e viu a figura de M4 no chão.

— *Desculpe atrapalhar, mas o senhor Elliot me invocou*. – ele se explicou, movendo a roda para e frente para trás.

— Por quê? – Kayla se afastou, confusa.

— Ah, é claro! – Elliot se afastou e deu um pequeno pulo, eufórico.

Se abaixou e sussurrou algo para o robô, que abriu um compartimento. O oráculo ajeitou o joelho e apenas virou o corpo, encarando a bela humana-lunar à sua frente.

— Se lembre quando fomos nas cavernas de Luton e pediu para que eu fizesse algo para você?

— Si-sim. — respondeu ela com a voz engasgada, os olhos marejados, sem acreditar.

— Então – ele riu, fechando os olhos. –, você disse para eu fazer algo que deixaria minha mãe orgulhosa. E eu sei que encontrar a mulher mais fascinante de toda a lua, Terra e planetas conhecidos e *não* deixá-la ir seria exatamente isso. Algo que a deixaria orgulhosa. – Ele coçou a garganta, dando um risinho e fechando os olhos. — Não imagina há quanto tempo eu tenho isso pronto.

E tirou do robô um belo anel, com uma pedra de Luton encravada no centro, tão reluzente quanto a marca da Gravidade que decorava os céus.

— Kayla Young, oráculo da Gravidade, eterna princesa da Lua e amor da minha curta vida, você… aceitaria se casar comigo? – ele despejou de uma vez, com a respiração falhando. Um sorriso empolgado não saindo do rosto.

— Lobos da lua! É claro que sim! – ela deu um pequeno gritinho e pulou no lugar.

Elliot soltou uma gargalhada e colocou o anel em seu dedo, tendo dificuldade já que a mão de ambos tremiam. Ele se levantou e a envolveu em um abraço, a tirando do chão.

Kayla se afastou um pouco dele, o formigamento correndo por todo o corpo, nunca estivera mais feliz, mais completa. Olhou pensativa para o anel, com um sorriso, e então para ele.

— O quê foi? – Elliot perguntou de forma provocadora.

— Nada… – ela arfou, aprendendo a respirar novamente. Agora, ao lado dele, seria um exercício que teria que fazer todos os dias da sua vida. — É só que… eu já sabia.

— Como assim? – ele envolveu as mãos na cintura dela e a puxou para perto, o que causou um pequeno arrepio.

Os olhares de ambos se encontraram, para nunca mais se separarem. Ela sorriu, incandescentemente feliz.

— Sabia desde o Baile dos Clãs que me casaria com você.

Agradecimentos

Essa história surgiu de forma despretensiosa, no momento mais inesperado, mas que, coincidentemente, era o que eu mais precisava. Meu primeiro e principal agradecimento vai para o Senhor, por me dar ela em um tempo como esse e saber exatamente o que ele queria fazer (ou começar) através dela. Esse é o meu quarto livro e agora vejo mais do que nunca que Deus sempre sabe o que está fazendo com cada história.

Quero agradecer a pessoa que me lembra disso, que me lembra que, independente do sucesso, é a Deus que vai toda honra e toda glória, porque no fim, todas as histórias pertencem a ele. Obrigada por todo apoio mamãe, por ser a melhor leitora beta, mâempresária e por me lembrar de uma verdade tão essencial como essa.

Obrigada pai por sempre me apoiar e fazer o almoço vários dias para eu continuar escrevendo haha

Quero agradecer também às minhas oráculos pessoais, pessoas que Deus colocou na minha vida e que ajudaram essa história a acontecer. Cris, Bia, Thaís, Ioná e Any, o apoio e carinho de vocês é imensurável, obrigada por sempre acreditarem em mim e adotarem essa história em especial no coração de vocês.

Obrigado aos meu leitores, sempre tão fiéis e dispostos a lerem tudo o que eu escrevo, essa história é para vocês!

SOBRE A AUTORA

Sara Gusella é mineira, tem 23 anos e é apaixonada por Star Wars e As Crônicas de Nárnia.

@autorasaragusella

---

[1] prato típico coreano.
[2] Eonni significa irmã em Coreano.
[3] Roupa tradicional coreana, popularizada na dinastia Joseon.